

BRASILIANA

*Volume 345*



Direção de

AMÉRICO JACOBINA LACOMBE

J. F. DE ALMEIDA PRADO

História da Formação da Sociedade Brasileira

# D. JOÃO VI

## E O INÍCIO DA CLASSE DIRIGENTE DO BRASIL

*(Depoimento de um pintor austríaco  
no Rio de Janeiro)*

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

SÃO PAULO

BIBLIOTECA CENTRAL	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
	SEÇÃO REGISTRO
	ANO <u>1968</u> Nº <u>238</u>

*Exemplar* Nº 1486

1968

*Impresso no Brasil*

## OBRAS DO MESMO AUTOR

“História da Formação da Sociedade Brasileira”:

*Primeiros povoadores do Brasil (1500-1530)*. 4.<sup>a</sup> ed., 1966.

*Pernambuco e as capitanias do Norte do Brasil (1530-1630)*. 4 volumes, 1939-42.

*A Bahia e as capitanias do Centro do Brasil (1530-1626)*. 3 volumes, 1945-50.

*São Vicente e as capitanias do Sul do Brasil (1501-1531)*. 1961.

*Tomas Ender, pintor austríaco na Côrte de D. João VI no Rio de Janeiro*. Um episódio da formação da classe dirigente brasileira (1817-1818). Brasileira. Grande Formato, 1961.

*O Brasil e o colonialismo europeu*. 1956.

*A conquista da Paraíba*. 1964.

### EDIÇÕES DA

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

Rua dos Gusmões, 639 — São Paulo

*Fontes Primárias para o Estudo dos Descobrimientos e Povoações do Brasil*. Conferências publicadas pela Faculdade de Ciências Econômicas de São Paulo. 1948.

*A Bahia e suas Relações com o Daomé*. Tese apresentada nas Comemorações da Fundação da Cidade do Salvador. Rev. do Inst. Hist. e Geog. Bras. 1949. Ed. especial comemorativa. Tomo V. Rio de Janeiro.

*Descobrimiento e Colonização do Brasil*. Tese apresentada ao Congresso dos Americanistas, realizado em São Paulo, 1954.

*A Música Portuguesa no Brasil sob D. João VI*. Tese apresentada ao Colóquium Luso-Brasileiro, realizado em São Paulo, em 1954.

A

JOÃO MARINHO DE AZEVEDO

ORNATO DA MEDICINA BRASILEIRA

*oferece*

*o seu maior admirador.*

*A 1.<sup>a</sup> edição dêste trabalho apareceu na Coleção Brasileira, Formato Gigante, sob n.º 7, sob o título de “Tomas Ender — pintor austríaco na Côrte de D. João VI no Rio de Janeiro”. O livro é agora reeditado em apresentação menos luxuosa, sem as ilustrações da primeira edição, com o objetivo de torná-lo mais acessível aos leitores em geral. Esta nova edição foi inteiramente revista e acrescentada.*

## SUMÁRIO

- 1) *Tomas Ender e o Brasil no Reinado de D. João VI*, 1
- 2) *A Travessia do Oceano*, 7
- 3) *O Jardim das Hespérides*, 16
- 4) *O Início da Grande Jornada*, 22
- 5) *S. Paulo nos Alvores da Independência*, 50
- 6) *Hospedagem e Hospedeiros*, 60
- 7) *De Volta à Côte*, 70
- 8) *Embaixadores, Núncios e Plenipotenciários*, 84
- 9) *Ministros de Estado e Funcionários Públicos*, 100
- 10) *A Classe Dirigente do Rio de Janeiro*, 134
- 11) *Belas-artes*, 162
- 12) *Malas Artes. Malôgro da Missão Artística*, 189
- 13) *Ruas e Transeuntes*, 214
- 14) *A Congérie Africana*, 239
- 15) *A Arquitetura no Rio de Janeiro*, 285
- 16) *Conclusão*, 317

D. JOÃO VI  
E O INÍCIO  
DA CLASSE DIRIGENTE  
DO BRASIL



---

TOMAS ENDER E O BRASIL  
NO REINADO DE D. JOÃO VI

*Depoimento de pintor a completar narrativas  
de outros viajantes, sôbre o nôvo reino que  
despontava.*

ENTRE os numerosos artistas que nos visitaram em começos do século 19, dos mais interessantes pelo gênero e vulto da obra, foi sem dúvida Tomas Ender. Nascido na Áustria em 1793, no comêço da Grande Revolução, filho de pais pequenoburgueses, sentiu irresistível pendor pela música e pintura, semelhante ao do pontifice acadêmico da época, Dominique Ingres. Muito jovem estudava desenho contra a vontade dos pais e à noite tocava violino numa taberna da Goldschiedgasse para ganhar o Kreuzer necessário à sua subsistência até a hora do sucesso. Aplicado e extremamente trabalhador a despeito de débil saúde, agradou aos poderosos do momento, que lhe facultaram, aos vinte e quatro anos de idade, ambicionada viagem ao Nôvo Mundo, por ocasião das bodas da Arquiduquesa Leopoldina com o Infante D. Pedro (1).

---

(1) Em sua autobiografia conta Ender ter nascido em Viena, no subúrbio de St. Ulrich, e principiado a cursar desenho aos 17 anos. Dedicou-se de preferência à paisagem dos arredores da capital, quase sempre no Prater. Passava o dia ao ar livre e só à noite volvia à cidade. Começou a pintar a óleo na aula de Steinfeld, na qualidade de assistente e de 1810 a 1816 praticou o que aprendera em excursões nas montanhas de Schneeberg, Salzburg, Steimark e fronteiras do Tirol. Foi coroado, tanto esforço, com o prêmio que lhe deram, com o qual chamou a atenção do Ministro Príncipe de Metternich e do Banqueiro Rothschild. Outra consequência foi sua escolha para figurar na expedição científica que acompanhava a Arquiduquesa Leopoldina ao Brasil. "*Sempre sentira desejo de viajar nessas condições*", escreve o pintor, e acrescenta ter começado a viagem graças à proteção do Chanceler, em 1817. Seguiu até Trieste, onde embarcou na fragata *Áustria*, com destino à América do Sul. Logo de início da travessia, foram os

A viagem efetuou-se quando na capital do Brasil começava a serenar o tumulto causado pela repentina chegada da cõrte portugueza. Iniciara-se a fatalidade que proporciona benefícios à jovem América à custa dos males da velha Europa, começada a série nas guerras napoleônicas que erigiram a colônia em sede do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves.

Em 1817 a população carioca chegara a cento e cinquenta mil almas, maior, portanto, que a de muitas capitais européas, situada, ademais, em sítio cercado da fama de riquezas fabulosas. Esses tesouros, dantes ocultos pela metrópole a olhos cobiçosos, estavam pela franquia dos portos à disposição de quem quisesse descobri-los. Tornara-se por esse motivo, o Rio, meta de aventureiros vindos de todo o mundo — traficantes de negros, mercadores ingleses, antigos lavradores de café de S. Domingos, “émigrés” franceses, bonapartistas, artistas e cientistas, sábios, aventureiros e batoteiros — numa confusão jamais vista na cidade dantes modorrenta. Nas ruas encontravam-se êstes recém-chegados com a inevitável fauna das cõrtes absolutistas, em que se viam dançarinas, embaixadores em trânsito para o Oriente providos de séquito teatral, como o da Pérsia<sup>(2)</sup>, cantores, e principalmente exemplares da fidalguia lisboeta, com os quais despndia o erário a mor parte dos réditos da monarquia.

---

viajantes apanhados por violenta tempestade, que os obrigou a demorar oito dias em Pola enquanto colocavam no barco novo mastro, tempo por êle aproveitado em desenhar ruínas romanas. Depois seguiram sem mais novidades para Malta, Gibraltar e Rio de Janeiro.

A oposição da família a seus pendores artísticos talvez proviesse de já haver pintor entre os Ender, o seu irmão gêmeo João Nepomuceno, célebre pintor de retratos, entre os quais fez o Duque de Reichstadt, filho de Napoleão e do Infante D. Miguel, mais tarde rei de Portugal.

(2) Tratava-se da missão extraordinária enviada em 1810 pelo governo britânico a Teerã, chefiada por Sir Gore Ouseley, acompanhado pelo diplomata da Pérsia em Londres, de nome Abdul Assan e nove subordinados, igualmente orientais. Demoraram-se dez dias no Rio, hospedados pelo Regente, numa “*large and handsome house situated... Campo de Lampadosa*”. Aí encontraram “*a numerous establishment of servants, a table profusely covered, an ample service, a splendid and massive plate, with an abundant stock of wine, most excellent in quality, the product of various regions*”. Era a casa de Joaquim Azevedo, depois visconde do Rio Sêco, casado com formosa irlandesa. Sob D. Pedro II a residência passou a ser o Ministério da Justiça. Fácil imaginar a sensação produzida naquele meio por aquela embaixada anglo-oriental. Apresentados os componentes pelo embaixador no Rio, Lorde Strangford, “*The Persian dress of Mirza Abdul Hassan (...)* had attracted the notice of several ladies, assembled in a room adjoining the presence-chamber; and its door being sometimes nearly half open. I discovered among the young Princesses (as the handsomest of this group were said to be) one whose countenance was peculiarly interesting and pleasing”. Uma das damas presentes deu a certo persa um papagaio. O gesto foi interpretado pelos orientais como demonstração de amor, a ponto de provocar conflito entre os do séquito de Abdul Assan. Por sinal, que o embaixador não se mostrava menos inconveniente no correr da audiência, em contradição, diz Morier, com a sua atitude mais tarde ostentada na presença do Xá.

Não se pagavam tropas em Portugal a fim de sustentar Duques e Marqueses, expulsavam-se brasileiros de suas casas para lhes dar moradia, extorquia-se dinheiro de ordens religiosas para lhes fornecer passadio. Havia, porém, coisa pior. Transportavam-se para o Brasil, na bagagem de bolorentas repartições, germes de perigosos conflitos com países em formação, oriundos do antigo Império Espanhol<sup>(3)</sup>. O espetáculo era de molde a impressionar forasteiros atraídos por tão estranhas circunstâncias, num sítio onde o Príncipe Regente e seus colaboradores intentavam levantar uma nação. Entretanto, não era apenas a capital com o seu quadro paradisíaco a despertar intensa curiosidade, também o interior do país atraía viajantes pelos rumôres que circulavam sôbre a variedade do solo e subsolo, recesso de infinitos minérios, plantas e animais, além do espetáculo proporcionado pelos misteriosos índios, ainda imersos na fase da pedra polida. Afora administradores mandados pelo reino, ninguém mais visitara a colônia no decurso de três séculos; as capitânias vivendo de si mesmas, com governador, tropas, tesouro e mais organização própria, vedada a ida dos habitantes às províncias vizinhas, agravado o isolamento pelos acidentes de terreno, que contribuíam com disposições governamentais em apartá-las de qualquer contato com o exterior. Tomas Ender figura, portanto, entre os primeiros pintores estrangeiros que visitaram o interior do Brasil, êle mesmo revelador do entusiasmo que o possuía: *“No Rio se me deparou mundo inteiramente nôvo, em que me atirei para o reproduzir dia e noite até cair exausto física e moralmente, prostrado sem forças”*, depressão que o obrigou a solicitar do Embaixador Especial, Conde de Elz, licença para no fim de um ano tornar à Áustria.

Logo depois da chegada ao Rio resolvera com Martius, chefe da emprêsa científica, dirigir-se primeiro a São Paulo na planejada incursão pelo *hinterland* brasileiro. Era tão complicado o percurso por Santos, através de íngreme serra, depois de atravessar a baía interna em frágeis canoas, que preferiam

---

(3) Escrevia o comerciante francês Gallés, que a *“obstinada guerra dos portugueses com Buenos Aires”*, acarretava grande prejuízo para os brasileiros, pois, diariamente dava-se o apresamento de navios, inclusive a interrupção do comércio de cabotagem a provocar alta do custo de vida. Infelizmente *“o orgulho e a ambição falam mais alto que a sabedoria e a moderação”*, concluía o mercador com sábio bom senso que os seus contemporâneos franceses não tinham demonstrado nas recentes guerras da Revolução e do Império.

os turistas seguir pela velha estrada à margem do Paraíba<sup>(4)</sup>. Esta variante requeria, entretanto, organizar numerosa tropa para o transporte do excursionista e de sua bagagem, empresa nem sempre fácil em certos momentos do ano. Tudo dependia das qualidades do recoveiro, e os que havia acaso disponíveis deixavam muito a desejar. Os melhores estavam naturalmente empenhados no transporte de gêneros por conta própria ou a serviço de firmas comerciais, disponível apenas o rebotalho que ninguém queria empregar. O problema inicial já complicava as dificuldades da viagem e tornava qualquer visita à Paulicéia arriscada aventura. Os franceses foram dos poucos artistas sob D. João VI a repetir a façanha, contentando-se o contemporâneo Rugendas e demais pintores em trânsito pelo Rio, em reproduzir paisagens do litoral sem se arrisarem no interior.

Exclusão feita dos acima referidos, os outros, tampouco, apresentam documentação iconográfica desenvolvida a nosso respeito. Os desenhos de Pallière se perderam ou jazem ocultos em algum arquivo impenetrável; escassas ilustrações ocorrem nas obras de Mawe e de Henderson, mostrando-se Chamberlain pouco mais abundante, recorrendo muitos nas estampas que publicaram, a desenhos colhidos com máxima desenvoltura em trabalhos alheios como adiante veremos. Igualmente acêrca dos cientistas austro-alemães, apenas se sabia de algumas ilustrações originais dos atlas de suas expedições, apenas cinqüenta o total das publicadas nos das viagens de Martius, Príncipe de Wied e Pohl. Repentinamente, caprichoso acaso descortinou quando menos se esperava, enorme acervo de ilustrações sôbre o reinado de D. João VI, da lavra de cuidadoso observador, verdadeiramente providencial para o estudioso dessa época decisiva em nossos destinos.

Certa vez, tivemos oportunidade de presenciar depois da guerra de 1914, a comunicação do médico Adolfo Lindenberg a um amigo acêrca da descoberta que fizera na Europa. Tratava-se nada menos que do tal acervo, composto de desenhos feitos no Brasil de 1817 a 1818. A notícia despertou, como era de esperar, alvoroço entre os interessados em documentação sôbre história pátria, de que veio à luz artigo de Aureliano Leite no *Diário Nacional* de S. Paulo, enaltecendor da descoberta.

---

(4) Ainda em 1845 demorou dois dias a viagem de D. Pedro II de Santos a São Paulo, pelo percurso hoje vencido em menos de uma hora de automóvel por via terrestre.

Infelizmente a Segunda Guerra Universal, a confusão e os males que pelo mundo espalhou, as barreiras que malélicas ideologias elevaram à expansão da cultura — barreiras tão calamitosas quanto os antigos nacionalismos causadores da primeira conflagração — dificultavam buscas em arquivos. Sabia-se que Ender estivera no Brasil e fôra autor de algumas das vistas do atlas de Pohl e também das constantes no atlas de Martius. Sabia-se de meia dúzia de obras suas expostas em Viena há vários anos. Sabia-se de um pequeno álbum de apontamentos de viagem do mesmo artista, que nos oferecera o livreiro Hans Kraus, de Viena (hoje em Nova York) e por nós fôra cedido à Biblioteca Nacional a pedido de seu diretor Rodolfo Garcia, mas além da vaga comunicação do médico Lindenberg, jazia o resto imerso em dúvidas sôbre o número e valor. Sequer era conhecido ao certo o seu paradeiro, devia estar em Viena, dizia-se, e não era possível conseguir mais pormenores a respeito.

Passados anos, recentemente teve oportunidade o Prof. Pietro Maria Bardi, diretor do Museu de Arte de S. Paulo, de ouvir em Nova York comunicação do Dr. Siegfried Freyberg, da *Akademie d. b. Künste* de Viena, o qual se prontificou exhibir a coleção Ender no Brasil. Apesar de que não se tenha realizado logo o projeto como Bardi desejava, conseguimos por gentileza da *Akademie* as principais vistas desenhadas pelo artista na sua viagem a S. Paulo e Rio de Janeiro. Inútil encarecer o extraordinário interêsse que representam como complemento dos álbuns de Debret e Rugendas, e principalmente à vista da valiosíssima contribuição que trazem à paupérrima iconografia paulista.

Antigamente não dispúnhamos de quase nada, porquanto a situação geográfica da capitania, os obstáculos opostos pela natureza e disposições oficiais a visitantes durante o período colonial, reduziam a uma insignificância os documentos ao alcance do estudioso do nosso passado. Nem tôdas as aquarelas de Pallière e Hércules Florence foram divulgadas, assim como trabalhos de pintores que nas décadas seguintes nos visitaram, como o decorativo Hildebrandt, correspondente em S. Paulo nas concepções e no academismo a Leone Righini na mesma data, no Pará. Tampouco, dispúnhamos de observações realizadas logo após a abertura dos portos por viajantes europeus em consequência de maiores facilidades de visitas à Paulicéia. Veio, assim, no momento mais oportuno a divulgação da obra

de Ender, principalmente quando nos revela aspectos paulistas semelhantes na modorra em que estavam, aos que deviam aparentar no século 17, na aglomeração de casas à roda de templos e conventos, edificadas com a mesma matéria-prima e mesmos processos ensinados pelos missionários do século 16. Ocorreu-nos, daí, aproveitar a autobiografia manuscrita de Ender, o *Diário Íntimo* de Arnaud Julien Pallière, a correspondência secreta de D. João VI com ministros, espões e embaixadores, mais dados pouco conhecidos à guisa de comentários da coleção de *Akademie* e assim apresentá-la ao público. O alcance da obra de Ender bem merecia maior cuidado, mas por falta de tempo só pudemos esboçar em alguns dias o trabalho, que outros poderão mais tarde com maior proficiência desenvolver para maior e melhor documentação da época em que se iniciou a classe dirigente brasileira.

---

## A TRAVESSIA DO OCEANO

*"ventos galernos enfunam velas ... acalenta  
tam sonhos..."*

GIL VASQUES

A VINDA do pintor prendia-se ao interêsse despertado pelo Brasil na Europa em geral e na Alemanha em particular por volta de 1800. A recente viagem de Humboldt causara funda impressão nos meios científicos, pois, admirador e émulo de La Condamine, casualmente desviado pelos acontecimentos da Revolução Francesa da primitiva viagem planejada para o Oriente palmilhou o geógrafo domínios americano-espanhóis, de que escreveu extraordinária relação traduzida em diversas línguas e sucessivas edições. Facilitara-lhe o esforço a lata licença concedida por Carlos IV, monarca pintado por historiadores como nulo, quando em realidade apaixonadamente esforçava-se como vemos neste episódio, pela grandeza e felicidade da Espanha. Segundo frisou Victor de Hagen, jamais estrangeiro recebera passaporte tão lisonjeiro para o portador, como a Real Cédula outorgada ao jovem viajante, com ordem fôsse-lhe prestado todo auxílio possível nos trabalhos científicos que na América ia empreender.

Reconhecera-o Humboldt e sempre timbrou em proclamar a benemerência do Rei, fidelidade que provávelmente se acentuaria no confronto com a má recepção que teve nos domínios lusos. Invadira o cientista a Amazônia no intuito de descobrir a confluência do Orinoco com o rio-mar através do Cassiquiare, escrúpulo científico que lhe valeu ser prêso por um ajudante do Capitão-General Sousa Coutinho, irmão do Ministro de D.

João VI. Diversa parecia a atitude das duas coroas, se bem, mais tarde, atribuiu o cientista o incidente a sua própria sofreguidão. Em todo caso, eram muito mais superciliosos para com estrangeiros os portugueses do que os espanhóis. A investida de Junot, porém, rompeu as barreiras levantadas pelo antigo regime dos dois lados do oceano. Abriram-se de par em par as portas do Brasil, medida tornada inevitável com a chegada da côrte e pôde a missão de von Martius visitar a antiga colônia em condições ainda mais favoráveis que as do seu ilustre predecessor na América Central. Ia realizá-la sob a égide de quatro governos — da Baviera, Áustria, Toscana e Portugal — acordes em lhe bafejar as pesquisas científicas em nome do Progresso.

O interesse de europeus pela região há tanto tempo objeto de curiosidade, contagiara o Rei Maximiliano I da Baviera, como a muitos cultores da lenda do El-Dorado. Sequioso o monarca em conhecer melhor a América do Sul, acertou com o governo austríaco missão conjunta ao Brasil, onde a côrte bragantina oferecia boa acolhida a expedicionários. O acôrdo realizou-se durante a estada do Rei em Viena para assistir às bodas da Arquiduquesa Leopoldina com D. Pedro. Os sábios escolhidos na ocasião a fim de tomar parte na empreza, provinham de institutos científicos de Munique, Viena, Praga e Florença. Os artistas que deviam ilustrar a parte “histórica” ou documental da viagem, seriam de Viena, oferecendo ainda, o governo austríaco, acomodações nas naves de guerra *Augusta* e *Austria*, juntamente com a Princesa Herdeira e os diplomatas enviados à côrte do Rio de Janeiro.

A chefia da expedição científica coube ao bávaro Filipe von Martius, jovem, porém já conhecido botânico, que, entusiasmado pelo cometimento, ia daí por diante dedicar o melhor de sua vida à flora brasileira. Na hora do régio matrimônio, reinava cordialidade entre os governos interessados na expedição, porfiando entre si em auxiliar os expedicionários, e, a despeito da proverbial lentidão atribuída à administração austríaca, rapidamente organizou-se a viagem, com luxo de pertences que se verificaram até excessivos no correr da expedição. Antes, porém, teve Martius oportunidade de se avistar em Viena com o velho pintor Ferdinand Bauer, que ilustrara a viagem à Austrália de Mathew Flinders que escalara no Brasil. É possível, mesmo provável, que em 1804 êste artista desenhasse vistas do Rio de Janeiro, hoje ocultas com muitas outras em algum arquivo



particular por falta de recursos para publicação. Não seria diverso o destino dos desenhos de Ender, Frick e muitos mais, que trabalharam para Mikan e Pohl, e foram abandonados por Metternich, submetido "*comme tout le monde*", apesar de ministro onipotente, a imperativos financeiros. Melhor sorte alcançou Martius, graças à proteção do filho da Arquiduquesa que êle acompanhara ao Brasil, o Senhor D. Pedro II o Magnânimo, que por largo espaço despendeu anualmente quarenta contos de réis de seu "*bolsinho*" — elevada quantia para o tempo — a fim de que se não interrompesse a publicação da monumental *Flora Brasileira* do sábio bávaro<sup>(5)</sup>.

Levara consigo o Marquês de Marialva, Embaixador Especial em Viena, além das instruções concernentes ao casamento de D. Pedro, outras secretas para tentar a união do Herdeiro do trono da Austria com a Infanta Isabel Maria, e a do irmão do Imperador Francisco com a Infanta Maria Teresa, ambas filhas de D. João e de D. Carlota Joaquina. Tais planos se tinham tornado admissíveis depois do terremoto revolucionário, guerras napoleônicas e casamento das outras Infantas com Príncipes espanhóis. O malôgro do noivado com o Duque de Berry, aconselhava, porém, prudência nas ofertas de Princesas de minguadas posses e poucas esperanças. Na conjuntura, limitou-se a côrte de Viena a admitir sòmente o pedido da mão da Arquiduquesa Leopoldina, ainda solteira, que representava problema casamenteiro pela feiúra e também escassez de dote, sem nada resolver sôbre os demais.

Ocorreu, então, ao gabinete inglês, valer-se da oportunidade para persuadir ao Príncipe Regente tornar à Europa, pois, considerava longa demais a sua permanência no Brasil, objeto de preocupações para os dirigentes da política internacional sob orientação do eixo Viena-Londres. As instruções dispensadas a Sir John Beresford, encarregado de trazer de volta D. João a Portugal, mencionavam expressamente a delicada incumbência, assim como pedido de medidas por parte da coroa britânica à lusa contra o tráfico de negros. Segundo o seu costume quando se via às voltas com grandes dificuldades, tergiversava o Príncipe a respeito do angustioso assunto, sob alegação de necessitar consulta ao seu Conselho, e, finalmente emprazado para res-

---

(5) Era composta a missão, além dos mencionados chefes e principais assistentes, de Karl von Schreibers, "*als Referenten des wissenschaftlichen Antheiles der Expedition*", Dr. J. C. Mikan; Dr. J. E. Pohl; J. Natterer; H. Schott; J. Buchberger, pintor de plantas, e R. Schuch, dos quais damos aqui os nomes porque freqüentemente ocorrem na viagem associados ao de Ender.

ponder, alegou grande constrangimento, porquanto as providências destinadas a combater o tráfico podiam arruinar o país. Concluía Beresford preferir tomar parte em batalhas, "*or to be a mid all my life than undertake such an Embassy as this again; for what with the climate wich has been insupportably hot*", além das dificuldades de tratar com Príncipe mais manhoso que o mais astuto saloio de seu reino<sup>(6)</sup>.

Outro incidente de ordem interna veio ameaçar os preparativos de viagem da Arquiduquesa e respectivo séquito. Mal tinham começado os aprestos das naus *D. João* e *D. Sebastião*, para o transporte da Sereníssima Princesa, chegava a Viena, endereçada ao Marquês de Marialva, comunicação de D. Miguel Pereira Forjaz, Secretário do govêrno de Portugal com data de 19 de maio de 1817, onde avisava que o navio *Camões*, procedente de Bengala, aportara no Recife e o encontrara em armas, prêsa de revolucionários, que depois de se apossarem dos bens dos vassallos portuguezes aí estabelecidos, cometiam tôda sorte de desatinos. Narrava, contudo, o capitão do barco, que lhes faltavam armas, munições e víveres, "*que deligenceião haver de outras partes, principalmente dos Estados Unidos*". Ignorava-se de momento se existiam ramificações do levante em outras capitánias, julgando D. Miguel urgir o envio das fragatas *Pérola* e *Príncipe D. Pedro*, mais uma embarcação ligeira, para comboiarem de Portugal as tropas remetidas ao teatro da rebelião para bloquear o pôrto do Recife.

---

(6) Dizia D. João que se sentia "*very tristful about the slave trade, of that the abolition of which would ruin this country; he was sorry for urged this point so much with him; but hoped it would cause no animosity; as he loved England, as much; as one brother could love another*". Em outra carta da mesma época, acrescentava Beresford: "*The official reply to Lord Strangford late communication on the subject of the Prince Regent return to Portugal will not be made late on before this Packet sails; but by what Lord Strangford tells me, I think H. R. H. will not move for Lisbon for a long time; as He told his Lordship yesterday that this communication was another proof of friendship of H. R. H. the Prince Regent of England; but that he was sure that H. R. H. at all times wished him to act for his own interest — this appears like a negative*". Cartas confidenciais datadas de março a maio de 1815 de *Sir John Beresford* no Rio de Janeiro, a *Lord Melville* em Londres.

Releva notar, simultâneamente intensificar-se a repressão britânica ao tráfico. Escrevia em 1814 Solano Constâncio, "*Il n'est plus temps de se faire illusion. L'Angleterre a décidé de faire cesser la traite, et ce n'est qu'à regret qu'elle vient de la tolérer pour les colonies françaises pendant le court espace de cinq ans*". A causa desta lenidade, muito criticada por Wilberforce, fóra ditada, como dizia Lorde Castlereagh, por se tratar de "*natton aussi grande que la France*". Quanto à velha aliada da Inglaterra, os termos mudavam por completo. A despeito dos britânicos ainda permitirem o tráfico aos lusos, comentava Constâncio, "*Depuis que les Remontrances des negocians du Brésil ont paru dans le journal portugais l'Investigateur, qui s'imprime à Londres, les avanies faites au commerce du Brésil (...) montent déjà à plus de dix millions de francs*", motivo dos franceses se precaverem a respeito, "*à bon entendeur salut*".

A despeito dos acontecimentos, mandava-se o iate *Santo Antonio* para Liorne com o agente incumbido de efetuar as compras necessárias à viagem da Sra. D.<sup>a</sup> Leopoldina. No comunicado seguinte, da mesma origem, com data de 1.<sup>o</sup> de junho de 1817, informa Forjaz as medidas tomadas por várias capitanias do Norte do Brasil, contra Pernambuco, assim como as providências do Conde dos Arcos, governador da Bahia, para sufocar a revolta<sup>(7)</sup>. A 10 de junho dêsse mesmo ano nova comunicação, desta vez sôbre a conjura urdida em Lisboa por Gomes Freire de Andrada. Dez dias depois vinha a notícia do fim da aventura revolucionária pernambucana, debelada pelas tropas da Bahia, antes mesmo da chegada das fôrças do Rio de Janeiro, “*restituida a cidade do Recife ao soave Governo de S. M.*”. Sanados os contratempos políticos, “*que tão extraordinária, como inesperadamente difficultarão até agora a sahida das duas naus*”, chegaram por fim a D. João e a D. Sebastião a Liorne em condições de receber os ilustres passageiros<sup>(8)</sup>.

Na primeira embarcou a Arquiduquesa acompanhada de suas Damas de Honor, camareiras e açafatas. A respeito escrevia Metternich, “*que sa Cour était dans la persuasion que Son Altêse seroit accompagnée par sa propre Cour, jusqu’au Brésil, au lieu de ne l’être que jusqu’à Livourne... Cette opinion, fondée probablement sur ce qu’il a eu lieu lors du mariage du Roi Jean V avec la Reine Marie Anne d’Autriche em 1708*”, justificava resoluções que não mais retardassem a partida.

---

(7) O político portenho Alvear, contemporâneo a êsses acontecimentos, comentava em carta a extraordinária atividade demonstrada pelo Príncipe Regente na conjuntura, como, ademais, já o fizera por ocasião da partida de Portugal. Transfigurava-se D. João quando a segurança do trono estava em jôgo, elucidativas a respeito as declarações do Visconde do Rio Sêco no momento do embarque da côrte para o Brasil. Chamado às pressas junto an Príncipe, este “*mandet-te chamar para te prevenir que não estejas por ordem de pessoa alguma, ainda que sejão em meu nome... ordem minha só de viva voz*”. Era igualmente muito desconfiado, porquanto encontramos no mesmo depoimento do Visconde o seguinte: “*Quando El-Rel sahio de Lisboa para o Rio de Janeiro, os Cojres das preciosidades, que trouxe, virão na mesma Não, em que Sua Magestade veio, trazendo elle mesmo tôdas as suas chaves*”. De outra feita mandou uma pessoa a Santa Cruz para investigar se de fato havia ladroeira nas contas da reforma da Fazenda. Mandou também examinar por Tomás Antonio Villanova as despesas de Targini quando Palmela assumiu o govêrno. Segundo depoimento de Pôrto Alegre, tinha sempre debaixo de suas vistas o Príncipe Herdeiro, se bem não o deixasse aproximar-se do poder. Em outros assuntos, de pequena monta, manifestava os mesmos zelos. Conta-nos o cônego Guimarães que êle vigiava no Brasil as músicas da Capela Real para que não fôsem reproduzidas na Europa. Tôda denúncia, tôda alegação encontravam eco no seu espírito, se bem fôsse no geral generoso e indulgente.

(8) Outros incidentes ocorreram, de que destacaremos o dos barqueiros recrutados no Algarve para servir no navio da Arquiduquesa. Descontentes do que lhes ofereciam não duvidaram em comprar um escaler e algumas provisões, abandonaram o vaso no pôrto de Liorne e a remo tornaram às praias natais através do Mediterrâneo.

Neste ponto modificava-se o contrato matrimonial passado em Viena, pois, em vez de acompanharem a Arquiduquesa damas portuguesas, seguiram as Condessas de Kuenburg, Sarnthein e de Lodron, versão tradicional, porém, desconhecida a Oliveira Lima (que sistematicamente estrofia os nomes do séquito e dos diplomatas acompanhantes de D. Leopoldina) e mais autores que o seguiram e deram notícia diversa da ocorrida, pormenor considerado na época importantíssimo. Na circunstância, manifestava D.<sup>a</sup> Leopoldina ansiedade em se reunir naquela quadra agitada aos sogros, a fim de juntos afrontarem escarcéus políticos. Era o espírito monárquico de Maria Teresa no melhor sentido da palavra, que revivia na futura Imperatriz do Brasil e iria reaparecer em D. Pedro II, composto de crença na missão que lhe competira e desprendimento de si mesmo a serviço da coroa e do Estado.

Na outra nau *D. Sebastião*, mais estável, apesar de provida de menos acomodações, embarcou o Embaixador Especial Conde de Elz com a sua comitiva. Levava também a incumbência de persuadir D. João da necessidade urgente de volver a Lisboa. Desagradava aos corifeus da Santa Aliança ver abandonado um trono de Príncipe peninsular demasiadamente amante de sossêgo, quando a Espanha vizinha ardia em discórdias capazes de novamente revolver o mundo. Longe imaginaria estar o diplomata a caminho de completo insucesso. Não só nada conseguiu no sentido que mais preocupava Metternich, como ainda deixaria péssima impressão de si nas condições em que se encontrou, falta de meios depois de despender todos os recursos no casarão emprestado no Rio por indicação de Paulo Fernandes Viana e na instalação no mesmo do séquito da embaixada especial. Daí por diante, teve von Elz de se submeter a rigorosas economias, acabando por solicitar vultoso empréstimo pessoal ao governo português, malôgro tanto mais pungente em comparação da magnificência do Marquês de Marialva em Viena, provido de fartos recursos fornecidos pelo erário luso e de seu próprio bôlso.

O remanescente da comitiva de D.<sup>a</sup> Leopoldina, oficial, semi-oficial e extra-oficial, em que figurava o pintor Arnaud Pallière, embarcou nos navios de guerra austríacos postos à sua disposição. Ender seguiu num dêles, pertencente à série de vasos recentemente lançados ao mar em Veneza. Era ótimo barco para a época, construído com muito cuidado pela engenharia naval, que merecera gabos até de ingleses e norte-

americanos. Reconheciam êstes peritos, possuidores dos mais velozes veleiros do mundo, a qualidade das naves saídas dos estaleiros venezianos, chamando-lhes *fine vessels* e às vêzes *very fine*, como se exprimiu o traficante José Cliffe perante Gladstone no inquérito do Parlamento Britânico sôbre tráfico negroiro<sup>(9)</sup>.

Atrasos decorrentes da navegação permitiram a Ender desenhar, como foi dito, as ruínas romanas de Pola, ainda em tempo de remeter os desenhos para Viena em vésperas de proseguir viagem. Daí por diante, correu melhor a travessia do Mediterrâneo, com escala mais demorada em Gibraltar, a mais importante até chegar ao Rio, ativo mercado de gêneros vindos dos quatro cantos do mundo, muitos dos quais reexportados para o Brasil. Infelizmente de permeio viajavam também perigosos agentes da febre amarela, então mal conhecida, cujos focos se sucediam da África à América Central e portos do sul dos Estados Unidos, com grande risco para as tripulações. Existia endêmica em Gibraltar e outros portos do Mediterrâneo, podendo facilmente contagiar a Ender, Prof. Mikan, Barão de Neveu, encarregado de negócios da Áustria no Rio de Janeiro e mais personagens de bordo. A transmissão era tanto mais fácil pelo fato de os passageiros se exporem à moléstia enquanto se espalhavam nas redondezas de Gibraltar, no afã de recolher material científico ou comparecer a festas em sua homenagem. Atribuía Martius a moléstia à ação do calor e exalações pútridas da água estagnada entre rochedos. Afortunadamente nada lhes aconteceu e puderam receber novas honrarias na Madeira, onde lhes foi oferecido baile a que compareceram as damas da ilha em palanquins dourados, ou rêdes prêsas a varas transportadas por escravos prêtos, antevisão da América Lusitana. Por sinal, muito notaram os viajantes a profusão de negros locais, inclusive um padre dessa côr.

Ao deixar as ilhas padeceram novamente os passageiros do *Áustria* forte tormenta. De quando em quando sobrevinham calmarias no oceano encapelado, aproveitadas por Ender para anotar cenas de bordo — passatempo de passageiros, ensaios da banda de música, pescarias pelos marujos para variar o *menu* de bordo — e mais incidentes de viagem. Também ocor-

---

(9) V. Tese do Autor "*As Relações entre a Bahia e o Daomé*" in vol. V da ed. especial da Rev. do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, ed. comemorativa do IV Centenário da Bahia.

riam sustos pela insegurança dos mares da época. Em tempo fôra avisado em Viena o Marquês de Marialva, por D. Miguel Forjaz, secretário do govêrno de Lisboa, "*da existência de hum grande numero de Corsarios, talvez Americanos, mas com títulos de Insurgentes da America Hespanhola que tem começado a hostilizar o nosso Commercio, tendo já tomado perto da Ilhas dos Açores hum navio importante da Bahia, chamado S. João Protector que se dirigia para este porto de Lisboa*". Causara pânico na notícia "*em todo o Commercio desta praça*" e prosseguia, que à vista disso se tornava prudente "*segurar a chegada de importantes Navios da Azia, e da America, que aqui se esperão*", destacadas a fragata *Amazonas* para cruzar nas alturas das ilhas e ao longo da costa a *D. Pedro*, um dos vasos anteriormente indicados para em Liorne incorporar-se à escolta da Arquiduquesa.

Começara apenas a arrefecer o tufão que no fim do século 18 soprara sôbre o mundo. "*Cessa a tempestade, serenam-se os ares*", transcreveu à guisa de epígrafe conhecido romancista na portada de uma de suas obras, porém, em 1817, pouco após a queda de Napoleão, ainda rolavam nos mares vagalhões da procela. Tinham os caudilhos do sul do continente contratado mercenários para ajudá-los na luta contra os europeus. Desde oficiais superiores do porte de Lord Cochrane, até aventureiros mais prejudiciais que úteis, eram aliciados para o fim. Um tal Illinworth, a serviço do Chile, assolou, no comando da fragata batizada com o poético nome de *Rosa de los Andes*, o comércio espanhol do Pacífico. Outros o imitavam nas costas do Peru até o Panamá, chegando às vêzes ao México, e, mais longe, ainda, às Filipinas; "*la capacidad de los buques corsarios*" escreve Encina, "*se hacia insuficiente para recibir a los numerosos individuos que solicitaban embarcarse con ellos, atraídos por las aventuras, de las presas y delos saqueos*". Típico no gênero era o francês Hipólito Bouchard, o qual saído do Prata em 1817, com patente de corso argentina destinada à Índia, resolveu mudar de rumo na hora em que Ender velejava para o Brasil. Parecera-lhe mais rendoso seguir além, e foi ter às Filipinas já assoladas por outros meliantes, "*pero peleando al mismo tiempo con los buques de todas nacionalidades que creía más débiles, inclusive los demás corsarios chilenos, y dando a los prisioneros un tratamiento inhumano*". Releva o historiador o aspecto em que, acaso a ação dos corsários por vêzes parecesse útil na campanha da independência, em outras

*“tenia su reverso; la facilidad con que degeneraban en piratas”*. Acrescia os freqüentes levantes da tripulação, *“como ocurió con la fragata Chacabuco”*, armada em Buenos Aires em 1817, *“y que se dedicó a la piratería en los archipiélagos de la Oceanía. Otras veces los mismos capitanes, abusando de la patente, capturaban ilegalmente naves neutrales y cometían actos de crueldad en las tripulaciones apresadas”*.

Nesse ano, em que os mares do sul se coalhavam de flibusteiros, avistou a corveta russa *Kamtchatka* depois de largar Portsmouth rumo ao Brasil, navio suspeito, que se lhe afigurou de insurretos hispano-americanos. Durante a noite os dois barcos vigiaram-se, prestes a abrir fogo um contra o outro, quando pela manhã verificaram tratar-se de russo e de inglês. O comandante do segundo, para maior felicidade, conhecia Golovnin comandante do primeiro, e daí por diante, navegaram de conserva sem mais novidades até o Rio, onde tinham aparecido barra afora corsários na perseguição de naves mercantes. Compreende-se o sobressalto dos passageiros do *Austria* quando avistaram outros barcos, sabedores da audácia dos assaltantes, que *“sequer respeitavam os ingleses”*, o supra-sumo da audácia! No entanto, muitos dos indesejáveis navegadores pertenciam a esta nacionalidade, tornados piratas por se encontrarem sem ocupação, antigos marujos de naves de guerra, num mundo em que continuava a imperar a lei do mais forte<sup>(10)</sup>. Na latitude de 8°12' encontrou a fragata alentado barco que de momento não pôde identificar. Felizmente parecia tratar-se de algum negroiro, porquanto, até ganhar vulto a campanha britânica contra o tráfico ainda eram empregados grandes navios para o transporte de prêtos, ao depois substituídos por barcos mais leves a fim de escapar dos cruzadores. No caso, o transatlântico encontrado não tentou aproximação nem se deu a conhecer com grande alívio de Ender e prosseguiu rumo à Guiné.

---

(10) A insegurança da navegação provocara alta no seguro marítimo. Escrevia a propósito um francês: *“Depuis la guerre avec Buenos Ayres, elles (les compagnies d'assurances) assurent a 8% et a 6 pour Valparaiso, contre tous risques”*. Igualmente Possidônio da Costa comunicava secretamente de Buenos Aires em 1809 ao Conde de Linhares, informações no mesmo sentido sobre aventureiros, cada vez mais ativos e agressivos: *“Corsários andão na Boca do Rio (da Prata), encontrando os Barcos vem dessa (Rio de Janeiro) diretamente para aly”*. Era o começo de situação que depois, no tempo de Ender, se agravou.

---

## O JARDIM DAS HESPÉRIDES

*“Wo die Zitronen bluehn”...*

**D**ESCORTINOU-SE aos viajantes num radioso dia de julho de 1817 a baía de Guanabara em todo o seu esplendor. Ponteada de ilhas, rodeada de enormes rochedos caídos a prumo sôbre o mar, margeada por montanhas revestidas de florestas virgens, ostentava paisagem extraordinária para austríacos, maravilhados pelo imprevisto espetáculo. Por mais lhes tivessem descrito o sítio, por mais lhes repetissem nada haver no mundo de comparável, nem Lisboa, Nápoles ou Constantinopla, tudo ultrapassava no conjunto e nos pormenores do estuário, a idéia que faziam no anfiteatro em que se erguia a cidade. Sentiam-se alguns perplexos, ante o quadro que se lhes afigurava esmagador de violência mais que de beleza, a água escura, a rocha violeta, a vegetação verde-sombrio, sem matizes, entre côres duras, destacadas umas das outras, longe da sucessão de cambiantes que fazem na primavera o encanto do Adriático. Outros, porém, extasiavam-se com a altura do céu e a extensão da baía, capaz de abrigar tôdas as frotas de guerra das grandes potências marítimas, em que se podia velejar horas antes de chegar da barra ao rio Magé.

Ender pertencia ao grupo dos entusiastas, dos que só encontravam louvores para exprimir o que sentiam, e, embevecido, contemplava a prodigiosa amostra do Império destinado à Arquiduquesa Leopoldina. Ao se aproximar de terra, nôvo cenário se lhe deparou na floresta de mastros do pôrto em intensa atividade, sôbre a qual surgiam tôrres de igrejas entre o morro do Castelo coroado pela catedral jesuítica de S. Sebastião e o de S. Bento pelo mosteiro do mesmo nome defronte



à ilha das Cobras. Outros morros mais para o interior aos poucos se mostravam, o da Conceição com o palácio do Bispo, que mais se assemelhava a mosteiro, o de Santo Antônio, com duas igrejas e convento, e muitos mais, que à distância, vistos do ancoradouro, conferiam majestosa impressão à capital digna de côrte européia.

Ao desembarcar, todavia, dos navios logo rodeados por canoas carregadas de laranjas, bananas, melancias, e escaleres de desembarque com toldos de côres vivas, enfeitados com cortinas, bambinelas e galões dourados no gênero dos que também ornavam as seges de aluguel cariocas, o entusiasmo dos visitantes, estivessem ou não preparados para o que iam ver, decrescia transmutado em decepção. Dava-se o mesmo que em Lisboa, deslumbrante num dia de sol, deparada da barra do Tejo, porém, miserável de perto, nas ruas sujas, ainda atravancadas pelas ruínas do grande terremoto, infestadas de maltrapilhos, prêtos, cães e mendigos, a exhibir escassa monumentalidade nos edifícios civis e eclesiásticos, junto de residências desgraciosas, mal construídas, pior acabadas, a necessária intervenção da dadivosa natureza compensadora dos erros dos homens, para amainar o desencanto causado pela imperfeição dos construtores.

No Rio reproduzia-se o choque. A europeu nascido no século 18, proveniente de países frios, causava de início espanto, encontrar numa cidade dos trópicos multidão apenas vestida, descalça, sem sombreiro, quase nua, composta de criaturas moradoras em casebres mal defendidos da chuva e do vento. Não lhes acudia, que a ausência de inverno e o calor tórrido, fizessem das faltas mais vantagens que privação. Nos primeiros passeios aquilo lhes parecia monstruoso, verdadeiro acúmulo de miséria e desventuras, com aspectos desoladores nos escravos que em tôda parte enxameavam. Mais tarde, êsses mesmos estrangeiros seriam os maiores simplificadores de trastes e vestes inúteis onde não tinham razão de ser. Para quê botas pesadas e lareiras onde o sol crestava a mor parte do ano! Pouco espaço, teve Ender, entretanto, para reflexões, pois, a pressa dos naturalistas em começar coleta de material científico, obrigou-o a acompanhá-los em ativas incursões pelas redondezas da cidade. Na emergência, foi-lhes de grande utilidade o Cônsul da Rússia, Langsdorff, alemão de origem, que logo se acamradou com os conterrâneos e se prontificou em auxiliá-los no que necessitassem.

Transpostos os subúrbios da cidade, além dos pratos planos entre morros, onde na actual Rio de Janeiro se ergue o centro comercial, contemplava o pintor novas paisagens completamente diversas das florestas européias. Foi num desses passeios que Ender desenhou os cientistas à beira de riacho do Corcovado, num piquenique matinal, em que se vê Spix, Martius e os diplomatas Flemming, plenipotenciário do rei da Prússia e Cônsul Langsdorff. Este último muito se interessava por expedições. Tomara parte na de Krusenstern, que lhe proporcionara conhecer o Rio de Janeiro, e, ao frequentar os expedicionários da missão austro-alemã, gizava a que ia brevemente empreender pelo interior do Brasil por conta do Tzar de Tódas as Rússias. No ínterim, collocava-se ajudado pela esposa a serviço dos patrícios, na sua casa às Laranjeiras e na fazenda Mandioca, sita do lado norte da baía, nas faldas dos Órgãos.

Escreveu Ender na sua autobiografia, ter incursionado nesta ocasião durante 150 horas ao norte do Rio de Janeiro, na capitania do mesmo nome, pródiga de formosos panoramas. Nas excursões desenhou vistas tomadas desde o pôrto de Estrêla até S. João Marcos, inclusive Tagoaí, Cantagalo, etc., assim como reproduziu do mar a Restinga de Marambaia, o Boqueirão e suas ilhas — com a dos Coqueiros no primeiro plano — ilha Sêca e do Governador, a Armação em S. Domingos, Boa Viagem, Icaraí, e mais recantos do estuário fluminense. Na capital levantara-se o luto ocasionado pela morte da Rainha D. Maria I, para se iniciar os preparativos do casamento de D. Leopoldina e da aclamação de D. João, medidas que juntadas à ausência dos principais representantes diplomáticos da Áustria, ainda em viagem, levavam naturalistas e botânicos a aproveitar a dilação em ativas pesquisas.

De primeiro, junto à baía, apreciavam o cenário descrito por outros viajantes ilustres de que se destacava Saint Hilaire, bom escritor para mais, cujo hino ao Rio de Janeiro expresso em carta ao Conde de Lescarene, merece ser reproduzido no original para lhe não esmaecer a espontaneidade e entusiasmo: *“C'est au Brésil que m'attendaient les plus douces jouissances; des productions admirables, une nature qui n'a point encore été étudié, le plus beau ciel, des sites tour à tour riants ou sauvages, mais qui l'emportent toujours sur ceux que l'on vante le plus en Europe. Je ne saurais vous rendre l'impression que j'ai éprouvé la première fois que j'ai herborisé dans un des bois*

*montagneux qui entourent la ville: chaque plante etait nouvelle pour moi; la richesse des couleurs et l'élégance des formes attireraient mes regards de tous côtés; en les reposant sur un objet, je craignais de perdre le plaisir d'en contempler mille autres, et j'aurois presque accusé la nature de trop de prodigalité".*

A essas observações de Saint Hilaire datadas de 1816, poder-se-ia juntar as de Martius nas suas comparações das cascatas da Tijuca com as de Nápoles e de Tívoli, e as lagoas cariocas com as da Suíça e de Salzburgo, tranqüilas no mês de julho fluminense sob luz vencedora em brilho e intensidade à dos quadros de Claude Lorrain e Salvador Rosa. Essas paisagens desenhava-as Ender com ardor de neófito em americanismo, a ponto de afetar a saúde. Atirava-se ao trabalho mais do aconselhável, excesso que o deprimiu como relata na autobiografia. Mostravam-se os companheiros igualmente infatigáveis, talvez na previsão de contratempos. Estavam certos, pois, no melhor da coleta de material botânico e naturalista, receberam aviso oficial de seu país, de que não podiam prolongar a expedição por mais de dois anos, prazo bastante exíguo, descontado o tempo da viagem. A medida refletia a situação econômica das nações européias depois da tormenta napoleônica, obrigadas, a severa economia para restauro de suas finanças. Resolveu Martius naquela situação, iniciar o mais cedo possível a entrada no interior, sem esperar pelos demais cientistas retardados na travessia do oceano.

A estação depois do inverno ameaçava os viajantes com os aguaceiros da primavera e se demorassem por mais tempo, sofreriam os graves inconvenientes do verão, prejudiciais a observações científicas. Deveria por isso a partida obedecer ao critério de coincidirem as jornadas do percurso com o regime de chuvas da latitude em que estivessem, pois o Brasil é tão vasto, que no mesmo ano nêle se verificam duas estações opostas, como se de permeio passasse um equador a dividir dois hemisférios. Baseavam os expedicionários seus cálculos nas primeiras tentativas do gênero, principalmente a de John Mawe, que de Buenos Aires subiu por S. Paulo até o Rio. Possuía Martius na sua biblioteca obras várias dêsse autor, entre as quais o *Shell Collector's Pilot* de utilidade para a sua documentação sôbre o litoral. Também obtiveram informações de von Eschwege, quando chegou de volta de uma prospeção em Minas Gerais e

do próprio Langsdorff, que lá estivera um ano antes em companhia de Saint-Hilaire. Sôbre outros percursos também lhes seriam de proveito correspondência com o Príncipe de Wied Neuwied, que no momento excursionava pelo Norte, acompanhado por Sellow e Freyress.

Demonstrara Ender, grande atividade nas incursões pela capitania do Rio de Janeiro, notada pelos missionários e mais elementos austro-alemães, "*Her Ender, dessen bekantes Talent und Kunstfertigkeit bereits so vielen hoeschste interessant Stoff fand*", relatava um dêles, aludindo ao elogio oficial, "*und dessen Fleis un Thaetigkeit Seine Exzellenz Herr Bothschafter nicht genug, anruehmen kann*" esforço deveras meritório à vista do estado de saúde do pintor.

Acercava-se o ano de 1818, sucedendo ao ameno inverno fluminense pesado calor tropical molesto a europeus de clima frio. Em cartas a amigos queixava-se Ender da temperatura e dos seus deprimentes efeitos. A cidade era abafada, malodorante, construída em grande parte sôbre charcos, agravados os males pelo seu feitio luso-africano, inóspito, diziam estrangeiros, à gente civilizada. Ocorreu felizmente, a certa altura, providencial incidente para maior benefício do artista. No correr de excursão na serra dos Órgãos, descobriu Ender entre rochedos riacho frigidíssimo. Mais que depressa aproveitou a oportunidade de nêle se banhar pela manhã, e com tanto proveito, para a saúde, que à noite repetiu a imersão. Bons tempos aquêles quando na capital de S. M. A. o Imperador da Áustria, deixavam os súditos de se mitridatizarem ao efeito de abluções por falta de água encanada, proporcionando assim, no Rio de Janeiro a um dos seus representantes, milagrosos efeitos com pouca despesa!

No fim do ano dedicaram-se os expedicionários aos preparativos da grande incursão pelo Brasil adentro. Metódico na sua maneira de proceder, resolvera Martius iniciá-la por S. Paulo, que lhe diziam possuir clima agradável, prosseguindo na caminhada com graduação, que permitiria aos viajantes habituarem-se pouco a pouco ao calor das capitancias setentrionais. Havia, porém, outro atrativo na escolha, que nos parece hoje estranho. Por influência de divulgadores no gênero do abade Raynal, que escrevia "*C'est à treize lieues de l'Océan qu'est la ville de Saint-Paul, sous un climat délicieux et au milieu d'une campagne*

*également favorable aux productions des deux hemisphères*"<sup>(11)</sup>, gozava no momento a Paulicéia de inesperado poder de atração turística, quase incompreensível entretanto, dada a sua segregação do litoral. Não obstante, tornara-se visita obrigatória a cientistas, artistas, diplomatas e aristocratas franceses, ingleses, dinamarqueses, alemães, austríacos, russos, etc., de passagem na capital do Reino Unido, tais entre outros o Conde Pahlen, Embaixador do Tzar. Provavelmente proviria da fama de seu clima, como se depreende do projeto durante certo espaço afagado pelo Príncipe Regente, de para aí transferir a sede do país.

---

(11) Escreve Hércules Florence na sua autobiografia inédita que lamentava ter abandonado a terra natal à beira do Mediterrâneo, para fixar-se no "*Oceano Atlântico que só se me afigura hoje triste solidão, e, os quadros de Raynal, esse livro deslumbrante que inflamou a minha imaginação, mudaram o seu prestígio*". Não fazia mais, o pintor, que seguir a mor parte de seus coevos, apaixonados por descrições de terras exóticas.

---

## O INÍCIO DA GRANDE JORNADA

*"Os alemães já viram tudo"*

(queixa de Saint-Hilaire ao escrever do Brasil)

O PROJETO de Martius era deveras grandioso para a época, desmedido pelas dificuldades representadas por lenta marcha através de invios sertões do Capricórnio ao Equador. Alguns amigos dos expedicionários tentaram dissuadi-los da empreza, no entanto, mostravam-se uníssonos, austríacos e alemães, em levar avante os planos que os tinham trazido ao Brasil, receosos, para mais, de que ameaçadora falta de recursos, piorasse as condições do futuro. Parecia-lhes preferível aproveitar os meios de que dispunham antes sobreviessem novas complicações, como denunciavam avisos partidos da Embaixada, com ordens para abreviar a viagem e outros indícios inquietantes. Tampouco, lhes escapara a situação da dita representação diplomática no Rio, tão-só preocupada com economias<sup>(12)</sup>, a fugir de mais gastos, pesadamente endividada para com o govêrno português.

A intenção de Martius era ir a S. Paulo e Minas, depois atravessar o S. Francisco, subir a Goiás e dali descer pelo Tocantins até o Pará. Segundo ajuizaria pelo início da viagem, talvez tivesse de modificar o trajeto, com possível desvio à capital da Bahia para aliviar a expedição do material recolhido, e, após sua remessa para a Alemanha, seria mais cômodo embarcar num navio com destino ao Piauí. Daí, por terra

---

(12) A atitude do Embaixador Especial depois de chegado limitou-se a viver enclausurado e evitar convites para os não retribuir, a ponto de voltar intato ao ponto de partida, sem ter sido desencaixotado, o aparelho de porcelana de Viena da Embaixada.

chegaria à cidade de Belém, “*alvo de nossos desejos*”, dizia o sábio esperançoso de terminar a viagem antes do fim do prazo fixado pelas autoridades. Na organização desse itinerário, aproveitaram os austro-alemães informações de mineiros, ou melhor, habitantes das Minas Gerais, que ininterruptamente chegavam ao Rio nas vizinhanças da praia do seu nome com tropas carregadas de gêneros vários. O primeiro obstáculo — e não dos menores — era o exagerado preço dos muares empregados no mister. Custava uma bêsta de carga adestrada até 28.000 réis, soma então considerável, a constituir pesado gravame no orçamento dos expedicionários. A dificuldade, porém, superior a tôdas outras reunidas, dependia de encontrar arrieiro perito, alma da empresa, detentor do sucesso da viagem.

Era relativamente pouco convidativo para aquêles profissionais, comboiar viajantes, que pelo feitio especial tinham de ser exigentes, quando êles, arrieiros, podiam com menos trabalho e mais proventos, transportar simples mercadorias. No caso, ainda se complicaram as condições dos expedicionários pela falta do concurso do criado trazido da Alemanha, o único a se impressionar com as perspectivas da empresa, o qual peremptoriamente declarou preferir permanecer entre cristãos a arriscar-se “*em antros de selvagens*”. Tiveram os expedicionários de pagar, na emergência, elevado salário a um mulato tido como prático no ofício, causa durante a viagem de muitos transtornos pela incompetência. O próprio Martius descreve a organização da tropa através cenas que presenciara no pôrto da Estrêla, então extremamente movimentado, acesso do comércio com Minas Gerais. Havia na estrada “*longas filas de mulas, carregadas de mercadorias ou bagagens, que chegavam do interior ou para lá se dirigiam. O europeu afeito ao transporte de pesadas cargas em caminhões, que não sem razão êle compara com navios terrestres, espanta-se do processo de dividir tantos fardos em pequenos volumes, confiados à discrição de animais cargueiros e tocadores incapazes, várias vêzes carregados e descarregados no mesmo dia, ao ar livre ou em ranchos, mal protegidos das intempéries, e assim transportados por centenas de milhas*”.

O espetáculo daquela manipulação forçada tornava aprensivos os expedicionários. “*Não sem desgosto, pensávamos na confusão das horas de carregar e descarregar, a conceber o estado dos nossos instrumentos, livros e coleções, depois de*

*algum tempo entregues, não a pessoas cuidadosas, mas ao cego destino. Entretanto, as tropas são bem organizadas, principalmente nas estradas que ligam São Paulo e Minas à capital, de modo a diminuir receios. Cada tropa consta de vinte até cinquenta mulas, conduzidas por um arrieiro a cavalo, incumbido da direção geral do comboio. É quem dá ordem de partida, de descanso, de pernoite, do equilíbrio da carga, do estado das cangalhas, das condições dos animais, se não estão feridos e desferrados. Sob suas ordens os tocadores a pé, cada qual incumbido de lote de sete mulas, que devem carregar e descarregar, tratar e levar ao pasto, assim como cozinhar para si e demais viajantes. O arrieiro, geralmente mulato liberto, também se ocupa da compra e venda de mercadorias na cidade, a representar o comissário do dono da tropa. Os tocadores são em maioria prêtos, que procuram assim que podem êste mister, para êles de muito preferível na vida errante e algo aventureosa ao trabalho em mineração ou na roça”.*

No percurso havia vendas e ranchos em número bastante para assegurar a subsistência da tropa e dos tropeiros. Reparava Martius que *“é costume não se carregar o viajante de alimentos, pois em tôda parte encontra vendas para lhe vender gêneros e os ingredientes necessários ao seu preparo*(13). *No geral consistem as refeições em feijão cozido com toucinho, acompanhado de carne-sêca assada, a sobremesa composta de queijo e bananas. À guisa de cama improvisa-se coisa semelhante a poder de couro de boi estendido sôbre ripas sustentadas por paus fincados no solo. Para agasalho as roupas do próprio viajante servem de coberta”.* A respeito, oferecia o futuro Marechal Cunha Matos, com autoridade de perito em viagens pelo sertão, uns tantos conselhos, em que recomendava às pessoas pouco abastadas, pelo menos uma rêde para dormir nos ranchos, *“e quem levar canastras encouradas”*, no

---

(13) O barão de Eschwege, que muito influiu na organização da viagem, pensava de modo contrário, à vista da possível eventualidade de nada encontrar em certas paragens do interior. Aconselhava levar além de alguns medicamentos café, chá, açúcar, toucinho, carne-sêca, farinha de mandioca, etc... guardados em alforjes de cada lado da sela. Os principais desses gêneros eram passoca e rapadura. *“Observações sôbre o modo de viajar”* escritas em Vila Rica no ano de 1815. O barão pouco antes excursionara em Minas onde havia longos tratos estêreis e desertos. Não havia tanta carência no trajeto Rio-S. Paulo, em percurso de terras melhores, mais habitadas ao longo do caminho. Em S. João Marcos ostentava, até, o rancho de pouso, fôrro de *“sala e camisa”* para maior proteção dos hóspedes.



caso de Martius, Ender & Cia., “*mande-lhe por caximbo para meter bons grampos de dous paos, a que está fixa huma vara de lona, que junto às duas canastras sirva de tarima (sic), para dormir livre da immensa quantidade de bichos que há nos ranchos, e se introduzem nos pés*”.

Os arrieiros, zagais, pegureiros, cuidadosamente descritos por Ender, e, mais auxiliares genêricamente chamados “camaradas”, vistos na tropa, eram encontrados em tabernas perto dos ranchos de pouso nas vizinhanças das cidades, como o arraial de Reboredo ou do Fragoso, não longe do pôrto da Estrêla, pertencente ao ricaço Antonio José de Siqueira, mencionados pelo mesmo Cunha Matos, “*individuos de tôdas as côes, empregados em diversos serviços de jornada, e alguns cantavão e tocavão nas suas violas*”. Foi provavelmente uma cena destas que inspirou a Rugendas o conhecido desenho “*Costumes Paulistas*”, cujo original reproduz dois recoveiros, um, mestiço de índio e de branco, traços angulosos, cabelo corredio, o outro, mulato em traje semimilitar, envergando túnica pertencente à fardeta de caçadores, tocando viola ante meretrizes, das inúmeras que se ofereciam no percurso das tropas. Sucede, contudo, que a fantasia dos litógrafos de Engelmann alterou em Paris no livro o fundo da paisagem colocando-a à beira-mar, ao passo que no desenho do artista, o rochedo da praia é um simples tronco de árvore, atirado pelas derrubadas à beira da estrada.

Organizada a expedição, deixaram os austro-alemães na data fatídica de oito de dezembro de 1817 o Rio de Janeiro, acompanhados durante uma milha por amigos e compatriotas. Um dos que pretendiam seguir com êles, o cônsul Duerming, representante da Prússia em Antuérpia, levou queda do cavalo num estouro da tropa e teve de ser recambiado à cidade com o braço ferido. Contratempores semelhantes não eram raros, escreve Martius, até a tropa se acostumar ao pêso da carga e a andar em fila atrás da “*madrinha*” ou bêsta já adestrada, que puxava a fieira. Aumentou, porém, a contrariedade dos cientistas o desgarrar de um dos animais, escapo na confusão e de volta ao ponto de partida demorou a ser novamente incluído na tropa. Tais incidentes provocavam lamentações dos novatos, ao passo que o Barão de Eschwege, veterano dessas viagens, mantinha-se impassível.

Apesar do ocorrido, que lhes fêz perder quase um dia, reencetaram os excursionários a marcha em direção à Real Fazenda de Santa Cruz. Daí por diante, iam-se repetir diáriadamente contrariedades parecidas, dificilmente conformados os europeus com meios de locomoção tão primitivos, semelhantes aos de seus avós em séculos idos, compelidos a pernoitar em ranchos compostos unicamente de alguns moirões de madeira que suportavam cobertas de palmas ou de sapé, sôbre chão de terra batida infestada de sevandijas. Nesses locais tinham de descansar sôbre couros de boi, protetores durante o dia de cangalhas e bruacas que à noite serviam de cama. Nos sítios mais habitados ainda era possível encontrar vendas rodeadas de currais suscetíveis de abastecer as pessoas e oferecer pasto aos animais. Entretanto, nem sempre coincidia o têrmo da caminhada com os pousos de aluguel, de sorte a não haver muitas vêzes, outro remédio senão dormirem os viajantes ao relento, à volta de fogueiras. Em caso de chuva piorava a situação, dando-se por felizes, vienenses e muniquenses, quando encontravam alguma árvore copada ou carro de boi sob o qual pudessem refugiar-se. Os animais eram levados ao cair da noite pelo mais môço dos tropeiros até o córrego ou charco vizinho, onde lhes prendia à cabeça um embornal cheio de milho, e lhes atava as pernas dianteiras, a fim de serem logo encontrados no dia seguinte.

Das cenas de viagem dá-nos Ender numerosas vistas, em que anotou, até os mais ínfimos pormenores, constituindo inestimável acervo de informações sôbre o maior-meio de transporte do Brasil colonial, com todos os aspectos técnicos, recursos materiais e humanos e desdobramentos econômicos, a justificar por si só a divulgação de sua obra<sup>(14)</sup>. Através relatos de outros viajantes ou de estrangeiros radicados no Brasil também verificamos mais uma virtude nos seus desenhos, consistente em louvável fidelidade. Os dizeres de Hipólito Taunay,

---

(14) A. Pallière que realizou pouco depois, em 1820, a mesma jornada, dá-nos interessantes pormenores suplementares sôbre o acondicionamento da carga nas mulas in *"Voyage a St. Paul"*. *"Il n'est pas hors de propos de dire ici la manière dont on nourrit les bêtes en voyage... le matin lorsque le mineiro (qu'on appelle camarade) ramène les animaux avant de partir on leur donne une seconde ration de mil de Turquie et ils vont avec cela jusqu'au soir. Le mineiro ou camarade n'est point un personnage inutile, et je vais en donner une légère idée parceque l'usage seul peut en faire connaître plus à fond la nécessité, la cangaille — voir dessin n. 4 — est comme on le voit une espèce de chevalet qui se remplit de capi, puis une espèce de selle, ou coussin qu'on appelle almoufada. De tout est recouvert d'un cuir de boeuf. Du bois que compose cette celle on ne voit que les deux pointes qui sortent de la peau ou du cuir, et qui servent à accrocher de chaque coté les*

por exemplo, parecem feitos expressamente para os tropeiros das Minas Gerais constantes no acervo da *Akademie*: “ils vont jambes et pieds nus, bien qu’il portent à la place ordinaire un éperon pour piquer le mulet qui leur sert de monture. Une culotte, par dessus laquelle descend une chemise qu’ils portent en tunique, un gilet et un grand chapeau, tel est le costume des muletiers”.

A despeito de tôdas as dificuldades, prosseguiram os cientistas, em sofríveis condições, a marcha até a venda do *Santis-simo*. Tinha êste pouso a particularidade de pertencer a velho italiano chegado à Guanabara em 1767 na flotilha de Bougainville, o qual descontente com a profissão, vítima de talasofobia ou deslumbrado pelo Nôvo Mundo, desertara e, depois de muitas aventuras, em que exercera o mister de caçador, deixara-se ficar nas vizinhanças do Rio de Janeiro. Aí estava havia mais de quarenta anos, esquecido da língua materna e, para maior escândalo dos companheiros de Ender, de “*costumes europeus*”. Infelizmente não nos dizem em que consistiam, se andar descalço, ou aparecer públicamente amasiado com mulheres de côr, ou qualquer outro procedimento que nos daria amostra do comportamento do europeu na América quando privado de contato com seus semelhantes. Continuando, não tardaram a chegar os expedicionários à Real Fazenda de Santa Cruz, antigo latifúndio jesuíta confiscado pelo govêrno português, que no momento passava por grandes reformas para receber os Príncipes.

A aparência de uberdade outrora imprimida pelos padres à região graças a labor tão inteligente quão intenso, inspirou

---

*objets que le mulet doit porter. On se persuade facilement qu’une forte charge dois endommager le dos des bêtes, voila ou le talent du mineiro brille. Sur ce coussin de paille recouvert d’une toile, on voit la place juste qui blesse le mulet, alors en dessous du coussin le camarade coupe le capi sous les cotés, ce qui laisse une cavité qui empeche que la cangaille blesse d’avantage. J’ai eu dans le courant de mon long voyage dans les Mines, la preuve du talent de ces mineiros mais ce n’est pas ce qui m’arriva avec le camarade choisi par mon ambassadeur, car arrivé a Pirahi j’avais un mulet qui n’avait déjà plus de peau sur le dos. L’art du mineiro est de placer la paille de manière a donner le dessous du bât la forme bien exacte du dos de l’animal et l’ors-ce-que le mulet est blessé on vide le dessous du bât afin que la plaie ne touche a rien, qu’elle soit dans le vide”. Em outro passo Pallière informa: “Un mulet porte ordinairement 8 a 10 arrobes et fait au plus quatre ou cinq lieus par jour, mais il faut remarquer que les chemins sont affreux. Les mulets sont en gênerál d’une très bonne race. Ils viennent de St. Paul ou des mines de Villa Rica. Mais ceux de St. Paul sont les meilleurs. Ils viennent des parties espagnoles qui bordent les possessions des portugais”. Dessa forma de transporte, desenvolvida pelo incremento no fim do século 18 da pecuária no Sul, veio o prolóquio “... odiava como a bêsta à cangalha”, ainda existente no Brasil em fins do século 19 para exprimir aversão contra qualquer cousa. Cf. *O Chromo* de H. de Carvalho.*

aos austro-alemães reflexões sôbre o fruto que daria o antigo estabelecimento, se o transformassem em instituto para instrução dos fazendeiros da capitania. Contava glebas aráveis, largos tratos de campos bem regados por canais artificiais, que ao mesmo tempo serviam para drenar as águas provenientes de dois rios, o Taguaí e o Guandu, mais um milheiro de escravos e farto rebanho. Segundo os viajantes, a fazenda, acaso bem dirigida, poderia libertar a régia ucharia da importação de manteiga irlandesa destinada à mesa da família real. Alguns esforços tinham sido feitos neste sentido — porventura houvesse inovação ainda por se experimentar no Brasil no govêrno de D. João! — como sempre, porém, mal concebidos, mal orientados e executados. Continuaría ainda por longos anos a compra de manteiga salgada importada em latas, para uso dos possuidores de rebanhos sitos nas proximidades de suas residências. O absurdo chegava a autorizar a suposição de que na ida a Santa Cruz levassem os moços de copa a tal manteiga, por não haver quem soubesse fazê-la no Rio de Janeiro. Entretanto, desde 1798 começara Fr. Mariano da Conceição Veloso, por conta do govêrno luso, a publicar os primeiros folhetos do *Fazendeiro do Brasil*, na tipografia do Arco do Cego em Lisboa, em que havia no tomo I, o capítulo “Do Leite, Queijo e Manteiga”. Mandara-se igualmente vir de além Pacífico chins para cultivar chá na antiga fazenda dos jesuítas, provávelmente no intuito de abastecer mais tarde o mercado inglês e o europeu em geral. O resultado foi, porém, medíocre, porquanto os agricultores importados tinham trazido consigo entre outros o vício do ópio e abandonavam Santa Cruz para vender bugigangas nas ruas do Rio, ou preparar foguetes segundo a secular arte chinesa, para acudir ao grande consumo nas festas religiosas fluminenses. Ender desenhou alguns orientais que restavam na Real Fazenda, recordação mui oportuna, pois, em 1820, segundo noticia viajante francês, já tinham quase desaparecido, conformados os poucos que restavam em plantar jasmim ou hortelã-pimenta em tôrno das suas pequenas e asseadas cabanas, nos tratos de terra que lhes tinham confiado para cultivar. Participavam também do geral interêsse pelo café, movidos pelo característico pendor agrícola de sua índole, juntada além disso à técnica haurida em ensinamentos ancestrais, cuja habilidade chinesa lhes permitia obter precoce frutificação de espécies brasílicas, como a grumixama, mirtácea

parenta da jabuticaba, de lento crescimento quando entregue a métodos europeus, desanimadores para quem esperasse por rápida produção.

Valeu-se Ender da demora no sítio para anotar aspectos da residência que deveria ser, mal comparado, o Shoenbrunn dos Braganças no Rio de Janeiro. Anotou as obras delineadas por João da Silva Muniz e realizadas sob direção de José da Costa e Silva; nas curiosas cenas à volta da fonte que abastecia a Casa Grande; nas ruínas que ainda a cercavam, esburacadas e destelhadas, mais prejudiciais que protetoras da água e dos carregadores incumbidos de a levarem ao antigo convento dos padres<sup>(15)</sup>. Nessa altura, tiveram os expedicionários de abandonar grande parte das bagagens, verificadas de pouco préstimo ante o custo do seu transporte, confiados os volumes a funcionários locais a fim de os recambiarem à côrte. Dirigia as carrozarias da fazenda, abastecedoras de combustível dos palácios reais, o Tenente-Coronel alemão Feldner, que lhes foi, na conjuntura, de grande auxílio. Inexperientes de como se viajava no Brasil, pouca atenção deram aos conselhos dos en-

---

(15) Escreveu Pallière, no seu "Diário", curiosa descrição da Real Fazenda de Santa Cruz, à guisa de explicação de desenhos. Infelizmente as vistas que a acompanhavam se perderam; todavia, podem ser substituídas pelas de Ender, que ilustram os comentários do francês como estes lhe servem de notas explicativas. *"Je ne devrais point chercher a donner des details d'une maison de campagne du roi, si je ne voulais laisser a moi même des souvenirs de voyage, de plus, sachant que peu de personnes qui ont été a Rio, ont eu la curiosité de voir un couvent qui a longtemps été la demeure des moines (sic) et ensuite de D. João VI. Ce couvent des Jesuites est situé sur une hauteur entouré de superbes pâturages qui ont au moins de cinq à six lieux de largeur sur 2 de longueur. Le couvent était un carré long auquel on a joint des nouveaux bâtiments. Je ne puis m'empêcher de critiquer ici le mode singulier dont le Roi prend plaisir a se laisser tromper sans intérêt ni pour lui ni pour la nation. On a dépensé, dit-on, deux millions de cruzades, se qui fait cinq millions de francs, et cela pour faire un palais pour le roi, en l'accolant à un vieux édifice qui était fort bon pour des religieux mais mauvais pour un Roi. Ils accolerent donc ce nouveau palais a ce couvent sans aucun ordre en fait de mouvement.*

#### Le Palais de Sta. Cruz

*"Je n'ai vu de moins raisonné et de moins raisonnable que la pensée qui a fait le plan adopté pour le Palais de Santa Cruz, et si les adulateurs du Prince étaient un peu plus sensés il ne mêleraient point les choses. L'escalier Royal est dans un coin de la maison. Je dis maison car c'est plutôt une maison de particulier qu'un palais. On ne se doute que c'est un palais qu'à la grandeur des pièces qui sont enfilées les unes aux autres sans aucune commodité pour le service. Le Premier (étage) est un amas de grandes pièces sans ordre ni destination. Le logement du roi est partout et nulle part par ceque toutes les pièces sont égales de grandeur, de forme, décoration, et qui n'a pas la plus petite marque pour distinguer la chambre a coucher de S. M. ni son cabinet particulier, ni celui du ministre, ni celle des audiences particulières et encore moins celle du trône. Cela a absolument l'air d'un riche parvenu qui a chargé un architecte de campagne de lui bâtir une grande maison sans plan et sans ordre et quil a dit, "Fais cela comme tu l'entendras et surtout comme tu voudras pour l'argent", mais ce n'est pas ici tout-à-fait l'histoire. Le pauvre architecte n'est pas celui qui gagne".*

tendidos e tinham de adaptar-se agora a sistema mui próximo ao do índio, simplificador por comodidade e necessidade, do carregamento de bagagens. O govêrno português fôra inlenso durante o período colonial em facilitar viagens de uma capitania a outra. Cada habitante devia permanecer onde estivesse, aí nascendo, vivendo e morrendo, reduzidas as vias de comunicação a simples picadas apertadas pelo mato, quase intran-sitável de lama no verão e de pó no inverno.

Não havia nessas condições outro recurso além da tropa. O seguro instinto dos muares, muito mais desenvolvido que o dos eqüinos, prescindia de boas estradas. Qualquer vereda bastava aos inteligentes animais para prosseguir no plano ou no acidentado, tal a firmeza do seu andar. Costumavam dizer os caboclos que mula, "*não pisa em falso*", peculiaridade providencial onde não havia outro sistema de comunicações. Ao chegar ao Pirai, pouco faltou para Ender ser vítima de tanta parcimônia por parte de administradores, que no passado recebiam ordens de conseguir o máximo de proventos da terra com o mínimo de despesa. Depois do trecho que o Intendente

---

Surgia outro personagem, o verdadeiro favorecido pelos trabalhos, na pessoa do fornecedor do dinheiro para as obras. Repete Pallière os rumôres que então circulavam sôbre Joaquim Azevedo, Visconde do Rio Sêco, a que logo mais voltaremos. Vamos, porém, continuar por ora com a descrição do palácio que Ender surpreendeu em construção, como nos mostra num dos seus desenhos. "*La grande maison de Sta. Cruz est un chef-d'oeuvre de deraisonnement. Pour achever l'éloge de cette heureuse conception ce grand monument est privé de tout ce qui peu être appréciable pour un pays chaud de grands jardins bien composés et remplis d'arbres sous lesquels on peut goûter le frais malgré la chaleur. Ils sont ici comme sur les grandes routes en Portugal ou ayant demandé pourquoi à l'imitation des autres peuples ils ne plantent pas de long routes des arbres pour rendre le voyage dans les pays chauds moins pénibles, celui a qui je fesais cette observation me repondit avec un ton doctoral, "Il n'y a des arbres ou Dieu a voulu qu'il en ait". Ainsi a Sta. Cruz cette grande maison entouré de ce grand pâturage, est d'une tristesse mortelle et fait supposer que ceux qui l'habitent sont ennuyeux à l'excès. Aussi c'est bien l'idée que l'on a quand on entre. Pas une chose curieuse, pas un meuble royal. Tout pacotille comme dans un pensionat. Des couchettes par centaines, des matelas, de même des traversins, des pots de chambre, tout cela par centaines, et bien ordinaires. Voila l'ameublement. Je ne dois pas non plus oublier la quantité de garde-robex, que j'ai vu. Il est vrai qu'il n'y a pas des latrines dans ce lieu et tout doit être emporté sur la tête des esclaves et jetté ou premier endroit venu n'y ayant conduite des eaux pour écouler les immondices d'un millier de gens que le roi traîne à sa suite — et j'ai plusieurs fois, en allant faire le portrait de la Princesse D. Marie Therese, recontré dans les appartements des gardes robes que l'on emportait. Je me rappelle qu'un jour la Pricesse D. M. T. m'accompagnant chez la Princesse Royale elle fut obligée de se déranger pour en laisser passer une, elle me regarda en ce moment et leva les épaules comme pour dire "cela n'est pas comme cela en France."*

A reforma da residência fôra resolvida de afogadilho e não custou nem de longe a quantia que se propalava. Não havia escrituração na fazenda mas o escriturário José Xavier da Silva estava acima de qualquer suspeita e se havia a contento geral. O arquiteto João da Silva Muniz, encarregado do planejamento "*em 40 dias, riscou, tirou a planta, e apresentou seus trabalhos a Sua Majestade*", escrevia o Visconde do Rio Sêco quando sucedeu ao Conde da Barca na direção da Fazenda de Santa Cruz, ao mesmo tempo que iniciava a escrituração regular do estabelecimento.

Paulo Fernandes Viana melhorara para dar acesso à fazenda de Santa Cruz, como nos mostram os desenhos do pintor, pioravam de repente os caminhos, com a agravante de faltas de pontes, grave problema para viajantes pouco familiarizados com exercícios acrobáticos, motivo de Ender quase se afogar na travessia do rio. As chuvas tinham bruscamente engrossado o curso sob grossas bâtegas estivais, que tornavam perigosas as águas, antes mansas, de repente traiçoeiras. Ao querer vadear o Pirai, viu-se o austríaco envolvido pela corrente, submergindo num perau com o cavalo sob as vistas de companheiros estarecidos. Dificilmente pôde voltar à tona, e alcançar a margem oposta, na iminência de anteceder a infelicidade de Adriano Taunay em Mato Grosso ou de Sellow no Rio Doce.

Aliviada de carga inútil, aproximou-se a tropa da lombada de Morro Formoso, divisa das capitânicas do Rio e de S. Paulo. Escreve Saint-Hilaire que todo o território entre os rios Pirai e Paraíba pertencia à segunda, mas os proprietários das fazendas do lugar teriam peitado por 3.000 cruzados o Intendente Paulo Fernandes Viana, para que não prosseguisse no traçado de nova estrada e ponte sobre o Pirai. O Intendente só tinha jurisdição na capitania do Rio de Janeiro, daí a mudança de limites, a fim de aquêle setor permanecer sob suas ordens. Assim sendo, continuaria a estrada por S. João Marcos, pois, temiam os fazendeiros caso fôsse abandonado o antigo traçado, recaíssem tão-sòmente sobre o nôvo os cuidados dos poderes oficiais. A informação do botânico partia de pessoa pouco conhecida; dada, porém, a reputação de Paulo Fernandes e a da família de sua mulher, ou seja, a tribo Carneiro Leão, useira e vezeira de negócios administrativos, é admissível o rumor.

O território entre as duas capitânicas fôra por longo tempo contestado, tendo de uma feita invadido os capitães-mores de Guaratinguetá o triângulo composto pelos cursos do Pirai e do Paraíba, segundo se pode ver no mapa de Montecinos, que leva o limite até o registro do primeiro desses rios. A confusão favorecia manejos como o revelado pelo francês que aduz notícia de mais um abuso decorrente do regime absoluto, fonte inesgotável de corrupção administrativa. Havia na capitania do Rio de Janeiro o costume de galardoar com vastas sesmarias a protegidos do govêrno. Consistiam em imensos latifúndios, distribuídos sem critério nem cuidado, prejudiciais aos pequenos lavradores já estabelecidos no sítio. Inúmeras vêzes apenas

começava modesta família a formar roça, aparecia um poderoso com título de posse, que a forçava a lhe entregar o fruto do seu trabalho, ou a êle se juntar na condição de "agregado". O mal não seria profundo se o intruso, desejoso de contribuir para o desbaste da terra, auxiliasse os involuntários colaboradores com recursos agrícolas, instrumentos, arados, animais de tiro, etc., mas esta seria, por certo a sua última preocupação, visto não passar o sesmeiro de mero especulador de terras.

Escreve, a propósito, Saint-Hilaire, que Paulo Fernandes Viana, se bem contemplado com a Estância dos Povos no Rio Grande, com mais de 12.000 reses, ainda requeria terras no Rio e "*a été comblé de dons de cette nature*". Um seu concunhado, também casado na tribo Carneiro Leão, o futuro Marquês de Baependi "*employé du trésor, possède auprès d'ici (S. João Marcos) douze lieux de terres qui lui ont été accordées par le roi*". Eram pessoas que se blasonavam de ter prestado grandes serviços ao bondoso soberano e lhe acenavam com novos, inculcando-se capazes de o enriquecerem pela produção dos latifúndios. No dizer de Saint-Hilaire, procediam, entretanto, de modo muito diverso. Recebida a gleba, mandava o contemplado construir rancho e roçar o terreno à volta, para simular cumprimento dos têrmos da doação. Depois vendia com lucro o régio presente e logo pleiteava outra sesmaria de maiores dimensões. No entanto, em que pêsse a opinião do francês, impressionado pelo "mexerico" na côrte, remanesceram, no correr do século 19, nas mãos de Paulo Fernandes, Fernando Carneiro, Manoel Jacinto, mais cunhados e afins, restos dessas enormes glebas, bem tratadas pelos donos, interessados na cultura do café. Contava-se, além das fazendas do conde de Baependi e demais Nogueira da Gama e vizinhos descendentes do velho Brás Carneiro, a fazenda Santa Mônica, do Duque de Caxias, também casado na mesma tribo.

Transposta a divisa dessa região litigiosa, passavam os cientistas a paisagens diversas das fluminenses. Ender retratou os viajantes a cavalo, à testa do comboio que formavam, debaixo de guarda-sol branco e chapéus de largas abas caídas<sup>(16)</sup>. Assim chegaram a Areias, recém-promovida a vila, com a igreja nova (1817) na praça principal ainda em construção. Rece-

---

(16) Aconselhava o Barão de Eschwege usar na viagem "*chapéu de feltro branco com abas largas, bons para proteger do sol e da chuva e grandes guarda-sóis fixados no "santo-antônio-da-sela"*, mas, *incômodos para observação do trajeto*", exatamente como reproduz o desenho de Ender.



beu-os condignamente o capitão-mor, ansioso por homenagear compatriotas da Princesa Herdeira. Provocara o dinástico acontecimento intensa comoção de norte a sul do país, como a significar o fim do regime colonial e advento de nova era. Pela primeira vez assistia a América a bodas de Príncipes europeus, causa de compreensível alvoroço na população luso-brasileira e de repercussões na região limítrofe rebelada contra a metrópole espanhola. Inesperadamente presenciaram os expedicionários uma das suas manifestações ao encontrar imponente tropa de mulas do Bispo de Nova Córdoba, fugido da diocese ante ameaçadora agitação nacionalista. Jornadeava o prelado com a escolta que em Montevidéu lhe tinham oferecido os portugueses da guarnição. No momento do encontro estava a caminho havia quatro meses, provávelmente por receio de seguir pela via marítima infestada como se encontrava de corsários.

Permitiu o generoso auxílio do capitão-mor de Areias que os viajantes refizessem a tropa afetada pela imperícia do mulato arrieiro, o qual, por não saber dispor as cangalhas, ferira a maior parte dos animais. Para recuperar o tempo perdido, viajavam à noite num percurso em que mudara por completo a natureza, como notava um dos excursionistas: *“Nos últimos dias havíamos descido dos estreitos vales da montanha, e avistávamos agora de quando em quando ao luar, bem defronte de nós ou ao nosso lado, os píncaros de uma parte da serra da Mantiqueira, que de Minas segue para o sul atrás da serra do Mar. Os seus contôrnos azulados formam mágico remate do cenário em que se alternam matas e tratos descobertos. As majestosas árvores da floresta entre as quais passávamos, envolviam-se em sombras negras, de onde se ouvia freqüentemente sons de vozes noturnas nunca dantes percebidas, tudo concorrendo para nos levar a singular estado de ânimo”*.

A estada na vila permitira-lhes viajar em companhia de tropeiros que voltavam do Rio e lhes dirigiam a marcha. *“Os nossos condutores, alegres paulistas, interpelavam-se uns aos outros propondo canções e desafios na viola. Gracejavam também a respeito da possibilidade de encontrar serpentes venenosas, fáceis de topar à noite quando saem do esconderijo, para tratos mais limpos. O chiste suscitou a intervenção do mais velho dêles, que declarou, mui convicto, ser impossível o encontro, porquanto, êle, com oração diária a S. Tomé, afastava todo bicho maligno”*. Piores, entretanto, que as cobras, eram os *“carrapatos (. . .) bichinhos do tamanho de sementes, que*

vivem aglomerados às centenas nos capins e fôlhas sêcas. Assim que o viajante roça numa dessas bolas, espalham-se pela sua roupa, procurando penetrar até a pele onde se agarram às partes mais tenras com insuportável comichão, produzindo às vêzes inflamações de mau caráter”.

Depois de Lorena mudava mais uma vez a paisagem: “únhamos agora à nossa frente planícies e outeiros de suaves declives cobertos de alguns capões de mato”, aspecto comum do vale do Paraíba entre as serras do Mar e a da Mantiqueira. Em Guaratinguetá apareceram culturas de fumo de qualidade menos apreciável que o do pôrto de S. Sebastião, serra abaixo, contudo, servia para escambo de cativos da região africana genêricamente conhecida por Guiné ou Costa de Escravos<sup>(17)</sup>. A vila apresentava ar de prosperidade, pois dispunha de algumas edificações com janelas envidraçadas “a representar no interior do Brasil abastança senão luxo”, circunstância que mais tarde os expedicionários verificariam ser rara até na cidade de S. Paulo. A maior civilização do sítio provinha do fato de ser confluência das três capitânicas, que assegurava benéfico movimento local. Por ali transitavam as tropas carregadas de produtos nacionais e estrangeiros em direção a Minas, S. Paulo e Rio. Nos da primeira capitania figuravam chapéus de feltro e panos de algodão, origem da alcunha de “baetas” aplicada aos montanhese que a tinham por insuportavelmente afrontosa.

Nas ruas notavam-se casas melhores que as dos povoados precedentes, com telhado achinesado, segundo nos mostra Ender, as janelas e portas encimadas por vêrgas de sabor barroco, visivelmente inspirado por modêlo carioca. O intenso intercâmbio das cidades do vale do Paraíba com a capital do país, acarretou por largo tempo, de D. Maria I até à guerra de 1914, maior influxo do Rio do que de S. Paulo nos hábitos e costumes das populações. Também, aí, se desvelou o capitão-mor, como o de Areias, em agasalhar os austro-alemães, havendo-se com tal generosidade que os homenageados lhe atribuíram causas absurdas. Julgaram-na inspirada por suposta revivescência de hospedagem oriental, segundo êles, ainda subsistente no arcano da alma portuguesa e na dos seus descendentes. No caso, seguiam os turistas a regra de generaliza-

---

(17) V. tese do autor “A Bahia e suas Relações com o Daomé” no vol. V da edição especial da Rev. do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, dedicado ao IV Centenário da Bahia ou *O Brasil e o Colonialismo Europeu*. Ed. Nacional.

ções apressadas, por mais prevenidos e ilustres sejam. Ante telhados extremo-orientais, rótulas árabes e desinteressada hospedagem, concluía logicamente Martius que estava sendo recebido por imitador do poeta sibarita Syriab ou de Harum al Raschid!<sup>(18)</sup>.

Logo ao pé de Guará chegaram ao arraial de Aparecida, num outeiro dominado pela importante igreja do mesmo nome, parcialmente construída de pedra no último quartel do século 18. A fama da milagrosa imagem exposta no altar-mor, atraía de longe romeiros, principalmente de Minas, a viajar, segundo velhíssimo hábito, o marido trepado no burro e a mulher na garupa, segurando os trastes do casal. Homens e mulheres usavam chapéus de feltro côr cinza, de largas abas, presas à copa por cordéis, de que Ender desenhou curiosos aspectos. Desenhou também o traje de paulistas e sulistas em geral encontrados pelo caminho, protegidos das intempéries pelo indefectível poncho azul, comprido e amplo, com abertura por onde enfiavam a cabeça. O traje era tão comum na capitania que foi chamado paulista por excelência, até cair em desuso em S. Paulo com o desaparecimento das tropas, passando então a ser considerado sul-rio-grandense.

A utilidade do manto se desdobrava, além de proteger o dono da chuva e do frio, igualmente em cobrir o arreo durante a viagem. Quando estavam a pé, atiravam os paulistas as abas sobre os ombros para ter livres os movimentos dos braços, conforme o flagrante do austríaco, que dá perfeitamente idéia da maneira como procediam. O casaco e as calças eram de algodão escuro, botas folgadas de couro cru, de preferência de macio couro de veado, tingidas de preto, seguras abaixo do joelho por correia e fivela. À guisa de arma defensiva e ofensiva, traziam na cinta ou no cano da bota comprida faca de cabo prateado, que também servia à mesa e para outros misteres. As mulheres vestiam trajes longos e escuros, em que predominava a utilidade sobre a faceirice, assim como se resguardavam do sol com largos chapéus inspirados nos mesmos princípios. Ocorre na tradução italiana do livro de Mawe,

---

(18) O maior desembaraço dos habitantes de Guará no trato de estrangeiros era reflexo do movimento local. Pallière pouco depois foi amavelmente socorrido por um lojista guaratinguetense quando se viu roubado de suas esporas de prata por um cigano. Aproveitou Pallière a demora para desenhar o interior da casa do hospitaleiro Pereira de Castro, que de muito lhe valeu na conjuntura. Ademais, para o francês os guaratinguetenses eram *“les gens les plus agréables que j'ai rencontré depuis mon départ de Rio”*.

editado por Sonzogno em Milão, a figura de um paulista por muito tempo considerada fantasiosa, e, que hoje, através do acervo descoberto em Viena, admitimos procedente. A descoberta também leva a crer que o inglês devia ter feito maior número de desenhos da região, crença estribada no fato de aparecer na segunda edição da viagem, no ano de 1821, uma aquarela a representar o largo do Paço, ausente da primeira. Acaso Mawe divulgasse uma terceira edição na Inglaterra, talvez vissemos nela figurar a imagem paulista da edição italiana, mais outros desenhos provavelmente abandonados pelo receio de despesa. Este viajante alude ao *"long coat of coarse woollen, edget with velvet, gold lace, fustian, or plush, according to the rank of the weaver"*, descrição a corresponder fielmente ao desenho italiano. O traje era acompanhado de chapéu redondo como descreve a estampa, *"the ladies, whenever they wear it, appear in round hats. The appellation of Paulista is considered by all the females here as a great honour; the Paulistas being celebrated throughout all Brazil for their attractions, and their dignity of character"*. Adiante, alude Mawe à particularidade de as roupas femininas serem feitas por *"tailors"*, curiosa antecipação de processo tornado depois corrente na Europa.

Reparou também Ender nas cuias e copos de prata, alguns presos a longas correntes do mesmo metal, que permitiam ao cavaleiro desalterar-se sem apelar da montaria, e nas suas enormes esporas, mais tarde conhecidas no sul do Brasil por *"chilenas"*. A designação decorria da indumentária dos tropeiros daquela origem, que entravam em contato com os nossos em Nova Córdoba, grande centro platino de criação de muarens em princípios do século 19, abastecedor tanto para espanhóis como portugueses no Atlântico e no Pacífico. Reproduz igualmente caçambas prêsas por fortes loros ao lombinho, a servir de estribo e de proteção para o pé do cavaleiro contra a chuva e os espinhos de carrascais. Dêsses objetos mostra alguns de prata, luxuosamente lavrados em Buenos Aires, segundo anota o pintor à margem do desenho. Traz, ainda, cuidadosos apontamentos de pelegos e arreios de montaria, freios de prata, desta vez com indicação de paulistas, assim como facas da mesma origem, com largas e pontudas lâminas chanfradas, cujo cabo de madeira escura terminava com ornatos de prata. O mesmo cuidado presidiu ainda as notas de Ender sôbre os belos enfeites dêsse metal aplicados às correias do ajazamento das mon-

tarias de ricos fazendeiros. Os demais auxiliares da tropa — prêtos, caboclos e mulatos — iam a pé, invariavelmente descalços, levando à mão a vara de tanger porcos ou o relho para guiar mulas, cujo estalo acompanha no êrmo da estrada o grito do recoveiro. Na série dos desenhos relativos aos comboios de mulas, ocorrem igualmente nas mãos de paulistas alabardas semelhantes às popularizadas pelas estampas de soldados da Renascença, as quais tanto parecem destinadas a picar reses bravias como escorar onças, num tempo em que as armas de fogo eram demoradamente carregadas pela bôca, o que expunha o caçador às garras da fera<sup>(19)</sup>.

Continuando a viagem atravessaram Pinda para chegar a Taubaté, onde Ender desenhou a paisagem vista da eminência em que se elevava o Convento dos Franciscanos, considerado apreciável construção pelos visitantes. A vila compunha-se de longa rua, ladeada por algumas lojas de pequenos mercadores, o resto composto de casebres que também se estendiam pelas ruas laterais. A atividade local consistia em rudimentar agricultura, criação de gado e confecção de esteiras de *Arisda brava* e gramíneas, mandadas para o Rio de Janeiro. A casa em que se hospedaram não diferia das contemporâneas à Guerra dos Emboabas, que pela construção demonstrava a rápida assimilação da cultura indígena pelo português logo nos primeiros tempos da conquista. Os muros eram ligeiros, de pau-a-pique ligado por embira, sob cobertura de sapé ou de palmas e mais recentemente por telhas côncavas. Os alimentos eram cozinhados no chão, em meio da casa, no quarto central, sem fogão nem chaminé, esvaída a fumaça pela telha vã. O piso era de terra socada e as paredes revestidas de barro branqueado por tabatinga, semelhante, o conjunto, ao padrão campesino encontrado até hoje em todo o Brasil.

Nas paredes abriam-se janelas de rótula, a porta de entrada sôbre diretamente o cômodo principal, onde na terra socada se cozinhava, sem fôrro nem caiação, de modo a parecer "*paiol ou depósito*". Neste local davam quartos menores onde havia despensas e aposentos para hóspedes. No fundo estava o refúgio das mulheres quando surpreendidas por visitas, segundo costume colonial, e a habitação do resto da família. Na frente e no lado

---

(19) Debret descreve caçadas de onça por meio de laço, caso em que a alabarda teria também funções de conter a fera quando acuada e laçada.

oposto constavam varandas cobertas pela continuação do telhado em todo o comprimento das fachadas. A acomodação de serventes, depósitos, etc. . . , compunha-se de simples ranchos no quintal, separados do edifício maior pelo terreiro. No passar pelas ruas percebiam os viajantes as rédes de algodão de várias côres em que dormiam os habitantes. Também havia camas com tabuado assente em quatro pés a formar estrado chamado jirau, sôbre o qual havia esteiras ou couros de boi. Os outros móveis eram mesas em geral tôscas, com grosseiros lampiões de latão, alumiados com azeite “*da terra*” (mamona), uns poucos bancos e cadeiras de sola, reunião sumária cujo primitivismo fôra notado por Ender no interior proletário que antes visitara em Aparecida, iguais aos encontrados no correr da viagem. Não constam da relação habitações maiores de fazendeiros, pela razão simples de se elevarem as casas-grandes em pontos afastados da estrada pública percorrida pelos expedicionários. Pouca diferença havia, entretanto, com as outras residências, encontradas na caminhada, raramente providas de fôrro nos aposentos, apenas revestidos de soalho e de proporções um pouco maiores. Ostentavam as casas de campo uma “*loggia*”, ou varanda, maior no meio da fachada, à guisa de ingresso, no gênero da existente no solar de Fernão Pais de Barros tombado pelo SPHAN, onde o viandante se refugiava do sol ou do tempo chuvoso, sem penetrar na casa quando não fôsse convidado. Tampouco, havia cubículos para as necessidades fisiológicas, as mulheres servidas por recipientes e os homens pelo “mato”, obrigatório para quem não pertencesse ao sexo frágil, segundo frase usual na capitania. No mobiliário, igualmente, se notaria maior diferença entre casas grandes e pequenas, pois, as dificuldades de transporte encareciam extraordinariamente qualquer móvel ou objeto caseiro importado do exterior.

Transposto Taubaté, começou de nôvo a mudar a paisagem, constituída de espaços acidentados e arborizados. Deparavam-se, às vêzes, aos cientistas, indivíduos afligidos pelo bócio como em certas regiões da Europa, com a diferença — diziam os austro-alemães — de não apresentarem a mesma cretinice apesar de padecerem de sonolência e desânimo. Ocorria frequentemente a moléstia entre negros, mulatos, mamelucos e mais mistura das classes pobres a qual segundo os visitantes não era julgada anti-estética pelo povo. Pelo contrário, exibiam-se as mulheres à porta das residências, vestidas do camisolão de

origem jesuítica<sup>(20)</sup>, penteado repuxado para trás, descalças, fumando pito ou tecendo algodão como mostra Ender nas cenas proletárias de seu lápis. De permeio, havia mulheres que sôbre a enorme papeira ostentavam adornos de ouro e prata.

A causa da enfermidade era atribuída pelos estrangeiros ao calor e a excessos venéreos (!). Sugeria-lhes o diagnóstico o fato de haver numerosas meretrizes espalhadas pela estrada aboletadas em casinhas, ou donas de rudimentares estalagens. Mais acertado se mostrou o espírito observador de Martius em atribuir o mal a anomalias de nutrição. Aproximava-se o sábio dos fatores hoje apontados pela ciência como responsáveis pelo bócio, ou seja, falta de elementos no passadio necessários ao organismo. A mesma causa provocava o famoso escorbuto dos navegantes antigos, privados de vitaminas como os habitantes de certos setores da capitania se viam privados de sal. A supressão da moléstia com a marcha do progresso melhor distribuidor de gêneros, confirma o que o bávaro suspeitara por intuição.

Perto de Jacaréí encontraram a vila de N. Sra. de Escada, outrora próspera, mais tarde esquecida em consequência de se encontrar afastada de estradas de ferro, onde um inteligente padre brasileiro dirigia missão de índios. Entrevistado pelos expedicionários, queixou-se o sacerdote das restrições que acêrca do regime missionário lhe tinham sido impostas pelo govêrno. Recente *Ordem régia* equiparara, com as melhores das intenções, os indígenas ainda numerosos aos demais habitantes livres do Brasil. A providência intentada por insuficiente noção do índio, ao invés de lhe ser útil, precipitara a sua decadência, pois, esquecido da antiga cultura, incapaz de assimilar a dos civilizados, vegetava miserável o antigo dono da terra, a se misturar com outros tão mofinos quanto êle, a ponto, de não mais saber de que tribo provinha. Segundo Martius, o ambiente mostrava-se-lhe progressivamente adverso, tanto mais pungente quando os infelizes começavam a refletir sôbre a sua sorte premidos pela civilização, em contato forçado com negros, mestiços e portugueses, presa de trágico "*descontentamento e amargura*".

Mais adiante, cruzaram na estrada com mais um contingente de fugitivos espanhóis do séquito do bispo de Nova Córdoba, tratados pelos paulistas com generosa caridade, atitude que os

---

(20) Os jesuítas tinham impôsto a camisola de algodão, tecido *in-loco*, às mulheres das classes menos favorecidas da colônia, traje que se tornou usual no proletariado até princípios do século 19.

européus logo interpretaram ditada pelo cálculo de suscitar entre os platinos igual carinho para com os soldados paulistas entre êles destacados. A suposição, inspirada pela mentalidade interesseira do europeu em geral e do alemão em particular era absurda, porquanto os fugitivos espanhóis de nascimento, deviam ser odiados pelos “criolos” do Prata, e, assim sendo, tudo que lhes agradasse tornar-se-ia suspeito aos antagonistas. Melhor inspirado estaria von Martius, em atribuir a habitual generosidade da população à largueza americana, que pela primeira vez contemplava majestosa tanto ao norte como ao sul do continente, antes de considerá-la artimanha de indivíduos como os germânicos, calculistas até na alma pelo apêrto em que na Europa viviam.

A despeito, todavia, de desarrazoadas suposições, causaram os habitantes da capitania aos visitantes impressão de gente simples e franca. Os cafusos do rancho de Tarumá mostravam-se, senão cordiais, pelo menos indiferentes à horda invasora personificada pelos visitantes e os seus numerosos serviçais. Aquêles mestiços, entretanto, impressionavam mal pelo seu estranho aspecto semi-índio, semi-africano, com olhos oblíquos, corpo musculoso, coroadado por altíssima trunfa impenetrável ao pente, tão empinada e rígida que homens e mulheres tinham de se curvar ao transpor a entrada de suas cabanas. Por êsse motivo, mereceram, juntamente com as mulheres de bôcio, retratos feitos por Ender, constantes no álbum da viagem de Spix e Martius.

Em Moji das Cruzes foram muito bem agasalhados pela família do capitão-mor, repetição, ademais do que sempre acontecera durante a caminhada. Intervinha na generosidade talvez aquilo que o gongórico, mas algum tanto procedente Ângelo Siqueira do Prado, afiançava efeito de astro desconhecido inspirador dos paulistas, tornando-os não só nobres como altivos<sup>(21)</sup>. Descontado o exagêro do estilo próprio da época, adornado de hipérboles e olímpicas comparações, apresentavam-se muito mais generosos e senhoris os habitantes do planalto piratiningano do que qualquer outro da colônia, pois, mesmo quando pobres, dos mais indigentes das grandes capitanias, a

---

(21) In Prefácio de *Botica Milagrosa de N. S. da Lapa*, Lisboa, 1754. São ademais, freqüentes alusões de vária origem a êste lado do caráter paulista. Certa vez, em fins do século 17, apontou em Lisboa a el-Rei o Presidente do Conselho de Estado, o perigo constituído pela descoberta de minas de ouro, que incendiavam as pretensões e orgulho dos paulistas, com grave ameaça à unidade do Império Luso.



vegetar separados do litoral e quase do resto do mundo, jamais aparentaram sentimentos de inveja contra os mais bem aquinhoados em bens de fortuna. E' lícito asseverar, que entre êles nunca foram vistas no passado atitudes semelhantes às atuais notadas em filhos de outros Estados da desunião brasileira, para com êles, paulistas. Influía também, na recepção dos austro-alemães, o fato de naquele tempo, no ambiente ainda colonial, o nobre ser personificado pela alvura da tez, a explicar muito da consideração tributada aos expedicionários. Contra os hábitos e tradições gerais, fôsse por êsse motivo, fôsse por outro qualquer, manteve-se visível o elemento feminino, numa espantosa infração aos preconceitos mouriscos ainda em uso. Bem impressionado pelo testemunho de adiantamento, comentou Martius o modo como fôra tratado, "*com a ingenuidade e graça das paulistas*", as quais olhavam curiosamente para os visitantes, "*partilhando acêrca dos alemães as mesmas impressões que os gregos nutriam pelos hiperbóreos*", admiradas pelas roupas que traziam e côr da pele, "*alvura aqui tão apreciada*"!

Desenhavam-se em Moji das Cruzes perspectivas de bons casamentos para os nórdicos forasteiros se quisessem lá permanecer, como pouco depois sucederia em Pôrto Feliz a Hércules Florence, confrade de Ender no Brasil, desenhista da futura expedição do cônsul Langsdorff. Mas os austro-alemães tinham de prosseguir na missão que lhes tinham incumbido os seus governos e possuídos do famoso *Arbeiter Geist*, motor da prodigiosa cultura germânica, que tanto a elevaria daí por diante, reencetaram a jornada em direção a S. Paulo. Pelo trajeto notavam progressiva melhoria da lavoura, tanto na técnica como na extensão da área cultivada. Ressentia-se, porém, da falta de braços consequente à conscrição militar exigida pela Campanha Cisplatina. A vinda da côrte trouxera consigo exasperação do velho expansionismo colonial norteador da política metropolitana. Durante séculos cada reino, cidade, castelo, aldeia ou casa de qualquer região da Europa, procurara dilatar-se à custa de vizinhos. Não havia polegada de solo em tôrno dêles que deixasse de ser regado com sangue vertido pela necessidade, cobiça ou ambição. Romanos, bárbaros nórdicos, hordas asiáticas ou muçulmanas, através de lutas incessantes, perfizeram a psique política do europeu, orientando-lhe todos os atos, impermeável às lições da história. De nada lhe valeu o progresso moral propugnado pelas religiões cristãs e as conquistas da Grande Revolução Francesa, ou mesmo, da moscovita nossa contemporânea.

O vinco é tão profundo que a tudo resiste, useiro o europeu das mais sutis interpretações dos fatos para justificar os delitos que perpetra. Ora em nome da religião, ora a bem da redenção dos oprimidos, ora em nome da Justiça, ora para revide de supostos agravos, ora para acudir quem não lhe pede auxílio o europeu sempre encontra argumentos para dar largas ao incoercível instinto. No tempo de D. João VI presenciava-se, por exemplo, a curiosa atitude dos franceses, que professavam adiantados princípios revolucionários, arautos dos direitos do homem e simultaneamente praticavam tráfico negreiro e o mais desalmado imperialismo colonial.

Este espírito insanavelmente predatório, colidia com o dos americanos, muito diverso graças à largueza oferecida por um continente quase despovoado em princípios do século 19, onde, mais do que guerras de conquista, interessava atrair colaboradores e consagrar todos os recursos ao desbravamento da terra. Continuavam certos característicos nos americanos impostos pelo complexo criador que nunca abandona o homem mas sem os característicos europeus. Nos Estados Unidos registava-se "rush" para o Oeste, conquista territorial exercida, no entanto, sôbre extensões praticamente desertas, longe de se parecerem com o solo europeu, recoberto por poeira de nações periódicamente convulsionadas por tentativas de anexações violentas, ou com o Império dos Incas que os espanhóis no século 16 destruíram. No sul do continente ocorreu, sem dúvida, o lamentável surto de caudilhismo platino<sup>(22)</sup>, fruto mais de ambições pessoais que de aspirações populares. Explicava-se, contudo, pela desordem provocada pelo subitâneo fim do regime colonial que por longo tempo impediu no povo a formação de consciência democrática.

Era a herança do imperialismo europeu num dos seus aspectos mais odiosos, só aos poucos mitigado pelo exemplo dos Estados Unidos, às vezes interrompido por voltas periódicas em setores latino-americanos ao caudilhismo de Rosas, Artigas ou cousa pior. Permanece, inda assim, apesar de embrionário, vivo o princípio democrático na maior parte do continente, e, no passado, no tempo do último monarca absoluto a reinar em Portugal e Brasil, faltava "clima" entre nós, no espírito da população pròpriamente brasileira, para guerras de conquista. Tornaram-se efêmeras aventuras ao norte e ao sul, assim como as

---

(22) E' lícito perguntar se o atual ressurgimento do mesmo na América do Sul manifestado por Perón e outros, não seria proveniente do exemplo de ditaduras européas de nossos dias com todos os seus "slogans" imperialistas?

tentativas de Carlota Joaquina sôbre as regiões hispano-americanas. A mais clara conseqüência dos pruridos imperialistas dos Bourbons-Bragança do século 19, foi desenvolver no exterior oposições e semear virulentas desconfianças contra o regime monárquico, mais tarde exploradas contra nós nas questões platinas, se bem apresentasse D. Pedro II salvadora influência americana, aparente nas suas nobres atitudes de monarca constitucional acima de tudo brasileiro<sup>(23)</sup>.

A notícia da presença do Príncipe Regente na Guanabara despertara intenso júbilo no coração dos paulistas. Descrevia Lacerda e Almeida, em período pouco anterior, a sua "*fidelidade e respeitoso afeto ao Soberano*". Saint-Hilaire que viajava no Brasil contemporaneamente a Ender apóia os dizeres do paulista, ao descrever como os moradores de regiões distantes dos grandes centros litorâneos se consideravam dependentes del-Rei "*qu'il leur aurait rendu justice, s'il avait connu les vexations dont ils étaient trop souvent les victimes*". Agora os Príncipes estavam perto, pertíssimo, tão próximos que o seu antigo prestígio iria se desvanecer. Na circunstância, concorriam para a mutação os pesadíssimos encargos trazidos pela vinda da côrte à capitania, duramente afetada pelas lutas contra os castelhanos no século 18, além do desfalque de braços produzido pela atração das lavras das Minas Gerais. O expansionismo luso para o sul recrescera com sacrifícios do paulistano, iniquidade a incutir nos habitantes persistente horror à farda, provocando também fortalecimento da sua consciência democrática, avêssa a tôdas as compressões e abusos do poder, tornando-os paladinos da luta contra a tirania, fôsse de Reis no antigo regime, ou de ditadores na atualidade<sup>(24)</sup>.

---

(23) Citavam Kidder e Fletcher a propósito da Constituição com a qual reinava Pedro II: "*While every Spanish-American Government has been the scene of bloody revolutions while the civilized world has looked with horror, wonder and pity, upon the self constituted bill of the peoples rights again trampled under foot by turbulent faction (...) or by the tyranni of the most narrow-minded dictadors — the only Portuguese-American Government*", resolvera pacificamente dois conflitos, "*fully in accordance with the Constitution*".

(24) Os abusos do recrutamento eram extremos. Mandara D. Luís Antônio em 1750 que os parentes dos recrutados fôsem por êles responsáveis; assim, tendo Gaspar Vaz da Cunha desertado do inferno do Iguatemi, ordenou o governador que a sua mãe e irmãs fôsem recolhidas ao cárcere. Segundo Amador Florence, que examinou estatísticas de perdas militares, assim como a fé de officio de oficiais e praças da famosa Legião de S. Paulo, a fim de verificar o espaço em que permaneceram nas fronteiras do Sul, grande parte dos efetivos não voltou ao lar, "*Entre êles podemos citar os valentes Dragões de S. Paulo, cavalaria legionária que levou para a zona meridional o ali desconhecido jôgo das bolandeiras, o hoje característico pialo dos gaúchos, legião que nunca mais regressou à terra bandeirante*". Revista do Inst. Histórico-Geográfico Brasileiro, publ. especial do IV Centenário da Bahia.

Ocorrem na pena de Martius referências às repercussões da Campanha Cisplatina visíveis na estrada que a expedição percorria. O recrutamento forçado absorvia, como vimos, os braços necessários à lavoura. Dizimara famílias, arrebanhara os homens válidos, separara-os dos parentes para atirá-los nos infectos presídios do sul onde apodreciam. O Conde da Barca, obsequioso servo de ambições monárquicas, a despeito das abominações da Revolução Francesa que em Paris presenciara e da lição que daí podia inferir, em vez de os conter, incentiva-lhes os disparates, procurando lisonjear os amos, ao mesmo tempo que satisfazia o seu próprio nativismo. De doze mil homens remetidos ao Prata pouco antes do aparecimento de Ender em S. Paulo, quatro mil eram paulistas, seguidos de nova leva na guerra contra Artigas, perda irreparável para a diminuta população branca da capitania. Em pouco chegavam notícias confrangedoras do seu destino, para maior consternação de inúmeras famílias atingidas. Muitos dos infelizes morriam no trajeto, na ilha de Santa Catarina, no Rio Grande ou nas pestilentas margens do Prata, vítimas de contágios e de esforços extenuantes. Encontrou-os Saint-Hilaire em fins de 1820 ainda no sul, andrajosos, alimentados de carne sem sal, desprovidos de sôlido havia vinte e sete meses, e, no entanto, rivalizavam em valor com os civilizados, semicivilizados e selvagens do lugar, nas armas, no laço e nas bolas mais eficientes e disciplinados que mercenários e gaúchos, vencedores da batalha de Catalão a despeito da miséria.

Uma década bastara para eivar de descontentamento o ânimo antigamente fiel do súdito paulista. A guerra, *“empreendida sem necessidade”*, frisava o francês, *“nem aclamação dos povos, tão-só por alvedrio dos governantes, a lhes exigir brutalmente o sacrifício da vida e da felicidade dos seus, se afigurava absurda e provocava compreensível má vontade”*. Davam-lhe razão os acontecimentos. Intrigas de antecâmara dos partidários de D. João contra os de D. Carlota Joaquina, semeavam confusão na política interna e externa do govêrno. Instigavam ainda mais o antagonismo dos habitantes do Prata, unindo-os contra ganancioso agressor, inculcando-lhes amor pátrio e noção do direito à liberdade ameaçado pelo espírito predatório arbitrariamente transplantado na América. Nas vizinhanças da cidade de S. Paulo mourejavam os velhos escapos da conscrição, nas terras que desde os alvares da colônia tinham servido de celeiro para outras capitanias. Dali saíra a farinha

de mandioca que abastecera os colégios e as aldeias dos jesuítas e depois as fôrças que lutavam contra o invasor holandês em Pernambuco. Na centúria imediata, acudira às Minas Gerais ameaçadas de fome por falta de roças, empenhados todos os braços, muitos dos quais paulistas, na faina da mineração que proporcionava esplendor à monarquia. Também naqueles campos se colhera trigo e se plantaram vides, atividade que retalhara desde séculos latifúndios, obra levada a cabo paralelamente ao devassamento do continente.

Pisavam naquele momento os austro-alemães solo que não tardaria a voltar a ser o alicerce do Império Brasileiro, como outrora dilatara o Luso. Assolada pela luta Cisplatina, decaía aos poucos a agricultura da região duramente atingida pelas conseqüências do vendaval guerreiro, emigrados muitos dos seus principais habitantes para o interior da capitania, de que temos exemplo em nosso quarto avô Lourenço de Almeida Prado, o qual, tendo ido à vila de Itu, então no comêço de seu desenvolvimento — na bôca do sertão, como hoje as terras virgens do norte do Paraná — entreviu melhor prêmio para o seu esforço de agricultor e lá se estabeleceu com a família e bens. E, nas vizinhanças de S. Paulo onde se elevava o fumo dos casais rodeados de plantações, estendeu-se o êrmo, que no comêço do século 20 ainda conhecemos, pôsto o inglês Henderson escrevesse em princípios do século 19<sup>(25)</sup>, não haver de todo terras devolutas em S. Paulo. Empregava, ademais, o têrmo devoluto em português no texto, "*The province... which may be estimated to contain hundred and twenty thousand square miles, has no land devoluto, or ungranted, although one-thirtieth part of it is not in a state of cultivation*". Não obstante, no comêço da República, formou-se no Rio de Janeiro, sindicato dirigido por malandros, dêsse que chegam a impor quase admiração pelo faro e habilidade, autores de conluio em que entravam velhos politiqueiros e republicanos de última hora. A arapuca decorrente dos famosos "burgos rurais", aproveitava-se de uma lei inspirada pelos ditos malandros, a estatuir auxílio em dinheiro e cessão de "*terras devolutas*" a quem as pleiteasse e estivesse em condições de explorá-las. A inexistência de instrumentos de precisão deixara divisas imprecisas

---

(25) James Henderson, *A History of Brazil*, Londres, 1821, págs. 86-87. Existe um exemplar na Biblioteca Pública Municipal que pode ser consultado pelas vítimas dos atuais grileiros.

entre as propriedades, abrindo frestas por onde se imiscuiu o fio da trama. Iniciou-se, daí, pleito interminável, em que, sem embargo de não possuírem direito e ser mais que irregular a constituição da empresa, conseguiram os gatunos apoderarem-se de milhares de metros quadrados de terreno. A maneira como foi urdido o golpe, a audácia e habilidade com que foi aplicado, tocam as raias da perfeição<sup>(26)</sup>. É verdade que a boa fé e ignorância de muitos elementos do poder judiciário os auxiliou, mesmo assim, permanece o mérito da patifaria e vemos em 1954, no sítio mais antigo e continuamente explorado das capitâneas meridionais, onde em fins do século 18 jamais houve um palmo de terra sem dono, repetir-se o que sucedia nas vizinhanças do Rio de Janeiro no tempo de D. João VI!

Voltando agora à expedição onde figurava Ender, descreviam os teutos depois de florestas, a paisagem que se lhes oferecia à vista nas proximidades da capital: *“Os morros não muito altos da aldeia de Escada são as últimas ramificações da Serra do Mar. Uma pequena série de outeiros liga neste ponto as primeiras elevações desta serra com a Mantiqueira. A vegetação é rica e pujante, a reunir as formas das selvas montanhosas às mais graciosas dos campos e brejos, Grandes Plumérias, Echites e outras apocináceas de rica floração, brilhantes Hamélias e Rhéxias de alto tronco, a ostentar magníficas flôres roxas, tornam a região um conto de fadas”*. Exaltava-se a imaginação de alemães, habituados à natureza que inspirava um Kolbe ou Waldmueller e presenciavam outro completamente diverso, em regiões desconhecidas a botânicos. Mais adiante mudava novamente o quadro, cuja austera melancolia lembrou mais tarde a Anatole France semelhança com recantos da Escócia, assim como a outros recordava arredores de Roma.

No último dia de 1817, depois de ultrapassarem *“uma bonita fazendola chamada Case Pintade (sic)”*, distante três léguas de S. Paulo, deparou-se-lhes do alto da colina de N. S. da Penha a cidade que demandavam. Afigurava-se imponente<sup>(27)</sup>, vista de longe, construída sôbre colinas além da várzea onde serpenteavam riachos prateados. Na direção em

---

(26) Ainda há pouco perdeu o calamitoso causídico antigo prefeito da capital, que defendia conhecido pomicultor, os prazos estatuídos por lei, de sorte a cair a antiga chácara Marengo nas mãos de certo Banco fictício. Este já a retalhou e auferiu milhões na fraudulenta venda de terrenos do sítio da Califórnia, sita na 4.<sup>a</sup> Parada da antiga E. de F. Inglesa.

(27) Pallière diz o mesmo provavelmente pelo fato de se agigantarem as igrejas junto de casario rasteiro.

que estavam, destacava-se a mole constituída pelo antigo colégio dos jesuítas, adaptado depois do confisco de 1759 para sede do govêrno da capitania. O convento estava junto da igreja cuja tórre aparecia entre a dos carmelitas e as de outros templos. Em tórno se esparramava o casario da vila elevada a capital desde 1712. Ender, que pouco antes desenhara vistas da Penha, iniciou a reprodução do aspeto das ruas e praças delimitadas pelos vales de Tamanduateí, Tietê e Anhangabaú. O seu chefe e cronista da viagem, Martius, descreve os arredores de uma das mais antigas emprêsas colonizadoras portuguezas: "*Em vez do maravilhoso panorama do mar e das imponentes montanhas que ali se elevam com formas pitorescas, encontra aqui o viajante extensa vista sôbre a região, cujos alternados outeiros e vales, bosques e suaves prados viridentes, oferecem todos os encantos de amável natureza*", e conjecturava que, além do clima ameno, a beleza natural inspirasse aos paulistas gôsto por jardins públicos, "*dos quais existem diversos muito graciosos na cidade*"<sup>(28)</sup>. Se bem não conheçamos a opinião de Ender, supomos, através do interêsse demonstrado pelos repetidos desenhos, que partilhava o lisonjeiro sentir dos demais componentes da expedição. Durante o curto espaço despendido no sítio, não se cansou o pintor de anotar tudo que lhe parecia digno de menção, contagiado pelo encanto dos cientistas a respeito do clima, coisas, gentes, casas, inclusive história local, acompanhados de gabos, que tresandam, no relato de Martius, a exagêro.

O entusiasmo levou-os protestar contra a fama de egoísmo, ganância e insensibilidade atribuídos aos habitantes por autores, que não os conheceram e escreviam na esteira de Charlevoix e do seu imitador Raynal<sup>(29)</sup>. Tinham no passado procedido com rudeza no trato do indígena, mas no rolar do tempo o agreste do paulista se transformara em virtudes altamente apreciadas através do Brasil. Era tido como ativo, capaz e empreendedor — quem fala é Martius — corroborado por outros estrangeiros que estiveram entre paulistas. Saint-Hilaire acertadamente comentava que não se devia julgar mineiros pelos

---

(28) Pelo que dizem viajantes de diversa origem, parece ter havido na cidade uma certa atividade econômica por volta de 1817, em virtude do movimento militar do sul, o que viria a ser uma compensação ao desfalque produzido por essa campanha nos efetivos de produtores da capitania.

(29) Pôsto Raynal pertencesse à corrente dos "Enciclopedistas", tendo colaborado na sua história Hôlbach e Diderot, inspirava-se "*faute de mieux*" nos escritos dos jesuítas, naturalmente infensos aos habitantes de S. Paulo pelos assaltos que êstes cometeram no século 17 contra as missões. Cf. Mawe, pág. 121, 2.<sup>a</sup> ed.

habitantes do caminho do Rio a Diamantina, nem tampouco paulistas pelos indivíduos moradores em estradas onde se viam forçados a conviver “avec une foule de muletiers, de nègres, de camaradas ignorans, grossiers et vicieux, qui passent et repassent sans cesse”. Tanto mais, muitos desses indivíduos sequer seriam de S. Paulo, porquanto o grande movimento da estrada e a constante comunicação com outras capitanias, espalhavam elementos da mais variada proveniência no trajeto entre Rio e Goiás, ou S. Paulo e Rio Grande do Sul. Por sinal, o mesmo Saint-Hilaire reconhece, em outro passo de narrativa de viagem, “il faudrait bien se garder de conclure que les hommes des classes élevées fussent, à S. Paul, étrangers aux formes de la bonne compagnie; ils avaient, au contraire, des manières excellentes, et la politesse s’étendait jusqu’aux classes inférieures”<sup>(30)</sup>. Em outro passo ainda ajunta: “reina em S. Paulo melhor tom que na capital de Minas”.

Assim sendo, julgava Martius imerecidas as increpações de desconfiado e orgulhoso que muitos emprestavam aos habitantes de S. Paulo, e que o estrangeiro mais refletivo devia observar antes de juízo apressado, atento se a mal interpretada reserva não significaria tão-só seriedade equilibrada. Por essa razão, traça o ilustre bávaro magnífico retrato do hospedeiro: “Antigamente foi a capitania de S. Paulo procurada por muitos espanhóis, entre outros pelos que ali foram ter depois do insucesso da expedição do adelantado D. Pedro de Mendoza no Paraguai, assim como, mais tarde, no princípio do século XVIII, cujos vestígios ainda se notam nos nomes espanhóis das famílias. Muitos paulistas se conservaram sem mistura com índios, e são tão brancos, e mesmo mais claros, do que o colono europeu puro das capitanias do norte do Brasil”.

Continuando, estabelecia Martius a diferença entre os habitantes: “Os filhos de mestiços chamados mamelucos têm, segundo o grau de mistura, a pele côr de café, ou amarelo claro, ou quase branca”. Remanesca-lhe, todavia, inda quando bem alvos, “rosto largo, redondo, com maçãs salientes e certa incerteza no olhar”, reveladores, na opinião de Martius, da origem americana. “No mais, os traços característicos do paulista são estatura elevada, peito largo, feições fortemente acentuadas, que impressionam pela franqueza e desembaraço, olhos pardos, rara-

---

(30) O mesmo Saint-Hilaire observa que S. Paulo sob D. João VI era tão pouco conhecido, ou mal conhecido, que foram reproduzidas nos anais de viagem de La Harpe as absurdas fantasias de Correal e de Charlevoix.



mente azuis, vivazes e enérgicos, basto cabelo prêto e corredio, musculatura rija, agilidade e segurança de movimentos. Com razão se considera o paulista como o mais forte, saudável e destemido habitante do Brasil. O vigor físico com que amansa cavalos bravios e gado selvagem por meio do laço é tão maravilhoso como a facilidade com que afronta contínuos trabalhos e fadigas, fome e sêde, frio e calor, intempéries e privações”<sup>(31)</sup>.

Não se olvidou Martius de citar ditado existente a respeito, talvez ouvido na própria Piratininga: “*Na Bahia merecem elas não êles, em Pernambuco êles não elas, em S. Paulo elas e êles*”. Fôsse pela cordialidade da recepção depois de longa e incômoda viagem, ou prazer de encontrar patrícios, a cidade pareceu encantadora aos viajantes. O mesmo diziam os turistas Príncipes de Thurn und Taxis, e os Condes de Wrba e de Palfy<sup>(32)</sup> pertencentes à mais alta nobreza austríaca, chegados do Rio de Janeiro algum tempo depois do Embaixador russo Conde Pahlen e oito dias antes dos expedicionários. Tinham partido quase ao mesmo tempo, detendo-se, porém, menos pelo caminho e já estavam em vésperas de volver à côrte quando os outros apareceram. A reunião dêsses estrangeiros de escol, logo seguidos de outros na cidade então apontada como provável capital do Reino Unido sob o cetro de D. João VI, representa nada menos que o primeiro acontecimento “*turístico*” registrado entre nós. Vem de molde verberar a ingratitude dos atuais paulistanos pela maneira como esqueceram tão insignes visitantes. Debalde procuraremos na atual Paulicéia avenida ou praça importantes com o nome de Martius ou dos seus companheiros, tão amáveis para com os paulistas, e, tão generosos para a sua terra. O descaso parece ainda mais condenável em confronto com desmedidas homenagens prestadas a indivíduos de pouca significação para a cidade, como a de um prefeito cretino, que deu à principal praça do centro de S. Paulo o nome de jurista secundário, em vez de aproveitar a oportunidade para reverenciar condignamente o Marquês de S. Vicente, ou, nome maior ainda, Alexandre de Gusmão!

---

(31) Do mesmo foi realizado por autor moderno retrato segundo velha tradição oral remanescida na Bahia, aproveitada por Afrânio Peixoto num dos seus romances. Episódios semelhantes ocorreram em tôda parte onde estêve o mameluco paulista em suas audanças pelos sertões do Brasil.

(32) Ainda reboava em Viena o rumor provocado pela estroinice do Conde Palfy, que perdera no jôgo o seu palácio e os móveis modernos, ou seja, naquele momento, em estilo Império francês.

---

## SÃO PAULO NOS ALVORES DA INDEPENDÊNCIA

*base militar das operações no Sul*

*(Arquivo Colonial de Lisboa.)*

**G**OVERNAVA a capitania o triunvirato previsto pelas Vias de Sucessão, quando chegaram os austro-alemães. Assim se designava desde os primórdios expansionistas lusos, a junta composta dos que deviam suceder em caso de acidente ou impedimento, ao comandante de nau, esquadra, fortaleza, presídio ou vice-reinado. No intervalo entre a partida do Conde da Palma, escolhido para governador da Bahia e a vinda a S. Paulo do seu sucessor Oeynhausien Graevenburg — nome de agradável assonância a ouvidos germânicos — assumira o poder triunvirato composto, como de praxe, dos personagens mais graduados civis, eclesiásticos e militares da capitania. Presidia-o o Bispo D. Mateus de Abreu Pereira, amável ancião, que estudara em França e transitara por altos postos da hierarquia eclesiástica antes de governar a diocese paulopolitana, onde se encontrava havia vinte anos<sup>(33)</sup>.

Foi quem recebeu os visitantes com o acêrto e dignidade que era de esperar. Provavelmente muito contribuiu D. Mateus à boa impressão causada aos hóspedes acêrca de S. Paulo e dos paulistas. Graças ao seu procedimento, os defeitos da capitania esmaeciam, e simultâneamente as qualidades ascendiam a níveis inesperados. No dizer dos indulgentes turistas,

---

(33) Os outros componentes da junta eram o Ouvidor D. Nuno Eugênio de Locio e Seilbiz, segundo êle se assinava, que os austríacos escreviam Sheibig, e o Intendente da Marinha Miguel José de Oliveira Pinto.

S. Paulo pela sua ordem, asseio e graça se assemelhava no Brasil — guardadas as proporções — às pequenas capitais da Europa, ou mais pròpriamente germânicas, de poucos milhares de almas, sede de algum ducado ou arcebispado, onde a vida decorria tranqüila para os habitantes entre os roseirais e as tílias de bem tratados jardins. No momento, em S. Paulo, falava-se de uma escola de Direito a ser instalada no claustro franciscano, conjuntamente com outra no Recife, a fim de os jovens brasileiros prescindirem de cursar além-oceano a universidade de Coimbra<sup>(34)</sup>. Longe ainda estava S. Paulo e sequer era possível prever o surto de café, que faria convergir tôda a malquerença do resto do país sôbre a privilegiada região. Não passara a milagrosa cultura das proximidades do Rio de Janeiro, de sorte que a nova casa de ensino daria à sonolenta Paulicéia no máximo ares de sisuda Heidelberg, contra parecer de José da Silva Lisboa, que julgava S. Paulo prejudicado pelo acesso difícil por Santos e custoso pelo Rio.

Repararam os viajantes, no trajeto para a cidade, minguar a proporção de sangue africano nas baixas camadas populares e aumentar a de índio à medida que dela se aproximavam. Era procedente a observação, pois o elemento negro era indício de adiantamento econômico em tôda parte onde se registraram surtos de atividade agrícola ou extrativa, ao passo que no interior do Brasil, afora a capitania de Minas, a maioria da população era composta de mestiços de português e de índio<sup>(35)</sup>. Notaram igualmente, apesar da inclinação a tudo louvar, a insignificância da arquitetura da cidade, muito inferior ao aspecto da Bahia ou de Pernambuco. Neste ponto viam-se os paulistas mergulhados numa austeridade vizinha de indigência.

A despeito da singeleza de linhas e de ornatos do casario, nêle transparecia a origem luso-colonial com a mesma nitidez de regiões litorâneas. Continuavam em algumas janelas e sacadas as rótulas em parte abolidas no Rio. Ocorriam, porém, de permeio algumas diferenças. Os monumentais telhados de telha côncava das casas não demonstravam tanta influência

---

(34) Propalou-se que fôra o bairrismo de José Bonifácio o autor da escolha de S. Paulo. Em verdade já no ano de 1808 cogitava-se da fundação e do sítio. V. *Relação das Festas*, Lisboa 1810.

(35) Saint-Hilaire reproduz estatísticas de 1824 que dão para Goiás um branco para cinco habitantes de côr, em Minas um pouco menos de um para três, com pequena diferença na zona aurífera de Mariana. Em S. Paulo a proporção de brancos era muito mais elevada.

oriental como os da côrte, os de Santos ou de algumas das cidades do percurso entre as duas capitais. Em grandes e pequenos ediffícios, não se viam manifestações semelhantes às do teatro S. João do largo do Rocio na urbe carioca, tal como mostra a aguarela de Ender, nem nas fachadas das chácaras do comêço do Brás — a do Ferrão ou da Figueira — lobrigava-se coisa parecida com as de Mata-Porcos ou Mata-Cavalos. As construções paulistas exibiam sem graça enormes massas de soturno telhado, escurecido pela idade, tão volumoso como o restante da fábrica, que, destarte, se dividia em duas partes iguais, metade muros, metade coberta. As proporções, ou melhor, desproporções, chegavam ao máximo no sistema de construção, para o telhado abranger econômicamente, sem solução de continuidade nem variantes, alpendres, puxados, átrios, e o que mais houvesse, com uma só água mestra. Igualmente nas fachadas ocorriam menos ornatos, privadas de enfeites com sabor barroco, comum nas cidades do litoral, constituído por sobrecargas de estuque, molduras ou quinas de pedra aparada. Sòmente as igrejas paulistanas apresentavam êste refôrço de solidez e aformoseamento, de todo falto nas construções particulares, monótonas pela insipidez de paredes lisas, branqueadas com cal ou tabatinga nas melhores, sob beiral saliente para proteção dos muros de taipa.

O ornamento de maior valia nas casas mais importantes ficava reduzido à sacada, ou pequena saliência em forma de balcão, assente em moldura convexa de madeira, sôbre a qual repousava ligeira grade de ferro de estilo Regency inglês, com pinhas nos cantos, substituta da antiga de madeira com ressaibo oriental macauense, ou muxarabi árabe, recebido através de influxo hispânico. Havia também balcões mais salientes sustentados por barrotes ou “cães” semelhantes aos que suportavam as rótulas e beira de telhados. Nas mais velhas casas do século 17 e princípios do 18, ainda numerosas quando os austro-alemães chegaram, reinava a mesma monotonia das fachadas, como podemos ver no panorama de S. Paulo de Pallière e nas vistas de seus bairros por Ender e Debret. Nos sobrados abre-se às vêzes sôtão ou “trapeira” portuguesa, com janelas e balcões, a fim de aproveitar o vasto espaço disponível sob o telhado. Numa das mais antigas residências da cidade, outrora pertencente ao autor do *Divertimento Admirável*, depois à família Gavião Peixoto e finalmente à Marquesa

de Santos, hoje Companhia do Gás, o teto do salão nobre era apainelado em estilo “*gamela*” seiscentista, como nos antigos solares lusitanos.

É mais que provável tivesse sido Ender convenientemente aboletado na Paulicéia graças às recomendações trazidas pelos expedicionários. De outro modo ser-lhe-ia difícil conseguir pouso aceitável, porquanto as melhores estalagens nem sempre podiam receber forasteiros, que se viam reduzidos a naufragar nos rudimentares pousos do indivíduo chamado Bexiga, no largo do Piques, espécie de rústico caravançara para uso de tropeiros. Livre da calamidade, pôde o vienense sem mais preocupações, tomar vistas e apontamentos da cidade, incansável como no Rio de Janeiro, cedo despertado para o trabalho, que se prolongava até à noite, a dizer como conseguiu em poucas horas reunir tantos aspectos paulistanos. Através dêsses apontamentos percebemos o quanto devia ser pitoresca a S. Paulo da época, com os seus enormes conventos junto ao casario do “*triângulo*”, o respectivo cruzeiro à frente e as fachadas laterais debruçadas sôbre várzeas que se prolongavam até a morraria azul do horizonte. Os maiores eram o de S. Francisco, do Carmo e de S. Bento, aos quais se juntava o antigo colégio dos jesuítas, de “*bom estilo*”, diziam os viajantes, a ocupar considerável área no coração, urbano. Estava, porém, o velho reduto inacino em ruínas, assim como a residência do Bispo na rua do Carmo, impròpriamente denominada Palácio Episcopal.

A vista do claustro de S. Bento é particularmente curiosa, tomada a esquerda do edifício, abrangendo a paisagem de uma das pontes sôbre o talvegue do Anhangabaú. Não menos interessante é, no pincel de Ender, o Convento do Carmo visto do *Pulver Magazin*, como escreve o pintor, atual largo da Pólvora, nome que vem a ser o último vestígio do paiol outrora isolado do casario com que se comunicava pelo irregular caminho sôbre o espigão, hoje rua da Liberdade. Há na mesma série do desenhista outra paisagem do Carmo, visto do Palácio do Governô, que nos mostra o lado direito do edifício e uma nesga do Tamanduateí com as inundações que provocava. Outra vista dá a parte fronteira onde aparecem as duas igrejas justapostas — a dos religiosos e a da Ordem Terceira — continuadas pelo convento carmelitano até o íngreme limite da colina. Situava-se o conjunto ao lado da atual Secretaria da Fazenda, a cavaleiro da Avenida Rangel Pestana, no campo

do bairro do Brás. No fundo percebe-se a casa-grande de uma chácara, talvez a do Coronel Francisco Alves Ferreira do Amaral. Quer o historiador Aureliano Leite, que o terreiro baldio na esquina da ladeira, no canto oposto ao convento, visto por Ender do Carmo em direção ao Colégio, marcasse o lugar da antiga residência do nosso antepassado o patriarca Amador Bueno da Veiga. Na colina as enxurradas lavram sulcos onde, segundo Mawe, os meninos da vizinhança recolhiam pepitas de ouro depois das cordas torrenciais do verão. Do interior do claustro, traçou Ender de uma das janelas do primeiro andar o panorama do centro da cidade, o colégio dos jesuítas no primeiro plano e no fundo a várzea do Carmo, até as distantes colinas da Penha e de Sant'Ana.

Delineavam os apontamentos do artista o perímetro do espigão onde nascera a Paulicéia. Desde princípios do século 17 traçavam os caminhos entre os claustros o triângulo ocupado pelas residências melhores e comércio local. Servia também de comunicação para quem se dirigisse do Tamanduaí ao Anhangabaú, e vice-versa nos dias úteis, e de trajeto às procissões nos festivos, quase tão numerosos como os de trabalho. Daí, a extraordinária importância daquele pequeno espaço na vida dos habitantes, causa do excessivo preço do terreno, fenômeno econômico não só mantido através dos tempos, como ainda agravado no século 20, quando chegou em proporção a superar o do centro de Nova York. Ainda alcançamos a hegemonia absoluta daquele acanhado tabuleiro na existência do paulista, com intensidade de que as modernas gerações terão apenas vaga idéia. Durante muito tempo, na gíria paulistana, a colina central era a “cidade” e o “triângulo” o seu coração, cérebro e estômago, pois ali se concentravam governo, livrarias, escolas, repartições públicas, armazéns e bancos.

Numa casa dêsse triângulo — que supomos pertencer a convento ou habitação do Bispo, porém, mais provavelmente ao primeiro — desenhou Ender o *Wohnzimmer* que anotou. Muito se parece com os da Ordem Terceira do Carmo, que visitamos pouco antes da sua inútil e criminosa demolição. Lembramos ter visto os mesmos curiosos poiais, ou sedes, de cada lado de suas janelas, cavados na espessura dos muros como se costumava fazer no tempo das rótulas. Vemos o recorte em forma de degrau, chamado em linguagem familiar “*conversadeira*”, de cada lado do vasto panorama descortinado pela abertura, tal qual se alcançava do edifício carmelitano

no período anterior aos arranha-céus, atual praga das cidades brasileiras pela falta de critério urbanístico na sua localização. Os demais pormenores do aposento não permitem maiores verificações sobre a sua identidade, de tão comuns na época e lugar. Num canto ocorre cadeiral semelhante ao destinado ao abade em reuniões capitulares, ou para o bispo quando porventura visitasse conventos. O fôrro da sala era como de costume de saia e camisa, portas iguais às de todos os edifícios de melhor construção, e soalho de largas tábuas de peroba. Mas o que importa no desenho é a reprodução de interiores antigos, indubitavelmente do século 18, tal no Rio de Janeiro o aposento do Barão de Huegel na Embaixada de von Elz, com que jamais se preocuparam os outros europeus de passagem entre nós.

Não se reduziu, porém, somente às casas ou aposentos particulares o aspecto de rústica simplicidade. Tampouco, edifícios públicos, particularmente igrejas, sem embargo de serem algumas bastante amplas e enfeitadas, foram distinguidas pelos austro-alemães. É possível que se referissem à parte decorativa de pintura e de escultura, forçosamente inferior aos olhos de quem mantinha na retina as suntuosidades barrôcas de Viena, Dresden ou Salzburg. Ainda se lembrava Ender do mausoléu de Maria Teresa no convento dos capuchinhos; a imagem esculpida da grande Imperatriz ao lado do espôso, entre brasões, panóplias bélicas, parcas desoladas e querubins com trombetas da fama. Quer-nos parecer, porém, seria a singeleza dos templos piratininganos preferível aos excessos do rebuscado barroco germânico degenerado em rococó. A linha dos móveis e ornatos empregados nos séculos 18 e 19 no Brasil meridional, é muito mais pura na sua simplificação do holandês, francês e inglês, que a orgia de conchas, arabescos, folhas de acanto e "*rocailles*" dos móveis, paredes, tetos e soalhos dos palácios austro-alemães. Na Hofburg ou no Belvedere, registrava-se superfetação enjoativa de ornatos borromínicos, a ponto de torná-los reprováveis. Reforça nossa impressão o louvável equilíbrio, que inversamente possuem as grades, balaústres, frisos, púlpitos, etc., do antigo convento do Carmo, transferido para a nova igreja da rua Martiniano de Carvalho. Na parte externa do velho edifício demolido, também preferimos a nudez colonial às saliências, reentrâncias, colunas salomônicas sobre largas pilastras, portas, molduras, caixilhos sinuosos, grinaldas floridas, laços, nós, cornijas monumentais, platibandas, balaústres, vasos, estátuas, taças, tochas

e tamboladeiras, encanto de príncipes alemães persuadidos de que se sobrepunham à côrte da França, quando multiplicavam por dez nos enfeites de seus palácios, o que se contava por um em Versalhes!

Da colina central onde desenhou o berço da cidade, passou Ender ao vale do Anhangabaú pela ladeira de Santo Amaro, início do caminho de Santos. No fim da ladeira havia enorme pouso de tropeiros, caboclos, prêtos e mulatos entre a fonte do Piques e pastos para mulas. Ali confluíam tropas e viajantes de todo Brasil, da Bahia, Minas, Goiás, Mato Grosso, capitania de S. Pedro e mais longe ainda, da Banda Oriental. Do centro do aranhol feito "Marco Zero", partiam estradas em várias direções para alcançar os confins da Amazônia e domínios de Castela. Os transeuntes, isolados ou em tropas, na falta de viadutos, tinham de se valer das estreitas pontes sôbre os riachos dos fundos dos vales, entre chácaras e quintais divididos por muros de terra, como descreve Ender numa vista de S. Bento. Uma delas era a ponte do Lorena, assim chamada porque fôra construída no tempo daquele governador. Dava acesso ao caminho de Jundiáí, sôbre o córrego do Anhangabaú, o qual depois de contornar o mosteiro dos beneditinos, cuja horta regava, ia atirar-se no Tamanduateí, na várzea do Carmo. As casas, daí por diante, a não ser uma ou outra exceção, eram pequenas, desprovidas de revestimento, a exhibir muros de terra socada pardacenta, com furos de cavodás à mostra e marcas dos moldes em que tinham sido levantados.

Dizia-se na época que o processo, semelhante ao usado no sul da Europa, fôra divulgado pelos padres da Companhia de Jesus, conforme assevera um francês: "*Les jesuites ont introduit à Saint Paul la construction qu'on appelle Pisé; il s'y conserve très bien*". Luccok a êle se refere como peculiar a S. Paulo, e Mawe alude também ao processo encontrado entre paulistas, descrevendo-o pormenorizadamente<sup>(36)</sup>. As aguare-

---

(36) "*The mode of erecting the walls is as follows: a frame is constructed of six movable planks placed edge-wise, opposite each other, and secured this position by cross pieces bolted with movable pins. Earth is put in by small quantities, which the workmen beat with ramers, and occasionally moisten by water to give it consistency. Having filled the frame or through, they remove it and continue the same operation till the all shell of the house is completed, taking care to leave vacancies, and put in the window-frames, door-frames, and beams as they proceed. The mass, in course of time, becomes indurated, the walls are pared perfectly smooth inside, and take any color the owner chooses to give them; they are generally enriched with very ingenious devices. This species of structure is durable; I have seen some houses thus built that have lasted two hundred years, and most of them have several stories. The roofs are made to project two or three feet beyond the wall, in order*



las de Ender, Pallière e Debret, reproduzem a côr das casas, entre claro das habitações caiadas e terroso dos paióis, armazéns ou choças de proletários cobertas por escuro telhado. O aspecto das cidades paulistas seria, portanto, bem diverso na forma e matiz das do litoral, assim como estas diferiam das vilas e aldeias da metrópole<sup>(37)</sup>.

No interior das casas os estrangeiros louvavam com impressionante unanimidade o asseio e a ordem reinantes. A continuidade de gabos, partindo de franceses, inglêses ou austro-alemães, lembra a "*esquise propreté*" a que alude a Marquesa de la Tour de Pin nas suas reminiscências dos Estados Unidos, quando lá estêve fugida do Terror. Pintadas de claro as residências de burgueses denunciavam certo gôsto, percebido por Saint-Hilaire<sup>(38)</sup>. Escreve o sábio ter apreciado as residências dos moradores ricos de S. Paulo tanto no aspecto exterior como no interior. Em tôda parte fôra recebido em sala limpa e mobiliada com relativo gôsto. Nas antigas havia nas paredes ornatos com arabescos da época barrôca; as modernas melhoravam, ostentando uma côr só, com frisos e lambris inspirados pelos papéis murais das fábricas francesas. Ostentavam tam-

---

*to throw off the rain to a distance from the base; spouts might be a more effectual preservative against wet, but their use is little know here. They cover their houses with gutter-tiles, but though the country affords excellent clay and plenty of wood, very few bricks are burnt*". A descrição, merece ser reproduzida apesar de extensa, porquanto dá bem idéia da diferença da matéria-prima e processos construtivos jesuíticos da capitania com os das cidades do litoral, particularmente do Rio de Janeiro. Do ensino inciano remanesceu tradição técnica entre os construtores locais em que cada qual acrescentava processos pessoais e mantinha segredos principalmente quanto aos aglutinantes juntados ao barro, capins e sangue de animais, usados até há pouco tempo entre nós.

(37) Pallière de comêço criticou o aspecto da cidade vista de longe, em que pareciam enormes os conventos. Depois mudou o juízo, como é comum em viajantes: "*Je dirai donc que St. Paul est une des villes du Brésil des plus agréables et des plus gales comme situation. Presque toutes les maisons ont deux étages et quoique de taipa elles sont assez bien conservées. La Comune a donné au peuple le quartier neuf, qui ferait à lui seul une superbe ville. Les rues sont toutes tirées au cordon, et l'emplacement est fort beau, mais il n'y a que les murs de clôture. Dans cet endroit (Campo dos Curros?) la ville fit faire un Cirque en honneur du Prince D. Pedro, qui est vraiment digne des monuments élevés dans les temps de la Révolution Française. Il est vrai que j'y ai trouvé quelque rapport avec celui de Rio de Janeiro, dont le plan est de Mr. Grandjean*". A cidade de Santos lhe pareceu muito mais importante comercialmente, mas tinha aspoeto descuridado que a capital não apresentava. As vistas da colina central da Paulicéia de Pallière ilustram o seu comentário, "*St. Paul au contraire, qui n'est bâti qu'en terre comme je l'ai déjà dit, paraît tout neuf, s'accroît tous les jours, et n'est cependant que le second entrepost de Santos*". *Diário Intimo*, cit.

(38) "*On y voit un grand nombre de jolies maisons (...) et l'on a point à chaque pas comme à Minas Gerais les regards affligés par l'aspect de l'abandon et des ruines*". — *Voyage de St. Paul*, I. Pelo que dizem St. Hilaire e outros viajantes, parece ter havido na região paulista certa atividade econômica por volta de 1817, em virtude de movimentos militares no Sul e vinda da côrte para o Rio de Janeiro, compensadora de certo modo dos prejuízos causados pelo recrutamento.

bém estampa, que Saint-Hilaire julgava “*demodées*”, refugio das lojas de novidades parisienses. Aqui, todavia, discordamos do viajante, pois as que no momento estavam em moda pertenciam a estilo muito inferior ao do período precedente, a caminho da vulgar litografia industrializada, ao passo que o tal “*refugo*” consistia de estampas em pontilhado, impressas a côres, retocadas a pincel, assim como delicadas águas-tintas e *mezzo-tintas* hoje apreciadíssimas pelos seus inúmeros colecionadores.

Lembramos, a propósito, ter visto em nossa infância em casa de parentes idosos, gravuras do século 18, em mor parte inglesas, atiradas em porões onde apodreciam, envôltas no mesmo desprezo que o botânico professava por Huet, Debucourt, Janinet e outros gravadores, que os precederam e atualmente alcançam fortunas em leilões internacionais. A moda é sempre tirânica e versátil, empenhada em destruir o que adorou na véspera, com ação até sobre espíritos ponderados como o de Saint-Hilaire. Indubitavelmente deviam ressentir-se, os interiores residenciais da capitania, das dificuldades de importar objetos de luxo. Ocorre perguntar no caso se não seria um bem? Martius corrobora os dizeres de seus contemporâneos, afirmando que ainda não se desenvolvera entre os paulistas o gosto pelo luxo europeu, que os maranhenses, baianos ou pernambucanos procuravam estadear<sup>(39)</sup>. No dizer do sábio, êsses habitantes do litoral enchiam no momento as suas casas de objetos fabricados em série na França e na Inglaterra, países em plena industrialização da arte decorativa. Pesados móveis Regency, louça pó-de-pedra e desgraciosas lâmpadas Carcel, compunham o melhor do sortimento importado pelos mercados litorâneos em contato direto com os fornecedores. Preferia Martius o “*leve mobiliário americano e espelhos franceses*” vistos no Rio, às cadeiras de épocas idas que então predominavam na Paulicéia, mas êsses elementos desprezados, também hoje se tornaram objeto da paixão de colecionadores, como os atuais fanáticos do estilo do século 18 capitaneados por Octalles

---

(39) Ed. Gallés menciona no seu livro “*Le Brésil*” a preferência dos pernambucanos, mais “*preocupados com o brilho das fazendas*” oferecidas nos diversos mercados pelos franceses, “*do que com a qualidade*”. Apreciavam os habitantes das capitâneas no Nordeste as côres branco, preto, azul-celeste, rosa-vivo e verde. Já no Rio de Janeiro, de cujo mercado dependia o comércio paulista, havia diferentes exigências devendo o brilho da mercadoria ser acompanhado de qualidade, pois, ali, “*o bom deve acompanhar o belo*”.

Marcondes. Refere-se ainda o bávaro a espelhos de Nuremberg, nos quais os alemães *“imaginavam reconhecer um compatriota”* a milhares de léguas da velha Alemanha. Quanto aos tais móveis americanos, lavrava confusão no visitante, explicável pela semelhança do estilo Duncan Phyfe com Sheraton ou Hepplewhite londrinos importados pelos movelheiros. Concluía Martius que os paulistas mais se preocupavam do asseio e comodidade da casa, que de elegância e suntuosidade, orientação muito aceita pelo sábio renano, porquanto os seus compatriotas geralmente também assim pensavam na Europa na disposição de seus lares.

---

## HOSPEDAGEM E HOSPEDEIROS

*“Os habitantes pelo aspecto físico lembravam europeus, orientais, e, mesmo, antigos americanos”.*

(Viajantes no comêço do século 19)

CALCULAVA-SE naquela altura a população da cidade em pouco menos de 30.000 almas, das quais a metade era de brancos. No total das três comarcas da capitania em 1811, a saber: S. Paulo, Itú e Paraná, o número de habitantes de todos os matizes chegava a 200.000. Para a instrução da mocidade, dispunham os paulistas de alguns estabelecimentos de ensino que se esforçavam por substituir os jesuítas saudosamente lembrados. Não o conseguiam, como é óbvio dizer, porquanto a Companhia de Jesus, na sua prodigiosa obra pedagógica, não só ministrava a melhor instrução, como moldava caracteres úteis à coletividade. O saber tornava-se, destarte, complemento daquilo que a educação moral e espiritual eram base. No gênero, nada se conseguira de mais perfeito, motivo de ainda hoje haver marcas suas no ensino superior francês, assim como no *Erziehungskunzt* que nimbou de glória militar as armas prussianas<sup>(40)</sup> Na antiga sede dos padres banidos por D. José I, via-se o colégio e seminário em que se preparavam futuros eclesiásticos, missão relevante na vigência da união entre o Estado e a Igreja. Era válido o casamento religioso, devendo os clérigos juntar a esta função a de dirigentes da política, resumida de modo geral à boa gerência dos negócios locais, apoio ao regime e em caso de guerra manter o ânimo da população.

---

(40) Leopold von Wiese. “Kindheit”, Hannover 1924.

Redimia-se nessas ocasiões o clero regular de origem ibérica, às vêzes passível de censura em tempos de paz, pelo ardente patriotismo que professava e sabia comunicar durante as hostilidades ao rebanho. Não fazia muito, tinham sofrido os franceses dura experiência no correr da invasão da Península, em que viram a cleresia levantar-se como um só homem e arrastar atrás de si populações desvairadas de ódio contra o invasor.

Este aspecto preponderante, na existência de outrora, assume sob D. João VI considerável importância. Na luta contra marechais de Napoleão, enalteciam Wellington e Beresford o moral das tropas portuguesas, assim como o da população civil, sustentado em grande parte graças à influência do clero. Na guerra peninsular a inquebrantável resistência do homem ibérico contra inimigo incomparavelmente mais forte, procedia em mor parte do horror professado pela população aos adversários da monarquia de direito divino e da religião. O sentimento era unânime, comum a civis e militares, homens e mulheres, ricos e pobres, moradores dos campos e das cidades. Basta ver a diferença da atitude das tropas portuguesas e espanholas na *Guerra de los Naranjos* e logo a seguir a tenacidade que os mesmos soldados — sem entusiasmo nem espírito combativo segundo descreve Rochechouart na primeira campanha — demonstraram na luta para expulsar do solo pátrio o inimigo abominado. Entretanto, havia, entre os que se julgavam esclarecidos nas Espanhas, certa simpatia pelos militares saídos da Grande Revolução, considerados disseminadores de princípios liberais. O movimento contra êles, por conseguinte, partia em grande parte do clero por motivos religiosos, na conjuntura, vazado com amor pátrio.

A respeito da instrução em S. Paulo, foram os alemães agradavelmente surpreendidos pelo lente substituto de filosofia do colégio local, o padre Antônio Ildefonso Ferreira, émulo de Santa Úrsula Rodovalho, bom orador e cultor do sistema filosófico de Kant. Não esconde Martius a satisfação de ouvir no solo da América "*palavras e conceitos da escola alemã*", inferindo, daí, espalhar-se no Brasil, não apenas conhecimentos "*chamados práticos*", como também especulações abstratas alemãs de alta transcendência. Na cidade havia, segundo o sábio bávaro, duas bibliotecas à disposição do público; a do convento dos carmelitas e a do venerável Bispo, o qual mostrou com evidente prazer as obras sôbre história, teologia e clássicos que

possuía e muito valiam aos estudantes do seminário. Existiam mais duas que Martius deixou de mencionar: a de S. Bento, cujas janelas nos desenhos de Ender davam para a várzea do Tamandateí, e a de S. Francisco, que veio a ser o núcleo da biblioteca da futura Faculdade de Direito de S. Paulo. O acervo de que dispunham permitia a mestres e alunos de humanidades manter nível regular de estudos, dentro do espírito do tempo, sítio, e antecedentes representados pela poliantéia realizada quase meio século antes no govêrno de Luís Antônio de Sousa<sup>(41)</sup>.

Pelo que dizem viajantes do princípio do século 19, mantinha-se interêsse pelos clássicos inda depois da expulsão dos jesuítas, a demonstrar quão profunda fôra a ação dos padres da Companhia de Jesus. Por mais se esforçasse o seu maior inimigo, o Marquês de Pombal, por erradicar tôda e qualquer influência dos antigos educadores, intentando reformas do ensino, ela continuava intacta até nos encarregados do expurgo. Exemplos como os de Santa Rita Durão e Basílio da Gama são eloqüentes, em que vemos pupilos dos jesuítas combatê-los por ordem do govêrno com as armas forjadas e a êles galardoadas pelo ensino dos mestres. É curioso verificar, se bem de passagem, a percepção dêsses fenômenos em S. Paulo por parte de Martius. A invulgar instrução de que dispunha lhe permitia captar manifestações pedagógicas, inda quando pouco aparentes a pessoas razoavelmente cultas, tais como a substituição das teorias de Brucker pelas divulgadas por autores de maior nomeada através das traduções de Viller. No momento os pais de família brasileiros relutavam em mandar os filhos à universidade de Coimbra por considerá-la atrasada e foco de maus costumes.

Em cidade tão pequena e distante do mundo exterior, como a capital paulista, forçosamente faltavam divertimentos. Queixavam-se os viajantes da dificuldade de comunicações com o pôrto de Santos, que reduzia S. Paulo a mero depósito de mercadorias européias e escoadouro das locais, inferior em importância social a Itu, grande centro agrícola habitado por fazendeiros e senhores de engenho. Habitualmente os poucos moradores ricos ou providos de funções públicas do sítio, passavam o tempo entretidos em cartas ou gamão, no intervalo de alguma tertúlia quase sempre de caráter familiar, alegrada

---

(41) *Relação das Festas... em louvor de N. Sra. de Sant'Anna*, S. Paulo, 1770, manuscrito inédito.

por música composta de modinhas portuguesas e brasileiras acompanhadas por viola. Martius preferiu as segundas, de que traz amostras no suplemento do álbum de viagens. Gaba também a graça das cantoras paulistas, enlevado pela reunião musical onde os alemães compareceram levados pelo capitão sueco Dankwart (42), oportunidade rara para forasteiros se aproximarem do elemento feminino. Julgou Martius muito favoravelmente as damas que avistou, alegres e simples, bem diversas das demais que êle vislumbrara no Brasil, sob influxo ibérico que as obrigava a atitudes de boneco imóvel, afogado em roupas, xales ou mantilhas, segundo costume oriental, que apenas deixavam entrever parte do rosto e a ponta dos pés.

Os festejos públicos consistiam principalmente em cerimônias religiosas, tão amudadas quanto apreciadas. As procissões diferiam das do Rio pelo recolhimento da assistência em que figuravam habitantes de muitas léguas distantes. O elemento feminino comparecia em pêso às janelas ornadas com colgaduras, a um tempo enfeite tradicional das fachadas e realce para *toilettes* de gala. Os habitantes abastados concluíam o dia com recepções em que ofereciam chá, guaraná, jogos e danças. Havia também touradas no Campo dos Curros, hoje praça da República, que os cientistas presenciavam à tarde antes do teatro.

A sala de espetáculo situava-se perto do Palácio do Governô, numa casa de modesta aparência, pintada de vermelho com janelões prêtos. O interior era mais agradavelmente disposto, graças a belo lustre de cristal ao centro e numerosos candieiros entre cada camarote. Davam-se aí entremezes ao gôsto português e traduções de originaes franceses, perfeitamente irreconhecíveis de tão deturpados, tal como hoje acontece no nosso atual Teatro de Comédia. Os intérpretes eram compostos de mestiços de vários matizes, da mesma casta dos mo-finos toureiros dos Curros, recrutados, segundo costume provinciano luso, entre os artífices da população, e as mulheres na

---

(42) Segundo Pallière, êste personagem, ao qual fôra recomendado, era festejadíssimo dançarino e organizador de alegres reuniões. Era o "*bout en train*" local, também participante dos movimentos políticos que culminaram na Independência de 1822. A propósito, escreve Pallière no passo em que descreve a sua chegada a Santos, "*Mr. Dankwart ne voulut point que nous rentrions sans avoir vu les grands (personnages) de la ville, surtout ceux qui avaient comme lui contribué au salut de leurs compatriotes dans l'insurrection des troupes de Santos, nous fumes donc au palais du Gouverneur qui est Mr. X, j'ai oublié le nom et qui me reçut d'une manière distinguée*". O seu compatriota Gustaf Beyer grafa-lhe repetidas vêzes o nome Dankwardt. "*Resa*", Estocolmo, 1814.

numerosa coorte "*des femmes publiques*" locais, diz Saint-Hilaire, o qual acrescentava, ser justiça reconhecer "*apresentarem-se muitos, providos de autêntica intuição artística*".

O teatro era reflexo da educação colonial, conservadora de tôdas as velhas tradições em uso no reino desde as academias literárias do tempo de D. João V e D. José I. Manifestava-se nos poemas, escritos gratulatórios e discursos comemorativos, não raro acompanhados de elogios rimados, ditos em banquetes ou nos intervalos de representações teatrais, "*pleins de cette emphase qu'on trouve dans les épitres dedicatoires écrites du temps de Louis XIII, et dont les Portugais*", afiança Saint-Hilaire, "*ne sentaient pas encore tout le ridicule*". Releva notar o acêrto da observação há mais de um século, pois o boleio barroco dos clássicos ainda persiste com sabor conventual nos autores que se preocupam com purismo, tal qual no tempo em que os conventos representavam a nata da intelectualidade. Vamos encontrá-lo onipresente no maior gramático, tribuno e advogado brasileiro do nosso tempo, não como recurso destinado a provocar contraste ou ironia, mas fonte contínua de inspiração, com os mesmos tropos barrocos e ranço eclesiástico. O que impressionou Anatole France quando saudado por Rui Barbosa, mais que o fraco francês da oração, foi o bafio a homília que tresandava. Este vêzo não se dissipou e torna a aparecer na oratória da mor parte da geração do causídico e nas seguintes, embora de quando em quando, surjam exceções em eruditos louvavelmente estranhos à maioria da época, cuja originalidade intervém no caso tal sumo de limão em doces demasiadamente açucarados.

No princípio do século 18 prezava-se o teatro na sociedade colonial, conquanto antolhada por preconceitos religiosos, sem ânimo em demonstrar a predileção, antes à procura de esconder a "*pecaminosa*" tendência. Considerado indigno de pessoas de bem, gorou a tentativa de dotar, próximo ao século 19, a cidade com uma sala maior na rua de S. Bento, a que os "*homens bons*" da edilidade se opuseram em nome da pureza dos costumes. Troava, a respeito o zêlo do supercilioso clero, guardião da moral pública e privada, apesar de nem sempre pessoalmente dar exemplo de temperança. Ouvia, contudo, os ecos de medidas tomadas na côrte, alarmada no tempo da Sra. D. Maria I pelos escândalos da Zamperini, cantora que ameaçava de perdição a alma dos maiores fidalgos do reino e via-se compelido na colônia a afinar pelo mesmo tom. Proibira-se em



Lisboa que mulheres subissem ao palco, substituídas nas óperas por castrados italianos escolhidos entre os mais jovens e gráceis. Era caso dizer: “*emenda pior que o sonêto*”; como, porém, vinha o exemplo de cima, era o quanto bastava para se vociferar contra a depravação do teatro. Inútil dizer o prejuízo decorrente de semelhante mentalidade a respeito do que representava em nações civilizadas uma das maiores distrações da côrte e do povo<sup>(43)</sup>.

No Brasil, particularmente nas províncias do interior, seguiam as autoridades reiúnas os ditames das eclesiásticas, não só por estarem muitas vêzes de acôrdo com o Bispo e cabildo, como para evitar conflitos de jurisdição em que fatalmente governadores e ouvidores seriam derrotados. A crônica colonial está cheia dêsses embates, sempre a favor dos clérigos, aconselhando, portanto, a sabedoria dos funcionários, evitar incidentes em extremo nocivos às respectivas carreiras na administração pública. Acaso algum de seus componentes, mais culto e amigo das letras, tentasse proteger em demasia a arte teatral, arriscaria fama de devasso, indigno do cargo que lhe fôra confiado. S. Paulo não fazia exceção à regra, e lhe faltava, para mais, a compensação das cavalhadas, divertimento necessitado de grandiosa encenação para ser apresentado, sòmente possível em Itu ou Sorocaba, onde havia cavaleiros em condições de aparecerem em público ricamente vestidos, sôbre corcêis vistosamente ajaezados<sup>(44)</sup>.

Na maioria das ruas paulistas o movimento era escasso, afora certas horas em que a população ia à missa ou efetuava compras. De qualquer modo, distanciava-se das cidades do litoral, principalmente do Rio, de onde chegavam Ender e companheiros. Na sede da capitania não se via tanta negrada carregar gêneros sôbre a cabeça, ou juntar-se em grupos para transporte de pesados fardos, tais como pipas de vinho, pianos, carruagens desmontadas, etc., cenas reproduzidas pelas litografias de Debret, de Rugendas, ou guaches de Guillobel. Nada disso se via na Paulicéia pela razão simples de não se encontrarem aí carruagens nem pianos, pois em tôda a cidade existia apenas a cadeirinha do Bispo. Dificuldades consideradas intransponíveis opunham-se à vinda de certos móveis ou veículos

---

(43) V. artigo do Autor “*Um Personagem Inédito de Balzac*”, in revista *Anhembi*, vol. IV, n. 12, S. Paulo, 1951, e Raul Brandão, *El Rei Junot*, 133-7.

(44) V. Debret, *Le Brésil Pittoresque*, vol. III, 189-90.

além do fator preponderante da mediania das fortunas. No “*Triângulo*” os gêneros miúdos apreciados pela população, compostos de legumes e frutas, eram vendidos por pretas acoradas na rua da Quitanda, não distante do chafariz da Misericórdia, onde, tal como no Rio, também havia desordens provocadas pelos prêtos aguadeiros. Os outros víveres necessários ao passado, farinha de trigo, mandioca, milho, toucinho, arroz, feijão, carne-sêca, etc., amontoavam-se nas lojas da rua das Casinhas, mais tarde denominada do Tesouro, porquanto cada armazém ocupava construção separada a constituir espécie de bazar oriental. Esse ramo de comércio era abastecido por sitiantes das redondezas, os quais durante o dia promoviam, na dita rua, “*encombrement de nègres, de campagnards, de mulets, de muletiers*”, diz Saint-Hilaire. A noite mudava o cenário, “*et les acheteurs font place à des nuées de prostituées d'un ordre inférieur, attirées par les camaradas (serviteurs libres) et les gens de la campagne, quelles cherchent à prendre dans leurs filets*”.

Tampouco, essa mercadoria se assemelhava à carioca, representada pelas “*vénus noires*”, de que Debret deixou imagens, nos seus inéditos, não publicados no álbum de reminiscências oficiais. No Rio as meretrizes do tempo de D. João VI inspiravam-se, segundo as posses, nas modas da Rua do Ouvidor, “*la rue Vivienne des tropiques*” depois da chegada dos negociantes franceses, a que alude Marrocos em suas cartas e outros em suas narrativas. Assim sendo, estariam inteiradas das inovações das lojas, orientadas, ademais, pelas damas da cõrte, que de perto ou de longe conseguiam vislumbrar. Nesta matéria deixou Guillobel desenhos mui esclarecedores, copiados com desenvolta sem-cerimônia por Ender como adiante teremos ocasião de tratar. Nas capitâneas do interior a indumentária ainda remontava a tempos idos, com a simplicidade mourisca da era colonial. Na Paulicéia as mulheres que à noite apareciam à cata de tropeiros, traziam amplos capotes de lã em que se embuçavam, deixando ver apenas parte do rosto, consoante hábitos visivelmente herdados do Oriente.

Em certo momento da noite as ruas do “*Triângulo*” voltavam a ser quase tão movimentadas como nas mais azafamadas horas do dia, os homens traziam chapéus caídos sôbre os olhos e as mulheres os seus atirados sôbre a nuca. As côres dos mantos eram prêto, azul e vermelho, como nos mostra uma aguarela de Hércules Florence, que presenciou com pouca diferença de data as mesmas cenas presenciadas por Pallière e

pelos austro-alemães. O quadro vinha de longe, conservado intacto até a Independência. Descreve o velho relato de viagem de Langstedt alusivo ao Rio de Janeiro em 1781, vestimentas parecidas, "*Die vornehmen Portugiesischen Frauenzimmer tragen groestentheils rothe Maentel. Die angesehenen schwarzen und mulattischen Maedchens, welche ueberaus komisch tanzen koennen, blaue Rocke und schwarze Maenteln dabei haben sie nicht selten kostbare Rosenkraenze und Amuleten*". Contudo, ao passo que no litoral a chegada da côrte de todo mudara as modas, a indumentária feminina continuava pouco mais ou menos a mesma nos sítios de difícil acesso às novidades.

O uso de mantos, ou melhor, "baetas", compostas de simples quadrado de pano de pouco mais ou menos dois côvados de extensão, fôra por várias vêzes proibido por governadores da capitania. Atribuíram-lhe favorecer o amor venal à noite, pois mulheres se valiam do seu auxílio para "entrar em casa de homens". Por êsse motivo, Martim Lopes Lôbo, em 1775, profligava o bárbaro emprêgo de baetas e ameaçava as infratoras com multas, e, até, prisão. Pouco resultado, porém, obteve, porquanto o capitão-general Franca e Horta, a 30 de agôsto de 1810, instituía multas a beneficio do hospital de Lázaros para mulheres, livres e públicas, e palmatoadas caso fôssem escravas. Ora, pelo que dizem os viajantes poucos anos mais tarde aqui chegados, tampouco logrou sucesso, à vista da quantidade de vultos noturnos assim vestidos encontrados ao anoitecer pelas ruas.

Segundo o francês, contavam-se entre as marafonas vestidas dêste modo, todos os matizes do branco ao pardo escuro. As donas tinham chegado em carros de boi ou na garupa de tropeiros, de muito longe às vêzes, com fito de exercer "*Le trafic de leurs charmes*" que dava às ruas, escassamente alumiadas, impressão de uma Marrakesh no trópico. Entretanto, conservavam no mister discreto comportamento, inesperado a europeus. "*Elles se promenaient avec lenteur ou attendaient les chalands dans les carrefours*", escreve Saint-Hilaire, "*mais il faut le dire, jamais elles n'abordaient personne. On ne les entendait pas non plus injurier les hommes ou s'injurier entre elles; à peine regardaient-elles ceux qui passaient; elles conservaient une sorte de pudeur extérieure et n'avaient absolument rien de ce dévergondage cynique qui, à la même époque, revoltait si souvent chez les prostituées parisiennes de bas étage*". Tão insólita atitude a olhos franceses, explicava-se pela antiga

e duradoura ação inacina sôbre tôdas as classes da sociedade, impondo compostura até nas mais baixas camadas. Onde houve ensino jesuítico, remanesceu por longo tempo louvável recato no convívio e na atitude dos habitantes do mesmo povoado, mormente em matéria de costumes. A esta influência também devemos juntar a impassibilidade do índio, semelhante ao fatalismo árabe de muitos reinóis, concorrendo para tornar o mulherio conformado com sua sorte, de modo muito diverso do meretrício das grandes capitais européias<sup>(45)</sup>.

Nos relatos de viajantes antigos, ocorrem às vêzes confusões, em que num passo louvam o trato de pessoas, para mais adiante condenar-lhes o procedimento, sem especificar ao certo de que indivíduos tratam. Misturam indevidamente ricos e pobres, habitantes da cidade e viajantes em trânsito, brancos, prêtos e mestiços, num quadro, entretanto, de rigorosa delimitação social e racial<sup>(46)</sup>. Tampouco, não devem ser confundidos os habitantes da cidade com os do campo, quase sempre descalços, vestidos com um blusão, calças curtas e chapéu de feltro cinzento. Segundo os franceses, "*On démêle dans leurs traits quelques uns des caractères de la race américaine*", enquanto na cidade Mawe assegurava que a aparência dos brancos era muito diversa, principalmente do "*higher rank*" o qual, "*dress superbly: in company they are very polite and attentive*", ou seja, completamente opostos os burgueses apatacados urbanos aos moradores livres do campo.

Nas baixas classes o andar pousado e fisionomia parada tinham a aparente insensibilidade dos extremo-orientais. Demonstravam também o descaso e imprevidência do índio, difícil de mover quando dêle se necessitava, como muitas vêzes sucedeu a viajantes provocando-lhes justificado mau humor. Trabalhavam apenas o suficiente para se alimentar, depois descansavam, o que representava, de certo modo, grande sabedoria, mas ocasionava graves contratempos aos que não dispunham, como os senhores de engenho, de autárquica organização em

---

(45) "*La vie que l'on mène à St. Paul: on rencontre beaucoup d'hommes dans les rues, toujours envelopés dans ces espèces de capotes (ponchos) et quelques femmes aussi en capotes jusqu'au yeux, elle est noire, blanche ou mulâtre, cela est la même chose. Elles sont aussi respectées l'une que l'autre. Il est rare que les hommes en général disent une grossiereté aux femmes, ou les retiennent par leurs vêtements*". *Diário Intimo* de Pallière.

(46) "*Le ton des hommes est le plus mauvais, et ce qui serait du dernier impolitique ou très grossier, est ici reçu, par exemple, roter. On rote comme jamais je n'ai entendu roter en aucun endroit pas même les crocheteurs du porcheron*". O costume oriental atribuído por Pallière à população da cidade, muito possivelmente pertencia a adventícios de passagem, nacionais ou estrangeiros como êle.

suas fazendas. Queixavam-se, daí, os forasteiros das dificuldades provenientes de tanta madraçaria e desambição, motivo de uma feita colocar o governador, guarda junto a um carpinteiro para obrigá-lo a entregar no dia aprazado, sob pena de cadeia, a encomenda de Saint-Hilaire.

Da cidade excursionou Ender com os companheiros pelas redondezas, provàvelmente em visita a chácaras como as de José Roberto de Carvalho e de Dona Gertrudes, situadas na direção do Jaraguá, que o artista reproduz situadas no fundo de um anfiteatro natural. Talvez o desenhasse na hora de separar-se dos outros componentes da expedição na estrada de Sorocaba, prosseguindo Martius viagem para o sertão e o desenhista para S. Paulo. Alegava Ender para explicar o apartamento, razões de saúde, abalada pelo cansaço da inconfortável viagem, que não mais lhe permitia figurar na expedição. Encarregado de levar consigo exemplares botânicos, julgados perdidos mas que foram providencialmente encontrados, seguiu logo viagem para o Rio de Janeiro. Em direção à Penha teve oportunidade de conhecer outra chácara, pertencente ao Coronel de milícias Francisco Alves Ferreira do Amaral, personagem de grande importância na capitania, e que pouco depois muito valeu a Saint-Hilaire no mesmo sítio<sup>(47)</sup>. Recomeçou o viennense a jornada de volta, oportunidade para reproduzir em diferentes direções outros aspectos das vilas do vale do Paraíba. Graças à ida e volta do antigo aluno da *Akademie*, e à excursão de Debret, dispomos atualmente de dados iconográficos sôbre sítios a respeito dos quais, até pouco tempo, quase nada se conhecia.

---

(47) Havia ainda em 1800, nas redondezas da Penha, vendas destinadas a abastecer viajantes, dispostas de maneira singular, provàvelmente como em tempos antigos, de aspecto curioso e incomum por volta de 1800. Os gêneros permaneciam no interior, em depósitos fechados, fora do alcance dos clientes, que eram servidos através de postigos. Conjeturavam os viajantes decorrer a precaução da gula dos índios agravada por insuficiente noção do direito de propriedade, que obrigava os comerciantes àquelas precauções.

---

## DE VOLTA A CÔRTE

*"cujo aspecto era mistura de desídia, miséria e arrogância".*

GIL VASQUES

CHEGOU Ender em princípios de 1818 de volta à Côrte, quando se ultimavam preparativos para festejar o aniversário da Arquiduquesa Leopoldina. Desejava D. João comprazer-lhe e para êsse fim ordenara ao Intendente de polícia Paulo Fernandes Viana que não poupasse despesas. Encontrou nessa altura, o artista, seus compatriotas também azafamados, pois, na ocasião adquiria a embaixada especial da Áustria precedência sôbre as outras acreditadas no Rio. Ender, dependente do Conde de Elz e do Barão de Neveu, dispunha de invejável oportunidade para acompanhar em todos os pormenores os acontecimentos do Corpo Diplomático e da Côrte. A chegada da Princesa Herdeira mobilizara os recursos artísticos disponíveis de momento na capital. Artistas franceses, arquitetos da Real Casa, carpinteiros do arsenal, pintores, estofadores, marceneiros, e *"tutti quanti"*, inclusive os cantores e maestros de capela, prestavam a respectiva contribuição nas solenidades e se adestravam para as seguintes. Contavam os festejos do aniversário de D. Leopoldina com novos recursos e na próxima Aclamação de D. João, interviriam ainda maiores e mais variados<sup>(48)</sup>.

---

(48) Reconhecia Hipólito Taunay a suntuosidade dos festejos para os quais D. João mandara restaurar o seu coche de gala e comprara para D. Pedro o que José Bonaparte encomendara em Paris quando rei da Espanha e não chegara a receber em Madri: *"La réception de cette princesse (D. Leopoldina) a été l'occasion de fêtes vraiment sumptueuses. Nous n'avons vu nulle part encore, sans en excepter*

O pintor viajara em companhia do conde de Palffy e do Príncipe de Thurn und Taxis<sup>(49)</sup> e mais austríacos que tinham estado em S. Paulo. Todos provavelmente se hospedavam nas sedes das duas representações de seu país. No domicílio carioca, muito mais confortável que os da viagem, aproveitaria Ender os acontecimentos que o deixavam livre, para classificar as notas que deveriam servir nas publicações a serem feitas na Europa. Esperavam ainda, artistas e cientistas austro-alemães, encontrar quando chegassem à pátria o almejado auxílio de seus governos, perspectiva que só parcialmente se verificou e, isso mesmo, através longas e infinitas dificuldades. Na hora, porém, ignorava o vienense os fados que iriam conservar por longo tempo seus desenhos ocultos no pó do mais profundo olvido. Supunha que não tardaria a divulgá-los, alcançando com a publicação a desejada notoriedade.

Nessa altura, reparamos no acervo de Ender certo número de aquarelas a representar povoações de Minas, a saber: São João del Rei, Tejuco, Barbacena e Vila Rica, onde êle nunca estêve. Desta última localidade, sede da capitania, ocorrem várias paisagens esboçadas por Pohl (que dizia dispor de um aparelho óptico, de câmara clara, para cômodamente apanhar paisagens com extrema exatidão), em que se vê a vila de um alto, vista de um tanque de lavagem de minério, abrangendo as colinas onde se extraía “ouro prêto” ou “inficionado”. Do observatório domina-se o casario sôbre escarpadas ladeiras, descendo do tope onde havia igrejas até as pontes de acesso à cidade. Em outra fôlha divisamos na beira da estrada, perto das primeiras construções urbanas, fôrça semelhante à estampa de Henderson, composta de três altos mourões, reunidos por traves em forma de triângulo horizontal, que tanto podiam servir para dar maior comodidade ao carrasco, como também justicar simultâneamente mais de um condenado.

Em outro panorama de cidade serrana reproduz o desenhista o rancho e cercado do caravançarai de tropeiros junto à ponte de entrada, documento extremamente interessante para a vida e costumes antigos do sítio. Estas vistas, mais as de

---

*Paris, des illuminations plus brillantes et plus prolongées. Concerts, distributions de vivres, combats de taureaux, tournois, tels ont été les divertissements que on lieu pendant des semaines entières. Les feux d'artifice et les détonations d'artillerie complétaient l'expressions de la joie publique*”. Nas iluminações e ornamentação de edifícios e casas particulares, juntou-se o pintor francês François Louis Bouch, chegado no Rio em 1817, aos componentes da Missão Artística.

(49) Um dos secretários de Neveu, cujo nome Oliveira Lima estrophia por “de La Tour et Taxis”.

Goiás e Maranhão, foram apenas refeitas e ampliadas por Ender e pertencem à coleção de estampas abertas em cobre do atlas de Pohl — entre as quais a famosa de Ouro Prêto, por nós considerada das mais belas gravuras a água-forte sôbre paisagens brasileiras — que arvoram na legenda data, lugar, desenhista e gravador. Assim temos “*Serra das Figuras*”, no Maranhão, desenhada por Ender e gravada por Passini em Viena, 1828. “*Vila Rica*”, ou Ouro Prêto, id. e “*Goiás*” “*Aufgenommen von Dr. Pohl, Ausgefueert von T. Ender, Gestochen von Jos. Axmann 1830*”. Desta última, poder-se-ia inferir que também as mineiras seriam como as goianas e maranhenses desenhadas em Viena de apontamentos tomados pelos naturalistas segundo sistema gráfico-artístico então muito em voga. Note-se, que Martius rivalizava sem desdouro com Spix em matéria de desenho, segundo se verifica nos seus três álbuns dedicados às Palmeiras.

No Rio de Janeiro encontraria Ender novas ocasiões para exercer a sua incansável atividade. De permeio com personagens oficiais assistiu às festas do aniversário da Princesa conterrânea. A comemoração foi qualificada como “*particular*”, a fim de não interferir na agenda da côrte nas festividades da próxima Aclamação. Nem por isso deixavam de ser suntuosas, e principalmente dispendiosas. Ordenara D. João ao arquiteto Manuel da Costa, também pintor e decorador dos régios palácios, organizasse divertimentos semelhantes aos das côrtes européias nas mesmas ocasiões. Com muito engenho e arte o profissional se desincumbiu da tarefa graças ao circo levantado sob a galeria, que naquele tempo acompanhava a fachada do palácio em tôda a sua extensão. Conseguiu Manuel da Costa, dêsse modo, dar espaço cômodo à côrte e a seus convidados entre os quais estaria Ender — na galeria dividida em camarotes. O recinto destinava-se à corrida de touros e o espaço restante, fronteiro ao portão inglês, fôra reservado para os fogos de artifício.

Como sempre acontece nos relatos de contemporâneos, divergem as opiniões a respeito das festas. Uns gabavam as touradas, que por três dias consecutivos se correram no recinto. Diziam constar nas principais, numerosos hispano-americanos vindos de Montevidéu para êsse fim, com tanto agrado do público, que permaneceram no Rio até a Aclamação. Outros asseveram que os touros se apresentavam lerdos e pouco combativos, além de trazerem bolas nas aspas para não molestar



os fidalgos toureiros. Estes figurantes se apresentavam magnificamente trajados, sôbre garbosos corcéis e esplêndidos arreios, dirigidos pelo mestre da função, gentil-homem da mais alta linhagem, vestido de prêto à moda de Luís XV, num cavalo de resplandecente alvura. Dirigia-se, depois das touradas, descoberto, até o camarote real, seguido pelos demais cavaleiros em ginetes ainda mais belos que os de tourear, perfeitamente adestrados em falquearia para cumprimentar o Príncipe e assistência com os movimentos descritos pela *Nobre Arte* pouco antes no reino publicada e atribuída ao velho Marquês de Marialva. As touradas e cavalhadas recordariam à fidalguia presente os espetáculos que inspiraram a *Última Corrida em Salvaterra*. Outros informantes acrescentavam, que para maior brilho da função e côr local, tinham sido remetidos “peões”<sup>(50)</sup> de S. Paulo para exibirem suas habilidades no laço e nas bolas, em que eram peritos muito antes de haver *cow-boys* no *far-west* norte-americano.

Ao bailarino chefe do teatro de ópera, o francês Lacombe, coube organizar no mesmo recinto exibição de pseudo-danças indígenas, onde apareciam tupiniquins e tupinambás aos pares, em demonstrações terminadas com evoluções militares e “*tripúdio*”, como diz o padre Perereca, em que os soldados davam por fim descarga geral de suas armas. O final foi tão apreciado que o repetiram nas três representações, assim como as danças clássicas e típicas espanholas, à noite em caramanchões armados nos jardins da Quinta. A iluminação também foi muito apreciada, pois, representava inovação introduzida pelos artistas franceses, que reproduziam no Rio de Janeiro luminárias usadas nas grandes ocasiões em Paris sob Napoleão I.

O aspecto da capital dos Braganças parecia cada dia mais estranho. Aquêles divertimentos em que figuravam índios como os da entrada de Diana de Poitiers em Rouen, ou dos bailados do Louvre sob Luís XIII; êstes, porém, com autênticos indígenas do Nordeste e do Maranhão, significavam completa mudança na cidade. Antigamente costumavam os portugueses ocultar tudo que dissesse respeito à colônia. Com a transferência do govêrno para a América, passou a suceder o contrário, e onde dantes havia o maior cuidado de manter silêncio,

---

(50) O termo a significar pedestre no reino tomara em S. Paulo outra acepção, a de domador de cavalos e de modo geral, exímio cavaleiro, proveniente do antigo trabalhador de jornada, que dava o “peão”, ou soldado de mais baixa categoria nas guerras medievais da península.

registrava-se ostentação em alardear tesouros e curiosidades do imenso império luso derramado sobre quatro continentes. Urgia engrandecer a coroa perante as nações européias e governichos da América do Sul. Daí as constantes alusões às características do Brasil. Outro recurso era o casamento do Príncipe Herdeiro com uma Arquiduquesa, no momento em que os austríacos pareciam deter o fiel da balança política da Europa continental. A Áustria era um exemplo de como tramas matrimoniais podiam empenhar o território de pequeno feudo suíço e guindá-lo ao gigantesco conglomerado de nações sob o cetro de Carlos V. Tornara Maria Teresa à política dos avós, distribuindo filhos e filhas pelos territórios outrora pertencentes a Filipe II. A repetição de casamentos entre Áustria, Espanha, Nápoles e mais tarde Portugal, hábilmente esparsos à roda da França, onde penetrara Maria Antonieta, acabava por formar uma só família. Era D. Leopoldina, naquele momento tão festejada, produto e agente da política expressa na famosa frase "*Tu, felix, Austria, nube!*", com resultado de não haver uma gota de sangue diferente nas veias de seus pais, que pareciam reedição familiar dos Ptolomeus do Egito... (51).

Outro elemento semelhante a serviço de ambições régias, era D. Carlota Joaquina de Bourbon, filha de Carlos IV de Espanha, irmão de Ferdinando IV de Nápoles. Calculista, ambiciosa e imperiosa, a espôsa do Regente pretendia representar o papel de nova Maria Teresa, nas cõrtes católicas. O filho mais velho desposava D. Leopoldina; uma filha estava destinada ao sobrinho herdeiro do trono da Espanha; outra a outro Infante (cujo nome foi trocado por O. Lima); as demais deveriam desposar Príncipes franceses. Cogitou-se até, de alianças matrimoniais na Rússia e a propósito consultou D. João o Bispo do Rio de Janeiro sobre a diferença de religião. Neste ponto, estavam de acõrdo os dois cônjuges, no resto desavindos, e não poupavam negaças à cõrte de Paris a fim de conseguir o ambicionado casamento com o Duque de Berry. A devolução da Guiana, juntamente com os auxílios remetidos ao Conde de Provence enquanto estivera no exílio, serviam de pretexto, plano que falhou porque os Burbons franceses preferiram Maria Carlolina, filha de Francisco I de Nápoles, herdeiro de Ferdinan-

---

(51) O Imperador Francisco II da Áustria era filho do Grão-duque de Toscana e de Maria Luísa de Bourbon, irmã do Rei Ferdinando IV. A sua espôsa, Imperatriz Maria Teresa, era filha de Ferdinando IV de Bourbon e de Maria Carlolina, irmã do Grão-duque de Toscana.

do IV, a qual viria ser meia-irmã de D. Teresa Cristina, futura Imperatriz do Brasil. Também malogrou combinação semelhante com a côrte de Viena, entabulada no Rio de Janeiro com o Conde de Elz, para efetuar nôvo casamento entre Bourbons, Bragança e Habsburgos, oferecida por D. João VI a mão da Infanta Isabel para o herdeiro da Áustria. Na volta para a Europa levou o Embaixador Especial o convite a Metternich, sem lograr, porém, resposta favorável.

Alcançou, porém, no momento o consórcio de D. Pedro, prestígio de efeito interno. Servia de lenitivo para o deplorável espetáculo que a vinda da côrte, outrora considerada cenáculo divino, dava aos súditos coloniais. No interior ainda demorou um pouco o esmaecimento da grandeza régia, mas na capital o efeito foi quase imediato. O Rio não estava em condições de receber o afluxo de tantos funcionários exigentes da côrte, irritados pelos acontecimentos, envilecidos pela adversidade. Tampouco, a sua estreiteza de espírito os levaria a compreender a situação e os motivos de enlêvo do Príncipe pela nova residência. Muito menos ocorria aproveitar o entusiasmo da população para criar um ambiente de cordialidade a todos proveitoso. Talvez, até, difeririam com o procedimento a separação que pouco depois havia de ocorrer entre os dois países de idêntica língua, costumes, religião e tradição. Mal-humorados deitaram, entretanto, os do séquito real, tudo a perder. Queixavam-se, reclamavam, injuriavam a terra e as gentes do abrigo que os recebia na adversidade. Tornavam-se odiosos principalmente os da classe pequeno-burguesa, concorrendo para formar adversários que lhes haviam de tomar as funções. Em pouco levantara-se no Rio de Janeiro azêda rivalidade entre o funcionalismo importado e os principais moradores da antiga colônia. Filhos de senhores de engenho e de comerciantes lusos enriquecidos na mercância, cujos bens tinham decuplicado com a vinda da côrte, assim como outros elementos locais formados em Coimbra ou em seminários, pouco mais ou menos providos da mesma cultura, sabedoria e recursos dos reinóis, ao invés de lhes testemunhar admiração ou simpatia, cordialmente os detestavam.

Nesse terreno medrava mudança política, mormente a inspirada pela grande democracia americana, presentes no espírito dos jovens coloniais desde quando o estudante Maia (o Vendeck dos fastos precursores da República) entrevistava em Montpellier Jefferson, Embaixador dos Estados Unidos junto à côrte de França. Concordavam, sem dúvida, inda os mais exaltados

partidários de idéias novas, em louvar o caráter do Príncipe, mas tinham cuidado de separá-lo de seus cortesões. Gabavam-lhe a indulgência, bondade inata, lhanura de trato, conhecimento dos homens e das coisas, porém, tais virtudes estavam longe de ser imitadas pelos próximos, a começar pela turbulenta Carlota Joaquina. O Príncipe era realmente exceção na família e no govêrno, ponderado, equilibrado, emérito em amenizar conflitos, dons que lhe permitiram transpor sem erros fatais um dos mais tormentosos períodos da história portugêsa. Ao passo que outros soberanos em Paris, Madri ou Nápoles perdiam o trono, em espantosas tragédias, êle morreu Rei, a despeito das insídias do tempo e da própria família<sup>(52)</sup> e deixou saudades como raramente soberano inspirou. Circulava a propósito no Corpo Diplomático, que era mais sagaz do que se pensava, além de, pela maneira como soube corresponder à afeição dos que o cercavam, brasileiros e portugêses, ter sabido fazer jus à fama de generoso e grato, duas qualidades raramente conjugadas nos poderosos, educados durante o absolutismo na persuasão de que tudo lhes era devido por graça divina.

A carta de seu próprio punho em que em nome da Rainha D. Maria I nomeia ministro ao illustre Conde de Linhares, é elegante modêlo de aprêço do soberano ao súdito escolhido para gerir negócios públicos. Vamos reproduzi-la na íntegra por ser documento deveras característico:

Ill. Ex. Snr.

Dou a V. Exa. os parabens pela Nomeação que S. Mag. houve por bem fazer da Pessoa de V. Exa. p. huma Secretaria que V. Exa. agora vai purificar de alguma imperfeição que houvera sofrido, se eu achar lazer irei hoje mesmo certificar pessoalmente a V. Exa. destes meus Sentimentos, se não amanhã de manham, e responderei aos quesitos que V. Exa. me fizer, tambem participo a V. Exa. que me parece haver aqui hum Irmão de Ant. Joaquim de Moraes q pertence a mesma Secretaria mas como o Freitas ha de passar a casa de V. Exa. Me informarei melhor a V. Exa. Ponha-me V. Exa. aos pés de SS. Exas. e creia q sou com mt. affecto e reconhecimento

De V. Exa.

Amigo e fiel Captivo Obrigmo.

P. JOÃO

---

(52) Soube principalmente facilitar a transferênciã do govêrno e côrte de Lisboa para o Rio de Janeiro a poder de prontas medidas, que os seus parentes da França e da Espanha tentaram e não conseguiram.

Outra perfeita de tom, malícia e astúcia é dirigida a D. Carlota Joaquina na mesma data, quando a ambiciosa Princesa pretendia mudar-se para os antigos domínios espanhóis no Prata. O pretexto por ela alegado afiançava defender os interesses de seu irmão, o nôvo Rei da Espanha Fernando VII, pôsto, em realidade, a irrequieta mulher desejasse apoderar-se da região platina para si e seus filhos<sup>(53)</sup>. Representava no seu entender arriscadíssima aventura tanto pelo estado de espírito do povo platino como desaprovação da Inglaterra a semelhantes combinações. Entretanto, concedia gostosamente permissão ao projeto da espôsa, se bem fingisse, junto a Lorde Strangford, grande aborrecimento. Mais perspicazes, certos diplomatas, como o Núncio Marefoschi, notavam que o Príncipe se afeioara ao Brasil, onde demoraria enquanto não se visse forçado a deixá-lo: "*Acreditava, porém*", segundo reproduz Hildebrando Acioli, "*que partiria depressa para Lisboa, se soubesse que D. Carlota Joaquina teria prazer em ficar na América*".

A côrte no Rio de Janeiro refletia, pelo menos exteriormente, o ânimo do Príncipe Regente. A Rainha-mãe, louca, vegetava cercada de consideração como se continuasse em juízo perfeito. Recebera guarda de 60 arqueiros, cujo uniforme ordinário era azul agalado de prata, e nos dias de gala, encarnado com galões de ouro. Habitava a rainha-mãe com o seu séquito, na parte fronteira ao terreiro do Paço no antigo convento do Carmo. Tôda tarde saía a passeio com sua aia, a Condessa do Real Agrado, a "*Joaninha*", sua mais chegada amiga. Não deixava o Príncipe de visitar amiudadamente a soberana, sempre a se lamentar, persuadida de que continuava em Lisboa e a caminho do inferno por causa de seus pecados e os de D. José I, seu pai. Às vêzes sofria de frenesis, como relataram a sobrinha do Chalaça, presente numa festa ainda no princípio de sua demência e mais tarde Laura Permon em Cintra, quando a viu esbofetear uma açafata. Embaixo de seus aposentos no Carmo situavam-se as cozinhas e a ucharia real, de onde iam as refeições para o antigo paço dos Vice-reis habitado por D. Carlota Joaquina, a cunhada Princesa Maria Benedita e os filhos menores.

---

(53) Um dos mais curiosos documentos da campanha então desenvolvida a seu favor é a publicação "*Dictamen proponendo para Regenta del Reyno à Da. Carlota Joaquina de Borbón*", por D. Antonio José Ruiz de Padrón, deputado por Canárias. Madri, Imprenta de Dávila, 1814.

D. João habitava, geralmente, a chácara que fôra do rico negociante Elias Antônio Lopes, em S. Cristóvão. Tratava-se de riqueza de origem portuguesa, o qual tanto despendeu na quinta que se viu citado na *Descrição Topographica de Villa Nova de Gaia*, publicada em Londres em 1813. A notícia descreve como, se bem dispusesse de tôda a pedra necessária, extraída de jazidas das vizinhanças de sua propriedade e de não pagar aos obreiros porque eram escravos, assim mesmo gastou 300.000 cruzados, quantia enorme para a época e lugar, na ereção do palácio e capela, ambos tidos por soberbos.

Acêrca dessa residência nenhuma melhor descrição que a de Manuel Pôrto Alegre. Informa, o pintor: *“Esta casa era extraordinariamente grande para um particular solteiro, pequena para a residencia de um soberano. É de notar que em 1803, sendo perguntado este Elias por que razão edificava uma casa tamanha, respondeu (talvez baseado em certas profecias, que o povo supersticioso cria deverem-se realizar por aquela época) que era para residencia do principe regente de Portugal, e com effeito em 1808 a ofereceu ao principe, que a aceitou.*

*Esta casa formava um quadrilatero de 240 palmos de lado<sup>(54)</sup>, com galerias etc. (...) D. João, enquanto sua mãe viveu, passava apenas os dias de S. Cristovam, e hia dormir no Paço da cidade, e logo que ela falleceu, mudou-se inteiramente para S. Cristovam, deixando na cidade toda a familia feminina, excepto a filha viuva do Infante D. Pedro Carlos e seus dois filhos que o acompanharam<sup>(55)</sup>.*

*Como D. João não tivesse tenção de sahir do Brasil, onde se julgava em geral mais querido do que em Portugal, e ao mesmo tempo quizesse embahir aos portuguezes que voltaria sempre na Primavera futura não quiz acrescentar a este palacio parte alguma afim de que os portuguezes acreditassem mais nas suas promessas. Todavia, aproximando-se a epoca de casar o Principe e vendo a impossibilidade de aloja-lo com o seu sequito no mesmo palacio e temendo sempre separar de si o filho, a quem sempre separava dos negocios, assentou de fazer-lhe um aposento, aumentando a este edificio uma ala lado do sul.*

---

(54) As estampas do III vol. de Debret descrevem os vários aspectos do palácio segundo as modificações que lhe impuseram no correr do tempo.

(55) Os Infantes D. Pedro e D. Miguel.

O quarto que ocupava D. João VI tem 24 palmos quadrados e tinha por adjacencia um outro um pouco menor. É tudo quanto servia de alojamento ao Rei do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves!

Em outro quarto menor que qualquer dos dous morava a princesa viuva com seu filho sem outra alguma adjacencia. Tinha o rei um pequeno gabinete de trabalho, uma sala para os Diplomatas e uma sala do Throno. Toda a mais parte superior do palacio estava occupada por Damas, de 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> ordem, e creadas de todas as classes.

O infante D. Miguel habitava o rez-de-chaussé em um quarto sem janela, porque todo o rez-de-chaussé não as tem e sim des oeills de boeuf. Os camaristas, veadores, e guardaroupas tanto do rei como dos principes e princessas habitavam quartos iguaes ao do Infante, os quaes têm 20 palmos de lado sobre 40 de fundo, divididos em duas peças escuras.

Sabe-se que D. João VI vivia em divorcio com a rainha, por isso aquellas damas da corte que cahião no desagrado da rainha fugião para S. Cristovão, havendo superabundancia de gente feminina alem da que era precisa para o serviço da princeza.

Como o rei só dava de comer aos grandes officiaes e officiaes da Casa e pagava a dinheiro as comedorias das Damas, estas faziam as cosinhas separadamente umas das outras, em razões de suas gerarchias nas embrasuras das janellas que deitão para a cour do quadrilatero<sup>(56)</sup>. De sorte que era impossivel ao rei sair do seu aposento sem encontrar tres ou quatro cosinhas tanto para dar audiencia como sair a passeio<sup>(57)</sup>.

---

(56) Pôrto Alegre fôra mção para a França onde se demorou, o que explica o seu francesismo.

(57) Havia também outros inconvenientes ou trambolhos ante os passos do Príncipe em seu palácio. Afora do que nos diz Pallière da cena em que presenciou a Infanta Maria Teresa obrigada a se desviar, "*obligé de se deranger pour en laisser passer*" uma "*garde robe*", narra Tobias Monteiro, particularmente apreciador desses pormenores, como tinham de passar pela sala de audiências, "*para serem esviados, vasos identicos aos que eram levados nos passeios a Macacos para furta-los aos olhos dos circunstantes, cobriam-n-os com uma tampa de madeira, donde pendia uma bambinella de veludo encarnado. Mas esse fechamento era imperfeito e deixava escaparem-se elementos volateis, denunciando o conteúdo. Apesar do seu desprezo pela limpeza, não queria o Príncipe que lhe attribuissem autoria na formação daquellas colheitas, tão ingratas ao olfacto. Uma vez, conversando com Mosqueira, procurador da coroa no tribunal do Desembargo do Paço, asseverava-lhe que não concorrera para agravar a desagradavel sensação por ambos experimentada". Baseava-se Tobias nos mexericos transcritos por Jacobina, autoridade mais que duvidosa, poderíamos mesmo dizer, suspeitíssima, como todo veiculador de falatórios. No caso, porém, os depoimentos de Pallière e de Pôrto Alegre são coincidentes a confirmar o desconforto do Palácio Real. O acaso, não confere, todavia, veracidade aos demais mexericos daquela origem, tão absurdos que não se compreende como pôde um candidato a historiador aceitá-las.*

*D. João VI era um homem de hábitos, se uma vez dormia em um lugar, jamais queria dormir em outros, levando isto a ponto de não admitir que o leito ficasse mais ou menos aproximado à parede do que junto della e qualquer mudança que elle experimentasse desconfiava della, e aborrecia a quem lh'a fizesse. Um dia sentio o rei pouco appetite e um criado se offereceu a fazer em sua presença um prato de arroz com saucisses, que lhe abrira o appetite: o rei consentio, fez-se o arroz, o rei comeu com prazer, e como fosse feito da porta de seu quarto todos os dias o mesmo fez alli arroz com chouriço.*

*O lugar onde estava o quarto do rei é do lado do norte e por isso aquecido tanto de leste como de oeste, fazendo alli o thermometro sempre uma differença de 5°. A saude do rei diminuia e foi compellido a fazer o pavilhão do norte, que foi começado e acabado em oito mezes: e assim mais tarde mandou fazer uma ala fronteira ao aposento de seu filho da qual se não fez senão a metade. Com este pavilhão e com a ala que ficão contiguos à galeria do norte pouco ganhou o rei, porque apenas despachava e estava de dia ora num ora noutro lugar e posto que muito mais frescos, nunca deixou o seu quarto, onde dormia apesar da differença de temperatura, por obedecer à força do habito, onde tinha uma rosa ventoura que lhe indicava as trovoadas de que era muito medroso.*

*Retirado el-Rei para Portugal, D. Pedro habitou o palacio... Custa crer que durante dois reinados comeram o rei e o imperador de uma cosinha que era o diabo, vindo a comida pela chuva e sol, e as vezes com as grandes chuvas do Brasil eram os monarcas obrigados a esperar que ellas passassem para poderem jantar.*

*Os criados tanto del-rei como de D. Pedro I quando adoeciam tinham baixa e na qualidade (sic) de pobres iam para o Hotel Dieu (resic), se escapavão vinhão reoccupar os seus logares.*

*A natural (sic) insolencia dos criados do paço por todos exprobadada foi substituida por uma urbanidade e acolhimento que espantam a quantos vão aos paços (no tempo de Pedro II). Conclui Pôrto Alegre com rápida notícia sôbre a real fazenda de Santa Cruz, aludindo às obras mandadas fazer por D. João VI, no momento em que Ender e os demais componentes da missão científica austro-alemã por ali passavam. A transcrição acima é longa mas tão interessante nos pormenores da vida palaciana que julgamos preferível não a abreviar,*



pelo menos, no essencial. Revela um lado curioso do último soberano absolutista no Brasil, na aversão professada por D. João a mudanças, que abrangia desde o lugar da cama, à qualidade dos alimentos ou desinterêsse por obras urgentes nos palácios régios, até mudança de ministros ou de guarda-roupas, e, acima de tudo, de regime governativo. Dão-se às vêzes nos governantes casos curiosos, em que influi mais aborrecimento por inovações que intenções inconfessáveis. Os ditadores também são um pouco assim; pilhando-se no poder não querem mais deixá-lo e só a poder de *manu* (ou bota) *militari* largam o assento que ocupam sem ser por vontade divina.

Além de Santa Cruz dispunha ainda D. João de residência na ilha do Governador que lhe tinha sido oferecida pelos frades de S. Bento. Luccock descreve-a circunstancialmente e acrescenta que lá também havia bonita casa ou pavilhão de veraneio do Barão do Rio Sêco (mais tarde Visconde), indivíduo de particular confiança do então Príncipe Regente, cujo cunhado Carlos Principy (sic) era administrador do sítio. A ilha naquele tempo era deserta, erigida a coutada real, de que o Barão "*though no Sportman, is appointer is Ranger*", diz Luccock. Lá também havia a curiosidade de exhibir um urso, "*no sitio denominado as Frexeiras*" (segundo o Visc. do Rio Sêco), estranho presente do Tzar da Rússia. Outras vêzes ia o Príncipe à ilha de Paquetá onde os frades de S. Francisco lhe apresentavam a sua chácara. De modo geral, pode-se afirmar que durante a estada de D. João no Brasil a côrte teve representação mais que modesta. Fôra opulenta sob D. João V, quando as minas do Brasil satisfaziam prodigalidades de todo jaez, ao depois, decadente no reinado de D. José I e falida pela invasão francesa. O mais certo seria considerá-la misto de elementar e formalista, reconstituída na América com aspecto de continuadora inflexível do cerimonial antigo, apesar de quase indigente.

D. Carlota Joaquina, apegada como tôda Bourbon a suas prerrogativas, era forçada por escassez de meios a padecer existência por completo desprovida de fasto. Morava com as infantas menores no casarão dos Vice-reis, no desembarcadouro descrito pelo lápis de Ender. Com o tempo, enfasiada do sítio, procurou a Rainha outras moradas em Botafogo, Mata-Cavalos e Laranjeiras. Acêrca da primeira, igualmente encontramos nos trabalhos do vienense, o aspecto do casarão da praia onde habitava parte da família real quando ia aos banhos. Na segunda, onde D. Carlota pouco se demorou, hospedava-se

provavelmente na antiga casa do Conde das Galveias, que aparece em vários desenhos de Ender dêsse bairro. A terceira deu azo a incidentes com o cônsul francês Maler, que foi obrigado, segundo Alberto Rangel, a ceder sua chácara a D. Carlota. Em qualquer delas o aspecto não se avantajava ao de casas de negociantes portugueses enriquecidos, no gênero de Elias Antônio Lopes, ou de ingleses moradores no outeiro da Glória. É conhecido o episódio do abade Renaud, capelão da fragata *Hermione*, bondoso sacerdote, antigo conhecido da soberana na Europa, o qual nesta qualidade lhe foi apresentar respeitos. No fim da visita a própria rainha, à míngua de servidores, teve de acompanhar o visitante até a saída, de castiçal na mão para alumiar o caminho.

As carruagens de tôda a família real eram modestíssimas, a não ser as de gala reservadas para as grandes ocasiões, tiradas por bêstas e dirigidas por serviçais cuja libré estava em petição de miséria. Nas mesmas condições estavam os uniformes da escolta. Não houve estrangeiro que deixasse de reparar a mediania das régias residências e a de seus serviçais. Foi, pois, grande espanto para Henderson deparar amostra do incrível desperdício nos serviços da côrte, quando visitou a Casa de D. Pedro em S. Cristóvão. Ali apareceu a convite de um conterrâneo, o mestre de obras Johnson, para visitar os trabalhos de remodelação e melhoria da Quinta nas vésperas do casamento do Príncipe Herdeiro. Chegara o mestre juntamente com o portão oferecido pelo Duque de Northumberland ao Regente, que empregara o inglês em outras obras, uma delas a "*Casa do Infante*", elevada perto do edifício maior, descrito por Araújo Pôrto Alegre. Nessa ocasião, teve Henderson oportunidade de ver as dependências da Quinta, onde havia cocheiras com trezentas mulas<sup>(58)</sup> e cavalos, "*with double the number of persons to look after them that would have been seemed necessary in England*". Outro desperdício era o sustento dos nobres e serviçais da coroa emigrados com os amos.

A dispendiosa e absurda situação continuou até o segundo reinado. Afinavam D. Pedro e sua espôsa pelo mesmo desleixo depois da partida do Rei. Muitas despesas foram suprimidas; economias tornadas fáceis com a partida da maior causa de

---

(58) O uso de muare em pequenos carros era comum na península ibérica por causa da acidentada topografia do terreno. A estampa de l'Évecque, inserida na sua coleção de tipos, mostra D. João no ato de receber uma súplica de mulher pedinte, antes de subir num cabriolé atrelado a mulas.

dissipações; todavia, permaneceu a quase indigência ditada pela crise financeira proveniente das guerras do Sul. Alguns melhoramentos foram realizados na Quinta ou em Santa Cruz, porém, depois da volta da côrte a Portugal, levando consigo a prataria e mais alfaias — muitas das quais tinham por longo tempo jazido em depósitos encaixotadas e assim voltaram — tanto a Quinta como a fazenda de Santa Cruz ressentiam-se da falta de móveis, às vêzes, até, os mais necessários. A simplicidade dos jovens imperantes chegava a ser comovente segundo estrangeiros, sempre juntos o Imperador e a Imperatriz, apenas acompanhados por um pajem quando era preciso abrir porteiros ou segurar cavalos. Quase sempre se viam desprovidos de escolta, estivessem a pé, a cavalo ou no cabriolé tirado por mulas, reproduzido na estampa de Ender inserta no álbum de Pohl. Dizia, a propósito, o almirante Georges Eyre, que o traje dos Príncipes nessas ocasiões não diferia de camponeses, “*Like peasants*”.

Tanta singeleza no modo de viver era prosseguimento dos costumes do reinado anterior. Reparara Golovnin na visita que realizou a S. Cristóvão, enquanto esperava a hora da audiência, na música e còro da capela real, em que havia muitos prêtos e mulatos, sem uniforme e mal trajados. Do paço da cidade comenta, que mais parecia a casa de um particular, opinião, ademais, de muitos estrangeiros, desprovido na sua opinião o Rio de igrejas e mosteiros importantes, apenas as fortalezas eram bem construídas, “*mas ao que se afirma, nelas reina grande desordem*”<sup>(59)</sup>; era, porém, proibido visitá-las e não pôde Golovnin certificar-se do rumor. De modo geral, na sua opinião, não havia em tôda a capital casa ou edifício que, pelo tamanho e beleza arquitetônica, fôsse digno da atenção de um europeu.

---

(59) Tradução do Conde Emanuel de Bennigsen. S. Paulo, 1951.

---

## EMBAIXADORES, NÚNCIOS E PLENIPOTENCIÁRIOS

*Numa côrte onde havia "Les avanies du Grand Turc".*

(Correspondência Diplomática)

O RESTO DA CÔRTE começara no tempo de Ender, depois de dez anos no Rio de Janeiro, a melhorar de habitações, de sorte que escaparam, aos componentes da missão científica o tumulto e lances pitorescos registados em 1808. Assentara, porém, a desordem mediante expediente odioso, consistindo na velha praxe das "*aposentadorias*" em uso no reino e de súbito aplicada na Guanabara. Destinava-se a requisitar por dias, ou por horas, alojamento para abrigar o régio séquito nas localidades visitadas pelo soberano. Mas no Brasil ia durar dez anos, assumindo caráter de expropriação pura e simples do *vulgus paecus* a favor de reinóis. Nos primeiros tempos o prodigioso entusiasmo que se apoderou da população, jubilosa a ponto de delírio pela vinda do Regente, facilitou acomodações. Não se ouviram protestos, nem tampouco os imigrantes pensavam demorar-se num sítio considerado destêrro. Depois veio amargo desengano para hóspedes e hospedeiros, causa de mútua malquerença à medida que uns decaíam e outros cresciam.

Os ministros e diplomatas que privavam com o Príncipe não tardaram a perceber sintomas de longa demora *in loco*, e procuraram instalar-se no Rio o mais confortavelmente possível. Dos personagens próximos do pintor, o que aparentemente conseguiu habitação mais aprazível, foi o Barão de Neveu. Dá-nos a vista de Ender, de sua residência, situada em sítio agradável, num alto, a dominar vasta paisagem, boa impressão,

voltada de um lado para o estuário e do outro sobranceira a montanhas e vales. O Barão era conselheiro de embaixada acreditado junto à côrte do Reino Unido, e melhor sucedido que o Embaixador Especial, Conde de Elz, acostumara-se tão perfeitamente ao lugar, que se tornou noivo de uma das filhas de conhecido financeiro Visconde do Rio Sêco. Este valido de D. João, passara graças ao desvêlo pelos negócios do amo, além de pertinácia e agudo senso das realidades, de modesto empregado no paço a uma das maiores fortunas de Portugal<sup>(60)</sup>.

O sucesso trouxe-lhe, como sói acontecer, admiradores e detratores. Conquanto considerado por estrangeiros "*parvenu*", hesitou o recém-enobrecido aceitar o pretendente por bazófia de endinheirado, ou por ignorância nobiliárquica. Nas justificativas que escreveu, o Visconde alardeia sentimentos democráticos, mas não faz alusão alguma ao comêço de sua vida. Noticiava a propósito Marrocos, "*O Visconde a princípio repugnou àquelle ajuste; mas S. Mage, lhe mostrou quanto lhe deveria ser honroso aquella enlace de sua filha com o dito Fidalgo, Primo do Principe de Metternich. Ignoro se o negócio virá a effectuar-se mas sei que o dito Barão todos os dias se apresenta com o maior esplendor e apparatus em Casa do Visconde para fazer a corte à menina*". Desposara Rio Sêco primeiro uma irlandesa e em segundas núpcias a filha do futuro Marquês de Inhambupe<sup>(61)</sup>, as quais lhe deram 28 filhos. Ender, desenhou a residência do financeiro no Campo de Santa Ana (Ministério da Justiça no

---

(60) A respeito escrevia Pallière referindo-se à construção do palácio de S. Cruz, "*le pauvre architecte n'est pas celui qui gagne, c'est l'âne sur lequel tout monde monte mais qui n'a que sa ration. Il est un autre Personnage, et que est le Cressus d'Ici, c'est un nommé Rio Sêco.*

*Il est dit'on d'une basse extration mais il a eu l'esprit de s'élever en gagnant je ne sais comment, ou pour mieux dire, je sais bien comment, un argent infini. Il faut bien que se soit ainsi puisqu'il prête au Roi des millions des cruzades. Celui la a su se mettre au dessus des vicissitudes qui frappent sa patrie. Il a marié ses filles aux nobles pauvres, des plus anciennes familles, et les enfants de ce roturier Riche feront des nobles impertinents. Voilà l'histoire du monde en général, et tous les jours nous laissons tromper à ces deux forces — l'apparence de la naissance, et la fortune. Quand guerirons nous!"*

Os dizeres do pintor reproduziam falatórios da época, que tudo hipertrofiavam em se tratando das despesas da côrte. O custo da reforma de Santa Cruz foi muito menor do propalado, conduzidas as obras com economia que justifica os reparos de Pallière acêrca da rusticidade da Casa Grande da fazenda. O mesmo sucedera pouco antes em França, em relação às despesas suntuárias de Maria Antonieta, a ponto de mais tarde, deputados à Convenção, procurarem no teatro particular da infeliz rainha as maravilhas de que tanto tinham ouvido falar e que tais como paredes revestidas de pedras preciosas só existiam em imaginações.

(61) Antônio Luís Pereira da Cunha, magistrado baiano, mais tarde Ministro do Império. Foi dos formados em Coimbra que substituíram os reinóis na administração pública do Brasil.

Império), um pouco antes da reforma que lhe impôs o mestre-de-obras Johnson com estranhas adições em estilo gótico.

O outro representante da côrte austríaca, Conde Emerich von Elz, se destacava entre os colegas, pela extrema parcimônia nos gastos de representação. Sofrera desfalque no seu disponível pela hospedagem que tivera de oferecer a patricios atraídos pelas reais bodas. Deixou muito a desejar, por êsse e outros motivos, como Embaixador Especial de uma das mais poderosas nações do momento. Decorreu-lhe a permanência no Rio de Janeiro inçada de dificuldades e, inda depois de receber vultoso empréstimo do Príncipe Regente, continuou confinado em casa, ao passo que o seu colega inglês dava festas suntuosas<sup>(62)</sup>, dignas das oferecidas em Viena por Marialva. Começaram as suas desventuras na chegada, em que se abismou com os preços de tôdas as coisas. Era caríssima a vida carioca, muito mais que a de qualquer capital européia. O Núncio Marefoschi foi um dos que mais se queixavam, mas o representante austríaco de longe levou a palma em apuros financeiros e queixumes. Ender, juntamente com seus conterrâneos, havia de ter assistido àquela situação, morador na embaixada, presente às cenas de que era teatro. Chegavam êsses acontecimentos a transpor os muros para ecoar em outras representações oficiais. Escrevia Chamberlain a Londres, assinalando o contraste entre o *“temperamento exaltado”* do Conde de Elz e a *“ausência total”* de pompa e largueza, que pelo caráter do Embaixador êle supunha serem da sua predileção. Informava mais, tais circunstâncias eram assunto predileto das conversas e até o pessoal da embaixada não escondia o *“descontentamento e decepção”* ante o inevitável efeito causado na opinião pública pelo miserável *“train de maison”* do primeiro Embaixador austríaco visto no Brasil. O Barão de Neveu levou ao conhecimento de Metternich a anormal situação criada pelo colega, que sequer desencanaixotara o serviço de porcelana de Viena destinado às festas da embaixada. Outro agente diplomático, o francês Maler, dizia que a ida a S. Paulo dos seus secretários, Príncipes de Thurn und Taxis, de Palffy e do Conde de Wrba, decorria não só dos escassos atrativos da capital como acima de tudo, da mesquinaria do seu chefe.

---

(62) Marrocos descreve sob côres deslumbrantes a festa oferecida por Strangford por ocasião do aniversário do Regente da Inglaterra, com a presença da oficialidade dos vasos britânicos surtos no pôrto e das tripulações que apresentavam armas aos convidados.

Debalde oferecera o agonizante Ministro João Paulo Bezerra esplendoroso baile a von Elz na sua fazenda de Maracanã. Em vão multiplicavam as autoridades, por ordem do Regente, atenções e homenagens ao embaixador da monarquia aliada por matrimônio: o seu enviado mantinha-se invariavelmente na mesma. Por fim, preferia de muito o Príncipe Regente o Barão de Neveu ao Conde, preferência provavelmente acentuada quando o Embaixador Especial solicitou dinheiro emprestado. Mas não pararam aí as suas desventuras; ignorava o Ministro valido Tomás Antônio Vilanova Portugal outra língua além de português, o que vinha agravar a aflitiva situação do Conde quando pretendia tratar de negócios íntimos e confidenciais. As entrevistas entre ambos deviam ser do mais alto cômico, pelo que nos dizem novidadeiros, decorrendo em repetidas medidas, sorrisos amarelos, vênias, tosses, recíprocas ofertas de simonte acompanhados de pigarros a esconder irritação muito parecida à de dois surdos que se defrontam.

Com a morte repentina do Barão de Neveu foi com Elz que Ender mais privou. Infere-se também, pelos elogios que lhe dispensou o Conde, seria igualmente seu protegido, e nessa qualidade desenhou o artista vários aspectos internos e externos do casarão de Mata-Porcos. Era singular no Rio de Janeiro em 1818 um edifício daquele porte. Chamberlain o reproduz no remate da estampa de tropeiros paulistas, em que os descreve vestidos do poncho característico, a servir de capa de dia e "cama de noite", mais o chefe a cavalo em arreios cujos estribos e pesados freios eram de *solid silver*. Tratava-se de homens de indústria e destemor sobejamente conhecidos, diz o cônsul, mas esquece de nos informar, como muitas vezes fazia, quem habitava o prédio do segundo plano. Ender desenhou a fachada, mais imponente no seu lápis que no álbum inglês, assim como a parte dos fundos vista do parque pertencente à propriedade, onde havia alto arvoredor, tendo ao centro uma casa de banhos para uso dos habitantes. Do interior reproduz a sala do dossel com o trono sob retrato do Imperador Francisco, a que logo voltaremos, mobiliada pelo Intendente Fernandes Viana com alfaias da Casa Real, que deixa ver pelas portas abertas de par em par outras salas forradas de damasco. Passa depois ao escritório do Conde de Elz, com a sua mobília Biedermeier, na desordem de cômodo íntimo destinado ao trabalho, aspecto repetido no aposento do secretário Freiherr Clement von Huegel tido por filho de Metternich, em que se vê parte do andar

superior<sup>(63)</sup>. Tanto na aparência externa como através das vistas das salas, devia ser das mais importantes habitações cariocas do tempo. Construções dêsse vulto contavam-se então pelos dedos, haja vista as ocupadas pelos Ministros, tendo sucedido nas mesmas casas, por falta de acomodações condignas na cidade, o Marquês de Aguiar ao de Vagos e êste ao de Anjeja, os quais aí sucessivamente moraram, morreram e deram lugar aos sucessores. Seria a mansão de Mata-Porcós a residência do Conde das Galvejas? Morava o Ministro em imponente prédio, tanto que, depois do seu passamento, para aí pensaram mudar a Rainha D. Maria quando adoeceu em 1816, e mais tarde nêle habitou D. Carlota com parte de seus filhos antes de ir para Botafogo. A vacância justamente nesse passo teria permitido que a oferecessem ao Conde de Elz para sede da sua embaixada.

Antigamente nas monarquias absolutas, havia regra a impor ao fidalgo sôbre o qual recaía a insigne honra de representar o soberano numa côrte estrangeira, o sacrifício dos bens patrimoniais ao brilho da missão. O Marquês de Marialva foi um dos últimos, senão o derradeiro a seguir em Viena tal pragmática, ao mesmo tempo que provocava desvantajoso confronto com os demais diplomatas das monarquias católicas. Sômente os inglêses se apresentavam com fausto no Rio de Janeiro; o Duque de Luxemburgo, representante da França quando Ender se encontrava no Brasil, morador da miserável casa que aparece no livro de Saint-Hilaire, semelhante à de Debret no Catumbi, e o Conde de Elz, pouco se esforçaram por dar brilho às missões. O primeiro preocupava-se unicamente com o preço das coisas e o segundo, quando partiu depois de se ver frustrado em tôdas as incumbências, ainda devia quinze contos de réis a D. João VI.

Dificuldades de dinheiro parecem ter sido, ademais, a sina de diplomatas na côrte fluminense. A razão seria a completa mudança verificada na vida social européia sob influxo dos acontecimentos políticos. A tormenta revolucionária da França e a sua conseqüência guerreira — o maior poderio militar do Ocidente em mão de perigoso megalomaniaco — aluíram por completo velhas sociedades, adensadas na vigência das monarquias absolutas à volta do trono. Viviam das liberalidades do

---

(63) As vistas de Ender mostram carruagens da côrte tiradas por mulas paradas às portas de entrada da casa, à disposição dos diplomatas como também sucedera durante a estada no Rio da missão britânica Gore Ouseley.



amo, a compor alto funcionalismo ou classe dirigente, dividida em palaciana e nobreza de toga, onde os soberanos iam buscar ministros, generais, amantes, governantes para os filhos e embaixadores. Terminara definitivamente no século 18 aquêlo período, representado principalmente pelas dinastias bôurbônicas e habsburgueanas, e, onde outrora só havia intenções de deslumbrar a poder de rumorosas embaixadas, dominava a obsessão de economizar a todo o transe os réditos do tesouro, a fim de consertar finanças e enfrentar nova era política.

Um indício foi o noivado do Barão de Neveu. Procurou o diplomata uma consorte, não entre a fidalguia portuguesa, que existia aos montes no Rio de Janeiro à cata de cargos e vantagens — homens e mulheres, pais e filhos, sogros e genros; pouco interessantes para o austríaco familiarizado com fauna semelhante na Hof Burg de Viena — mas na casa do nôvo-rico Rio Sêco. O tirânico *primum vivere* obrigava-o a fazer vista grossa sôbre o que atribuíam ao negociista, o qual, segundo viajantes da época, incidia na categoria francesa dos “*financiers verveux*”, gênero Ouvrard, o financiador do Império, admitido pelo Regente luso sempre às voltas com incômodos problemas de dinheiro. Almejava Neveu esquivar-se, a poder de rendoso casamento, das vicissitudes dos colegas Elz e outros. Um dêsses era o russo Balk Poleff, de pitoresca memória.

As aventuras, ou melhor, as desventuras do moscovita mereceram particular atenção de Oliveira Lima. Provavelmente mal visto pelos superiores por irregularidades praticadas nos Estados Unidos, foi transferido para pôsto considerado pouco apetecível, ou seja, a côrte portuguesa encalhada no Brasil. Indicado para substituir o Conde Pahlen chegou ao Rio em 1816 com a sua casa particular. Antes, porém, não o tivesse feito, deixando-a longe do nôvo pôsto, pois daí surgiram as suas maiores infelicidades no Brasil. Reproduz o historiador de D. João VI o azedume que se apoderara do plenipotenciário de S. M. o Tzar de Tôdas as Rússias através dos sucessivos conflitos que provocou. Pouco depois de chegada, indispunha-se com o ministro do Exterior Conde da Barca, ao qual chamava Conde da Limonada, querendo com isto sugerir semelhança da côrte do Rio de Janeiro com o Haiti ou S. Domingos, onde os principais personagens se intitulavam Marqueses da Marmelada e Duques da Goiabada. Um belo dia, com a mesma desfaçatez de um Gromiko (a América não tem sorte com diplomatas russos) e quase no mesmo tom, pretendeu que o govêrno por-

tuguês atirasse no calabouço, a pão e água, dois serviçais franceses, um sapateiro e o outro cozinheiro, que tinham tido a ousadia de lhe reclamar ordenados atrasados. A propósito desse e de outros incidentes, reproduz Oliveira Lima curioso relato, por assim dizer, estenográfico feito pelo próprio Balk, da sua entrevista com D. João. Nela vemos — como diz o historiador — *“de um lado tôda a ira, contida pelo respeito à magestade, do diplomata escarnecido e raivoso, e de outro lado tôda a bonhomia velhaca do Rei, esquivando-se, encolhendo-se, tergiversando, contemporisando, para no fim, com uma só phrase, assumir inesperadamente a responsabilidade da situação e tornar impossível o prolongamento da conversa”*.

Fôra preciso tôda a insolência do desastrado diplomata para acarretar o pedido oficial de sua remoção pelo govêrno português. Desejava D. João manter as melhores relações possíveis com os russos, inquieto como se sentia a respeito de uma intervenção de tropas imperiais no Prata a favor da Espanha, inesperado desdobramento de velha política tzarista no Mediterrâneo. Ademais, o autocrata do Norte parecia a D. João presante elemento conservador na Europa, idéia que nunca o abandonou segundo se depreende da conversa que em 1821 manteve em Lisboa com o Internúncio Mons. Cherubini. Dispunha-se, entretanto, naquela altura, na côrte portuguesa, de noções bastante vagas a respeito dos moscovitas. Ao mesmo tempo que Ender, também estava de passagem pelo Rio de Janeiro o Conde Golovnin, de que já falamos, o qual na chegada fôra visitado pelo capitão de marinha ajudante de ordens do Regente — possivelmente o futuro Marquês de Maceió, Francisco de Sousa Coutinho, mais tarde casado com uma Carneiro Leão, de volta de Liorne onde fôra buscar a Arquiduquesa Leopoldina — o qual lhe participou o quanto o amo se comprazia em ver na capital um navio de guerra do Imperador da Rússia. Em seu nome comunicava como tinha em alta conta e *“respeitava”* o Tzar (em vez de *“estimava”*, cacoete do Príncipe tôda vez que desejava cumprimentar alguém, provavelmente por defeituosa noção do francês), que dera ordens para lhe ser prestada ajuda porventura necessária. Narra Golovnin, a propósito, o espanto do dito ajudante de ordens, quando viu na sua câmara um crucifixo: *“nunca ouvi, exclamou. que os russos fôsem cristãos, sempre imaginara serem gregos!”*

O mais divertido incidente entre diplomatas de carreira ou improvisados e a chancelaria de D. João, ocorreu, porém, com

o enviado do Daomé. Em 1805 mandara o régulo daquela região da Costa dos Escravos um enviado de nome Antônio Dosu Yevó<sup>(64)</sup>, incumbido de resgatar em Cuba a ama de leite de seu nôvo amo, vendida por ordem do tirano Adanuzam II, assim como tratar de outros negócios também ligados ao tráfico negreiro. A medida fôra talvez aconselhada por um baiano ou carioca, de nome Xavier de Sousa, imiscuído desde o fim do século 18 em traficâncias de cativos de guerra remetidos da África às Américas para servirem como escravos nas fazendas. A êsse negreiro sucedera um irmão, Francisco Félix de Sousa, tornado mais tarde célebre na qualidade de primeiro Xaxá de Ajudá<sup>(65)</sup>. Estavam todos, régulos e mercadores, ansiosos por incrementar relações com o govêrno luso perturbadas pelo despótico reinado de Adanuzam II<sup>(66)</sup>, que o baiano ajudara a derrubar, sucedendo-lhe o meio irmão Guezô, mais acessível a interesses de negociantes. Narrava muito tempo depois o malogrado embaixador, à funcionários coloniais portugueses destacados em África, como se demorara por mais de três anos na missão, sem conseguir avistar-se com o Príncipe Regente. O motivo dessas dificuldades é bem claro, apesar alegasse o daomeano que estava de volta de Cuba, onde estivera à procura da babá do amo, aí vendida pouco tempo antes de Guezô assumir o poder e nada mais pretendesse senão recambiá-la ao Daomé, espaço em que esgotara os seus recursos em dinheiro. Coincidia, porém, a sua permanência no Brasil, a espera de meios mandados de Daomé, com a vinda da côrte lusa de Lisboa, auxiliada pela Inglaterra, inimiga do tráfico de negros. Ora, uma das principais cláusulas do tratado entre o Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves e a Grã-Bretanha, rezava a supressão do odioso comércio, exigência a constituir delicadíssimo problema para o Regente. Recusando-se a ver o enviado do régulo, fingindo ignorar a sua presença na Bahia — que lhe devia ter sido logo comunicada, assim que o daomeano desembarcara na cidade do Salvador, centro de escravos e libertos da Guiné — evitava D. João romper com Ajudá, provedora de braços da lavoura

---

(64) *Dosu* significa nascido depois de gêmeos e *Yevó*, homem branco, o que dá a entender ser mulato o embaixador.

(65) V. tese do Autor, Vol. V da edição especial da Revista do Instituto Histórico Brasileiro, comemorativa do IV Centenário da Bahia, ou *O Brasil e o colonialismo europeu*, Cia. Editora Nacional, S. Paulo.

(66) Ou *Adanuzam*, que significa rei. Devia ter mais nomes, que desconhecemos.

brasileira e ferir suscetibilidades insulares, empenhadíssimo como estava o Gabinete de Saint James em destruir a escravidão para beneficiar as suas colônias<sup>(67)</sup>.

Houve também acalorados incidentes entre diplomatas acreditados na côrte e ministros. Dos mais bulhentos foi o de Monsenhor Lorenzo Caleppi, Núncio de S. S. e político de reputação mundial, violentamente desavindo com D. Rodrigo de Sousa, conflito amenizado, entretanto, pela prudência do romano, que soube voltar atrás, além de representar no momento a Santa Sé martirizada por Napoleão, espetáculo confrangedor até para nações acatólicas, quanto mais às "*Fidelíssimas*". Inversamente, o seu sucessor o legado do Papa Marefoschi a todos agradava, particularmente a D. João. Polido, afável, com altas pretensões nobiliárquicas, o brasão repleto de estrêlas e águias coroadas, desmanchava-se o nôvo Núncio em cortesias perante Príncipe, ministros e personagens importantes, senão oficiais, pelo menos officiosos. Certa vez, ao ver o interêsse da irlandesa Maria Carlota Milliard, primeira espôsa do então Barão do Rio Sêco, não teve dúvidas o Núncio em lhe ofertar o camafeu rodeado de brilhantes que levava no dedo, de ôlho no valimento da respeitável senhora junto à família real. Plantava verde para colhêr maduro. Neste sentido, carpia-se continuamente de falta de recursos num país "*onde tudo é caríssimo*" e partilhava da opinião das damas tedescas que tinham acompanhado a Arquidulesa, as quais, segundo êle, ansiavam por deixar o "*horrendo paiz e pessimo clima*". Muito esperto, contudo, percebera em tempo o quanto D. João apreciava "*Este Reino cuja grandeza elogia*".

Por sinal, não poupa o soberano de mexericos, reproduzindo-os na correspondência secreta com a Cúria. Dizia que o rei estava esperançado de se livrar da espôsa por ocasião do casamento de suas filhas com os Infantes de Espanha. A razão era detestá-la desde quando quisera fazê-lo passar por doido em Mafra; daí, esperava que acompanhasse as Infantas a Madri de onde não voltaria mais. Acrescentava Marefoschi provir o boato do apartamento dos reais cônjuges e também de estar el-Rei apaixonado pela Infanta viúva Maria Teresa; entretanto, como constava que a Princesa ia desposar o Grão-duque da Toscana, concluía não ser verdadeiro o repelente rumor.

---

(67) V. na tese citada do Autor in vol. V, ed. especial do I. H. Brasileiro, a significativa entrevista do Primeiro Ministro Gladstone com o negreiro José Cliffe.

Em todo caso, com sutileza vaticana, tinha o maior cuidado de que não transpirassem as informações mandadas ao Cardeal Secretário de Estado, pois conseguira colhêr a amizade do soberano e dela muito se valia na situação angustiosa da nunciatura. Recebia poucos recursos de Roma arruinada pela invasão, compelido a solicitar do Rei empréstimos para representar com dignidade a Igreja. No espírito do tempo, a legação não era mero capricho suntuário. Consideravam, as monarquias católicas, o Núncio apostólico chefe pelo seu caráter religioso do Corpo Diplomático, regalia extremamente dispendiosa de manter em países de vida anormalmente cara como o Brasil. Socorrera D. João por êsse motivo ao predecessor; mudara, porém, a situação porquanto Marefoschi não dispunha da envergadura de Caleppi nem tampouco D. João necessitava dêle como necessitava do colega. Por várias vêzes solicitara o Príncipe Regente a êste primeiro Núncio, escrevesse aos Bispos e ordens religiosas dos domínios de Portugal a fim de conseguir donativos para o real erário. Vencido o tormentoso lance da administração financeira do reino, removidas pela boa vontade de Wellington as dificuldades opostas pelas tropas inglêsas de socorro, também necessitadas dessas contribuições — consideradas as propriedades rurais eclesiásticas as melhor administradas do país — apresentava-se o sucessor Monsenhor Marefoschi, sem mais utilidade no caso, como vulgar pedinte, mais um entre milhares que assediavam o tesouro. Contudo, a benevolência de D. João condescendeu em que se emprestasse dinheiro ao Núncio, como dantes se tinha feito com o antecessor, se bem fôssem conhecidos os desmandos de Marefoschi na sua vida privada.

Constava, na côrte e no Corpo Diplomático, que o legado conhecera durante um estágio nas Marcas Pontifícias, certo Benedetto Paladini, indivíduo de baixa extração, criado de libré, insolente e atrevido, "*modelo de despudorados libertinos*", como gemia o secretário da nunciatura, desde que o Monsenhor partira de Roma em demanda do Brasil. A excessiva proteção — além dos limites "*do justo e do honesto*" — *apud* o mesmo informante, recebida do Núncio, estimulou Paladini à prática de desordens a bordo do navio que os transportava no oceano. Pretendeu o Capitão castigá-lo no que foi obstado por Mons. Marefoschi. No Rio mostrou-se o fâmulo de todo ingrato pelo modo como fôra remido. Fêz mais, desandou em excessos que chegaram a ameaças de pancada ao protetor, obrigando Marefoschi por várias vêzes a chamar a força pública para mandá-lo

à prisão. Infelizmente, em pouco, ia buscá-lo desmanchado em desculpas, até quando a má índole do abruzêz provocava novos distúrbios. De uma feita, houve na nunciatura, sita na esquina da rua do Hospício, perto do largo de Santana, tremendo escândalo, em que o patife se opôs de faca em punho a que Marefoschi subisse no carro para ir à polícia. Não teve remédio o Núncio senão seguir a pé, ao meio-dia, sob sol fortíssimo, quase morto ao chegar até o comandante para apresentar queixa. Pouco depois, voltava atrás, para maior contrariedade dos policiais, fartos daquelas palinódias, solicitando fôsse libertado o desprezível indivíduo e depois ainda lhe rogou perdão e o cumulou de atenções a despeito das censuras do Intendente da Polícia, levando-o consigo ao beija-mão de S. M. Resolveu el-Rei, à vista das constantes ocorrências, recambiar Paladini para a Itália, medida a que renunciou por causa do melindroso estado de saúde do Núncio, que muito se afetaria com o castigo impôsto ao seu querido mordomo. Menos generoso se mostrou o dito fâmullo, se bem tivesse maiores razões para sê-lo. Tantas contrariedades infligiu ao pobre Núncio que do desgosto decorrente se atribuía a agravação da moléstia que o arrastou ao túmulo.

Deixou Marefoschi débitos inumeráveis, a começar pelo compromisso com o tesouro. O empréstimo concedido pelo Rei — não ao Núncio como diz Oliveira Lima, mas à nunciatura — só foi pago em 1819<sup>(68)</sup>. A vinda dos núncios trouxe funcionários leigos romanos, no gênero de Paladini, entre os quais havia insolentíssimos. Um dêles se aboletava no mosteiro de S. Bento, onde invariavelmente chegava fora de horas. Era, para mais, molesto aos serviçais da casa. Certa vez viu-se fechar na cara a porta de entrada, por ordens terminantes do superior. Desandou, daí, em improperios e ofensas aos hospedeiros, com ameaça de se ir queixar às autoridades. Nessa altura, o irmão leigo porteiro perdeu a calma e saiu ao terreiro, onde, com as palavras “Pois, leve mais isto para a queixa”, aplicou-lhe sonoros bofetões. O funcionário conventual era possante campônio, motivo do hóspede não insistir e procurar outro pouso. Tais episódios, alimento de conversas em salões e chancelarias, foram, no entanto, de longe superados nos falatórios pelos incidentes entre estrangeiros e a escolta de D. Carlota Joaquina. A

---

(68) Oliveira Lima dá o empréstimo como caridade de D. João a Marefoschi no que se engana, visto constar oficialmente na escrituração pública, assim como o respectivo pagamento efetuado pela Cúria Romana.

origem dos desagradáveis conflitos remonta à chegada da côrte do velho reino, carregada de formalismos e pragmáticas impraticáveis na época e no Nôvo Mundo. Mandavam que os membros da família real recebessem reverências como se fôsem ídolos orientais. Deviam os populares encontrados no trajeto dos augustos personagens ajoelhar-se e os diplomatas e mais pessoas gradas apearem-se dos cavalos e respeitosa e descobertos esperar a passagem do cortejo quantas vêzes o caso se repetisse. Óbvio dizer, não era só a côrte portugüesa a impor tão rigoroso cerimonial. Tôdas as monarquias absolutas adotavam no Oriente e no Ocidente formas de divinização principesca, apenas com algumas variantes entre si, inspiradas por praxe e tradições locais. Acontecia entretanto, por fôrça de contraste, que os Príncipes ibéricos, em público tratados sob rigorosas fórmulas protocolares, se comportassem familiarmente nas férias no campo ou nos bastidores dos palácios, com fâmulos e gente do povo. Aparentavam muitas vêzes, até hábitos grosseiros, externados em chistes, gestos e palavras vulgares, resultado nem sempre benéfico dessa convivência. Consequira a Imperatriz Maria Teresa — exceção em tudo comparada a outros soberanos — evitar êsse tom deplorável na côrte austríaca, mas não logrou impor igual recato na de seus próximos parentes. Em Nápoles tornaram-se lendários os disparates praticados por Fernando IV, neto da desbocada Isabel Farnese, tão mal educado como o mais grosseiro *lazzarone* do seu reino. Narra o futuro Imperador José II da Áustria, em longo e pormenorizado relatório a Maria Teresa, os desmandos que presenciou em Pórtici e no palácio real napolitano. Em Madri ou Aranjuez esmurrava Carlos IV pai de D. Carlota Joaquina os eguações das coudelarias reais. No Rio de Janeiro os estrangeiros de passagem aludem acriminosamente aos maus modos do Príncipe Herdeiro e mais ainda aos de seu irmão o Infante D. Miguel. A respeito dêste, narra um francês o episódio em que desejosa a Infanta viúva Maria Teresa, fôsse o seu filho bem educado, contratou a filha de antigo Cônsul britânico para governante do infantezinho. A pobre mulher se viu logo alvo de remoques, por parte de parentes do pupilo a que resistiu como pôde: "*Au milieu de la cour corrompue de Rio de Janeiro, l'institutrice de l'infant D. Sebastião savait conserver toute sa dignité, et repoussait avec fermeté les plaisanteries inconvenantes dont ne cessait de la poursuivre le jeune infant D. Miguel, oncle de son élève*".

Exagerava o informante, como sempre fazem estrangeiros, ao dizer “*côrte corrompida*”<sup>(69)</sup>. Provavelmente confundia corrupção com má educação, pois alimentamos dúvidas acêrca do que os desafetos de D. Carlota Joaquina inventaram no assunto para feri-la, assim como dos mexericos reproduzidos por jornalistas sôbre hábitos e costumes de D. João VI. Esses improvisados historiadores no afã de condimentar as suas reportagens, não distinguem o joio do trigo tal seu afã em interessar o grande público. A *côrte* fluminense, muito pelo contrário, apresentava-se louvável quanto à moralidade do elemento feminino, e, se não podemos dizer outro tanto do masculino, é porque predominavam mais serviçais de baixa categoria do que fidalgos de boa casta em redor dos infantes. O inconveniente vinha de longe, dos Paços de Nápoles, Buen Retiro ou Queluz<sup>(70)</sup>, reproduzido além-oceano pela pouca importância que davam ao assunto nas monarquias absolutas. Mais grave era o absurdo costume de se cuidar em extremo da instrução dos primogênitos e descuidar a de filhos segundos. Ao defeito atribuíam-se muitas deficiências de D. João VI e o fato de seu filho mais moço se assinar *Migel*.

Depoimento frisante acêrca de tão grave anomalia é o do plenipotenciário russo, Barão de Teille von Serskerken (e não Thyll, como escreveu Oliveira Lima) chegado ao Rio pouco depois de Ender. No dizer do Cônsul francês Maler, gastara o diplomata mais de 40.000 francos na reforma da casa e jardim que alugara perto de uma das residências de D. Carlota Joaquina. Não sabemos se foi em Mata-Porcos, no Catete ou Botafogo, mas teve logo de se mudar, tais os excessos e insolências da criadagem vizinha, contra as quais nada adiantavam

---

(69) O exagêro em confundir má educação com corrupção, coisas completamente diversas, aparece por contraste nos gerais elogios à Infanta mais velha. Vê-se o contrário do alegado na atitude da princesa louvada por todos que a conheciam. “*Cette Princesse*”, escreve Pallière, “*est d'un jugement au dessus des personnes élevés comme on l'est à la Cour de son père. Grave, instruite et aimant les arts, mais esclave des goûts de sa cour, elle se contente de soupirer et cherche à élever son fils, le jeune Prince Sebastião de la manière la plus convenable a sa Dignité. Je me rappelle un mot quelle me dit. En lui faisant mes compliments sur ce quelle parlait parfaitement français, elle repondit “C'est l'abbé Boiret qui nous a donnée des leçons. Il a l'accent trop mauvais. Il parle le Français comme un Galègue parle Portugais. Cet homme malgré cela grâce à l'état rempant qui a prix à la Cour, est parvenu a être nommé maître de langue Française du Prince Royal (D. Pedro). Il se donne le titre d'emmigré”, e conclui Pallière, “S'il serait immitgré, ma patrie, pleine de ces gens là, serait débarassée de bien de parasites qui la succent encore”.*

(70) Sôbre pormenores da vida da *côrte* nas monarquias do século 18, pode-se consultar os trabalhos: *Ich Eine Tochter Maria Theresias* do Conde Corti, e *Carlota Joaquina* de Markus Cheke, também autor do *Marquês de Pombal*, ambos informativos a despeito de senões e imparciais.



queixas. Não admira que tal acontecesse, pois noticia Marrocos, um certo José Lopes Saraiva estava prêso no aljube da cidade por ordem de D. Carlota, porque em escandalosa briga vazara o ôlho do filho de uma criada. Em outra ocasião foram encarcerados os criados do paço pelo incrível descôco de "*gramantear*" a merenda real, como diz Marrocos, deixando os Príncipes sem refeição. Outros praticaram crimes pelos quais tiveram de ser encarcerados por ordem do Intendente de Polícia, Paulo Fernandes Viana, como soía ao transporem os limites do admissível e chegarem a incomodar além do vulgo *paecus* os sagrados governantes. Assim sendo, exigiam os sacrosantos personagens à roda do trono que os reverenciassem como ídolos, tudo se admitindo dêles e de seu séquito. Sequer no mar escaparia a população da cidade de vênias obrigatórias. Uma aguarela pertencente às ilustrações que ficaram inéditas de expedição oficial, de autoria talvez de Adriano Taunay, traz no mesmo sítio em que Ender desenhou o iate real *Monte de Ouro*, defronte à ilha das Cobras, o escaler de D. João perante o qual se curvavam profundamente de chapéu na mão os negros tripulantes de uma jangada.

Convém reconhecer na atitude de D. Carlota Joaquina mais o reflexo de época decadente em luta com escarcéus contrários, e, por isso mesmo, mais exasperada, do que manifestação tão-só de caráter soberbo. Não menos apegados a formas antigas protocolares se mostravam os Bourbons de França depois da Restauração. Há queixas de diplomatas ingleses contra os Príncipes que os tinham convidado para jantar nas Tulherias e à mesa os tinham separado da família real por um biombo. Julgavam os diplomatas insólito o tratamento, porquanto na côrte de Saint James os soberanos recebiam os Embaixadores sem peias vexatórias, a lembrar "*les avanies de la Cour du Grand Turc*". No Brasil semelhantes exigências iam suscitar no pequeno ambiente do Rio de Janeiro tôda sorte de incidentes, até o Príncipe extinguir a fonte dos desaguisados. Comentava-se *ad infinitum* nas rodas de Elz ou de Neveu em que vivia Ender, os conflitos com o Encarregado de Negócios da Holanda, outro com um negociante inglês, rumores de outro ainda com o Embaixador Strangford e finalmente com o Comandante Bowles<sup>(71)</sup>. Jamais sucedera coisa igual com o Rei e estran-

---

(71) Alberto Rangel dizia ter visto álbun antigo de um desenhista norte-americano que reproduzia cena de pancadaria nas ruas do Rio de Janeiro promovida pela escolta de D. Carlota.

geiros em geral e inglêses em particular, fôse por cálculo ou por sincera gratidão à vista de seu auxílio no êxodo de Portugal e apoio que lhe davam nos acontecimentos do Prata. Não teve dúvidas D. João, à vista disso, em ordenar aos cadetes autores da afronta fôsem a bordo da nau *Creole* desculpar-se do que tinham praticado por ordem superior.

Culminaram os incidentes com o desagradável desaguisado sucedido com o Ministro americano Sumpter, tão rumoroso que chegou a figurar em destaque na coleção de viagens de Mac Carthy, onde o vemos numa gravura a cavalo, enfrentando de pistola em punho os Cadetes da Princesa. A despeito da conhecida reprovação do espôso a essas exigências, teimava D. Carlota nas suas pretensões até causar a retirada do Rio de Janeiro do diplomata americano muito estimado por D. João e pela melhor sociedade. Narra o cronista da viagem da fragata *Congress*, que estêve no Brasil ao mesmo tempo que Ender — cujo nome, por sinal, estropia chamando-lhe Euter — como o Ministro armado se recusou a obedecer às palavras da escolta “*ape-se sr.*” em Botafogo, onde tivera o infortúnio de cruzar D. Carlota. O Plenipotenciário morava numa chácara perto da estrada constantemente percorrida pela parte da família real que morava com a Princesa. Como sabemos, D. Carlota vivia separada do espôso, em casa diversa na companhia das filhas mais môças a cuja educação se consagrara. Nunca as infantas solteiras a deixavam, indo tôdas as manhãs, a mãe e as filhas, a S. Cristóvão ouvir missa com o Regente. À tarde tornavam a sair de carro pelas quatro horas, dirigindo-se muitas vêzes à casa da Viscondessa de Vila Nova da Rainha, virtuosa senhora, espôsa do valido de D. João, que tinha a mesma idade de D. Carlota e era sua íntima amiga. O percurso não variava muito, seguindo quase sempre a praia onde também acontecia se deterem para conversar com alguma dama conhecida. O próprio cronista Brackenridge, a que acima aludimos, pôde contemplar a Princesa Herdeira D. Leopoldina e parentas, quando familiarmente conversavam com uma das filhas do diplomata americano.

A Sra. Sumpter, francesa de nascimento, *née* de Lage, e as suas filhas falavam correntemente português, que tinham aprendido na longa permanência no Rio de Janeiro, onde o marido se tornara decano do Corpo Diplomático. Distinguia D. João ao diplomata sem perda de oportunidade em demonstrar o seu aprêço aos Estados Unidos, muito mais liberal, o

Príncipe, dizia o Plenipotenciário, que seus Ministros<sup>(72)</sup>. Essas circunstâncias concorreram para mais azedar o incidente e foram fator decisivo de o Rei abolir definitivamente o abuso. Teve D. Carlota de obedecer às ordens do espôso, pôsto relutante, medida recebida com intensa satisfação pelo Corpo Diplomático e europeus em geral. Quando, porém, soube D. Carlota que o Encarregado de Negócios da França, o Cônsul Geral Maler, pretendia aproveitar-se do ocorrido, mandou-lhe dizer que assim podia na qualidade de representante de país estrangeiro, mas como pensionista do tesouro a título de serviços outrora prestados a Portugal, perderia a recompensa, pois os súditos da coroa continuavam adstritos a reverenciar os Príncipes como dantes. Julgou o esperto gascão que mais valia não desagradar a D. Carlota e tôda vez que a encontrava apeava do cavalo e se desbarretava como qualquer funcionário ou lojista português. Disso muito se ressentia a colônia francesa, mormente os “*ressortissants*” de tendência bonapartista, avessos ao Cônsul por causa da vigilância que sôbre êles exercia, os quais asseveravam que Maler nessas ocasiões até se ajoelhava.

Discordavam as novas gerações do cerimonial que outrora cercava os Príncipes; continuavam, porém, as praxes correntes mantidas pelo hábito e tradição dos velhos e dos leais à monarquia. Assim, no reinado de D. Pedro II, encarnação de virtudes e modêlo de simplicidade, havia preitos e homenagens de que um dos consagrados escritores do século evoca no romance *D. Casmurro*: “*Em caminho encontramos o imperador, que vinha da Escola de Medicina. O omnibus em que iamos parou, como todos os vehiculos; os passageiros desceram à rua e tiraram o chapéu, até que o coche imperial passasse*”, reverência já muito atenuada se a compararmos à do tempo de D. Carlota Joaquina. Ademais, medeava um abismo entre a homenagem livre e a forçada, entre a que prestava um grupo de súditos em espontânea manifestação de civismo e a obrigatória imposta por cadetes atrevidos. Entretanto, pouca comoção nos suscitam notícias a respeito de ditadores da nossa época, quando passeiam em carros de aço, com janelas de vidro a prova de bala, mais abundante escolta e luxo de precauções, além do uso de sósias e outros expedientes jamais imaginados pelo mais empertigado e tirânico Príncipe do antigo regime monárquico.

---

(72) Marrocos se refere com pesar à possibilidade de ruptura de relações com os Estados Unidos em consequência de suas quizfilias com a Grã-Bretanha aliada de Portugal. Em outra carta, noticia que os americanos tinham retomado dois negreiros portugueses aos ingleses e os tinham restituído aos donos portugueses.

---

## MINISTROS DE ESTADO E FUNCIONÁRIOS PÚBLICOS

*Pintados por Marrocos.*

No MEIO carioca conhecido por Ender, misturava-se a crônica diplomática com a da côrte, ambas bastante próximas entre si e férteis em novidades. Recrescia o interêsse pelos bastidores do govêrno acompanhado de rumôres, mexericos e diz-que-diz, tôda vez que se tratava da escolha de agentes administrativos do mais elevado ao mais ínfimo, de Ministro a varredor de Repartição. Nessas ocasiões alvoroçavam-se os círculos nêles interessados. Era um dos principais característicos do regime absoluto, decorrente do princípio político "*mana do soberano o bem e o mal dos súditos*", num desmedido poder, que segundo as circunstâncias, tanto pode ser benéfico como extremamente maléfico.

A transferência da côrte para o Brasil é expressivo exemplo do potencial realizador do mando em uma só mão, o qual em conjunturas graves não tropeçava em peias que a discussão de medidas urgentes encontram em regimes democráticos. Fôra o êxodo admitido havia muito, desde que a sede da monarquia lusa se vira ameaçada por adversários poderosos<sup>(73)</sup>, porém, executada em poucas horas, de modo a frustrar os planos do invasor. Em outros lances provaria o contrário, menos conve-

---

(73) Sem falar na tentativa do Prior do Crato, ou dos conselhos do padre Vieira a D. João IV na luta pela Restauração, temos carta do Marquês de Pombal a seu genro a respeito dessa medida no caso de invasão castelhana, em que foi apoiado por D. Luís da Cunha. O Marquês de Alorna, em 1801, também assim sugeria ao Regente, a fim de intimidar aos espanhóis, aliados ao Corso, com a ameaça de conquista de seus domínios americanos.

niente ao bem da nação, quando não desandava francamente em seu prejuízo, em demasias de govêrno discricionário que tudo submete ao arbítrio do poder supremo, cujo ideal é manter-se inalterável no poder.

No caso em aprêço justificavam as circunstâncias a desesperada resolução do Príncipe Regente de Portugal. Estaria perdida a monarquia — a família real prisioneira do inimigo, os melhores elementos do país reduzidos a reféns, a administração acéfala, o povo à mercê de demagogos a serviço do inimigo — se dependessem as resoluções do govêrno de consultas demoradas defronte do alude. Sòmente medidas imediatas podiam salvá-la, como foram as que presidiram a transferência da coroa para o Brasil, não menos drásticas depois da chegada à América a fim de organizar o serviço público. Não tendo sido previsto com bastante vagar o acontecimento, mal davam as antigas repartições do Rio de Janeiro, já insuficientes na administração colonial, para abrigo da gerência do império luso.

O abalo poderia ser nefasto à coroa, arriscada a naufragar na desordem em época adversa às monarquias inda as mais estáveis. No entanto, chegou a bom pôrto a família real, govêrno, côrte e representação estrangeira, e encontraram destino preestabelecido, a salvo de demasiadas confusões e prejuízos. De maneira quase milagrosa, todos receberam teto, moradia e comida. Conventos se viram transformados em palácios, cadeias foram removidas para dar lugar a dependências do paço, mosteiros abrigaram soldados, e novos ricos cederam as casas a novos pobres, com aplauso inicial da população. Nunca se poderia esperar mudança tão fantasmagórica, operada com tanta presteza e segurança. A energia do Príncipe Regente tornara-se destarte, exemplo para outros soberanos bem mais poderosos às voltas com as mesmas vicissitudes.

Infelizmente, em breve pesariam os sacrifícios exigidos do povo. Despojado de suas habitações, vítima de subitânea carestia, reparava o carioca no modo como era atendido pelo govêrno. Aí residia a falha maior da máquina administrativa dependente de organização financeira onde os recursos aumentavam em proporção aritmética e as despesas em geométrica. Dispunha o Regente de alguns colaboradores ativos, como o Conde de Linhares, mas o grosso do funcionalismo estava submetido a vícios administrativos e modorra imemorial causada

por perene falta de recursos, agravados no Brasil onde se tornaram endêmicos. Criticava José da Silva Lisboa a remessa sem compensação de dinheiro para o Oriente, queixavam-se os portugueses de Portugal da falta dos réditos que dantes vinham do Brasil, assim como os eclesiásticos carpiam a renda de suas propriedades metropolitanas, que a côrte requisitara para aplicar na campanha do Sul. Queixavam-se da administração e dos ministros. Estes, porém, eram os menos culpados na conjuntura, pois, defrontava-se-lhes região virgem, onde tudo estava por se fazer, que até hoje ainda não foi de todo desbravada, e, no tempo de Ender, ainda havia aldeia de índios em S. Lourenço, numa dobra da baía da Guanabara pouco distante do Paço onde habitava o Príncipe. É preciso atentar, no estudo dos problemas brasileiros, ao fato de ter sido a sua imensa extensão pouco ou nada colonizada pela metrópole<sup>(74)</sup>. Basta dizer, deparar-se-nos tão fraca a antiga capacidade colonizadora lusa, que dos raros esboços oficiais intentados em três séculos, contavam-se casais dos presídios marroquinos e bandos de ciganos indesejáveis no reino, remetidos para o norte da colônia, e, isso mesmo, não tanto no caráter de produtores de riquezas, mas principalmente de ocupantes do solo a fim de resguardá-lo de castelhanos. Por muito tempo contentaram-se os habitantes dos núcleos esparsos pelas margens do Amazonas, em plantar o suficiente para alimentar-se, porquanto faltavam condições que lhes facultassem produzir para exportar. Mais ao sul, os casais das ilhas atlânticas para lá mandados, sequer plantavam, reduzidos a viverem da pecuária nos mordes mais primitivos. O povoamento das Minas efetuou-se em grande parte com a contribuição da escassa população paulista, composta em dado momento dos descendentes de castelhanos e portugueses reunidos em S. Vicente pelo acaso. Na metrópole, logo surgia alarme pela partida de alguns audaciosos seduzidos pela miragem do rápido enriquecimento, como também sucedia a marujos que desertavam para procurar ouro no sertão brasileiro. Era feliz naquele tempo Portugal, livre do avantesma da superpopulação que hoje o apavora. Sobejava-lhe então *Lebens raum* em tais proporções que, à vista da devastação causada por epidemias, cogitou-se da remessa de casais

---

(74) Cf. opinião de José da Silva Lisboa, "*Porisso o systema colonial atrazou muito a possível população e grandeza do Brasil*", in *Observações sobre a Franqueza das Industrias*, Rio de Janeiro, 1810.

das ilhas para Setúbal ou as Beiras, de sorte que, a população da Madeira e de Açôres, sequer suficiente para colonizar o Amazonas e as raias do sul, teve ainda de repovoar o Minho<sup>(75)</sup>.

Pelo exposto aquilata-se a injustiça de muitas críticas contra os Ministros no último período da monarquia absoluta. Iniciativas tiveram muitas, aconselhadas pelo patriotismo e zelo desinteressado, e, se foram infelizes, acompanharam o fadário de todo administrador, do qual, em boa regra, devemos tirar a média do acertado e do desacertado da sua gestão. O Príncipe, por sua vez, tímido e demasiadamente cauteloso — se bem soubesse às vêzes tomar prontas resoluções — contribuía para emperrar a administração. Degenerara aos poucos a monarquia em gerontocracia, envelhecendo, adoecendo e morrendo Ministros nos ministérios, onde se demoravam muito além da capacidade administrativa de que podiam dar provas. A propósito, encontramos em uma das cartas de Marrocos saboroso trecho — se nos é lícita a expressão — sôbre o estado de vários governantes. Ouvira do Príncipe Regente, que Antônio de Araújo, Conde da Barca, estava muito mal, “*q. elle já não podia assignar, q. a sua lettra de agora pela sua meudesa não parece ser feita pela mesma mão de algum dia. . . O Marquez de Aguiar já tem enterrado tres Secretarios de Estado; Anadia, Linhares e Galveas, e parece que está abrindo sepultura para o quarto. João Paulo Bezerra ainda se arrasta muito, mas dizem que, na falta daquelle, he o que está na bica; e ninguem fala em Pedro de Mello*”. Era um descalabro pelo contínuo desaparecimento de velinhos inocentes, funérea situação para gáudio dos maçons partidários de “*idéias novas*”.

Encontramos na descrição de S. Cristóvão, por Araújo Pôrto Alegre, informação acêrca do caráter do Príncipe, que, através dos seus métodos habituais de govêrno deve corresponder à realidade. Professava D. João, entre outros vezos, o mais entranhado horror à mudança de auxiliares, motivo das delongas que atrasavam a nomeação de um Ministro, o qual depois de empossado no cargo não mais o deixava. Concorria também nas hesitações do Regente a lembrança de excessos praticados pelos mandatários sob nome do soberano em reina-

---

(75) V. do Autor *Pernambuco e as Capitánias do Norte*, vol. I, págs. 5-13. Convém igualmente notar, que muitos minhotos imigrados no correr do regime colonial para o Brasil, voltaram às Beiras depois de enriquecidos. Na chegada da côrte orçava a população do Reino por três milhões e a do Brasil por um pouco menos, com pequena proporção de “brancos puros”, de que devia sair a futura classe dirigente substituta da reinol depois de 1822.

do precedente e pouco remoto<sup>(76)</sup>. O resultado era acumular-se sem despacho montanhas de papéis sobre a mesa das Secretarias de Estado, trazendo consigo outros males inevitáveis no regime absoluto — a corrupção do funcionalismo público e intervenção nos negócios de indivíduos peritos em advocacia administrativa. O inconveniente também existe em outros regimes, passível, entretanto, caso exista espírito cívico no povo, de suscitar obstáculos e corretivos a abusos graças ao clamor das massas e ação de seus representantes parlamentares, simultâneamente fiscais e juizes.

Governou D. João na transição da fórmula absolutista, em que a massa amorfa, alheia à escolha de seus dirigentes, era governada por guias especialmente preparados para o fim, até que o povo chegou a certo nível econômico e cultural, pudesse governar-se a si mesmo. Em 1817 o Império português ainda se encontrava na primeira fase, e, uma das conseqüências era incidentemente Tomás Antônio Portugal, quase inválido, concentrar nas mãos tôdas as pastas do govêrno. A situação, pôsto transitória, impunha ao diligente Ministro tarefa demasiada. Tornava-se ainda molesta pela dilatação em o Príncipe resolver o problema das nomeações. Contudo, a relativa autonomia de certos setores governamentais proporcionava auxílio e algum desfôgo a Tomás Antônio, graças à Intendência da Polícia, Tesouraria-mor, Senado Municipal, Relação, Corregedor da Comarca, Físico-mor do Reino, etc. . . que, à sombra das Secretarias de Estado, dirigiam repartições de largo alcance administrativo.

Dos membros do govêrno o que mais privava com o Príncipe era o Intendente de Polícia, detentor de inúmeras funções, algumas em extremo delicadas no regime absoluto. De dois em dois dias conferenciava Paulo Fernandes Viana com D. João, visto competir-lhe, entre outras coisas, prover à segurança dos habitantes e, acima de tudo, estabilidade do trono. No Rio de Janeiro acresciam incumbências às que tivera em Lisboa Pina Manique, a se destacarem na geral improvisação de tarefas, a organização da polícia, a abertura de novas estradas e melhorias nas velhas da capitania, censurar a imprensa nacional e estrangeira, promover e dirigir festejos oficiais e cuidar do importantíssimo caso das "aposentadorias". Nos

---

(76) V. *O Marquês de Pombal*, de Markus Cheke, onde encontramos circunstanciada exposição a respeito.



motivos da escolha do velho Paulo Fernandes, mais do que seus méritos de magistrado, influíra o fato de pertencer por afinidade à família Carneiro Leão, os maiores argentários cariocas do tempo. A despeito da atividade que procurava aparentar, não devia ser muito eficaz o Intendente em todos os cargos. Sentia-se cansado, cada vez mais propenso em prolongar a sesta diária até às cinco da tarde e a fugir de importunos que lhe acarretassem mais trabalhos; o parentesco, porém, lhe permitia adiantar quantias necessárias a certas despesas quando o tesouro estava vazio. Muitas tinham caráter urgente e inadiável, o que obrigava o Príncipe a fechar os olhos sôbre a maneira como as satisfaziam. A execução seria, tampouco, sempre digna de louvores. Narra Debret como foram recrutados à força artífices destinados à ornamentação da cidade nas festas seguintes à chegada da família real e os curiosos efeitos que daí emanaram. Durante anos indivíduos apanhados na rua, sem tirocínio algum do que se lhes exigia, tiveram de imitar mármore e apor ornatos dourados nos palanques erigidos nas grandes ocasiões, até a missão artística francesa imprimir caráter mais profissional aos empregados no mister.

Costumava o Príncipe procurar auxiliares imediatos de govêrno, desde o colapso mental de D. Maria I, tanto na aristocracia como na burguesia. No critério entravam fidalgos de reconhecido valor, pertencentes à alta nobreza, tradicionalmente servidora da coroa<sup>(77)</sup>, providos de bens que lhes asseguravam independência em funções exercidas mais por satisfações de vaidade e rebates do "*complexo criador*"<sup>(78)</sup> a que repetidamente aludimos em nossos trabalhos de historiografia, do que injunções materiais. Entravam também na escolha probos representantes da magistratura, que se tinham destacado pela operosidade nas suas funções. Pensava, assim, o Regente, evitar os males do govêrno do avô e as deficiências do materno, o primeiro caído em mãos de aventureiros e o segundo nas de incapazes.

A mesma orientação presidia o preenchimento de cargos da diplomacia, exército, marinha, alta e baixa administração, se bem em última análise, os resultados se assemelhassem. Em Lisboa acumulara Pina Manique grande fortuna havida na polícia e mais funções anexas. No Rio de Janeiro murmu-

---

(77) V., do Autor, *Pernambuco e as Capitãncias do Norte do Brasil*.

(78) Id., *A Bahia e as Capitãncias do Centro do Brasil*.

rava-se contra Paulo Fernandes Viana, acessível, como nos diz Saint-Hilaire, a peitas de indivíduos interessados em alterações de planos do govêrno. O rancor que lhe guardara por êsse motivo o Infante D. Pedro ia ressurgir em várias medidas, às vêzes chegadas às raias do absurdo quando subiu ao trono. Agravavam as desconfianças do soberano o fato de o Intendente ser genro de Brás Carneiro Leão. Para D. Pedro todos do invejado clã eram sanguessugas do Tesouro, que se devia vigiar enquanto não fôsse possível alijá-los dos negócios públicos e proibir-lhes a entrada em Repartições. Poder-se-ia daí avarar que os impropérios applicados pelo nosso primeiro imperante a áulicos nem sempre seriam manifestações de estouvamento.

Além dêsses fatôres perturbadores da máquina administrativa, intervinham outros de ordem psicológica. Um dos mais importantes provinha da natureza afetiva do Regente, que se julgava devedor aos que tudo tinham abandonado no reino para acompanhá-lo na América. Conferia, destarte, o sacrifício aos reinóis, direito à habitação, honrarias, moradia, passadio, condução e serviços para os mais graduados, e principalmente convívio com a realza dispensadora de mercês. A gratidão do soberano levava-o a constantemente reconhecer a fidelidade de tais súditos, valorizada a seus olhos pelo procedimento de muitos que tinham permanecido no reino e aderido aos invasores. Nas doações consequentes, procurou, contudo, unir o útil ao agradável; pagar a dívida e concorrer para o aproveitamento da terra, a exemplo do que o seu avô D. João III tentara em 1532 com a promulgação das capitánias.

Desejava o Regente intensificar a cultura do café, muito remuneradora pelo fato de haver no momento intensa procura dêsse produto no mercado de gêneros chamados exóticos. Terminara o famoso Bloqueio Continental, um dos pretextos da invasão do reino e a necessidade de refazer estoques, além da euforia de organismo convalescente no caso da Europa, contribuía para ativar negócios. Nesse lance — na hora H — surgira a campanha humanitária inglêsa contra o Tráfico Africano. Viu-se, daí, o Regente constrangido a contemporizar a solução do problema a poder de sucessivas postergações enquanto se expandia a cultura cafeeira. A traça era percebida pelos insulares, interessados em impedir o desenvolvimento, que êles consideravam prejudicial a suas colônias, ou melhor, aos latifundiários inglêses lá estabelecidos. Possuidores de parentescos úteis e de influência no Parlamento Britânico, êsses agri-

cultores tentavam por todos os meios criar obstáculos ao surto português, pois, recusavam suportar sòzinhos todo o ônus da campanha abolicionista. No choque muito deveu a incipiente agricultura brasileira ao prestígio pessoal do Regente na côrte de Saint James, o que nos permitiu organizar a base da futura economia brasileira, porquanto sem a estreita e inalterável amizade da côrte lusa com a britânica, acaso fôsem ouvidos nos degraus do trono os afrancesados e liberais que em tôda parte tinham começado a se agitar, a nossa evolução se atrasaria de um século em vez de prosseguir harmônicamente como sucedeu inda após a abolição.

Dos efeitos immediatos da prudência joanina temos a chegada do fazendeiro francês de Scene, expulso pela revolução de S. Domingos, o qual, segundo Golovnin, viera estabelecer-se no Rio de Janeiro contemporâneamente à missão científica austro-alemã. Referia-se provàvelmente o russo a êste agricultor, se bem não lhe cite o nome, o qual comprara nessa época uma gleba na Tijuca perto da Condêssa de Roquefeuil, do Conde de Gestas, de Nicolau Antônio Taunay, do Visconde de Asseca, etc., e plantara cinqüenta mil cafeeiros. Outros chegavam diàriamente com fito de iniciar plantações na esteira de antecessores, como Ouseley ou Langsdorff, a estender lavouras nos subúrbios do Rio de Janeiro, *ad instar* do que já se fizera em S. João Marcos e mais sítios. A produção fluminense, juntada à de Minas, entrava no tempo de Ender em apreciável pêso nas exportações da nossa balança comercial. Escrevia Pallière a propósito, "*Le caffè a été pour eux (lavradores) une mine d'or*", em que figurava a Real Fazenda de Santa Cruz com 128.000 pés.

Onde, porém, temos na monarquia absoluta morbo deveras nocivo para o Estado, porque não encontrava compensação de espécie alguma, era na rivalidade estéril dos componentes da "*governança*". Principiava infelizmente do alto, entre Príncipe e consorte, irremediàvelmente desavindos no Rio a respeito dos negócios do Prata. Mal aconselhada por devorante ambição, não havia expediente a que D. Carlota Joaquina deixasse de recorrer para impor o que chamava seus direitos nos antigos domínios espanhóis. São sobejo conhecidas suas intrigas com o Almirante Sydney Smith, condenadas pelo Regente e pelo Embaixador britânico no Rio. Dos conciliábulos saíam resoluções inexequíveis pela sua colisão com a época, em que figuravam como agentes indivíduos públicamente desacreditados

como José Presas. A respeito escrevia Strangford a Linhares, comunicando relatórios de agentes britânicos no Prata, "*If the accompanying Letter were not sufficient to prove the infamy of P... 's character, a reference to his former crimes in his own Country, and to the whole of his behaviour in this, would furnish incontestible arguments for removing him from a place where his residence is dangerous in extreme*". Em outro "memorandum confidencial", reproduzia enredos do lamentável indivíduo no Prata, "*He has lately written a Letter, calling upon all good Spaniards to release the Princess Carlotta from the cruel and tyrannical bondage in which She is detained by the Prince of Brazil*". Inventar crueldades conjugais de D. João chega a ser cômico e bem demonstra a desfaçatez de Presas. Mais tarde, quando êle não pôde mais explorar a protetora, voltou-se contra ela, cobrindo-a de baldões, como autêntico chantagista que era<sup>(79)</sup>. Não menos elucidativos são os comunicados de agentes de D. Rodrigo de Sousa Coutinho, como Possidônio da Costa, particularmente interessantes pela descrição do modo com que tais intrigas eram compreendidas pelos platinos.

Temos, acêrca da situação, caso típico no terreno financeiro provocado pelo absolutismo e corrigido pelo regime liberal subsequente, nos comentários de um francês sôbre a Regência e esbôço de democracia que em 1834 se processava no país. Prestava-se a Menoridade às maiores apreensões; havia excesso de poder municipal de que dependiam as eleições; o mesmo se repetia perigosamente no Judiciário que regia a vida e os bens dos cidadãos; havia sempre perigo de lutas armadas nas províncias, e coisa pior, o de levantes de escravos suscetíveis de reproduzir os horrores de S. Domingos e favorecer as manobras dos portugueses recolonizadores. Jacquemont traçou o quadro em período anterior, vizinho do reinado de D. João VI, com eloquência e brilho literário de quem era considerado por Merimée, Stendhal e mais corifeus do Romantismo como sendo um dos seus maiores expoentes. Julgava o francês, segundo idéias do momento, partilhadas também pelo almirante Roussin destacado em 1822 no Rio, precário o Império, fadado a desas-

---

(79) No mesmo comunicado ocorria "*I have seen this Letter, and I never read a more inflammatory or indecent composition. It recapitulates the domestic disagreements between the Royal Couple*", etc. etc....

tres por falta de classe média na população<sup>(80)</sup>. A partida de D. João VI deixara o país entregue a um pequeno grupo de pessoas, *“avec leur écorce européenne polie. élégante même”*, a dominar multidão de negros. *“J’ai vu ici pour la première fois, l’esclavage des noirs sur une échelle immense former le régime de la société”*. Nessas condições, dizia Jacquemont, a catástrofe era tão iminente como inevitável. . .

Um outro francês, chegado na Regência, afinava pelo mesmo tom, mas depois admitia que, *“intéresses materiais apoiavam e sustentavam a existência do Império”*. Fôra obrigado, apesar da toleima própria de turistas, particularmente franceses afligidos por insanável *“suffisance”*, a reconhecer a boa gestão financeira de homens notáveis como Feijó, inspirados pelo mais alto patriotismo, que não sacrificavam os interesses do povo pela sua permanência no poder. Era-lhes igualmente permitido, pelas circunstâncias de momento e força moral de que dispunham, comprimir despesas até nas pastas militares, verdadeiro prodígio, façanha hoje impossível e sem exemplo. Podia naquela altura a nação dar-se o luxo de substituir dispendioso exército pela Guarda Nacional, e mais medidas acertadas de povo pacífico, que prescinde alimentar veleidades de conquistas territoriais para alimentar o prestígio do governante. A consequência aparecera no orçamento de 1835-36, onde, em vez do *deficit* previsto de dois mil contos de réis, surgira *supervavit* de oitocentos contos. *“Eis o segredo do govêrno”*, exclama o viajante, *“o crédito mantido porque a dívida não é considerável e as produções aumentam de ano para ano, além de que o custo da vida”*, caríssimo no tempo de D. João VI, tornara-se *“barato para as classes menos favorecidas, concorrendo para evitar maior insatisfação no Rio de Janeiro, do que em qualquer outro sítio”*.

Não é intento nosso tecer comparações entre o passado e o presente; vamos pois, tornar ao assunto dos males causados na administração pelo regime discricionário. Lavrava, no momento em que D. João resolvera transferir-se para a Guanabara, conflito de orientação política entre partidários da França e da Inglaterra, não só em tôda a nação portugêsa, como no próprio seio do govêrno. Acirrava-se a contenda pela gravi-

---

(80) A respeito de Jacquemont disse Humboldt a Ferdinand Denis que o célebre produto da capelinha parisiense, “cujo espírito fôra corrompido por Cabanis e Destut de Tracy”, nada entendera da natureza do Himalaia no seu livro sôbre a Índia. Não só, porém, neste ponto, demonstrava Jacquemont incompreensão.

dade da situação, pois desses países dependia a existência de Portugal. Nos “*inglesados*” formavam os conservadores ferrenhos<sup>(81)</sup> pelo fato de serem os ingleses os principais — em certa altura, os únicos — eficientes adversários de Napoleão, além de useiros em não se imiscuir nos regimes políticos alheios. Entre os opositores estavam os partidários do “mal Francez”, como lhe chamava José da Silva Lisboa, certos no que diz alguns benefícios trazidos aos povos pela Revolução da França, mas iludidos a respeito do seu continuador<sup>(82)</sup>. No referente ao Império Luso, o êrro era clamoroso, fadado Portugal a perder o Brasil e colônias, esartejado na Europa para satisfazer as ambições de cabos de guerra, ou de pequeno Príncipe a quem Napoleão porventura pretendesse recompensar. Atirada a côrte de Lisboa no Brasil, não cessaria, porém a luta entre anglófilos e anglófobos.

O maior representante da primeira corrente era D. Rodrigo de Sousa Coutinho, tido como uma das capacidades do reino, cujas idéias eram inteiramente apoiadas pelo Príncipe. Nessa atitude tinha que enfrentar colegas seus de ministério e inúmeros personagens influentes da administração pública. Nas críticas que lhe dirigiam percebe-se a violência das paixões desencadeadas numa hora tumultuária. Até elementos como o Visconde de Anadia, em geral extremamente reservado, inflamavam-se quando esbarravam no ponto nevrálgico. A respeito de um ofício de D. Domingos de Sousa Coutinho, Ministro de Portugal em Londres, datado 17 de março de 1808, escrevia Anadia veemente requisitório contra as pretensões inglesas no convênio que se projetava. Começa: “*Se os Inglezes não admittirem nossos Assucares, Cafés, Arroz, etc... que extração poderão ter estes Generos actualmente, não podendo nossos navios ir leva-los aos Portos da Europa, e não havendo presentemente Bandeiras Neutraes que os possuão transportar? O Commercio para florescer, he necessario que seja, quanto for possivel, livre e de reciproca utilidade; e este, que os Inglezes nos offerecem, aproveitando-se sem generosidade, das criticas circunstancias, em que nos achamos por sua causa, he Leonino*”. Nota-se o travo na persuasão de que o ocorrido fôsse provocado pela fidelidade de Portugal à sua aliada. Era sincera, por parte

---

(81) V. sôbre idéias contemporâneas *Reflexões sôbre a Revolução da França*, por José da Silva Lisboa, Rio, 1812, inspirado por Edmundo Burke.

(82) V. Raul Brandão, *El Rei Junot*, Lisboa, págs. 80-112.

de Anadia, porém errada à vista dos planos secretos de Napoleão, hoje conhecidos, os quais visavam escravizar por tempo indefinido os portugueses às suas loucas ambições. Melhor compreensão do momento mostrava o Príncipe Regente, ao ver nos ingleses os salvadores da monarquia. Continuava Anadia contrário ao projeto de bases navais britânicas nas ilhas portuguesas do Atlântico, pôsto reconhecesse seriam benéficas para o consumo das produções das ditas ilhas. Mas a respeito do auxílio que a frota aliada poderia, dali, dispensar à lusa navegação, protegendo-a de corsários franceses, não diz palavra, o que bem demonstra o seu grau de cegueira embora fôsse êste Ministro dos moderados em matéria de anglofobia<sup>(83)</sup>.

Outro Ministro, o Marquês de Anjeja, propusera quando ainda em Portugal, juntamente com os Marqueses de Pombal e de Bellas, que se declarasse guerra à Grã-Bretanha. No Brasil acompanhavam-no altos funcionários, como o baiano José Egídio, Visconde de Santo Amaro e o dito Anadia, ministro da Marinha, ambos objetos da comunicação de D. Domingos de Sousa Coutinho ao Embaixador Strangford, em que êle, D. Domingos, representante de Portugal em Londres, dá trôco ao ministro das críticas que lhe fizera no Rio: *“Très Sécret*

*“Mons. José Eg. . . juge à propos de déclarer que c'est par invitation personnelle et reiterée de S. A. R. qu'il se trouve à Santa Cruz; que S. A. R. ne peut se passer sans lui, et enfin, on prétend que nous sommes à la veille de le voir réinstallé à la cour. J'aimerais mieux y voir Lannes ou Junot; qui seraient au moins des Ennemis de l'Angleterre francs et ouverts! On dit aussi que le beau Vicomte va être appelé pour assister au Despacho avec S. A. R. Mgr. l'Infant. Cette nouvelle vraie ou fausse est dans la bouche de tout le monde. Je ne puis pas le croire; si j'avais cependant une idée moins haute de l'amitié et de l'attachement du Prince pour le Roi, je vous avoue que cette nouvelle serait capable de m'alarmer très sérieusement. Je suis à même de juger des vrais sentiments du Prince; par consequent je ne m'inquiète point sur cette affaire; en Angleterre cependant, où l'on juge d'après les apparences, l'appel au ministère effectif*

---

(83) *“Da nossa parte he necessario confessar, que temos no Brazil experimentado os mais assinalados beneficios dos Inglezes: pois a elles devemos a mantença do trabalho, o augmento da Renda Publica, e a maior parte da exportação dos Generos Interdictados na Europa, visto que a sua sagacidade vence todos os obstaculos do phantastico exterminador do seu trafico”.* José da Silva Lisboa, *Refutação*, Rio, 1810.

*d'un homme aussi connu par ses principes Français que le Comte d'An...a, serait vu avec bien de l'Alarme, comme un indice sur du renouvellement de l'ancien régime! Quant à moi je vous avoue franchement, que le comte me paraît si nul, si plat, si ignorant qu'on à auqun droit de le craindre. Il a toute l'inclination de faire du mal, mais le Bon Dieu a fort rétrécit ses moyens".*

Na côrte as preferências de cada um eram conhecidas e catalogadas, reunidos em tórno de tal Ministro os que pensavam como êle, e de tal outro os que pensavam de maneira diversa, ou simplesmente porque eram seus inimigos. Após a morte do brasilianófobo Anadia acirraram-se rivalidades entre o Conde das Galveias e o de Linhares. Servia de amortecedor de choques entre êles, como disse um jornalista, o Conde de Aguiar, homem teimoso e tímido, muito afeiçoado ao Conde da Barca. Continuou depois a porfia entre Linhares, Anjeja e o Conde da Barca, e, com a morte dêsses, apparece no mesmo cenário e nas mesmas condições Palmela, Conde dos Arcos e Tomás Antônio Vilanova. Em resumo, o embate maior foi entre Linhares pró-Inglaterra e Barca pró-França. Tais desaguisados ainda parecem intensos em tórno dos postos, hoje chamados "chave" da administração, como Erário, Fomento, Colônias, Obras Públicas, etc... em que entravam maiores interêsses pessoais que motivos patrióticos. Um expressivo comentário da época ocorre na carta do amanuense Marrocos, onde narra o regozijo dos inglêses no Rio de Janeiro pela morte do Conde das Galveias, ministro da Marinha, e interinamente dos Estrangeiros, "*com banquetes e bebedeiras, assim no mar (nos navios da esquadra britânica) como na terra: e Strangford, que tremia delle, logo nessa noite appareceu no Theatro com a sua farda de gala, e foi de dia duas vezes ao Paço, mas levou hua apupada disfarçada de — anda, filho da p... , que te pilhaste sem freio!"*

Falava-se também, no meio em que Ender vivia, na situação do Chanceler do Erário Francisco Bento Maria Targini, pouco antes modesto arrecadador de rendas no Ceará, guindado quase súbitamente a Tesoureiro-mor do Reino. Sôbre êle convergiam mexericos dos que se sentiam ofuscados pela rapidez da ascensão. Diziam ser incompreensível a diferença entre a vida comedida de Tomás Antônio Portugal, ministro, valido e assistente de D. João, depois de transitar pelos mais altos pos-



tos do govêrno e a insólita opulência do ex-amanuense. O luxo que estadeava era incomparavelmente maior que a mediania de seu superior, de que um desenho de Ender nos dá fiel reprodução. Habitava Targini casa na esquina das ruas mais tarde denominadas Riachuelo e Inválidos, ricamente mobiliada, com esplêndida biblioteca de obras em várias línguas, encadernadas nas melhores oficinas da Europa. Talvez houvesse no interior arranjo presidido pelos artistas franceses, pois, o tesoureiro se tornou protetor da missão depois da morte do Conde da Barca. De qualquer modo, com ou sem intervenção parisiense, apresentava-se suntuosa, a provocar reparos de que fôra edificada com dinheiro do Tesouro, e no arranjo interno até os criados seriam pagos pelo erário, porquanto figuravam nos livros de contabilidade como contínuos dessa repartição. . .

O segrêdo de tão espantoso valimento, vinha dos tropeços infligidos ao govêrno por aperturas financeiras, tal qual succedia — em menor escala naturalmente — com o Intendente da Polícia. Atrás do Tesoureiro também havia poderoso grupo de negociastas, em mor parte inglêses, como Guilherme Young, Gustavo Kicckocfer e outros<sup>(84)</sup>, que adiantavam as quantias necessárias a negócios urgentes. O juro cobrado era relativamente módico, apenas seis por cento, porém alto pelo vulto das transações. Por êsse motivo levantava-se escarcêu no público por supostas “roubalheiras no Tesouro”, externada a indignação na válvula de desfôgo dos regimes absolutos lendária em Roma sob o nome de Pasquino. Diàriamente surgiam versinhos virulentos apodando Targini, só ou associado a ministros. Multiplicaram-se as diatribes quando o Tesoureiro-mor foi sucessivamente intitulado Barão e Visconde de S. Iourenço, espalhada pela cidade a quadrinha:

*“Quem furta pouco é ladrão,  
Quem furta muito é Barão,  
Quem mais furta e esconde,  
Passa de Barão a Visconde”*

seguida de variantes:

*“Quem furta e não esconde  
Passa de Barão a Visconde!”*

---

(84) “As Dividas deste Erario andão ao Banco (do Brasil), por doze milhões... ao Young e Finie andão por dois mil e tantos contos; ao Visconde do Rio Secco, por bem perto de mil contos”. José da Silva Lisboa, *Chronica Authentica*. Rio, 1829.

Possuímos na capa da tradução feita por Targini dos *Ensaíes* de Pope, outra quadrinha, escrita a lápis muito apagada mas ainda visível:

*"B. L. no Calvário  
Quanto pode ser a Christo  
Porém B. L. no Rio  
Vae-nos dando cabo disto!"*

Outro documento curioso no gênero é a edição da *Arte de Furtar* mandada imprimir em Londres, talvez por algum colega do homenageado (!), que traz o retrato do padre Vieira, ao qual antigamente se atribuía a obra, e, o de Targini a quem era oferecida, emoldurado pelo barão dos malfeteiros condenados à força, mais a frase *Aere Perennius*.

O divertido na circunstância é que Targini também clamava contra patifarias de intermediários concorrentes. Em carta ao embaixador Sousa Coutinho na Inglaterra, aponta com indignação descaminhos lesivos às finanças de S. M. F.<sup>(85)</sup>, a ostentar virtuoso zêlo, deveras edificante em exemplar funcionário. Contudo, apesar dos seus esforços, aumentavam os apuros do governo enquanto êle transpunha o ministério do honesto Marquês de Aguiar e ingressava no do não menos res-

---

(85) "*As fadigas da minha cansada vida não me permitiram dar resposta quanto antes as honrosas cartas com que V. Exa. me tem distinguido, o que faço agora acompanhado dos desejos de que V. Exa. tenha passado melhor do seu ataque de ophthalmia*". Depois de outros cumprimentos, prossegue Targini, na qualidade de amigo e "*mesmo como creatura de seu mano o Sr. Conde de Linhares*", que se via na obrigação de o avisar, "*as pessoas, ou agentes de quem V. Exa. obrigado da necessidade, se valeo par os pôr em pratica*", negócios de Portugal naquele momento em curso em Londres, "*tem sido fataes ao Real Erario e Thesouro Publico. Sim, estes Srs. Lucena e Paiva, pelo que consta das contas, não só não tem coadjuvado o zelo e sabias vistas de V. Exa. mas tem abusado da sua confiança*". Ao que parece, a patifaria se efetuava em meio de gastos inúteis para o tesouro, qualificados "*exoticos*" por Targini, prático dêsses manejos e que por isso não se deixava embair. Nos abusos apontados os tais "*passam até segurar os moveis da casa do Escritorio, alem de outras couzas, vendo-se evaporada grande parte do Emprestimo em extraordinarios fretamentos, comissões, ordenados, supplementos, gratificações, depositos, etc.*" Esses indivíduos, "*Lucena e Paiva, agentes do Banco Nacional desta Cidade (Rio de Janeiro), em Londras*", tinham sido encarregados da "*liquidação dos generos da Real Fazenda hypothecados ao pagamento do juro e amortisação do Emprestimo, contas que com tão grande desleixo tem sido tratadas, pelos referidos Lucena e Paiva*", pessoas mal vistas por ele Targini, "*dous homens sem credito nenhum nesta praça, e o ultimo alem daquela falta, padece outras bem publicas nesta terra d'onde he natural. Ora à vista do exposto, forçosamente estes dous homens haviam difficultar a V. Exa. a realização dos seus grandes projectos, propondo-lhe meios sinistros, e de seu interesse particular, quaes sanguesugas, que tiram o sangue do miseravel enfermo. O Real Erario, portanto, antes das queixas de V. Exa. parou com os seus saques em 20 de Dezembro de 1809, sendo o ultimo 10.000 £ à ordem de Young & Leigh, apezar de saber que sendo a quota da Ilha da Madeira para o pagamento de Emprestimo de 3.000 £ por mez, remetteo para a Inglaterra no mesmo anno, perto de 224.000\$000 reis, e que no primeiro trimestre de 1810, tendo já feito remessa mais ou menos, de 16:800 £ pagou hum saque de Paiva de 40.000 Patacas, que V. Exa. talvez não ordenasse,*

peitável Tomás Antônio. Morriam os Ministros mas o Tesoureiro ficava, transformadas as dificuldades financeiras em fonte de proventos para hábil malabarista. Acontece que tais operações hoje seriam talvez consideradas lícitas, naquele tempo, porém, havia outra mentalidade e a situação começou a impressionar o Príncipe Regente. Ao chegar do reino mais tarde, no fim da permanência da côrte no Brasil, a esperança representada pelo Chanceler Palmela, resolveu D. João VI, ordenar devassa acêrca do procedimento do Tesoureiro. O nôvo Ministro era "*o Salvador*", um segundo Necker misto de mágico e poço de ciência política, que ia reerguer a monarquia anemiada pela inépcia de dirigentes e abusos de funcionários. Impunha o estadista, ainda verde em administração, que el-Rei varresse as repartições de maus elementos a bem do decôro do reino e melhoria dos negócios. Encarregou D. João a Tomás Antônio, pessoa de sua confiança, de investigar a respeito de Targini. Nada se apurou a despeito da diligência, pois os lucros dos intermediários, entre os quais figurava o Tesoureiro, eram extra-administrativos, sem registro em livros de contabilidade oficial, de sorte que o acusado passou a ser vítima inocente de calúnias de fidalgais inimigos.

---

*e inda que eu creio que tudo será preciso para as contiguas Despezas do Estado", não se devia de forma alguma arriscar-se o seu descrédito, escrevia Targini, por meio de condenáveis saques sem fundos, "se por acaso não houvesse dinheiro no cofre daquella Junta. Acresce ao referido, que Baring & Hope fizeram saber por Gustavo Kicckocfer, seu correspondente nesta Cidade, haverem offerecido à Administração 100.000 £ que adeantada receberem os 50.000 quilates de Diamantes, e que por intervenção de Paiva foram depositados 25.000 quilates nas mãos de hums Judeos por 50.000 £ que adeantaram, o que se assim hé faz absorver grande parte do seu producto nas usuras sempre praticadas por tal gente. Isto comunico a V. Exa. confidencialmente pedindo-lhe pelo bem do serviço do Príncipe Regente Nosso Senhor, e meu Amo, e para mais realçar o credito de V. Exa. a que está ligado o do Estado, haja de ver o meio, ou modo de tomarem os Barings todo o Empréstimo assim na redução do segundo, com as hypothecas que V. Exa. está authorizado a fazer a fim de nos livrarmos de questões sôbre Diamantes, e pagamentos de prestações de Empréstimo precedente, juntas às novas prestações do último Empréstimo, pois que separadamente demandam grandes sacrificios para cumulativamente serem pagas as quantias estipuladas em hum outro Empréstimo. Agora vão pela Fragata Ingleza President 20.000 quilates de Diamantes da produção do anno proximo passado, os quaes pela sua grandeza, e limpeza excedem em muito o valor de cada huma das remessas de 25.000 quilates, que últimamente foram pelas Fragatas Diana e Brillhante. Digne-se pois V. Exa. de tirar desta remessa (entendendo-se com os correspondentes do Banco do Brasil ahy residentes) a maior vantagem possível para salvar a causa Publica, e sustentar a decência e explendor de hum tão bom Principe como temos, e de hum Estado que está a ponto de se elevar a maior riqueza e abundância. Sôbre tudo conheça V. Exa. que eu o amior por fé, e que sei estimar as suas grandes qualidades, e que em todo tempo mostrarei o que sou pelo coração". Nessa altura, acrescentava Targini post-scriptum, "Depois de ter escripto a presente recebi da mão do Sr. Conde de Aguiar, meu Presidente, o officio de V. Exa. datado de 6 de Março P.P. pelo qual se vê desfeita a increpação dos Barings a respeito de se ter entregue a 1.<sup>a</sup> Caixa dos Diamantes de Abraham Goldschmidt, sendo elle o mesmo por quem corre o Empréstimo solicitado por V. Exa. e hum grande Capitalista como eu particularmente sei que hé. Rio de Janeiro 8 de Junho de 1810".*

O mau humor do público decorria, porém, não tanto da evidência de abusos e proventos ilícitos, mas da ilusão, muito comum nas massas, de que a mudança de administradores possa sanar males insanáveis, provenientes da própria natureza econômica de uma nação. Sequer o respeitável Tomás Antônio escapava do sentir geral, incluído, a despeito da lisura dos seus atos, no rol de culpados do mal-estar da monarquia. O que o povo ansiava era por gente nova, cansado de ver os mesmos problemas enfrentados pelos mesmos indivíduos; daí mais a quadrinha:

*“Excelso Rei,  
Se queres viver em paz  
Enforca Targini  
E degrada Thomaz”,*

em que o pobre valido partilhava o inglório destino de um dos seus maiores inimigos, do que êle mais suspeitava e a quem desejava enxotar do Tesouro.

Nas denúncias que a tôda hora chegavam a D. João VI havia também as de caráter político, inevitável na porfia de nações em tôrno de favores comerciais e políticos da coroa lusa, mencionados sob negras côres os titulares dos postos a que há pouco aludimos. Em uma missiva precedida da advertência, *“Secret and Confidential”*, Lorde Strangford esforçava-se por conter os opositores ao tratado que êle desejava firmar entre Portugal e Grã-Bretanha, e acima de tudo, inutilizar seus inimigos políticos. Passando, adiante, a outro assunto ligado ao precedente como vamos ver, ajuntava o Embaixador, sempre na maior confiança, que recebera alarmantes comunicações da Índia, *“which mention some very extraordinary things concerning your Vice Roy in that country. I Would (I hope) have sufficient candour to forgive him if he be only an ennemy of England, but really I have every reason to believe that his sentiments towards his own Sovereign are (to say no worse) exceedingly equivoques. This is a matter which requires some consideration, particularly at a moment when the French are endeavouring by means possible to gain a footing in India. If you should judge proper to mention this matter to the Prince, I will beg you earnestly not to mention my name. It does not become Prince’s interest that I speak, and the sole reward that I ask, is that my name may not be compromised”*.

A correspondência secreta entre Lorde Strangford e o Conde de Linhares é interessante pela intimidade existente entre êles, principalmente quando o diplomata solicitava a intervenção do Ministro para levar a bom térmo assuntos capitais para a sua carreira. Morto D. Rodrigo, não mais correram as coisas plácidamente, fruto de desconfianças atribuídas pelo Lorde à supremacia de seus inimigos no ministério. Culminou a crise na partida de Strangford, por longo tempo a providência da realza lusa na adversidade, segundo acentua amargurado, na carta dirigida ao Marquês de Aguiar, onde recusa "*o presente d'estilo que se costuma fazer a qualquer Ministro Extrangeiro no momento de sua partida*". Rejeitava-o, dizia, para sòmente conservar a lembrança dos serviços que êle, Percy Clinton Sydney, Lorde, Barão e Visconde de Strangford, prestara à glória e interêsses dos Braganças. Estava persuadido ter feito muito mais pelo Príncipe Regente que qualquer outro diplomata estrangeiro — fato muito possível — mas esquecia que também defendera encarniçadamente os interêsses de seu país, nem sempre compatíveis com os do seu pequeno aliado.

A despeito da generosidade de D. João, repetiam-se nos escaninhos da monarquia intrigas de tôda ordem, visando inutilizar êste ou aquêle indivíduo, provido de cargo por outros cobiçado. Em grande parte malogravam-se os esforços contra a honorabilidade dos membros do Govêrno, e no horror à mudança professada pelo Príncipe. Afeiçãoava-se facilmente D. João aos colaboradores, e, é preciso dizer, também sabia inspirar dedicações. Das pessoas do seu "*Govêrno Privado*" ou íntimo, uma das mais importantes figuras foi Joaquim de Azevedo, Visconde do Rio Sêco. O seu valimento já vinha de Portugal, quando dera mostras de intensa atividade por ocasião do incêndio do Paço da Ajuda em 1794 e na explosão em 1805 da Fábrica de Pólvora em Barcarena, "*fazendo enterrar os mortos e curar os feridos*", além de, em tempo, remover trezentos barris, que escaparam de explodir. No Brasil continuou os serviços enquanto a família real habitou o Rio de Janeiro, longo favor que também inspirou denúncias e quadrinhas:

*"Furta Azevedo no Paço  
Targini rouba no Erario;  
E o Povo afflicto carrega  
Pesada Cruz no Calvário",*

voltada a pasquinada contra os numerosos cargos do Visconde, administrador das régias residências em Santa Cruz ou na ilha do Governador, onde procedia a trabalhos de adaptação, aumento, conservação, restauração e o que mais fôsse necessário ao conforto do amo. A sua maior atividade, no entanto, era adiantar quantias ao tesouro, motivo da aversão popular. Para o vulgo, quem tivesse relações com o Tesouro era suspeito de patifarias, principalmente quando a sua opulência aumentava na proporção do aumento das aflições públicas.

A desordem administrativa, causada por contínuos embaraços financeiros e os ganhos abusivos de "*corretores de fundos*", favoreciam êstes privilegiados, mas, no caso, ainda se podia considerar o Príncipe feliz em reduzir o prejuízo do Erário graças à dedicação de um amigo. Havia-se Azevedo o quanto possível com lisura, concorrendo em larga escala para resguardar a coroa de males maiores. Não fôsse sua moderação nos lucros e solicitude em conseguir dinheiro para a administração em qualquer momento e circunstância, entre outras na guerra do Sul ou sublevação de Pernambuco, muito maior seria a perda em juros e o atraso nos pagamentos. Devia-se no Brasil, devia-se em Portugal, devia-se na Índia, devia-se a ingleses, fornecedores, artistas franceses, funcionalismo, a tôda gente. O maior culpado seria, pois, o imperialismo luso enxertado na América, e não pròpriamente êste ou aquêle cortesão.

Estrangeiros de passagem e portugueses ligados ao Paço, noticiavam êsses rumôres, mais mexericos ouvidos no alto comércio e nas embaixadas. Uns os repetiam aos outros, circulando pela cidade dizeres que depois de longo giro tornavam ao ponto de partida. Em carta ao pai, conta Marrocos os últimos acontecimentos, em que se destacava um socorro — mais um! — de Rio Sêco, o qual "*metteu no Erario, de Empréstimo gratuito 500 contos de reis, q. faziam a carga de 5 carros carregados de prata, e 11 negros carregados de ouro!*" Em carta subsequente retifica a quantia para duzentos contos; mesmo assim, representava soma considerável no Rio de Janeiro de 1815, quando se cogitava do casamento de D. Pedro com D. Leopoldina e já se gastava por conta. De outra feita, precisou o Visconde acudir o Banco do Brasil cuja caixa se desequilibrara pelo excesso de trocas de papel por ouro dos portugueses que depois da paz tornavam ao reino antecedentes à côrte.

Tinha Azevedo dêsses rasgos magníficos, sem por isso escapar da peçonha mexeriqueira. A inglêsa Maria Graham, pertencente à espécie “*bas-bleu*”, ou mulher sabichona, a um tempo pintora, educadora e literata, precursora da calamidade que atualmente assola o Rio de Janeiro, dêle deixou pouco lisonjeiro retrato. Tomou-o como exemplo das razões do descalabro da côrte lusa depois do êxodo, causador das deficiências da educação do Príncipe Herdeiro, “*Apartaram-n’o da Europa e de seus requintes aos onze anos, para desterra-lo em longínqua colonia, profundamente corrompida pelo regime servil, acompanhado de alguns nobres portuguezes cuja ignorância, costumes reprováveis e péssima moralidade, só lhe podiam prejudicar o caráter. Acresce, ainda, o forçado convívio com um bando de degradantes fâmulos do Paço de Lisboa, transferidos para o Brasil numa confusão propícia ao florescimento de aventureiros. O chefe desses indivíduos (aludia a Azevedo e ajuntava, em nota, “este gentleman fundou o Banco do Brasil”), deve seu atual prestígio e poder a dinheiro havido de modo difficilmente confessavel. Começou a vida como eguação das reais cavalariaes e sua primeira mulher, irlandesa de rara formosura, era filha de lavadeira. . .*”.

A imagem tão denegrida mostrava-se muito diversa perante amigos. Era considerado Azevedo por Marrocos, que já o conhecia de Portugal, como pessoa generosa e prestativa, sempre disposta a prestar favor se estivesse a seu alcance. Tampouco, partira das coudelarias reais, como a inglêsa dizia, pois no Paço havia várias categorias de empregados, reposteiros e outros, cujas funções eram disputadas até por jovens de mediana condição. Davam ensejo de privar com os grandes da terra, vantagem não pequena sob a monarquia absoluta; apreciadíssima, portanto, não só por motivos de vaidade, como também muitos outros de ordem altamente concreta. Êsses elogios, na pena de indivíduo pouco ameno como Marrocos, assumem particular significação. O mesmo não ocorria com o baiano José Egídio Álvares de Almeida, esperto e jeitoso, que pelos seus méritos e vivacidade conseguira tornar-se secretário particular do Príncipe Regente antes da sua vinda ao Brasil.

Na Europa José Egídio contrariara ao pai de Marrocos em alguma pretensão, porquanto passou o odiá-lo com tôdas as veras dalma. O desafeto era filho do Capitão-mor das Ordenanças da Bahia, galardoado a fidalgo da Real Casa pela

sua importância na cidade do Salvador. Formado em Coimbra, como todo rebento de comerciante luso enriquecido nas colônias, figurava o jovem José Egídio entre os talentos que então mandara o Brasil à metrópole, tão numerosos e brilhantes que chegaram a despertar zelos de que folhetos como os — *Dialogos do Prêto e do Bugio* e os publicados em 1778-9 na oficina lisboeta de Francisco Borges de Sousa — são expressões elucidativas. Porejavam fel sob título de “*Conselhos que dá Hum Brasileiro Veterano a Todos os seus Patricios, Que Chegaram a esta Corte*”; “*Discurso que Fizerão Duas Senhoras Portuguezas (Depois de lerem o papel dos Conselhos, que deu hum Brasileiro)*” e “*Resposta á Impugnação que Tiverão os Conselhos do Brasileiro, etc., etc., etc. . .*”, por onde vemos já reinar naquela data, encruada rivalidade entre estudantes de vária origem daquém e dalém-mar. Provocaram-na os talentos de Santa Rita Durão; Francisco Lacerda e Almeida; o oportunista bispo de Zenópolis; bispo conde de Arganil Reitor da Universidade de Coimbra; o grato e desinteressado João Azevedo Coutinho; Manuel Jacinto Nogueira da Gama; José Joaquim Carneiro de Campos; Basílio da Gama; o fulo Caldas; Arruda Câmara; José Bonifácio; Leandro do Sacramento; José Egídio; o Caldas de Prata; Mariano da Conceição Veloso; Alexandre Rodrigues Ferreira; Melo Franco e muitos outros, da mesma época, em fins do século 18, em número demasiado no parecer de reinóis por êles preteridos na própria casa.

Em fins do século, os americanos pareciam chegar com maior facilidade a cobiçados postos, particularmente os da Bahia segundo uma das personagens dos folhetos, reflexos da ira do autor anônimo:

*Fujamos, Delmira amada,  
De tudo que he Brasileiro;  
e dos filhos da Bahia  
Devemos fugir primeiro!”*

Dos mais bem sucedidos da invejada coorte, foi José Egídio, erigido a colaborador do Regente, num cargo que privava diretamente com a realeza. Tudo que afluía à real papeleira, transitava pelas suas mãos para receber o seu visto antes de volver aos ministérios. O seu primogênito, segundo Visconde de Santo Amaro no Império, nascera em 1806 no Palácio de Mafra,



quando lá estavam hospedados os pais com D. João. Nessa altura, houve a tentativa de D. Carlota de alijar o espôso do poder, intriga em que José Egídio prestou não pequeno auxílio ao amo no lance decisivo contrário à irrequieta Princesa. Também concorreu com outros cortesãos, para estabelecer entre os dois cônjuges um “*modus vivendi*” aceitável para o público, a fim de que tão fundas divergências não mareassem a realeza. Além desses préstimos, muito concorreu José Egídio, juntamente com o Visconde do Rio Sêco, nos aprestos da transferência da Côte para o Brasil. Na travessia ter-se-ia dado o fato aludido por Debret a propósito do caráter afetivo do Regente, ansioso por amparo de amizades e zeloso em reparti-lo com outros. Abespinhou-se D. João com o secretário e lhe conservou rancor, por José Egídio durante a viagem, ter-se passado do barco do Regente ao da espôsa quando soube que adoecera<sup>(86)</sup>.

Daí por diante as relações entre o Príncipe e o ex-secretário particular não tiveram mais a mesma cordialidade. Atribui Rodolfo Garcia, o estremecimento a intrigas de reinóis contra o brasileiro que lhes fazia sombra. Julgamos excessiva a conjectura, sòmente em parte admissível, porquanto no momento era tão português José Egídio quanto Rio Sêco nascido em Portugal, assim como Silva Lisboa, José Bonifácio de Andrada, e muitos outros originários do Brasil, e mais tarde separados da antiga metrópole por imperativos políticos. Onde acertava Rodolfo Garcia era em atribuir a campanha dirigida contra o baiano — semelhante à que sofria todo desfrutador de cobiçado cargo — a portugueses, pois indubitavelmente um deles foi Santos Marrocos. Os motivos vinham de longe, prendendo-se a questões em tórno de mercê pretendida pelo pai do bibliotecário segundo o próprio filho no-lo conta na sua correspondência com a família.

Fôra Marrocos nomeado conservador dos manuscritos vindos de Lisboa, juntados à antiga Biblioteca do Infantado, recolhida ao Convento do Carmo onde residia D. João. Por fôrça das funções, tinha Marrocos oportunidade de se avistar

---

(86) Pallière alude ao contrato, que concedia o monopólio do corte do mangue para curtir couros, aos dois donos de curtumes “*Mr. le baron de St. Amaro et Mr. de Sequeira... on la fait transporter l'ecorce dans le grand établissement de Mr. le baron dirigé par une espèce de colonie française que Mr. le baron a fait venir à grands frais*”. Depois acrescenta em nota: “*J'ai fait à Rio son portrait et celui de Mme. la baronne, femme superbe dont la maison ma comblé de bonnes grâces*”.

quase diàriamente com o Príncipe, vantagem de que José Egídio não mais gozava. No regime absoluto bastava semelhante situação para colocar bem a um contendor e mal a outro. A carta de Marrocos ao pai, de novembro de 1815, descreve o sucedido com todos os pormenores, a tal ponto, que, apesar de longa, vamos transcrever a comunicação como exemplo de artimanhas palacianas: *“Por esta demonstração conhecerá Vossa Mercê agora quanto de bem lhe servio a minha recomendação há quatro anos, para que V. M. me enviasse algumas Cartas mais politicas, que V. M. metendo a couza a ridiculo, apenas me escreveo duas ou tres”* — tratava-se da documentação de que o filho necessitava para enredar ao adversário. Recebida a dose de peçonha, faltava, entretanto, oportunidade para aplicá-la. Finalmente deparou-se o ensejo, e Marrocos escrevia: *“he justo que eu rompa o silencio, que há tanto guardava. As intrigas, que principiarão a lavrar contra V. M. pelos seus dois capitaes inimigos o Padre Serra e José Egydio, e na esteira delles, o Militão do bairro do Bellem, chegarão por nossa fatalidade a estender-se no Rio de Janeiro. A Providencia que sempre dispõe melhor as Couzas, quiz que eu viesse só e deo-me forças para as desfazer, principalmente desde que fui incumbido dos Manuscriptos da Coroa, que então se achavão no Quarto de S. Alteza Real<sup>(87)</sup>. Apesar de ser muito ameaçadora a tempestade tenho a consolação de chegar ao fim que me propuz alizando e aplanando o caminho da Verdade, triumphando assim da calumnia, ou antes da inveja”*.

Felicitava o pai pela vitória sôbre os contrários às suas pretensões, dizendo-lhe que devia estar no agrado de S. A. R. e, *“que sem embargo de serem gigantes os seus inimigos, ainda houve hum pygmeo que soube atirar a funda. e que lhe fez dar com os focinhos na aréa, na frase da Escriptura”*, e concluía: *“dou também graças a Deus por esta victoria, há muito premeditada”*. O final diz tudo. A frase condensa a ambição, astúcia e incansável pertinácia que animavam a fauna áulica nos seus desígnios, sempre à espreita de oportunidades de captar as boas graças do amo para conseguir mercês merecidas ou desmerecidas, ou vingar-se de adversários, ou um pouco de tudo ao mesmo tempo. Mas ódio velho não cansa, e, a despeito de ter lavrado um grande tento contra o baiano, continuou Marrocos a detestá-lo e guerreá-lo.

---

(87) Entenda-se, aposentos.

Não se conformava em vê-lo na côrte escorado por méritos resistentes até a urdiduras de D. Basílio. Um ano depois, noticiava ao pai que a segunda filha do inimigo se casara com o opulento negociante comendador Sousa Dias, dos principais da cidade, que morava sôbre o seu armazém na rua Direita. Imbuído de azedume, escrevia: *“José Egydio continua a sua vida particular com ostentação, e como membro de um tribunal tem a representação que lhe he propria; he muito intimo do Conde da Barca, e tem em casa roda diplomatica; mas eu ingenuamente confesso, que vejo e tenho de longe observado”* (eram vizinhos), *“alli certas maneiras, de que não gosto”*. Esquecia-se Marrocos dos conselhos que êle costumava dar à irmã em Lisboa, zelando de modo algo pitoresco pela sua elevação moral: *“Só te digo que não debes confundirte com a Gentalha, que occupam o seu tempo em fazer relações de casamento, e estão à espreira do que cada um faz em sua casa, para serem os primeiros a espalhar as alviçaras: tanto se torcem e inclinão para vigiar as acções alheias que não reparam que os outros lhes estão vendo o cú descoberto . . .”*

Comunica a seguir o malôgro do que era noivado e não casamento, como de primeiro noticiara na ânsia de espalhar alvíssaras. Devia ter havido *“coisas”* para tal insucesso. Não se falava no Rio em outro assunto, porquanto Luís de Sousa Dias, quase sogro da menina — e não marido como precipitadamente supusera — encomendara o enxoval em França! Cúmulo de requinte que prosseguiu nos demais preparativos de sua família, quando de repente se rompeu o noivado! Mas foi regozijo de pouca dura. A 10 de julho de 1816 teve com grande mágoa de reconhecer Marrocos, a realização do incriminado consórcio, iludido que fôra pelo mexerico do agrupamento de confrades reunidos em alguma repartição para malsinar a vida alheia. Dois anos depois ia desferrar-se apregoando, desta vez sem receio de engano, pois soubera de boa fonte, que, *“o Barão de Santo Amaro alcançou licença de S. M. para se retirar para a sua Fazenda do Rio Grande, e alli residir com toda sua Familia pelo espaço de quatro anos: causou-lhe grande desgosto tirar-se no numero dos Officiaes de Secretaria, onde nunca entrou nem trabalhou: e como tinha vistas maiores, não quiz acceitar o lugar de Official Maior, como mais antigo, quando ahi se estabelecerão as Secretarias do Estado. Não nos causa pena nem saudade . . .”*

Pouco custava a Marrocos derramar bÍlis sôbre quem lhe desagradasse, ou simplesmente por estar de mau humor naquele

dia. Do Conde das Galveias noticia fatos que posteriormente alvoroçavam a jornalistas interessados no período: "*He de espantar e de enjoar o vicio antigo e porco desse homem, que a Vossa Mercê não será extranho; pois sendo homem e casado, desconhece inteiramente sua mulher, e nutre a sua fraqueza com brejeiros e sevandijas... tem padecido ultimamente muitos ataques, mas elle confessa q. não pode passar sem a sua "diaria"!*"

Numa outra carta versa vários assuntos, uns inocentes, outros menos, em que fala da prenhez de D. Leopoldina, do aumento por êste motivo, das acomodações da Quinta da Boa Vista e das ordens que recebera o Visconde de Vilanova da Rainha para preparar a nova ala do palácio. Referia-se também à morte "*do Bandeira*" cuja casa comercial, provávelmente de vulto, continuava a girar sob a gerência de um irmão por ordem do Govêrno, assim como da chegada com grande estardalhaço de Clemente Ferreira França, "*de Pernambuco, onde muito prevaricara, mais a mulher qual outra Sabá*". Trata a seguir das nomeações e casamentos, chegando ao insucesso da Viscondessa do Magé, que morrera de infeliz parto causado pela gordura em que se afogava. A sua irmã também morrera da mesma maneira, ambas sucessivamente casadas com o valido que sucedera a José Egídio nas graças do Regente, o qual, na opinião do missivista, "*Será justo que o Visconde se caze agora com a Mãe dellas para extinguir a raça e depois se metta a frade*". O que lhe teria feito o viúvo? Que marroquina pretensão teria contrariado, ou deixado de acatar? Talvez nada praticasse contra o azêdo homem e lhe sofresse a antipatia tão-só por ser um dos Lobatos, favoritos del-Rei, feio crime no entender do escriba bibliotecário.

Entretanto, passam-se os tempos, mudam-se as coisas, as circunstâncias e as opiniões. Almejava o escriba clientes para a volumosa obra *Varões Ilustres Portuguezes*, fartamente ilustrada por Aguilar, que êle opunha ao célebre Bartolozzi. Fazia muito empenho no sucesso da publicação e pusera na lista dos subscriptores o Barão de Santo Amaro e o Visconde de Vila Nova da Rainha, ambos dantes execrados, os quais, tendo anuído ao desejo de Marrocos, entraram instantâneamente em cheiro de santidade. Coisa parecida também sucedeu com o clima do Rio de Janeiro. Era, na chegada de Marrocos, o mais pestífero do mundo, pior que o de Cacheu, Caconde ou Moçambique. Nesses lugares, já não havia — dizia êle — as antigas carneiradas, ao

passo que no Rio andava noite e dia o Santíssimo Viático pela casa dos enfermos. As igrejas não interrompiam dobre de finados, e viera a saber horrorizado, que só na Misericórdia tinham morrido o ano de 1811 para cima de 300 naturais de Lisboa! Morriam velhos, morriam moços, ninguém escapava, êle mesmo vivia atezado por achaques de tôda espécie. Que clima! Que gentes! Que negrada! Que temperatura! Que bichos-de-pé! Que umidade, mosquitos e calor! Esquecia até, naquelas afliçõezinhas, que S. M. a Rainha, sua Senhora, tinha oitenta anos e sem embargo da loucura gozava excelente saúde.

Subitamente tudo mudou. Tornou-se o Brasil mui habitável, povoado por boa gente, e por fim deu à família a explicação do mistério. Casara sem avisar, para furta-se a recriminações, com môça que êle tinha por bom partido e assim sendo, só o podiam felicitar pela escolha. Era filha de pais providos de meios, com parentela prestante e mais vantagens, de sorte que a antiga ojeriza pelo Rio se transmutou em entusiasmo. Elogiava Marrocos o que dantes amaldiçoava com autoridade conferida pela prática de seis anos de vida carioca. Assegurava serem mais cabíveis às senhoras de Lisboa as críticas atiradas às fluminenses, pois as primeiras eram merecedoras da alcunha por elas desfrutada em Portugal, de Filhas do Inferno, etc. . . ., ao passo que as segundas ora lhe apareciam colmadas de virtudes.

Padecem, todavia, os mexericos informativos de Marrocos o defeito de se originarem em círculo restrito da administração. Estaria o bibliotecário mais em condições de se inteirar a respeito das famílias dos cortesãos, pelo fato de viver nos bastidores do Paço, do que de negócios públicos. Quando alude a um Ministro ou outro figurão qualquer, é sempre no ponto de vista de utilidade para as suas pretensões. Dividia-os em benéficos ou maléficos, segundo o apoio que dêles podia esperar. Assim, destestava José Egídio e lamentava a morte do segundo Marquês de Pombal ou a do Conde de Linhares, ambos seus amigos e protetores. O último avassalara com a sua atividade o govêrno de D. João. Dos primeiros chamados a substituir os incompetentes do reinado anterior, impôs-se pela retidão de caráter, honestidade e patriotismo até aos mais acerbos detratores do govêrno. Era bem visto do povo, deixando de figurar nos pasquins junto de seus colegas, segundo transcrevia a respeito em Lisboa, o espião espanhol José Cornide y Saavedra, quadrinhas de grande successo no agitado ano de 1799:

*“Meu Príncipe e Senhor, se Vossa Alteza  
O seu Reyno quer ter bem guardado,  
... Mande o Duque dançar com a Duqueza  
... Mande Seabra às pedras novamente  
Mande o Pinto aprender na Inglaterra  
Ao Visconde deponha por demente.  
Novos Ministros faça, que na terra  
Sem mendigar por outro continente  
Haja Ministros para a Paz e a Guerra!”*

A propósito comenta o informante: *“No habla el soneto de Dn. Rodrigo de Sousa Coutiño, Ministro de Marina y de las Colonias por que está bien visto del Pueblo, y pasa por hombre de facil acceso, y al mismo tiempo que instruido en su Ramo”*.

O rebaĺçar da política obrigou o Regente a mandá-lo, sob pretexto de missão diplomática, ao exterior para satisfazer o partido francês. Os Embaixadores de Napoleão em Lisboa eram Procónsules que não convinha irritar. Tinha o Príncipe de se haver com êles, entre o poderio marítimo inglês e o terrestre francês, numa atitude mais que dúbia, ditada pela fraqueza da coroa<sup>(88)</sup>. As quadrinhas da época exprimem o sentir nacional,

---

(88) Oliveira Martins frisou o escandaloso tráfico de mercadorias praticado em Lisboa por Lannes e seus assecas: “Em França corria fama de se poder enviar para Portugal toda espécie de contrabando desde que contasse com a proteção do marechal Lannes”. Foi somente quando este exigiu o afastamento do Intendente de Polícia Pina Manique, contrário a abusos, que se rebelou D. João num assomo de dignidade e protegeu-se contra o marechal, segundo vemos abaixo:

“Général Premier Consul

Les sentimens de confiance et d'amitié que je me suis toujours fait un plaisir d'entretenir avec vous, ne me laissent pas la liberté de me dispenser de vous faire part du vif regret que me cause le départ du Général Lannes, qui vient de quitter ma Cour d'une manière inusitée, et à laquelle je ne devais pas m'attendre après les témoignages publics et constants de mon attachement pour le Gouvernement Français, et les marques de considération et de l'estime personnelle que je me suis efforcé de prodiguer à Son Ministre Plénipotentiaire. Je ne doute pas, Général Premier Consul, qu'une pareille démarche doive mériter votre désapprobation, et que vous envisagiez avec mécontentement la conduite de ce Ministre, qui envoyé près de moi pour entretenir les relations de Paix si heureusement rétablies entre les deux Gouvernements, n'a pas tardé à rompre de son Chef toute correspondance avec mes Ministres, en se refusant de se soumettre aux règles généralement reçues, se portant même à vouloir forcer mon choix, en exigeant impérieusement et sans autres formes le renvoy d'un Magistrat intègre, honoré depuis longtems de ma confiance et de mon estime, mais dont il prétend avoir à se plaindre. Je laisse à votre sagesse, Général Premier Consul, à décider combien une pareille condescendance s'accorderait mal avec ma Justice, et combien ma Dignité en serait par là compromise. Je me plains à vous répéter dans cette circonstance que mon plus vif désir est de conserver et maintenir l'intelligence et la bonne harmonie, que subsiste si heureusement entre les deux Etats, et de vous témoigner par des preuves les plus éclatantes la haute estime et l'attachement affectueux que m'inspirent vos grands talents et vos rares vertus. C'est avec ces sentimens que je suis Général Premier Consul [Votre très affectionné [A Queluz le 8 août 1802.

Jean”,

“*Sem mendigar por outro continente!*” como vimos na de Corvide. Contra esta orientação insurgia-se D. Rodrigo, irmanado com o povo quando aconselhava armamento para enfrentar o inimigo, se bem a razão pendesse mais para o Príncipe, porquanto essa medida extrema só era exequível mediante auxílio exterior e a Inglaterra ainda não se encontrava em condições de o prestar.

Agravada, contudo, a pressão francesa, resolvida em consequência de suas ameaças a mudança para o Rio de Janeiro, desvendada a protéria napoleônica, recuperou D. Rodrigo o seu pôsto prestigiado pelos acontecimentos. Pôde então desenvolver plenamente, na nova sede do Reino Unido, a atividade de que já dera mostras na antiga. No intenso trabalho que planejou e o quanto possível levou a cabo, teve não poucas vezes de contrariar muita gente. Azedaram-se com isso colegas, além de que, contra êle se conluiaram poderosos cortesãos, componentes do real séquito e figurões do Corpo Diplomático. Da situação sobrevieram não pequenos aborrecimentos provocados pelas eternas intrigas em tôrno de altos postos<sup>(89)</sup>. Certa vez, desejara a família semipiemontesa de D. Rodrigo, que viesse para o Rio de Janeiro como embaixador do rei da Sardenha, um fidalgo seu parente. Ressentia-se a desterrada côrte daquele soberano (encalhada em Cagliari — pronunciar Calhari, o *gl* como *lh* — onde a frota britânica a protegia do Corso), de pouco invejáveis condições de vida; daí, esforçarem-se parentes em amenizar as aflições do aparentado promovendo a sua transferência para junto dêles. Por infelicidade, reinava no círculo conselheiro do Regente espírito menos esclarecido que no do Barão do Rio Branco às voltas no século 20 com certo diplomata venezuelano. Debalde insistissem os sobrinhos no tempo de D. João pela vinda do candidato, gentil-homem da mais alta linhagem, e alegassem haver no Piemonte um santo milagroso com o mesmo nome, cuja localidade natal, feudo do dito fidalgo e berço do santo, era sítio de romaria preferido pelos casais estereis, recusava D. João, impressionado pela salacidade portugêsa, admitir que Marquês de Caraglio formasse no Corpo Diplomático acreditado no Rio de Janeiro.

Em outra ocasião, indis pôs-se D. Rodrigo com o nuncio Caleppi, com o qual trocou ameaças em italiano, francês e português, em linguagem poliglótica e insólita para Ministros

---

(89) Luccok reproduz o rumor corrente na época de que fôra envenenado pelos inimigos.

e Diplomatas. Dissipado o malentendido com eclesiásticos, começou outro também com gente de saia. Não teve remédio, D. Rodrigo, senão se opor à agitação de D. Carlota Joaquina, que raivosamente lhe chamava sucessivamente El Torbellino, Dr. Trapalhada ou Dr. Barafunda, alusão à atividade do Secretário da Guerra, sempre às voltas com novidades ou reformas. Num dia lembrava-se de importar chins para incentivar no Brasil a cultura do chá, no seguinte abrir estradas pelo Brasil adentro, a fim de estabelecer navegação pelo Araguaia e pelo Tocantins para escoar a produção do centro do Brasil em direção ao Pará. Expediu instruções — como diz Silva Lisboa — ao capitão-general de Goiás para cooperar na abertura da grande artéria de comunicação entre o Rio de Janeiro e o Amazonas, “*linha projectil de tal expedição*”, exclamava o futuro Cairu, “*que aproxima pontos tão distantes, e que espanta o olho lançado sobre o mapa, não hé já chimera de huma phantasia. . .*”. O trajeto seria em estradas e por via fluvial, como outra, “*importante ainda que difficil, que se acha muito recommendada ao Governador de S. Paulo*”, que iria de Cuiabá a Camapuã e dali pelo Tietê ao planalto piratiningano. O mesmo se ordenava em relação a Mato Grosso, na intenção de comunicá-lo com o Pará pelo rio Madeira — apesar das cachoeiras, e ao Amazonas. Também voltava vistas para o sul da Bahia e Espírito Santo, ao declarar guerra aos indômitos botocudos<sup>(90)</sup>, a fim de estabelecer segurança no Rio Doce. Razões semelhantes também levaram o govêrno a hostilizar os ferozes paia-guás, ramo guaicuru, que impedia comunicações entre o litoral e o Paraná.

Historiadores comentam a sofreguidão do estadista, cujo maior defeito era ser ministro antes de fase em que poderia dar real demonstração da sua capacidade: “*Não raro contudo a execução seguia o pensamento. Logo em 1809, agindo por ordens da côrte, mandava o Governador de Goiás, D. Francisco de Assis Mascarenhas, no intuito de encurtar a distancia por terra entre o Rio de Janeiro e o Pará e facilitar os correios, abrir na sua capitania uma estrada de 121 legoas (do Registo de Santa Maria ao Porto Real do Pontal na comarca norte), construindo pontes nos ribeirões, pondo canoas nos rios caudalosos, e invadeaveis, mantendo cavalgaduras nos postos. O*

---

(90) V., do Autor, *A Bahia e as Capitánias do Centro do Brasil*, vols. II e III.



*fato é que o correio expedido pelo governador do Pará com a nova da conquista de Cayenna já transitou por essa estrada, que do registro de Santa Maria continuava até Vila Rica*<sup>(91)</sup>.

Não lhe ficava a dever em atividade, patriotismo e boa vontade outro ministro, o sábio e amável António de Araújo, Conde da Barca. Com êle passamos ao campo oposto do anglófilo Linhares. Culto e progressista, simpatizara Araújo com os franceses, obediente à regra que sempre nos inclina para o idioma que melhor entendemos. No vêzo não se trata apenas de questão de índole e pendores, mas principalmente de facilidade assimiladora a aproximar um indivíduo de outros, de uma cultura ou de uma civilização. Era o que sucedia a Barca, companheiro de franceses nos bons e nos maus dias, tendo-os conhecido no período áureo decantado por Talleyrand e nas horas sombrias da Grande Revolução quando foi encarcerado no Templo prestes a findar na guilhotina. No Brasil, esquecido dos maus quartos de hora em Paris, fiel a franceses e não admitindo outra arte ou sabedoria que a originária do Sena, promoveu a vinda da famosa Missão Artística, de capital importância nos anais da história das artes no Brasil, iniciativa que seria das mais acertadas, não fôsse o ambiente da monarquia absoluta. Acontecia sob D. João VI o mesmo que sucede na Rússia sob tzares brancos ou vermelhos. Encarrega-se a irresponsabilidade reinante, a ausência de estímulo à iniciativa privada, e, acima de tudo, a antecipação de medidas abruptamente impostas a um meio não preparado para recebê-las — que só se pode adaptar aos poucos em ambiente livre, sem compressões nem imposição do Estado — de deter resultados e esterilizar efeitos.

Com a importantíssima questão da imigração, assunto da maior relevância numa região necessitada com premência de abolir o regime servil, dava-se o mesmo. Empenharam-se Linhares, Barca e Tomás Vilanova em fomentar levas imigrató-

---

(91) Não eram só os Ministros a se mostrarem adeptos de inovações e reformas; todo indivíduo provido de algumas luzes — ou se julgando tal — sentia-se na obrigação de dar conselhos aos administradores. Sucessivamente apareciam livros, folhetos e manuscritos, de inspiradores do govêrno ou de improvisados conselheiros por conta própria, tais como Silvestre Pinheiro, Azeredo Coutinho, José da Silva Lisboa, João Rodrigues de Brito, José Gregório de Moraes Navarro, Manoel Vieira da Silva, José Anselmo Correia Henriques, Francisco Soares Franco e inúmeros outros, sôbre desde melhoria do clima do Rio de Janeiro, até normas de govêrno e de enriquecimento do povo. Muito curioso entre êsses escritos é o do espanhol D. Diogo Maria Galhard, intitulado "*Preferencia que merece o Brasil sobre os outros Dominios Portuguezes*".

rias para a lavoura. Tudo no papel fôra previsto, região, clima, subsídios, amparo material e escolha do elemento humano. Em primeiro lugar considerou-se o reinol desejoso de fixar-se no Brasil na qualidade de agricultor. Decretos de 1811 estatuem distribuição de terras, auxílio econômico, instrumentos de trabalho, gado e todo mais apoio possível. A providência estendia-se a estrangeiros nas mesmas condições, culminando na famosa tentativa de colônia suíça em Nova Friburgo. Isenção de impostos e privilégios também foram concedidos a quem concorresse com invenções ou adaptações para o progresso local. Em Minas, no Tijuco e em São Paulo no Ipanema, iniciaram-se fundições de ferro e porfiaram Nogueiras da Gama e Conceição Velosos em aclimar espécies vegetais das mais variadas regiões do globo nos arredores do Rio de Janeiro. A interessante obra do segundo, sob título "*O Fazendeiro do Brazil*", publicada em princípios do século 19, é feliz réplica franciscana à malograda obra jesuíta de Antonil, proibida um século antes pelo govêrno metropolitano por atrair demasiada atenção sôbre a colônia.

Poderia, entretanto, o rôjo entusiástico desandar em protecionismo excessivo. A fim de evitar êste perigo e especificar o bom e o nocivo da orientação do govêrno, escreveu contemporâneamente José da Silva Lisboa as "*Observações sobre a Franqueza da Industria*" seguida um ano depois, na Bahia, pelas "*Observações sôbre a Prosperidade do Estado*", ambas desdobramento das "*Observações do Commercio Franco do Brazil*". Inspirado pelas anotações de Talleyrand sôbre o que presenciara nos Estados Unidos, desenvolve Silva Lisboa a tese, de ser mais proveitosa ao brasileiro a agricultura que a indústria. E, sob influência do deslumbramento inspirado pelo progresso norte-americano, expande-se o economista em considerações de tôda ordem. "*Deve-se notar*" escrevia, "*que ha no Brazil não só igual, mas ainda maior razão para seguir-se, em matéria de Fabricas e pratica d'America do Norte: pois a sua população principal he de escravos; e a de brancos e gente livre he pequena, e avança mui lentamente, pela desgraçada Lei do captiverio, e commercio da costa d'Africa, que difficulta os casamentos das pessoas de extração europea, e obsta formar-se hum corpo de Nação homogeneo e compacto. Convem-lhe pois, pela necessidade das causas, o trabalho dos campos, e das artes communs; visto que a obvia e facil colheita dos productos rudes da terra, e o simples fãbrico e transporte de obras grosseiras, ou ordinarias, está mais nas possibilidades e esphera da parte*

*principal do povo. O numero dos individuos das classes superiores mal chega para dirigir aquelle geral trabalho do paiz, e occupar-se nos empregos e profissões militares, civis, ecclesiastica, e litterarias, sem o que não pode existir Nação culta”.*

O trecho é elucidativo da situação da sociedade brasileira na hora em que foi escrito, em 1810. Ainda não havia número bastante de “*dirigentes*” para arrotear à testa de negros imenso território virgem. Sem o trabalho preliminar do senhor e do escravo, não se podia cogitar de lavradores livres segundo especificavam na melhor das intenções os decretos de 1811. Arriscava-se numa região desprovida de escoadouros para os produtos do solo, o que não tardou a acontecer com alemães no sul do Brasil, em sítio hoje próspero, mas há um século avesso ao que dêle se exigia. Decorrido algum tempo, verificavam os imigrantes lá destacados a impossibilidade de vender o produto de seu trabalho<sup>(92)</sup> agrícola ou manufaturado, e passava no seu ócio forçado Fritz a convidar na segunda-feira os conterrâneos para uma bebedeira em casa, seguida na terça de outra na cabana do vizinho Hans, e de mais uma quarta na de Moritz, e assim por diante até recomençar na segunda-feira em casa de Fritz. Era a única ocupação a se lhe oferecer naquelas condições, em que até o pastor evangélico da comunidade, por fim, participava.

Era o caso da Rússia de qualquer côr, branca ou vermelha, vítima do processo de transposição violenta e arbitraria de cultura de um sítio para outro, sem o necessário prazo para sedimentação na operação. Outras tentativas do gênero ocorridas em vários campos de atividades, também falharam nas mãos do Conde da Barca. Professava Antônio de Araújo largueza de vistas que não possuíam os seus colegas Aguiar ou Tomás Antônio. Escreveu Saint-Hilaire artigo sobre os acontecimentos políticos do Brasil, em que resumia a situação no reinado de D. João. “*Il y avait un pays qu'on appelait le Brésil*”, começa com a autoridade conferida pela dilatada permanência entre nós a partir de 1817, “*mais il n'existait point de Brésilien*”.

---

(92) O relatório apresentado em 1819 por M. de Pourcelet diretor provisório da colônia suíça ao governo de Friburgo, enumera os auxílios prestados pela administração lusa aos imigrantes, tais como a tropa de negros e mulas que os esperavam na fazenda do Coronel Ferreira para os transportarem à Nova Friburgo “*ou nous trouvâmes une centaine de maisons nouvellement construites et prêtes à nous recevoir*”. Todavia a distância de 36 léguas da capital sem boas estradas inutilizava os gastos pelo fato de constituir “*une mauvaise position*”.

No governo desse estranho Estado — estranho para um estrangeiro que não percebia atrás da cortina litorânea o arcabouço ainda sumário, porém sólido, representado pelo patriarca rural do interior, e supunha o brasileiro reduzido ao filho do comerciante ou funcionário português dos portos marítimos — só disporia o Príncipe de Ministros reinícolas de competência discutível. Quem fala é o europeu antolhado nas vistas pelas tradições ocidentais, particularmente tirânicas em terreno político. Um francês não compreendia no século 19 um alemão, muito menos entendia um súdito de improvisado império sul-americano! Todavia, a despeito dos dislates, Saint-Hilaire, graças ao convívio que desfrutou tal como Ender no Corpo Diplomático e altas esferas da côrte e à amizade e proteção do primeiro Embaixador da França no Rio de Janeiro, traz interessantes informações colhidas na época, hauridas em testemunhas diretas dos sucessos que relata. O que diz — por exemplo — dos Ministros do Príncipe Regente, era o que então à bôca pequena se difundia nos “*circulos bem informados*”. No seu entender, D. Rodrigo de Sousa Coutinho dispunha de idéias elevadas, “*mais dans un pays où tout est obstacle, il n’en voyait aucun, il ne mesurait point la grandeur de ses idées sur la petitesse de ses moyens, et, dupe de charlatans . . . encore dupe de son imagination bouillante, il croyait déjà exécutés de projets gigantesques qui à peine pourront s’accomplir dans quelques siècles*”.

Do Conde da Barca não fala com as mesmas restrições Saint-Hilaire, talvez por interesse e pelo fato do galofilismo do Ministro imunizá-lo às críticas. Escrevia o botânico em 1816 a um alto funcionário francês, os projetos que alimentava de viajar pelas capitâneas do Brasil, entre as quais Mato Grosso, onde “*nunca estivera um naturalista*”, e concluía, “*Vous voyez Monsieur, que je compte sur votre intérêt et sur la bienveillante protection du Ministre (de l’Interieur da França). Vous me demanderez peut-être, quelle est la plante qui m’a mérité les bontés du Comte da Barca: c’est la Calicerne dont on tire la meilleure soude, article jusqu’ici a été rapporté au Brésil par les Anglais. Je suis, je vous l’avoue, un peu fier de ce que soit un Français qui ait fait cette découverte*”. Mas dos demais Ministros diz, em outra relação, “*Ceux qui lui succédèrent vieux et infirmes, voyaient toujours l’Europe dans l’empire du Brésil, et laisseraient les choses dans l’état où ils les avaient trouvées. Antoine de Villanova et Portugal, le dernier ministre qu’eut le roi Jean VI*

*comme souverain absolu, était un homme de bien, et possédait même quelques connaissances en agriculture, en économie politique, en jurisprudence; mais ses idées, surannées et mesquines, n'étaient point en harmonie avec celles du siècle, ni avec les besoins nouveaux de la monarchie portugaise*”, ao qual atribuía com excessiva liberalidade o advento da Independência do Brasil e a Revolução de Portugal.

As causas foram outras, demasiadamente profundas para serem integralmente apreendidas por um estrangeiro, se bem tivesse por longo espaço perlustrado o país, e convivido com influentes personagens. A ineficiência da administração pública teria, sem dúvida, concorrido para agravar a situação. Conta Golovnin ter visto o arsenal da ilha das Cobras praticamente abandonado, desprovido até de madeiras que abundavam a um quilômetro de distância. Não deparou com barco algum em construção no sítio onde os Vice-reis tinham lançado ao mar navios de linha notáveis pelos serviços que prestaram, mais resistentes que os congêneres europeus. Notou apenas nas oficinas, restos dourados provavelmente da escuna *Monte de Ouro*, pouco antes restaurada no lugar. Também se queixa da extrema lentidão das repartições do ministério da Marinha, as quais desejavam servi-lo, tendo o Ministro prometido ao Cônsul Langsdorff ceder embarcações especiais para o transporte de água potável. No entanto, viram-se os russos obrigados a contar tão-sòmente com os próprios recursos, pois a água trazida pelos portugueses chegou provavelmente muito depois da sua partida a despeito da demora dos russos no pôrto. Mas, descaso administrativo, velhice ou incapacidade de Ministros, madraçaria de funcionários, morosidade nos serviços públicos, que só a poder de gratificações no gênero das obrigatórias na Sublime Porta era possível minorar, não provocariam a separação. Estavam os brasileiros há muito tempo afeitos ao arrastar de tôdas as resoluções governativas, que não ressentiram a respeito muito mais do que a habitual impaciência. Outras foram as causas que desuniram Portugal do Brasil, e o estudo da formação da sociedade dirigente brasileira pode-nos proporcionar algumas noções.

---

## A CLASSE DIRIGENTE DO RIO DE JANEIRO

*“Educada em seminários, formada em Coimbra, repentinamente no poder pela desastrada avidês colonialista dos pequenos burgueses da metrópole”.*

GIL VASQUES

P OUCO DESENVOLVIDO se mostrava o meio carioca quando a côrte lusa aportou na Guanabara em 1808. Pelo que nos diz José da Silva Lisboa, resumia-se em alguns filhos de comerciantes reinóis e de funcionários públicos, entre multidão negra, repartidos nos postos no Santo Ofício, nas milícias e na governança da terra. Em público eram distinguidos, segundo costume ibérico, pela bengala em que se apoiavam. As de castão de ouro estavam reservadas ao Vice-rei, Sargentos-mores e Coronéis de regimentos, as de prata aos demais personagens da administração reiúna ou participantes da governança e assim por diante até terminar nos simples bastões de madeira para o vulgo. Tampouco, teriam êsses elementos muita comunicação com os outros habitantes da ex-colônia, descritos com muito acêrto por Saint-Hilaire em artigo de revista, nas condições em que outrora viviam: *“Chaque capitainerie avait son satrape, chacune avait sa petite armée, chacune avait son petit trésor; elles communiquaient difficilement entre elles, souvent même elles ignoraient réciproquement leur existence. Il n’y avait pas au Brésil de centre commun: c’était un cercle immense, dont les rayons allaient converger bien loin de la circonférence”*. O retrato é perfeito, desprovido o maior território colonial da

monarquia lusa de elemento centralizador e distribuidor, dependente, em última instância, de metrópole longínqua, onde os seus problemas chegavam extemporâneos, e, não raro, irremediáveis.

Assim sendo, os filhos de proprietários rurais espalhados pelo Brasil, desejosos de educação superior, tinham de ir diretamente para o reino sem escala pelo Rio de Janeiro. E, se acaso sentissem veleidades em seguir carreira no magistério ou na administração pública, precisavam permanecer em Portugal, pois unicamente daí, emanavam os decretos e nomeações regulando as colônias. Nesse regime, custava elevar o número de brancos fluminenses, em condições de constituir a classe superior, inda nêles incluídos os inquinados de impureza de sangue. A capital, menos antiga que a de Salvador ou do Recife e em menor contato com a zona rural, não dispunha da população fixa ou flutuante das outras. Concorriam as festas religiosas nas capitanias do Norte e Nordeste em recrescer o número de salvadorenses e recifenses, quando, nessas ocasiões, refluíam para a cidade os senhores do engenho, muito mais numerosos que os fazendeiros das zonas rurais próximas do Rio. Igualmente, a população abastada fluminense parecia menos opulenta e importante que os ricos das cidades precedentes. Até as do Pará e Maranhão se avantajavam em brilho e pretensões culturais, muito mais em comunicação com Lisboa do que os habitantes do Rio de Janeiro, onde sòmente no ocaso do século 18 começou a se firmar a prosperidade esboçada pelo surto das Minas Gerais. Até então, contavam-se menos famílias ricas estabelecidas em centros urbanos do sul que as dos grandes centros do norte. Não se viam nas ruas tantos casarões como na Bahia, nem nos subúrbios o número de chácaras do Recife. Uma aguarela do Rio pintada por um inglês no último quartel setecentista quando se construía a igreja do Carmo, reproduz cidade pequeníssima, composta em mor parte vista do pôrto, de armazéns e trapiches no sopé de morros, sôbre os quais bracejam moinhos de vento semelhantes aos da Holanda, em meio de verdes capinzais onde hoje se elevam arranha-céus.

A chegada da còrte não favoreceu logo a vinda de habitantes do interior. Os grandes proprietários alegraram-se mais que qualquer outro súdito americano com a presença do Regente, mas não puderam comparecer à Quinta de S. Cristóvão, primeiro, por falta de acomodações na cidade superlotada, em

que os reinóis tinham em tudo preferência, segundo, porque o seu orgulho feudal se rebelava contra as distinções impostas no Paço pela etiquêta<sup>(93)</sup>. Felisberto Caldeira Brant, por exemplo, genro do opulento negociante da Bahia Antônio Cardoso dos Santos, só se pôde fixar com grande estado no Rio de Janeiro no fim da permanência de D. João VI, depois de extintas as “aposentadorias”. Ficava, destarte, o núcleo de brasileiros ricos encontrados na Guanabara composto apenas de cariocas empenhados em algumas ocupações públicas, ou cargos eletivos tidos por secundários. A lista de seus nomes, acrescida de alguns ádvenas chegados na esteira da côrte, consta na comissão “*dos mais Notaveis elementos do Corpo do Commercio desta Praça*”, que em 1816 cumprimentou o Regente pela elevação do Brasil a reino, e lhe ofereceu vultosa quantia para incremento da instrução pública local. Constam na lista Fernando Carneiro Leão, João Rodrigues Pereira de Almeida, Amaro Velho da Silva, Luís de Sousa Dias, Joaquim José de Sequeira, Geraldo Carneiro Beléns, José Marcelino Gonçalves, José Luís da Mota e Mateus Pereira de Almeida, êste último o único do rancho desprovido da comenda de Cristo.

Vamos encontrar de nôvo muitos dêses nomes na fundação do Banco do Brasil e mais eventos econômico-financeiros do reinado de D. João VI. Daí por diante, os componentes do alto comércio chegados à classe superior graças à despedida da côrte joanina, continuariam a progredir socialmente sob D. Pedro I, na Regência, Minoridade e reinado D. Pedro II<sup>(94)</sup>, unidos aos descendentes de proprietários rurais, que das províncias começaram a se transferir para a capital do Império.

---

(93) Os habitantes ricos do Rio de Janeiro manifestavam grande predileção por sítios e chácaras, às vêzes bastante afastadas da cidade. Registrou-se no fim do século 18 a construção de numerosas vivendas campestres gênero Colobandê nas cercanias de Niterói, onde mais tarde muitos proprietários urbanos se refugiaram durante a vigência das aposentadorias. Escrevia a respeito o Visconde do Rio Sêco, “*Nem hum só dos Proprietarios do Rio de Janeiro ignora o pezo immenso que causou ao Publico o repetido abuso das aposentadorias*”, e ninguém melhor do que êle podia opinar no caso, pois tivera, em 1810, de ceder a sua própria casa para hospedar a embaixada anglo-persa de passagem pelo Rio. No caso, ainda havia a agravante de estar provida de magnífica garrafeira de que Marrocos nos dá notícia quando descreve os presentes de Rio Sêco ao maestro Marcos Portugal.

(94) Como sucedeu com o comendador Faro uma das figuras mais características de imigrante enriquecido no comércio carioca. Nascido em 1768 na cidade de Braga, de pais em modestas condições de fortuna, passou Joaquim José Pereira de Faro à Guanabara em 1784. Na chegada da côrte de D. João atingia invejável prosperidade, erigido a personagem local, chamado, por eleição dos comerciantes do Rio de Janeiro, à Mesa de Inspeção, Tesoureiro do Contrato do Tabaco, Vereador e Procurador do Senado da Câmara, Diretor do Banco do Brasil, a figurar em tôdas as subscrições “para fabrico e armamentos de vasos de guerra... planos úteis ao commercio e à navegação... aprestos da fortificação da provín-



Ocupavam o pòsto vacante deixado pelos cortesãos da Ajuda e de Bemposta, indo D. Pedro I buscar nas suas fileiras, de acòrdo com as normas constitucionais, os primeiros dirigentes da nova nação. Estava formado sob signo coimbrão o núcleo inicial da classe que deveria presidir aos destinos do Brasil e que soube vencer, de par com a elite intelectual também em formação nas faculdades do Rio e províncias, a procela dos primeiros anos da Independência. O seu entusiasmo na faina decorria de acendrado espírito nacional, motivo de espanto para observadores estrangeiros, num organismo tão heterogêneo como o da casta superior daquela época. Dizemos heterogêneo, convém aqui frisar, não no sentido racial, mas geográfico como apontava Saint-Hilaire ao se referir à antiga e quase completa segregação de capitanias entre si.

Nas sátiras lusas de que já tratamos, dirigidas contra os estudantes americanos, espelho fiel do ânimo popular, nota-se muito antes do aparecimento dos Gusmões, a má vontade do reinol para com o mazombo colonial. Esta aversão acentuou-se rapidamente à medida que aumentava o número de brasileiros na metrópole, e, conseqüentemente, o de candidatos a empregos reservados às classes alfabetizadas. Na mentalidade do reinol, as colônias eram simples vacas de leite, mais nada. Como se atreviam a produzir filhos que não se envergonhavam de lá ter nascido e ainda vinham à Europa competir com os metropolitanos? Faziam mais, jactavam-se da origem, gabavam tudo que era seu, criticavam as coisas e gentes no velho reino e ainda, inúmeras vèzes, demasiadas vèzes, levavam a melhor na disputa de cargos públicos.

Nos *Diálogos de Marcina e Delmira* e em muitos outros documentos anônimos, assim como nos assinados até por árcades ilustres, surge sem rebuços a malquerença. Num passo chamam aos estudantes brasileiros bromas ou açúcar de pior qualidade, alusão aos engenhos do Brasil; em outros citam sertanejos "*de toscas matas... onde se chamão Senhoras a Pretas e a Mulatas*". Em outro ainda referem-se aos quindins, com

---

cia..." Oração fúnebre de Januário da Cunha Barbosa, Rio, 1843. Irmão Director do Santíssimo Sacramento de Santa Rita, das Dores da Candelaria, da Santa Casa Imperial, Casa da Misericórdia, dos Passos da Capela Imperial, Prior benfeitor das igrejas de S. Luzia, da Glória do Outeiro, de Santa Cecília, Lapa dos Mercadores, Veneravel Ordem Terceira Carmelitana, etc... Coronel effectivo da Guarda Nacional, Commendador de Christo, Cavaleiro do Cruzeiro do Sul, Fidalgo da Imperial Casa. Grande proprietário na cidade do Rio, fazendeiro de café e capitalista, deixou numerosa descendência, entre a qual conta-se o ricoço Domingos Theodoro, possuidor de grande e famosa chácara em Botafogo.

explicação de que se trata de “*huns movimentos naturaes, sem affecção*”, com que os forasteiros atraíam amizades do belo sexo e mais exclamação entre espantadas e irônicas sôbre têrmos e costumes estranhos exibidos pelos coloniais. Ainda bem quando a sátira não desandava em grosseira chufa a extravazar sentimentos vizinhos de ódio, como as de Bocage contra o fulo Caldas<sup>(95)</sup>.

Estas condições, em que se defrontavam no Brasil filhos da terra e os de além-mar, foram percebidas pela clarividência de Auguste de Saint-Hilaire e profeticamente expostas em carta particular datada de 1816 a um dos chefes de Divisão do Ministério do Interior da França, Conde de Lescarene, “*Je ne saurais trop me louer de la manière dont j'ai été reçu partout et des égards que l'on me témoigne; les Français sont aimés par les habitants de ce pays; mais il n'existe point en Europe de peuple qui contraste autant avec nous que celui ci, ou pour mieux dire, les nuances qui distinguent les nations de l'Europe, disparaissent lorsqu'on les comparent avec les différences qui existent entre les Brésiliens et les Européens. Si les productions naturelles du Brésil meritent d'être étudiés, les moeurs de ses habitants, leur caractère et leur gouvernement ne sont pas moins dignes de l'être. Ce pays est dans un état de demi-civilisation qui déroute sans cesse l'observateur et produit des contrastes les plus singuliers. Il est habité par deux peuples qui se détestent, les Créoles-Brésiliens qui cherchent à retenir le Roi à Rio de Janeiro et les Portugais qui voudroient le remener à Lisbonne ou risque de lui faire perdre 800 lieus de terrain dont pourrait faire le plus bel Empire de l'univers*”.

Num trecho do seu epistolário, reconhece Marrocos depois de casado com uma fluminense, o reprovável procedimento de portugueses no Brasil e exprobra aos reinóis a sua indisfarçada má vontade por tudo que fôsse brasileiro. O vêzo continuou pelo século 19 afora, visível ainda muito tempo depois em es-

---

(95) Bocage pretendia, na mocidade, estabelecer-se no Rio de Janeiro, pôsto detestasse em geral os americanos. Nutria particular aversão a Caldas Barbosa, contra o qual escreveu:

“Traz o sujo môço mostras de chanfana,  
Em copos desiguais se esgota a pinga,  
Vem pão, manteiga, chá, tudo à catinga...  
Masca farinha a turba americana.”

reparos ao pobre Lerenó Seniluntino que tivera a desgraça de lhe despertar a veia ferina. Não admira que ainda em meados do século 19, na guerra do Paraguai literatelhos lusos tomassem partido de Solano Lopez contra o Brasil.

critores de nomeada — como Camilo Castelo Branco, Ramalho Ortigão, Eça de Queiroz e outros de vários nomes — se bem já começassem a aparecer, em Portugal, personalidades das mais eminentes contrárias a semelhante absurdo. Mas, por volta de 1817, medrava violentíssimo, como tendência geral em todas as classes sociais, que não perdiam oportunidade em afastar de si os americanos a poder de doestos, remoques, observações deprimentes, queixas e exprobrações, causadas por defeitos de que, eles mesmos, reinóis, eram os principais culpados.

Atitude menos acentuada ou visível ocorria nas altas esferas do governo e da aristocracia. A correspondência do Marquês de Borba com sua nora Condessa de Redondo, alude a parentes que se davam muito bem no Brasil, pôsto, êle "*morresse de saudades*" do reino. Melo Moraes, informado por testemunhas e de vista e de oitiva, assegurava ter sempre havido no ambiente da corte e do governo, notável diferença entre o proceder dos fidalgos do séquito palaciano e o de amanuenses gênero Marrocos, os quais, por infelicidade eram os mais numerosos e em maior contato com os cariocas. Afligido da estreita mentalidade de todo pequeno-burguês; nacionalista extremado; arrogante; impertinente; invariavelmente grosseiro; tornava-se o português "médio" muito mais odioso que o aristocrata provido de melhor civilidade. Ambos, contudo, molestavam os cariocas, quando lhes tomavam as casas, os serviços, os meios de condução, e, em troca, os cobriam de estúpidos apodos. O dignitário, porém, procederia mais discreto e o burguês com maior atrevimento, talvez aconselhado pelo sadismo, muito mais comum do que se pensa entre funcionários públicos de todos os tempos e latitudes, mormente de pequenos países traumatizados por calamidades nacionais.

Havia casos como o de D. Francisco de Almeida, feito intérprete da nobreza lusa, segundo Marrocos, autor da resposta ao Príncipe Regente, que lhe perguntara sua impressão do Brasil: "*Senhor, eu sempre ouvi dizer aos papagaios d'America — Papagaio Real. . . para Portugal!*". Com isto aludia à volta da corte ao reino e ao anseio bastante compreensível na fidalguia saudosa da vida lisboeta, das residências abandonadas além-mar — para os europeus, horríveis, mas para eles cheias de encantos — além da nostalgia de parentes e de amigos. Aduz na circunstância o escriba, que o inocente chiste despertara reação por parte do elemento nativo, "*palavras estas que tem feito descar-*

*regar hua grossa chuva das mais horrorosas pragas dos Brasileiros e Brasileiras, sem esperança de armistício*”, atitude também compreensível dos que se sentiam ameaçados de volta ao odioso regime colonial a se reiniciar com a partida da côrte.

Semelhante estado de espírito era conhecido em alta esfera, mormente depois da morte de Tomás Antônio, quando D. João VI intentou amaciar antagonismos com auxílio de Palmela, Ministro deveras notável, possuidor de informação e de cultura decorrentes de parentescos na Europa, de sua situação social e das longas viagens que empreendera na mocidade. Inspirado pelos conhecimentos, aconselhava o colaborador del-Rei a portugueses, admitirem grandes sacrifícios, inclusive, e, principalmente, os de vaidade, se quisessem manter união com as antigas colônias. Por desventura, a subida em Lisboa da classe média ao poder, tudo arruinou por tolo nativismo. Na conjuntura evidencia-se por acaso inferioridade da democracia em confronto com o poder absoluto. Dez anos antes importaria o soberano a sua vontade, dez anos depois a burguesia impôs a sua com catastróficos resultados nas desvairadas côrtes de 1822.

À chegada de Ender ao Rio a situação se tornara patente até a olhos de estrangeiros estranhos à língua do país. Poucos austríacos a entenderiam, mas a mor parte falava francês — o idioma diplomático do tempo — e a respeito um dêles escrevia: *“O Brasil não tinha propriamente fidalguia sua; os religiosos, os funcionários e as famílias abastadas do interior, isto é fazendeiros e donos de minas, a representavam antes da chegada do rei, por assim dizer com os direitos e distinções da nobreza”*. Mr. Requin, francês contemporâneo ao pintor vienense no Rio, também acompanhou de perto o antagonismo de nativos e reinícolas. Fôra provávelmente informado pelos seus agentes diplomáticos, os quais, apesar de menos chegados à família real que os colegas da Áustria, de há muito se tinham inteirado da situação. Descrevia êste viajante as categorias da nobreza da côrte bragantina, o tratamento de praxe e o usual, o de Dom, privativo dos nobres, equivalente a Conde no século 16, e o de Excelência, estendido às filhas primogênitas de altos titulares, assim como a Viscondes com exclusão dos Barões, mas por cortesia fartamente distribuído aos que tinham direito e aos que não o tinham. Segundo Mr. Requin *“On distingue au Brésil deux sortes de noblesse: l’ancienne, et celle qui a été créé par le roi à son arrivée à Rio de Janeiro. L’ancienne noblesse dédaigne la nouvelle composée de riches Brésiliens, qui se vengent de cette morgue injurieuse*

*en étalant un très grand luxe que leurs rivaux ne peuvent pas toujours égaler*". Podemos avaliar pela amostra a série de melindres feridos, vaidades abespinhadas, ressentimentos implacáveis, provocados a tôda hora num ambiente pequeno e totalmente desprovido de cordialidade.

Não admira em tais condições suceder o que Luccock descreve ao mencionar a exceção representada na côrte, por um homem superior apesar de todos os defeitos que lhe atribuíam. Referindo-se ao Conde de Linhares escrevia: "*The count had few imitators. The people, among whom his lot was cast, are said to be singularly given to intrigue, and in Brazil this disposition had been greatly sharpened by the system of colonial policy, which had been acted upon from the first settlement of Portuguese subjets in the country. By the arrival of the Court a new field was opened for the exercise, and display of this favourite passion. Few as were the honours and emoluments which the Prince had to bestow, all sought them with eagerness, all endeavoured to supplant each other in the good graces of persons in power. Hence jealousies arose, and, between in the old Courtiers and new, got to a high degree of virulence; hence frequent bickering and open dissension, until the parties gradually divided into Lisbonian and Brazilian*".

De todos os estrangeiros o mercador foi o mais perspicaz. Sem tôlas elucubrações de intelectuais franceses como Jacquemont, nem o mau humor de mercenários alemães, despeitados por não encontrarem no Rio bens e honras que não mereciam, o inglês penetrou mais fundo e seguramente no problema que tanta relevância em pouco assumiria: "*The companions of the Prince, in his flight from Europe, had, of course, one considerable advantage over their rivals; they had been his friends or acquaintance at home, and were now his associates in banishment and its attendant evils; they pretended that they had sacrificed their all to royalty, and he was not a spirit to resist such claims. But here their influence ended. Royalty had reached the Transatlantic shores almost in state of pauperism, "striped of all but its honour"; and its followers were no better case, their estates had been plundered, their places annihilated, the source of their pensions had been dried, and many of them were literally without a home*".

Inversamente, os naturais da antiga colônia erigida em pôrto seguro da realeza desterrada, favorecidos pelas circunstâncias, colocavam-se num ponto de vista completamente oposto: "*But*

*the wealthy Brazilians had a home, and good thing to spare; herein consisted their advantage. They were welcome visitors at Court, from a wish to conciliate them, and still more because they had it in their power to repay an empty honour with solid benefits. Indeed the government had not left in altogether at their option whether to bestow or to withhold. One of the first public orders issued after the arrival of the Prince was, that no person should have in his occupation two houses”, o que parecia curial na conjuntura, mas em pouco começavam distinções odiosas, “and some, who had little influence at Court, found it difficult to retain even one. The same order extended to warehouses and shops, directing that they should be given up, not to needy emigrants from mother country alone, but to commercial adventurers from every region”. Na infeliz circunstância marcavam honrosa menção os súditos britânicos, os quais preferiam pagar liberalmente o que fôsse preciso para conseguir acomodações a se aproveitarem de vantagens oficialmente oferecidas pelo regime das aposentadorias. Entravam, daí, em composição direta com os proprietários cariocas, encantados de escapar por intermédio dos inquilinos da rapacidade portuguesa, de que parece terem sido raras exceções o Marquês de Lavradio e o Visconde do Rio Sêco.*

Alguns fluminenses de princípio, ante o espetáculo de desapreço em que chegavam cortesãos ao Rio, ofereciam-lhes graciosamente seus préstimos, dinheiro, casas e *“every comfort”* na suposição de serem pelo govêrno ressarcidos. Não tardaram, no entanto, a perceber o engano. Ao invés de a generosidade ser início de maior fortuna, verificavam em pouco o custo de o Príncipe satisfazer, *“all the various conflicting claims of ambition with he was assailed”*. O resultado era que muitos dos naturais da cidade, convictos de figurarem no primeiro plano de importância social dos seus habitantes, que tinham perdido casas, móveis, alfaias e criados, ao perceberem que eram preteridos na real benevolência, por reinóis a êles muito inferiores, retiravam-se amargurados para suas fazendas, mais os que lhes seguiam o exemplo à vista do excessivo custo da vida causado pelo afluxo de novos habitantes, *“A few, foreseeing that the display of wealth would render them, in one shape or other, object of continued peculation, became prudently poor and passed into voluntary reclusion”*.

Outros menos prudentes teimavam em ostensivamente permanecer no Rio, a fim de freqüentar o Paço, no que incorriam

em desapontamentos, invejas e incidentes facilmente concebíveis. Cada cerimônia oficial, aniversário ou beija-mão, era fonte de melindres espezinhadros. A simplicidade da vida colonial e a escassa educação que podia dispensar, pouco preparavam o brasileiro para aquêlo papel: *“Like the Brazilians in general, they were by nature violent, had been little accustomed to practical restraint, and were little disposed to endure it. They were ill educated, inused to political deduction, and therefore liable to miscontrue public mesures”*, e tocava no ponto, *“Notwithstanding the sort of political government under which they lived, they, in fact, held the purse strings of the state, controlled the finances of the Royal House, and could, at an early period, arrange its daily dinner”*. Assim sendo a consciência do seu próprio valor ganhava vulto, *“They were conscious of their own importance, kept their ground, and continue to demand the distinctions to which they held themselves entitled”*.

Luccock, testemunha de vista dos acontecimentos, deixa nesta altura bem claro o estado de espírito que se adensava. A palavra *“demand”* assume no passo a acepção de exigir; impor; intimar. Na continuação do comentário sublinha o negociante o antagonismo existente *“good-will towards each other, and a mutual reliance, were lost and none possessed an easy security. As to the members of the government, their spirit and behaviour, operating together with suspicions and alarms arising from different cause, occasioned many apprehensions for its safety”*, e relata episódios demonstrativos da irritação que hoje seriam considerados verdadeira guerra de nervos entre as inconciliáveis facções a se defrontarem na sede do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves.

O azedume foi comentado trinta anos depois por Justiniano José da Rocha, que a propósito do choque entre brasileiros e reinóis, exclamava, *“Dahi ciumes de nacionalidade, fomentados por leviandades e arrogancias; dahi um antagonismo odiento permanentemente azedando os elementos politicos (do período das lutas pela Independência). Nesse sentido, o caracter das lutas do Brazil pôde antes ser considerado social do que politico; o espirito democratico não apparecia em primeira linha, em primeira linha estavam os ciúmes nacionaes”*, em que, como frisa no começo, entravam preponderantes, tão intensos como os fatores econômicos, *“ciúmes de nacionalidade fomentados por leviandades e arrogancias”*.

D. João era o liame que ainda retinha os súditos provenientes de várias regiões agrupados sob a coroa. Levava existência patriarcal, simples, muito do agrado da população, recebendo a todos com afabilidade. O Paço estava de portas abertas nos dias de audiência pública, acessível a reinóis, brasileiros e estrangeiros de qualquer categoria social. Infelizmente, tão acertada lenidade, era em parte desfeita por praxes palacianas, com que os naturais do país não estavam habituados, não compreendiam a razão de ser, nem a apreciavam. Henderson — outro mercador inglês contemporâneo de Ender, comenta o excesso de dignitários, funcionários e serviçais da côrte: *“Few European courts, comparatively speaking, have so many persons attached to them as the Brazilian, consisting of fidalgos, ecclesiastics, and numerous attendants”*. Era a reprodução do prodigioso número de funcionários públicos — nada de nôvo sob o sol — colmando as repartições dos ministérios. Os exemplos de dissipação através de oneroso favoritismo, multiplicavam-se em tôrno de produtores brasileiros, irados pelo que viam e impostos que pagavam. A respeito do clamoroso desperdício, concluía o inglês: *“in addition to the three hundred mules and horses at S. Christovão, there is an equal number in the stables of the city, not kept for the use of the royal family alone, but for the supply of fidalgos and the numerous individuals composing the retinue of the court; and, with all this expense, there is no appearance of splendour or elegance”*.

Havia deplorável abuso a despeito de honrados esforços do Visconde do Rio Sêco, como era de esperar onde famílias inteiras se proviam de tudo que necessitavam. Noticiava *Monsieur* Requin outro setor de curioso aspecto medieval transportado no século 19 para o Rio de Janeiro, *“Pour peu qu'on soit en faveur à la cour du Brésil, il est facile d'obtenir de sa majesté, non seulement des pensions et des places lucratives, mais encore des rations de comestibles en nature, que ne dédaignent pas même les personnes les plus riches”*. O costume provocou reclamações que levaram autores como Oliveira Lima e Tobias Monteiro e os que os copiaram, a crer numa inacreditável voracidade por parte de D. João VI. Mencionam documentos da Biblioteca Nacional, exações de empregados da real ucharia, que se apossavam dos gêneros expedidos pelos produtores para o mercado. Publicou Mário Behring artigo na revista *Kosmos*, acêrca de como empregados do Paço esquadrihavam as estradas, capoeiras e portos dos subúrbios, à cata de frangos de



modo a deixar os doentes da cidade sem meios de manter dieta. Comenta Tobias Monteiro, “*Até morrer, D. João foi fiel a essa predileção gastronômica. Os seus últimos dias são descriptos numa correspondência do “Diário Fluminense”... O seu almoço do dia (4 de março) consistiu numa galinha corada em manteiga, num pedaço de queijo e algumas laranjas*”. Não suspeitou o jornalista, que ao servirem uma galinha forçosamente significa tenha o Rei comido tudo. Vimos o propósito, na descrição de Araújo Pôrto Alegre, alimentar-se D. João com refeição composta apenas de arroz e salsicha, improvisamente preparada por um serviçal do paço, prato que por horror a mudança manteve o Príncipe por longo tempo.

A caça de galinhas e outros víveres e as remessas de frangos da capitania de São Paulo, não se destinava unicamente à mesa real, mas a todos que eram abastecidos pela ucharia. A supressão do hábito foi uma das primeiras medidas levadas a cabo por D. Pedro I depois da partida dos pais, segundo êle mesmo comunicava na *Correspondência*. A respeito escrevia Mr. Requin: “*On m’a assuré qu’en 1818 il ne se consommoit pas moins de six cents vingt volailles par jour au palais du roi, tant pour sa maison que pour les rations qu’il accordoit à ses courtisans*”. Essa liberalidade, por sinal, se estendia além das pessoas pròpriamente adidas à côrte. Todos os que, por qualquer motivo, eram assistidos pela real casa, recebiam ração de acôrdo com a sua categoria e valimento. Assim, o maestro Marcos Portugal ou os componentes da Missão Artística Francesa — como tivemos oportunidade de indicar ao Prof. Taunay — também foram contemplados em víveres pela régia munificência durante certo espaço, depois da chegada ao Brasil, passando a alimentar-se gratuitamente à custa da ucharia. Com isto adquiriu D. João foros de glutão acima de Gargântua, multiplicadas anedotas de vária origem, a pintá-lo com os bolsos cheios de coxinhas de frango que comia a todo momento, afora as galinhas levadas em cestos por serviçais nos passeios de carro pelos arredores do Rio, a fim de satisfazer o insaciável apetite do amo! Disparates dêsse tomo foram piamente acreditados até por autores como Oliveira Lima e ainda circulam a despeito do seu visível exagêro.

Proseguindo, Mr. Requin informa-nos que havia duas sortes de rações — a pequena e a grande — e traz exemplo da primeira, reservada a personagens da casa real. A da aia do Infante D. Sebastião, que provia ao seu sustento, ao do

pupilo, ao da família e dos serviçais, provavelmente nas tais cozinhas entre janelas de que fala Araújo Pôrto Alegre na descrição de São Cristóvão, era constituída diàriamente de três frangos, seis libras de carne de porco, cinco libras de pão, meia libra de manteiga (entre parênteses, comenta Requin ser muito rara no Rio), duas garrafas de vinho, uma libra de velas, uma libra de açúcar, café, doces, frutas, legumes, azeite e condimentos, equivalente a 500 francos por mês, quantia elevadíssima para o informante, pois, representava o rendimento mensal de família abastada em Paris, sob a Restauração. Felizmente não caiu tal lista nas mãos de algum pontífice da nossa historiografia, quando se documentava acêrca da côrte joanina, porquanto teríamos, daí, na pobre governante, êmula do rei, pois Mr. Requin informa tão-sòmente que a aia recebia essa grande ração, sem especificar como a repartia.

Juntem-se às despesas acarretadas por semelhantes desperdícios as pensões pagas pelo "*Real Bolsinho*" e teremos idéia do fardo suportado pela incipiente produção do Brasil. Não admira que faltasse dinheiro para realizar as iniciativas do Conde de Linhares, porquanto, até 1819, despendia D. João com pensões fixas pagas a protegidos (a mor parte cortesãos) 164 contos de réis, uma das maiores despesas das fôlhas do orçamento. Acrescentem-se os empréstimos a diplomatas — Caleppi, von Elz, Marefoschi, etc. . . . — ou auxílios como o concedido ao Conde de Provence, mais tarde Luís XVIII, a outro francês d'Armerval, que perdera num naufrágio a mercadoria destinada ao Rio, e teremos despesas ainda mais vultosas. Os cortesãos dependentes da real casa, concorriam também para esbanjamentos, pois, não perdiam oportunidade em solicitar a José da Cruz Alvarenga, mestre de cozinha do paço, na ausência de D. João quando ia a Santa Cruz, lhes preparasse iguarias à custa da ucharia régia. A atenuante do govêrno se reduzia em alegar serem tais gastos provisórios, provocados pela transferência da côrte e complicações que acarretara. Suprimiu, com efeito, D. João, quando em 1818 foi aclamado rei, as aposentadorias que indistintamente requisitavam casas velhas ou recém-acabadas para uso da côrte. Foi grande alívio para a população, mas é preciso dizer, a requisição compulsória provocara tal flagelo, a interromper construções e agravar a crise de alojamento, que não havia remédio senão suprimir o abuso. Quanto às pensões, isto era óbice muito mais difícil de remover na vigência da monarquia absoluta do que nos regimes

seguintes, a constituir mais um argumento à disposição dos contagiados por “*idéias novas*”, difundidas pelo exemplo de outras nações e pelas Lojas Maçônicas, cuja importância no Brasil dia a dia aumentava.

Alheios a tudo, longe de suspeitar que a volta ao reino provocaria o fim da cômoda situação, anatematizavam cortesãos e altos funcionários o sítio em que se viam atirados. Queixavam-se do primitivismo da vida carioca, exprobravam a selvageria do quadro soberbo que os rodeava, recriminavam o capricho do Príncipe que os mantinha naquele agrreste exílio. Gemiam contra o calor guanabarinco com tanta veemência, que se cogitou sèriamente da mudança da capital<sup>(96)</sup>. Escrevia Marrocos sôbre as melhorias intentadas por Paulo Fernandes Viana nos caminhos que levavam à fazenda de Santa Cruz, onde a família real passava “*suas jornadas annuaes de Fevereiro, Julho e Novembro*”, à procura de lenitivo contra o calor da cidade e acrescentava: “*Além disto já se mandarão examinar os caminhos daqui para a cidade de S. Paulo; pois tem havido lembranças de se ir estabelecer a Corte para alli, em razão dos bons ares serem semelhantes aos de Portugal*”. O projeto, ótimo em si, não pôde efetuar-se como sempre, por falta de meios.

Continuava, entretanto, a fidalguia palaciana encastelada nos seus hábitos e preconceitos, como se estivesse de posse de velhas prerrogativas e nada houvesse sucedido. Carpia, por exemplo, a temperatura do Rio de Janeiro, no momento em que na Rússia parentes seus morriam de frio. Narra o Conde de Rochedouart estranho episódio ocorrido durante a campanha empreendida pela Grande Armée em 1812, quando encontrou oficiais do exército invasor francês num *kartchma*, “*cabaret tenu par un juif*” muito comuns pelos caminhos russos. Tratava-se de dois indivíduos de espantosa magreza, a tiritar de frio em ceroulas, descalços, tendo à guisa de chapéu uma meia, “*dont le pied tombait négligemment derrière la tête*”. O Conde fôra anteriormente oficial no exército português e pôde enten-

---

(96) Concorriam a respeito dos mesmos queixumes outros estrangeiros, como o nuncio Marefoschi e as damas austríacas do séquito da Arquiduquesa. De volta à Europa, em trânsito por Lisboa, onde foram hospedados no Paço das Necessidades, mais o conde de Palfy, conde de Elz (irmão do embaixador especial de mesmo nome), barão de Hoelz, e outros figurões, diziam que tinham vindo do inferno para o céu, “*tal a paixão que lhes ficou devendo o Brazil*”. Rio Maior, ob. cit. Não menos acerbo se mostrava o dito Palfy, o mesmo que estivera em S. Paulo no tempo de Ender. Por onde passasse maldizia o Rio de Janeiro, “*se é possível haver alguém que tenha por semelhante terra mais horror do que eu, certamente é elle, porém julgo que podemos entrar em paralelo*”. Id., carta da 2.<sup>a</sup> Condessa de Rio Maior, de Lisboa, 1818, ao marido no Rio de Janeiro.

der-se com os infelizes, que eram o Visconde de Asseca e um companheiro, provavelmente o Marquês de Fronteira, ambos despojados das roupas pelos cossacos. Estavam há vinte e quatro horas sem comer, visto o hóspede alegar falta de víveres e na aflição, ao verem Rochechouart com uniforme moscovita, imploravam o cristão e o oficial inimigo, para lhes valer no transe, já quase mortos de frio. Por felicidade, grato pelo acolhimento outrora recebido no reino quando pertencia à legião de Mortemart, o mercenário agarrou o dono da tasca pela barba, sacudindo-a até aparecerem alimentos e os “*shoubi*”, ou capotes de peles grosseiras, necessários para salvar os portugueses da congelação. Termina o memorialista, dizendo a propósito de Asseca: “*Plus tard je le retrouvait à Paris. Em 1816 il était établi au Brésil, ministre de l'interieur, et personnage très important*”<sup>(97)</sup>.

No Rio a fidalguia atinha-se inflexível às praxes heráldicas, que encontravam a sua maior expressão na etiquêta palaciana. Marcava-se a escala nobiliárquica dos cortesãos nos dias de grande gala — 6 de janeiro, Dia de Reis; 7 de abril, primeira oitava da Páscoa; 25 do mesmo mês, dia do nascimento de D. Maria I, etc. . . . — ou de “*Simples Gala*” — 1.º de janeiro, Ano Bom; 11 do mesmo, dia do nome da Infanta Ana de Jesus Maria; 20 do mesmo, dia do nome do Sereníssimo Senhor Infante D. Sebastião, etc. . . ., etc. . . . Aí, impunham a sua importância com rigor durante a monarquia absoluta, que chegava à ferocidade. Dizem que Pombal percebeu o desvalimento em que caíra, pela maneira como nosso parente o Cardeal da Cunha dêle se acercou na antecâmara del-Rei D. José moribundo. No Rio de Janeiro atribui Marrocos em carta ao pai, o fim do Conde das Galveias à paixão que dêle se apossou por lhe terem negado num beija-mão precedência sôbre vários figurões. Igualmente nas periódicas cerimônias desferravam-se o Visconde Fulano, Conde Beltrano e Marquês Sicrano, veadores de S. M., dos acintes de ricaços brasileiros, que os ofuscavam com seu luxo. Convém não esquecer o fato de dar a rainha D. Carlota inteiro apoio a tais praxes, não só pelo seu apêgo à inamovibilidade de tudo que se relacionasse com a monarquia de Direito Divino, como pelo desaprêço que votava aos súditos coloniais.

---

(97) O Marquês de Fronteira veio a falecer em consequência das privações em Koenigsberg, no fim da retirada dos exércitos franceses da Rússia.

Outra manifestação do exclusivismo de casta, obediente a costumes seculares, surgia nos casamentos ocorridos na meia dúzia de famílias tidas por “*puritanas*” — que se jactavam de não ter sangue plebeu, mouro ou judeu nas veias — as mesmas que tinham despertado reparos em Alexandre de Gusmão e logo depois, desvairadas pelo orgulho e ambição, atentado contra a vida de D. José I. Perdoados pela magnanimidade de D. Maria I e generosidade de D. João, e, acima de tudo, pela maneira desastrada, excessiva, injusta e odiosa como tinham sido punidos em segrêdo de justiça, que não permitia a ninguém se defender, a misturar grandes e pequenos culpados, incidindo no que Voltaire profligava no processo Malagrida — “*L'excès de ridicule joint a l'excès d'horreur*” — conseguiram através da revisão da iníqua sentença que os condenara, passar a outro extremo consistente em excesso de reabilitação<sup>(98)</sup>.

As mercês que sôbre êles desabaram permitiram o reatamento no Rio de sábias combinações heráldico-econômicas na base de desponsórios. Marrocos noticia, na sua crônica datada de julho de 1814, o ajuste matrimonial entre a filha do Marquês de Valada com o Conde do Barreiro; da filha da Condessa da Ponte com o filho de D. Francisco de Almeida, o do papagaio; da filha do Marquês de Belas com o Conde da Ponte, e da filha do Marquês do Lavradio, “*(Dama de S. A. a Sra. Princesa D. Maria Francisca Benedicta, Viuva) com o Conde da Ribeira, que aqui chegou na Fragata Benjamim*”. Continuando, escreve Marrocos, em novembro do mesmo ano: “*Morreo o Visconde de Condeixa de huma indigestão: estão satisfeitos os ajustes dos casamentos entre a filha do Barão do Rio Secco com o Físico Mor, e a filha da Condeça da Ponte com o filho de D. Francisco de Almeida, e agora se sabe q. este quiz casar com a mesma Condeça da Ponte, e q. esta lhe respondera q. antes queria padecer hum estupor; e q. indo elle ao depois pretender para o m. fim sua cunhada, a Condeça das Galveias tivera a mesma resposta. Houverão dous desafios: o primeiro entre o Conde da Ponte e o filho do Marquez do Lavradio, e q. este velho fôra de capote, e espada e cabelleira torta despicar seu filho pelo medo e cobardia q. teve; o se-*

---

(98) Motivo dos protestos do brasileiro João Pereira de Azevedo, Procurador Geral da Coroa no govêrno de Pombal, contra a subitânea reabilitação de indivíduos que êle sabia culpados. Pela mesma razão, grato ao antigo protetor, apresentou a defesa do Marquês a D. Maria I, notável gesto no momento em que até êle, Azevedo, se via perseguido.

*gundo entre D. Francisco de Almeida com o Visconde de Vila Nova da Rainha por ciúmes da Condeça da Ponte, acabando a briga, ou convertendo-se em descompostura de regaterias, todos forão reprehendidos”, em suma, a mesma vidinha de Lisboa, Queluz ou Salvaterra.*

O costume de casamentos entre os mesmos grupos delimitados por privilégios de casta eram habituais em tôda sociedade antiga. No Brasil, havia no tempo de Ender, quando Martius passou por Itu, então considerada a *Vieille Roche* de S. Paulo, a praxe de casarem quase exclusivamente entre si Almeida Prados, Arruda Botelhos, Pais de Barros, Pacheco, etc. . . Em Olinda dava-se o mesmo com Albuquerque, Cavalcantis, Bezerras, Bandeiras e muitos mais de que tratamos no estudo das capitânicas do norte. Transferida a côrte para o Rio de Janeiro, vieram um Duque, sete Marqueses, seis Condes, vários Viscondes, Barões e tôda sorte de personagens sitos entre os velhos Cadaval e o nôvo-rico Rio Sêco, com as respectivas famílias, em que se contavam muitos elementos em idade de casar. Podiam no Rio sem perigo de “*mésalliance*” manter o costume, facilitado por muitas uniões já estarem combinadas no reino antes da travessia do oceano, não raro, até, à revelia dos futuros noivos. Começavam, entretanto, a se introduzir — triste sinal dos tempos, diziam os puritanos — enxertos extra-ortodoxos na grei excelsa, e não eram de rebentos de ministros onipotentes como Pombal, mas de argentários cariocas infamados pelo luso mexerico.

Um dêsses casamentos devia ter causado sensação nos arraiais de pendão e caldeira, representado pelo D. Francisco de Sousa Coutinho, veador del-Rei em 1818, filho do falecido D. Rodrigo Conde de Linhares, com Guilhermina Adelaide, filha do negociante José Fernando Carneiro Leão. Esse ricaço, prestigioso elemento local antes da chegada da côrte, era filho de Brás Carneiro Leão, natural da cidade do Pôrto e de Ana Maciel da Costa, pertencente a conhecida família fluminense. Brás Carneiro era o protótipo do antigo imigrante português sôbre o qual não se pode passar em silêncio à vista da ação que desenvolveu no meio brasileiro. Trabalhador infatigável, estóico, econômico, duro para si e para os outros, capaz de amea-lhar ceitil por ceitil grande fortuna, chegara môço do lugarejo originário onde abandonara o rabo da enxada, para procurar fortuna nas cidades do Brasil. Quase sempre vinha recomen-

dado a conterrâneos e no seu estabelecimento principiava pelos misteres mais humildes — varredor, entregador, acondicionador — submetido à rigorosa disciplina na Casa Comercial, que era a um tempo, lar, escola e propriedade futura, quando o chefe se retirava na condição de sócio comanditário e deixava o negócio aos empregados mais antigos. Ali recebia dormida, passadio simples, farto, saudável e paga módica, todavia, compensada pelo tirocínio gratuito. Mal dava, sem dúvida, no comêço para se vestir, pouco sobrando para divertimentos, reduzidos a espetáculos religiosos da cidade, mais tarde abrihantados pelos da realza, depois da chegada da côrte, e principalmente durante o entrudo, onde o caixeiro se desforrava em algumas horas do rigor a que se via submetido no resto do ano. O indivíduo e a sua existência, foram copiosamente tratados por vários autores, até chegarem à figura lendária pelo vulto da colônia portugêsa composta de seus semelhantes na capital do Reino Unido.

Dêle inventaram os divertidos do Rio de Janeiro farto anedotário, a começar no seu desembarque, robusto, corado, trajado à moda de sua província, até quando, já provido de pança e de haveres, deixava-se assoberbar por negras e mestiças, que formavam o *“demi-monde”* da capital. Personificava, daí, o nôvo-rico em todo o horror, considerado manancial de asneiras no Rio de Janeiro, ditadas pela sua ambição de aparecer e se avultar sôbre os outros, e a grotesca figura do *“brasileiro”* como lhe chamavam em Portugal, de torna-viagem, sedento de títulos e de consideração, cruelmente pintado por Camilo Castelo Branco. Entre as muitas fábulas que lhe emprestavam, havia jôgo de palavras conseqüente à vinda de modistas e mais comerciantes de Paris depois de restaurados os Bourbons no trono: *“Qual a diferença entre o logista francês e o mercador portugês? O primeiro faz da mulher caixeiro e o segundo do caixeiro mulher”*. Nos chistes nem sempre havia tão-só intenção gaiata. Porejava também a inveja do carioca modesto filho de funcionário, com algumas tinturas de instrução adquiridas nos dois seminários da cidade, onde se preparara para suceder ao pai na cômoda, porém, medíocre carreira do funcionalismo público, ou na chicana forense que então grassava, contra o laborioso comerciante, de trato rude, geralmente possuidor sob aspecto agreste de maior esperteza que se lhe supunha, paradoxalmente sentimental e brutalmente utilitário,

incapaz de despir a crosta originária, e, no entanto, assimilador em notável esforço de autodidata de idiomas e, até, de requinte na sua mesa e casa.

O sucesso em negócios nem sempre lhe trazia a felicidade. Muitos confessavam nostalgia do tempo em que, pobres, mas despreocupados, procriavam mulatos nas amásias e mourejavam doze horas por dia na abrasadora temperatura carioca. Viviam outrora de socos nos pés, apenas vestidos de calças por êles mesmos remendadas, camisa rôta, barrete informe, ceroulas usadas e pouco lavadas, mas dispunham da mocidade! Enriquecidos, tinham de observar a si e aos outros; ridicularizados na América; afligidos com alcunhas — Cartuxo, Sextafeira, Manteiga, Biscoito — além de outras irreproduzíveis, assaltados na Europa, vítimas de dupla ingratidão — dos cariocas, porque ninguém desprovido do seu pulso seria capaz do labor que desenvolviam em benefício da cidade — dos conterrâneos, que na ânsia de explorá-los, nem de longe reconheciam os benefícios do caudal de ouro por êles remetido ao velho reino, precioso bálsamo pela perda do Brasil.

Brás Carneiro Leão, nascido em Portugal em 1732 chegara ao Rio de Janeiro com dezesseis anos de idade, em pleno regime colonial, centro pequeníssimo, em princípio de desenvolvimento graças ao rudimentar comércio abastecedor das Minas Gerais. Inteligente, audacioso, lastreado de alguma instrução, soube o jovem prevalecer-se daquela fase para iniciar grande fortuna, composta, além da firma de inúmeras propriedades imobiliárias dentro e fora da capital. Ao falecer em 1808 — outro momento culminante na vida carioca — deixou aos filhos a maior casa de comércio da cidade e quase tôda a Freguesia da Candelária, base dos negócios do sul do Brasil. Na chefia sucedeu-lhe o primogênito Fernando, nascido no Rio em 1782, ajudado pelo irmão mais môço José Alexandre, sob razão comercial "*Carneiro, Viúva e Filhos*". Compunha-se o resto da família de mais seis irmãs bem casadas pelos pais, que não regateavam dote para arranjar bons genros. Fernando fôra mandado a Lisboa praticar na grande firma Pedra daquela praça, com que o pai era aparentado, além de representá-la no Rio de Janeiro<sup>(99)</sup>. Proporcionava o estágio várias conve-

---

(99) Foi um de seus sócios que no Havre adiantou os meios necessários à Missão Artística de 1816 para vir ao Brasil.



niências: familiarização com as transações usuais no reino; contato com o comércio internacional vedado aos elementos da colônia, que só podiam negociar com as praças da metrópole; aprimorar a educação na sede do Império Luso e conseguir casamento condigno do herdeiro da casa. Os consórcios também ocorriam na burguesia, por combinação das respectivas famílias, norteadas por preferências a indivíduos de boa situação. Contraiu, daí, Fernando, matrimônio com Gertrudes Angélica Pedra, filha do seu chefe e de D. Clara Carneiro Leão, prima de seu pai, assim como algumas de suas irmãs e sobrinhas também se casaram com negociantes da praça do Rio, como João Francisco da Silva e Sousa, Comendador Eduardo de Faria e Geraldo Beléns, seu companheiro na Grande Comissão de mercadores, que em 1816 apresentou ao Príncipe Regente subsídios para organizar uma Universidade no Rio de Janeiro.

O parentesco demonstra não figurar o velho Brás no nateiro imigrante, aportado no século 18 no Rio em tamancos e fundilhos rotos. Pertencia o fundador da casa, já antes de vir ao Brasil, à prestante classe mercadora lisboeta, em que o filho agora ia ingressar, festejado, homenageado e galardoado no mesmo ano com o hábito de Cristo e fôro de Cavaleiro Fidalgo. De volta casado à casa paterna recebeu Fernando sociedade na firma, e depois do falecimento do pai, continuou na tradição popularizada pelo rótulo “Conseituada Parceria”, que lhe facultou os capitais para outro gênero de operações em escala muito maior e mais rendosa. Cunhado do Intendente Geral da Polícia, o desembargador Paulo Fernandes Viana, casado com uma irmã, pôde colocar à disposição do mesmo as quantias necessárias para adiantamento de obras públicas urgentes. Firmou-se, daí, o prestígio do parente, em condições de organizar a Polícia dantes embrionária, melhorar vias de comunicação, iluminar e calçar ruas e muitas mais medidas imprescindíveis exigidas pela transferência da côrte, em que avultava a requisição de alojamentos para os cortesãos. Possivelmente neste ponto surgiriam boas oportunidades para os herdeiros de Brás Carneiro, grandes proprietários no Rio e a salvo pelo parentesco com o Intendente das prejudiciais “aposentadorias”, e, pelo mesmo motivo, em condições de se aproveitar das rendosas.

A quadra prestava-se a tôda sorte de negócios para quem dispusesse de dinheiro líquido, também chamado “*massa de*

*manobra*”, indispensável a especulações. De quando em quando surgem ecos nas crônicas de Marrocos, ao qual não escapariam tão importantes eventos no âmbito carioca: “*o conego Réo tem aqui ganhado hua ascendencia com toda a Corte, e a todos q. o conhecem faz espanto a excessiva profusão, com que tem espalhado somas exorbitantes em gratificações e presentes; o Negociante Fernando Carneiro Leão está continuamente remetendo-lhe aos contos de reis, com q. o d. conego tem prendido a todos pelo beijo*”. Tais atividades, do argentário e do cônego, não deviam ser muito católicas, como tampouco seriam os adiantamentos para toda espécie de fins concedidos à Intendência Geral da Polícia, mediante juros e comissões irmãmente divididas entre Intendente e cunhados.

É improvável que a abnegação e patriotismo da firma chegassem a ponto de ela se arruinar pelo sorriso do Príncipe Regente, pois, a prosperidade da casa depõe contra a conjectura. Se concedesse empréstimos tão vultosos sem fortes compensações, paralisaria automaticamente suas transações. O sistema de negócios de importação e exportação, implicava concessão de longos prazos aos clientes na vastíssima área em que operavam. Inda admitido que os pagamentos normalmente se efetuassem, as distâncias e lentidão de comunicações por terra ou por cabotagem demoravam o afluxo de dinheiro. Assim sendo, o mais claro das disponibilidades da firma residia em créditos de longa solução, durante os quais tinha de acudir a imprevistos e a pesados encargos. Ora, não só a casa acelerava o ritmo de operações, como aumentavam cada vez mais os gastos e a ostentação suntuária dos membros da família sem prejuízo da solidez da firma.

Aos Carneiros devia referir-se um francês quando mencionava as pretensões dos naturais da cidade em choque com a fidalguia portuguesa. A luta feria-se entre privilégios de casta e de finança. Aludem Ferdinando Denis, Debret e outros patricios com admiração às jóias do elemento feminino da tribo em evidência: “*Le luxe des pierreries est quelques fois poussé à l'extrême chez les femmes; il suffit pour donner une idée, de citer la famille Carneiro Leão, à la vérité une des plus riches du pays: quand toutes les personnes qui la composent sont réunies, on n'estime pas à moins de six millions les diamants que portent les dames*”. Dessa prosperidade sobrevinham ambições jactan-

ciosas<sup>(100)</sup>. Começava o enobrecimento de ricos comerciantes no Brasil nos postos que assumiam nas forças armadas destinadas à defesa da colônia. Brás Carneiro, o velho, fôra coronel do regimento de Milícias da Freguesia da Candelária, seu feudo no Rio de Janeiro, sede da firma. Fernando, seu filho, comandava o 1.º regimento de cavalaria da capitania, e caso não lhe aumentasse a eficiência militar, melhorava-lhe a aparência com generosos donativos aos milicianos, a poder de cavalos, equipamento, banda de música, etc. Com isto se limpavam os improvisados guerreiros da pecha de mercadores sedentários, barrigudos, ridículos, amolengados atrás do balcão de compra e venda, em confronto com nobres de sangue, esportivos, elegantes e marciais por pertencerem à fidalguia de espada. A viúva de Brás — por sua vez — pelas dádivas a instituições de caridade e outras iniciativas das Princesas, recebeu em 1812 o título de Baronesa de S. Salvador dos Campos de Goitacases, passando a viver coberta de jóias e veneras, rodeada de escravos e serviçais numa casa da Praça da Glória, tão vasta, que depois da sua morte comportou o Ministério dos Estrangeiros.

No reinado de D. João VI, a firma se expandiu em todos os sentidos, inclusive em transações internacionais permitidas com a abertura dos portos. O sócio José Alexandre fôra para êsse fim educado em Londres, onde por certo tempo pertenceu à missão encarregada dos interesses do Tesouro e correspondência do recém-fundado Banco do Brasil. Perfeito *gentleman*, casou-se com sua sobrinha Elisa Leopoldina, filha de Fernando, tornado o nosso Marialva, incumbido no Império de pedir oficialmente a mão de D. Teresa Cristina para o segundo Imperador. A casa, se bem conservasse muitos dos antigos negócios, mudara por completo os processos de comércio. Não mais necessitava de dispendiosos navios para suprir as deficiências de comunicações entre o Rio e os portos do reino. A propósito, dizia-se que também eram empregados em tráficos menos inocentes — como o negreiro — e algum contrabando, mas os rumores nunca se comprovaram e devem ser levados à conta do mexerico que se adensa sôbre todos que vencem na vida. Conhecida em todo o Brasil, em Portugal e na Europa, a firma Carneiro, Viúva e Filhos, rivalizava com as britânicas estabelecidas

---

(100) O Desembargador Intendente Paulo Fernandes Viana ostentava opulência, possuidor de várias baixelas entre as quais uma de ouro (ou "vermel"), que exibia em grandes ocasiões.

no Rio, além de especular com créditos fornecidos ao govêrno, amparada nessa atividade, como vimos, pelo Intendente de Polícia e por outro alto personagem da administração, Manuel Jacinto Nogueira da Gama, mais tarde, no Império, Marquês de Baependi, casado com outra filha de Brás, o fundador.

Era êste genro figura da maior relevância no setor financeiro da monarquia. Rivalizava com Targini na orientação da política econômica e medidas intentadas para a melhoria da situação do Tesouro. Em 1812 informava Marrocos: "*Os Planos de Manoel Jacinto não tiverão até hoje aceitação, porque o partido de Targini. . . he muito grande e poderoso: mas espero q. Deos ponha limite a esta desordem, satisfazendo os nossos desejos*", o que nos dá medida da envergadura que Manuel Jacinto assumia na administração pública. Adversário de Targini! . . . Do mago das finanças joaninas, assessorado pelos mais poderosos negociantes inglêses da cidade, a alma do Tesouro durante anos! Era um título de glória, ainda realçado pelo fato do futuro Baependi ostentar nome limpo, cousa que o Visconde de S. Lourenço não dispunha. Nascido em Minas, formado em Coimbra em matemática e filosofia, cumprira Manuel carreira parte no magistério, parte na marinha, parte no Erário. Devotara-se a estudos econômicos e a muitas outras coisas em atividade deveras enciclopédica. Animado pelo desejo de ver aumentar a produção do Brasil, escreveu sôbre aclimação de espécies úteis, como a quina, em memorial publicado quando ainda no século 18 era lente de matemática na Universidade em que se formara. Escreveu também sôbre a matéria de sua cátedra e apresentou o projeto de Constituição do Império em companhia de colegas do Senado, notável pelo adiantamento que demonstrava.

Bafejada pelas circunstâncias, continuava a crescer a firma Carneiro Leão a despeito de invejas e ódios. Presidiu o comendador Fernando o "*Corpo de Comércio*" do Rio de Janeiro, que, em 1816 como vimos, incorporado cumprimentou o Príncipe pela elevação do Brasil a reino e lhe ofereceu subsídios para a instrução pública. O acontecimento equivalia a uma consagração, colocado na primeira plana da cidade o presidente do "*Corpo*", mormente depois do título nobiliárquico outorgado à viúva da firma. Mas não pararam aí os tributos a elevar a grei. Conseguiu a família unir-se à de D. Rodrigo de Sousa Coutinho, descendente do primeiro governador-geral do Brasil

Tomé de Sousa, e, como se não bastasse semelhante incursão no *Faubourg Saint Germain* lisboeta, casava-se outra descendente do fundador com o herdeiro da casa de Mesquitela e outra com um Castelo Melhor, das mais arrogantes casas nobres de Portugal. Por tais meios, aproximavam-se os Carneiro não só da fidalguia lusa, como da alta aristocracia européia, a poder de ramificações em côrtes da Alemanha, França, Espanha e Piemonte. Aparentava-se, daí, D. Guilhermina, futura Marquesa de Macció, com os Asinari, San Marzano, Della Cisterna e outras casas ilustres do Reino da Sardenha, e mais linhagens que apareceram no palco mundano e político do segundo regime imperial francês, na pessoa da famosa Condessa de Castiglione.

Provocava a ascensão virulentas diatribes contra o leonino rebanho. Era um acinte, provocação, insolência, o luxo, a importância, a influência de tal gente! Instintivamente sentiam os agaloados cortesãos da Quinta da Boa Vista os sucessores que despontavam e muito breve iriam substituí-los na classe dirigente do Império. Exasperavam-se invejas e despeitos contra os Carneiro, tanto mais irritantes pelo fato de serem pouco vulneráveis às más línguas. Culminou a fúria dos desafetos numa tragédia. A 8 de outubro de 1820, de volta à casa pelas onze horas da noite, foi D. Gertrudes Pedra Carneiro Leão, espôsa de Fernando, assassinada a tiros de bacamarte ao aprear da carruagem.

O atentado poderia ser atribuído a muitas causas, num sítio como o Rio de Janeiro, em que assassinos assalariados nos princípios do século 19, passeavam à cata de fregueses pelas ruas. Provavelmente teria origens políticas, talvez causado o crime por confusão entre marido e mulher, vitimada a espôsa por inimigos que na sombra da noite pensavam atirar no espôso. Propalou-se na conjuntura que o desembargador José Albano Fragoso, encarregado da devassa, exhibira a D. João provas contra o mandante do crime e que el-Rei mandara fôsem destruídas. O mexerico concluiu, mui simplesmente, que o motivo provinha da revelação de pecaminosas relações entre D. Carlota Joaquina e Fernando, provocado o delito pelos ciúmes da soberana. Outros, mais comedidos nos surtos de imaginação, reduziam as causas ao desejo de D. Carlota Joaquina de possuir a residência da ponte do Catete, e como a dona se recusasse cedê-la o expediente mais cômodo para consegui-la, teria sido a supressão do obstáculo. Inda, assim, falou-se em Messalina, incluída

a desditosa Rainha no rol das Isabeau de Baviera e outras damas vezeiras de amôres turbulentos, mas tudo sem provas, sem verossimilhança, apenas diz-que-diz de maldizentes. Em todo caso, concorriam para a notoriedade da casa pouco antes levantada pelo infatigável Brás e continuada por não menos ativos filhos. O pior, como dizem os simuladores de talento da nossa época, consiste no silêncio e não na publicidade. Mil vêzes preferível rumor em tôrno do nome, nem que seja à beira de tribunais, ao risco de esquecimento por falta de meios sucetíveis de prender a atenção de ociosos.

Recrescia, dai, a virulência dos desafetos de Fernando. Imaginem, aquêlê indivíduo que varrera em Lisboa o armazém Pedra, amante da Rainha!... Era o cúmulo! Igualmente os machucaria a possibilidade oferecida ao viúvo, abarrotado de dinheiro como estava, de casar novamente e com mulher mais môça e bonita. Ardiam de despeito, e como na ocorrência, era êle vítima e não algoz, inventaram outra aleivosia para atingi-lo conjuntamente com tôda a família. Asseveravam improvisados peritos em linhagens, haver copioso sangue negro naqueles ricações, gente tida por mestiça segundo fama pública, diziam, desde tempos coloniais. O mesmo já se propalara no reinado de D. José I do valido Pombal, e mais tarde no Brasil a muitos políticos por serem políticos. Mas, em se tratando dos Carneiros, de onde poderia vir corrente camita tão abundante a ponto de ser visível e insofismável? De D. Ana da Costa? Era o único costado americano na árvore genealógica dos Carneiros, porém, a situação dos seus parentes Maciéis, burgueses da governança local, num período em que a mestiçagem impedia o acesso a cargos de mando, invalida a perfídia. Tampouco o aspecto atual de seus descendentes autoriza a lenda, pois, de modo algum aparentam o mais leve indício daquilo que na côrte de D. João tão profusamente lhes emprestavam.

A alegação, como outras, manava ùnicamente do antagonismo gerado pela sua importância, e, no modo como viviam. Fôssem de condição modesta, ninguém se lembraria de atribuir o moreno das filhas do meridional português Brás Carneiro e da carioca Ana Maciel, a origem considerada infamante. Fraquezas do gênero humano explicam tais atritos, inevitáveis em sociedade em formação, de mais a mais, na circunstâncias do Rio de Janeiro, palco de exasperado esnobismo de côrte européia, afligida de todos os preconceitos possíveis e imagináveis.

Quiseram, destarte, os acontecimentos do estreito âmbito carioca, que a sua maior tribo colidisse não só com vaidades palacianas, mas até com a família reinante. Sem contar o pretenso incidente entre D. Carlota Joaquina e a espôsa de Fernando, há notícia de despautérios de D. Pedro I, que indicam haver pouca simpatia no Paço pelos representantes da grande firma.

Como é sabido, uma das falhas do Príncipe Herdeiro era a má educação. Neste ponto os depoimentos de contemporâneos são unânimes. Certa vez tivemos em mãos manuscrito descritivo da viagem de um oficial da marinha francesa, que foi copiado à revelia do dono por Tobias Monteiro<sup>(101)</sup>, a qual relação reproduzia rumôres a circular no Corpo Diplomático sôbre as reuniões em palácio. Rodeado por ministros e altos dignitários, dirigia-se de quando em quando o Imperador a um dêles em têrmos bastante impróprios: “*Anda cá seu F ... da P ...*” e outras expressões igualmente chulas, “*que les courtisans recevaient comme des marques de faveur*”. De outra feita, numa recepção nas Tulherias, no momento em que D. Pedro procurava obter o apoio da França contra D. Miguel, surpreendeu-o o seu tio avô Luís Filipe — que entendia português — quando dava largas ao mau costume, com a agravante de se dirigir à ex-Imperatriz Amélia.

Muitos destemperos do Príncipe passaram despercebidos pelo fato de só terem pessoas íntimas por testemunhas, acostumadas aos excessos de linguagem do soberano. Infelizmente D. Pedro I não se constringia na presença de estranhos, que logo diligenciavam em espalhar o que tinham ouvido, dando ensejo a tôda sorte de incidentes. Um dos mais desairosos ocorreu em Minas, na visita a uma Câmara Municipal que ostentava no salão nobre retratos de vereadores. Tôscamente pintados exibiam figurões bastante escuros de tez, ou enegrecidos pelo tempo, que tiveram condão de provocar a hilaridade do visitante. Em meio de gargalhadas proferia D. Pedro I, que pareciam “*parentes do Maceió*”! A chalaça, vindo de cima, alastrava-se com surpreendente rapidez num tempo de lentas comunicações, aumentada, deturpada, agravada pelos bisbilhoteiros, com resultado fácil de imaginar.

---

(101) Pedira Tobias emprestado o manuscrito ao livreiro Chamonal por nosso intermédio, devolvendo-o ao depois sem o comprar o que nos obrigou a adquirir obras várias sôbre assuntos sem interêsse para nós a fim de indenizar o livreiro enfurecido pela desenvoltura do consulente.

Entre outras conseqüências concorriam para difundir lendas, enraizando-as na crônica soalheira carioca. Decorridos anos, ainda voltavam ecos, obedecendo ao princípio de que quanto mais absurda a invencionice, maior resistência dispõe para enfrentar o tempo. A disparatada versão, tornou muito depois a surgir à tona por motivos fúteis. Desaveio-se em pleno segundo reinado certo jornalista com a sua vizinha, pertencente à família Carneiro Leão. A causa da discórdia provinha de árvore frutífera, que um desejava cortar e o outro a isto se opunha. A coisa em si insignificante, azedou-se por obra de pundonores, extravazada como era comum antes da benemérita lei da imprensa, nos *A Pedidos* das últimas fôlhas dos jornais, onde sem mais fórmalidades, além do pagamento, podia qualquer indivíduo injuriar a vontade seus desafetos. Aproveitou-se o jornalista da licença, prático como era de verrinas, para publicar quadrinha sôbre a nobreza da adversária, que no seu entender, repousava sôbre “*tres bichos, Carneiro, Leão e Bode*”. Tratando-se de pessoa em evidência alcançou a chufa tal repercussão, que para pôr têrmo ao escândalo, teve um parente da ofendida de nome Melo Matos, tomar desfôrço violento do atrevido.

Separado o Brasil de Portugal, foram os Carneiro Leão fartamente ressarcidos por imposição do nôvo regime, das imperitências sofridas no anterior. Derramou-se sôbre a família a cornucópia de favores e honrarias do Império, necessitado de *Ersatz* para substituir a côrte de volta para Lisboa. Títulos, veneras, senatorias, cartas de Conselheiro, ministérios, embaixadas, missões, presidências e tudo mais que enaltece a condição social do indivíduo, foi-lhe ter às mãos. Colocada pela opulência e qualidades de seus componentes à testa da classe governativa do país, representou a tribo Carneiro Leão (que não deve ser confundida com outras aparecidas no cenário político subsequente), naquele momento, entre nós, o papel que na outra côrte desempenharam os Cadavais, Marialvas, Bellas e mais fidalgos lisboetas.

Bem merecia o grupo social, que tão lato alcance teve na formação da sociedade genuinamente carioca, maior atenção por parte de historiadores da nossa Independência. Até hoje só existe a respeito a sucinta notícia elaborada pelo Marquês de Baependi sôbre a genealogia da ilustre família. Queremos crer provir a escassez de publicações a respeito de tão importante assunto (pois a história de uma *gens* preponderante nos primórdios da Independência é indispensável subsídio para o estudo



dos fastos do nosso período inicial político), parte sempre do mesmo vêzo, do fato de terminantemente se recusarem antigos cronistas, em concorrer para a celebridade de pessoas poderosas. A mediania originária d'esses escrevinhadores, mais próximos do jornalismo que da historiografia, veda-lhes considerar sem esnobismos às avessas grupo erradamente considerado como tão-somente argentário. Esperamos, pois, venha um descendente dos Carneiro Leão, escrever a história da sua própria Casa, para maior proveito dos estudiosos do momento em que ela se confundiu com os fastos da elaboração da Independência e consolidação do Império.

---

## BELAS-ARTES

*“Partout des cantatrices, les virtuoses, leurs chef d’oeuvres éphémères, un peuple affolé d’opéra”.*

HENRI FOCILLON

FÔRA BEM sucedido o Príncipe Regente ao intentar reconstituir no Rio de Janeiro as principais distrações que lhe amenizavam a vida no reino. Na qualidade de Bragança, o seu maior devaneio artístico seria a música. Vinha de longe a predileção dos representantes da ilustre Casa pela nobre arte, a se destacar o fundador da dinastia D. João IV, em Vila Viçosa, no correr do século 17, o qual reuniu esplêndida biblioteca sôbre o assunto, citada com encômios pelo padre Antônio Vieira. Infelizmente, ao depois transferida para Lisboa, desapareceu no grande terremoto como tantas preciosidades sepultadas pelos escombros. Continha enorme acervo em grande parte inédito do que até então se produzira nas Espanhas em música religiosa e profana. Do outro lado da fronteira, não menor era em Madri a paixão pela sublime arte do bel-canto, objeto de louca prodigalidade por parte de Filipe V e Fernando VI. Gastavam-se fortunas com os maiores virtuosos, entre os quais o castrado Farinelli, considerado a figura máxima da técnica canora. Para ter idéia da idolatria que cercava êsses personagens e a vaidade que os caracterizava, é preciso ter visto no Conservatório de Bologna o magnífico retrato dêsse divo no ato de cantar para anjos, que o escutam embevecidos...

A munificência do rei da Espanha estendia-se nos paços de Aranjuez, Buen Retiro e na Ópera de Madri, a infinidade de

compositores, cantores, libretistas, cenaristas, etc. Sôbre versos de Metastásio — o ditador da poesia cesárea mentor das côrtes católicas e do seu bom gôsto — sucediam-se as óperas *Adriano*, *Semiramide Riconosciuta*, *Alessandro nelle Indie*, *Nitteti e l'Eroe Cinese*, e outras semelhantes, ou *La Forza del Genio*, *ossia Il Pastore Guerriero*, texto de Bonelli e música de Nicoló Conforto, especialmente para comemorar o aniversário do rei. Entre os intérpretes contavam-se o que havia de melhor na época, as sopranos Mingotti, Castellini, Mattei, Tesi; os castrados Caffarelli, Garducci, Giziello, Manzuoli, Amadori; o tenor Raaff e o baixo Montagnana, reunidos em brilhante coorte para maior esplendor dos espetáculos do Alcácer Real. Em Lisboa, D. Mariana Vitória, irmã de Fernando VI, incentivava o culto da música dando ela mesma o exemplo quando executava ao cravo nas festas da côrte, tocatas e fugas encomendadas a Scarlatti, acompanhada do espôso D. José I, encarregado da rabeça, e das filhas com “becões” e outros vários instrumentos. Pelo lado Bourbon, tinha, pois, D. João, de quem se inspirar, o próprio sogro cultor de música de câmara na qualidade de flautista, lenitivo mais tarde para o exílio em que o atirara Napoleão. Contentava-se, porém, o genro em participar do canto dos frades de Mafra, sem mais pretensões, prescindindo como sucedia a Carlos IV, de um profissional a tocar flauta sentado a seu lado, tal qual hoje sucede nos filmes em que o herói representa o papel de virtuose, sem possuir a menor noção do que simula interpretar.

Aos gastos do esplendor da ópera temos de reunir os da pompa da capela régia. Segundo Wraxall, a despesa com música de D. José I ultrapassava 40.000 libras esterlinas anuais<sup>(102)</sup>. Na mesma época, na Espanha, o teatro lírico dirigido por Farinelli — aliás, Dom Carlos Broschi Farinelli, cavaleiro de Calatrava, ordem guerreira reservada à mais alta nobreza castelhana — era, segundo Schloesser, “*die glaenzendste Anstalt Europas*”, e o espanhol Pedrell julgava o entusiasmo por tais divertimentos “*verdadero delirium tremens*”. D. Maria Bárbara de Bragança, rainha da Espanha — aluna quando em Portugal de Domingos Scarlatti, filho do célebre Alexandre — demonstrava em Madri amor pela música pelo menos igual ao da prima

---

(102) Outros subiam a muito mais. “This opera cost King Joseph sixty thousands pounds a year, and was one of the most excellent in Europe”. Markus Cheke, *The Marquis of Pombal*.

e cunhada Mariana Vitória, no reino vizinho. Dela existe, inserto como preito da gratidão à protetora, retrato à guisa de portada ao segundo volume da *História da Música* do padre Martini, professor de Mozart, obra que obteve outrora grande repercussão na Europa. Pouco depois diria o famoso senhor de engenho (da Jamaica) William Bekford, que D. Maria I possuía o mais suntuoso conjunto de músicos da cristandade, "*Sequer o papa disporia de superior na Capela Sixtina*", e, quando a soberana depois da morte de D. Pedro III, afastou-se de divertimentos, o resto da côrte se manteve fiel aos concertos de igreja e espetáculos de ópera. Por sinal, nos dois recintos pouco se diferenciavam os estilos de composição. Tanto as missas de David Peres e Antônio Pereira de Figueiredo como as de Marcos Portugal agradavam pelo feito operístico à fidalguia, nas solenidades mais brilhantes que austeras do século 18.

Tampouco, as agruras financeiras das duas monarquias, logravam deter entusiasmo que descambava para sensualismo. No tempo de Pombal acirrou-se a competição entre Lisboa e Madri, importando os portugueses do reino das Duas Sicílias o maestro David Peres, corifeu da Escola Napolitana, especialista em escrever óperas para determinadas vozes de sucesso no momento. Contratado para mestre da Capela Real, ganhava 50.000 francos anuais, afora os proventos que podia alcançar no teatro. A nova sala do Paço da Ribeira foi inaugurada em 1755 com o seu *Alessandro nelle Indie*, mas não tardou a ser destruída pelo terremoto. Prosseguiram representações de óperas do maestro em Queluz, Ajuda e Salvaterra, enquanto se procedia aos trabalhos de edificação de outra sala de espetáculos em Lisboa. Esse David Peres compôs no período da sua chegada a Portugal em 1753 à sua morte em 1778, além de música religiosa, cêrca de 15 óperas, em que se destacavam algumas cuja execução requereu a presença a trôco de enorme salário do célebre Caffarelli. Pode-se a respeito aventar que o trabalho fôra escrito, como fazia Jomelli, especialmente para vozes consideradas de ouro e que só a poder de ouro era dado ouvir.

Disponha Peres na real capela em 1754 de não menos de 130 cantores, em maioria italianos, règeiamente — é caso de dizer — pagos pelo erário, sugerindo a situação do napolitano, comparações com a de Haendel em Londres. Segundo um contemporâneo alemão "*Nicht ohne Berechtigug vergleicht Dr. Platon von Waxel, Perez Stellung in Lissabon mit der Haendels in London*". Nesse período afluíram a Lisboa os mais ilustres

castrados da cena lírica européia, sucedendo a Farinelli<sup>(103)</sup> os não menos ilustres Gizziello, Ângeli, Guadagni, Guarducci, Manzuoli e principalmente Caffarelli. O último recebeu juntamente com o Gizziello — durante algum tempo seu protegido, depois seu inimigo — a desmedida soma de 72.000 francos por curta temporada de menos de um mês em Portugal. Nessa altura, em virtude dos escândalos da cantora Zamperini, profusamente narrados por Teófilo Braga, Waxall, Burney e Casanova, proibira a beata D. Maria I que subissem mulheres à cena lisboeta<sup>(104)</sup>. Daí por diante, até princípios do século 19, as cantoras foram substituídas por castrados, que passaram a representar papéis masculinos e femininos, em companhia de tenores e baixos.

A história desses fenômenos sociais, produto de mórbido requinte nivelável às precauções do ciúme muçulmano, justifica o dito de George Sand: "*Le vrai est souvent invraisemblable*". É preciso, contudo, reconhecer o grau de perfeição a que os castrados atingiam e os conhecimentos musicais de que dispunham. Ainda assim, parece-nos excessivo o tributo de admiração prestado aos divos em sucessivas apoteoses através das capitais da Europa. De Viena descrevia escandalizado Metastásio, o arrebatamento de uns pela arte de Caffarelli e o aborrecimento de outros pelos seus caprichos e insolências. Os incidentes que o

---

(103) Farinelli cantava conjuntamente com Tenesino, Pacchiarotti e Marchesi, todos considerados "*di primo cartello*".

(104) As medidas "moralizadoras" do teatro partiam do Intendente Pina Manique, poderoso Scárpia depositário da confiança absoluta da rainha D. Maria I. Em uma ordem de sua lavra, datada de fins de 1780, exarava o magistrado as normas necessárias, segundo seu parecer, à prática do teatro sem que, daí, se offendesse o decbro e paz públicas. Nas divagações que escreveu sobre a arte de representar — como notou F. A. Oliveira Martins — êle lembrava que nos primeiros séculos da Igreja tinham sido proibidas as representações teatrais, e anatematizados os que a elas comparecessem. Todavia, de espetáculos licenciosos, dizia Pina Manique, podia tirar-se escola de moral e repreensão dos vícios. Chegavam-lhe, até, ecos de que políticos "*mals celebrados da Europa*" julgavam útil o teatro, não só para divertimento como instrução do povo. Assim, consentia em que fôsse praticado desde se evitassem distúrbios decorrentes da perigosa mistura dos dois sexos. As representações só seriam permitidas a homeus, vedada a mulheres entrada nos bastidores, camarins e salas de espetáculos, e, para maior cuidado em evitar deslizos contra os bons costumes, não se permitiam cortinas nos camarotes, possivelmente cúmplices de excessos condenáveis. Para melhor chegar ao intento e à vista do péssimo estado do teatro da rua dos Condes, elevou-se nova sala em outro sítio, construída pelo arquiteto José da Costa e Silva, sob modelo do teatro S. Carlos de Nápoles, tido como dos mais suntuosos do gênero. Passando agora à América, existia, no reinado anterior, no Rio de Janeiro em princípio do século 18 teatrinho de bonifrates com orquestra que era a maior atração da cidade. Um oficial francês pertencente à esquadra mandada à Índia por Luís XV, julgava-o provido de bons violinos, com os quais se acompanhavam entremezes de caráter edificante, em que sacerdotes pagãos eram convertidos por Santa Catarina à fé cristã. Os homens sentavam na platéia, reservados os camarotes às damas cariocas, semi-ocultas por cortinas, que pelo fato de não haver mistura de sexos nessas divisões, figuravam como empecilho, ou pelo menos, estôrvo a namoros.

mesmo provocou em Paris, por se julgar mal pago na côrte de Luís XV, foram objeto de extensa crônica de Jules Janin, e no *Barbeiro de Sevilha de Rossini* consta trecho recitado por D. Bartolo:

*"La musica ai miei tempi era un'altra cosa,  
Quando Caffariello cantava quell'aria portentosa..."*

Não faltou na seqüência o gênio de Balzac, também a se impressionar com a crônica fabulosa dos sopranistas, na velha sociedade absolutista em vias de desaparecimento.

Em Portugal o bel-canto a tudo resistia. Arrostando impávido vazão financeira e não menor perigo representado pelo crescente beatério da Rainha. Mandara D. Maria depois da sua viuvez, demolir em Queluz o teatro onde tinham soado gorjeios de Farinelli, para no lugar lhe construírem novos aposentos. Só muito depois, sob a Regência de D. João, inaugurou-se o teatro S. Carlos. No meio tempo, firmara-se o gênero de espetáculos líricos entremeados por recitativos, poemas em forma de odes, loas, etc., em louvor de Príncipes, bodas reais e mais acontecimentos — "*gepflegte Spezies der dramatischen Elogens*", diz Haboeck, com sabor a Guarini e Metastásio. Dirigia-os o maestro Leal Moreira por volta de 1790, no teatro da rua dos Condes, à testa de companhia de cantores classificados Primeiras Damas, Segundas ditas, Galans, Graziolos, etc. Interpretavam óperas do jovem, porém já célebre maestro Marcos Portugal e óperas de Paisiello, Jomelli e mais compositores em moda. Uma das representações de sucesso era o *Dom Giovanni* de Gazzaniga. A mesma companhia inaugurou em 1793 o Real Teatro de S. Carlos com a ópera de Cimarosa, *La Ballerina Amante*, seguida de várias outras, e de burletas muito ao gosto lisboeta, interpretadas pelo sopranista Domenico Caporalini.

O último divo a se exhibir perante o público alfacinha, antes da ida da côrte para o Brasil, foi o festejadíssimo Crescentini. Noticiava Cornide a Lopez Ayllon, que ouvira o célebre sopranista numa festa comemorativa "*Domingo obsequid el Superintendente de Policia Pina Manique, a su Principe, y mas familia Real (. . .) com una opera gratis para la que combidò a todas las personas visibles de esta corte, y como nuestro Embajador tenia camarote con los mas Diplomaticos nos convidó para el suio; la funcion estubo lucidissima, asistieron los Principes y Infantes con el señor D. Pedro, se les servió refresco*

*en su camarote que es muy gracioso, y lo mismo se hizo a los demas, y aun alcanzó a algunos bancos de la Platea. Crescentini cantó divinamente y el no oyrló, es no haber oido cosa de provecho; tocó la Gerbini un concierto y se acabó a las onze y media”.*

Esse castrado, com a transferência da cõrte lusa para a América e colapso de outras velhas monarquias, foi ter a Paris onde passou a ídolo do público francês. Antigos e novos nobres, inclusive Napoleão e marechais, se enlevavam com a sua arte. O sucesso lhe trouxe rios de dinheiro e a venera da Legião de Honra, distinção que provocou reparos de caturras, pois lhes parecia caber a recompensa tão-sõmente a feitos militares nos campos de batalha. Na realidade, fõra esta a origem daquela ordem de mérito, antes que o abuso do seu uso lhe malbaratasse o prestígio tal como hoje se encontra. Acresce ainda, que no momento das vitórias napoleônicas, quando o mundo era sacudido pelo estrondo de batalhas e ouvia o retinir de esporas e sabres de guerreiros embriagados de glória, afigurava-se estranho galardoar com símbolo belicoso a virtuose de maviosas harmonias. Aos protestos, porém, invariavelmente respondia sua companheira de palco, a cantora Catalani, “*Vous oubliez cependant sa blessure . . .*”.

No palácio de Queluz, durante o disfarçado exílio da então Princesa D. Maria e de seu espõso, fizeram-se ouvir nas brilhantes festas oferecidas pelos Príncipes, “*tiples*”, que era — por exemplo — a classificação de Caffarelli, “*contraltos*”, categoria de Gizziello e mais sopranistas como o português Policarpo José, que se exibiam sob a batuta do maestro da cõrte Anastácio da Conceição. Segundo Oliveira Martins I, o castrado entoava igualmente, para delícia das damas fidalgas, modinhas brasileiras, difundidas naquela altura por Caldas Barbosa. O costume devia ser mesmo corrente, pelo que nos conta o Conde de Rochecouart, escapo da Revolução Francesa, enlistado no regimento luso de “*émigrés*”, nas vésperas da invasão de Junot. Fõra certa vez amavelmente convidado para cear na casa de família amiga: “*Après un excellent souper, un jeune abbé se mit au piano et nous fit entendre des ravissantes “modinhas”, chansons populaires portugaises*”. No evento sucedido em Santarém, é provável que o tal “*abbé*” não fõsse o Caldas de Cobre, residente na capital, mas um êmulo reinol. Reinava, portanto, epidemia que de Lisboa irresistivelmente se espalhara pelas províncias. É no geral atribuída pelos autores

que versam música brasileira, a introdução das modinhas e lunduns no velho reino ao repentista mestiço, que recitava a propósito quadrinha composta de improviso ao seu conterrâneo Sousa Caldas, também padre e poeta, filho de negociante português do Rio:

*“Eu sou Caldas, tu és Caldas.  
Tu és rico, eu sou pobre.  
Tu és o Caldas de prata,  
Eu sou o Caldas de cobre...”*

Pensamos que a modinha tenha existência mais antiga do que se supõe. Possivelmente ocorresse a sua disseminação entre os lisboetas no século 18; entretanto, em narrativa de viagem efetuada por um francês na Itália no século 17, encontramos escravo prêto de origem portuguesa em Gênova, o qual cantava e tocava no violão toadas semelhantes. O músico popular português Vidigal fôra também autor da famosa “Cruel Saudade”, que as meninas e rapazes do fim do século 18 cantavam em todo o Reino, para dela se servirem nos seus namoros. Resta saber se a modinha se contaminou de influência africana em Portugal, transportada ao depois para o Brasil, e, de volta à metrópole, aparecesse com aspecto de novidade, que tanto agrada a todos os meios.

Por ocasião da investida francesa contra os Braganças, músicos, maestros, cantores, maquinistas, alfaias e mais pertences da ópera e da Capela Real, foram remetidos para o Rio de Janeiro. Com o mesmo destino seguiu em 1813 Pietro Colonna, professor de dança dos filhos do Príncipe Regente, recompondo-se aos poucos a música sacra e profana do outro lado do oceano, com nunca visto esplendor nas Américas. Uma obra inglesa aparecida na mesma época em Londres, imitante às excursões do Dr. Syntax de Rowlandson, menciona a suntuosidade das missas solenes da Capela Real e de outras igrejas da côrte. Compunha-se o côro e o corpo de solistas dos melhores castrados da Itália. Os vencimentos que recebiam, levavam o autor anônimo a recear pecha de fantasioso se os divulgasse, alcançando ainda os sopranistas enormes somas para abrilhantar festas particulares. A notícia, concorda com a de fontes respeitáveis, que dizem provida a capela do Rio de recursos iguais à de Lisboa.

Disponham ambas de cônegos, presbíteros, chantres, diáconos, meio-cônegos e cantores que se apresentavam vestidos



de roquete e rendas brancas, capas magnas roxas e murças escarlates. Incumbido em 1809 o Visconde do Rio Sêco do adôrno do recinto e mais cuidados suntuários, tudo supriu com o maior cuidado, inclusive capas para a Nova Irmandade do Santíssimo da Capela, e armações, das quais uma roxa para o Advento e a Quaresma. Os castrados se evidenciavam na colorida cena pelo luxo com que se vestiam. Tal qual a personagem de *Sarrasine*, cobriam-se de jóias e rendas de subido valor, graças à dinheirama que lhes pagavam e como a Zambinella — aliás Caffarelli — escandalosamente se pintavam. Uma francesa que apareceu no Rio de Janeiro na mesma época que Ender, e talvez, até, estivesse na igreja a seu lado, descreve o espetáculo que lhe foi oferecido em Santa Luzia, o templo revestido de panejamentos dourados, cujos reflexos se multiplicavam sob a luz de milhares de círios a fim de condignamente receber as damas da côrte "*parées et décolletées comme pour un bal*", enfeitadas de colares, plumas, diademas, recebidas por festivos repiques de sinos e espoucar de foguetes. Os rojões, de que se fazia enorme consumo, eram de primeiro preparados pelo boticário português Manuel da Luz, depois pelos chins importados para cultivar chá pelo Conde de Linhares. Sem muita luz, música, luxo e estrondo<sup>(105)</sup> solenidade alguma daqueles peninsulares transportados para o trópico, pareceria completa.

Continuando a descrição, diz a viajante que foi surpreendida por estranho incidente. Aprestava-se para se retirar depois das preces rituais, quando lhe pareceu ouvir harmonias que desciam do céu. Eram compostas de vozes demasiadamente melodiosas para pertencer a homens e excessivamente amplas e vigorosas para serem femininas. "*Je me croyais transporté dans le ciel au milieu des anges*", exclama a francesa imersa em êxtase, que se findou quando o canto cedeu lugar a novas orações. Lembrou-se a viajante de pedir explicações a

---

(105) Um francês, morador no Rio, reparava a respeito "*On aime beaucoup les salves d'artillerie, et l'on a souvent occasion d'en entendre: la fête des grands saints* (as procissões magnas que se realizavam com o acompanhamento da família real, nobreza e clero, pormenorizadamente descritas por Debret), *et les jours de naissance des membres de la famille royale, sont célébrés par le bruit du canon des forts et des bâtimens de l'État. On attribue à ces fréquentes commotions un changement sensible qui c'est opéré dans l'état atmosphérique de cette ville. Avant l'arrivée du Roi, il y avait à Rio, presque chaque jour, l'après midi, un orage qui ne durait qu'une heure; on l'appelait "trouvada" qu'on ne saurait traduir que par ces mots: tonnerre, pluie et vent. On avait l'habitude de se donner rendez-vous après la "trouvada": il n'en est plus ainsi; les orages à présent n'y sont guère plus fréquents que dans la France*".

respeito do maravilhoso efeito do concêrto, e muito se perturbou com a resposta que lhe deram. Igualmente se escandalizou com a desenvoltura dos officiantes, que mais pareciam num salão a cumprimentar com sorrisos e amigáveis acenos as relações espalhadas na assistência, do que compenetrados de sua missão nos degraus do altar.

Algum tempo depois a mesma dama assistiu a outra solenidade, desta vez na régia capela, próxima do Paço. O templo era pequeno, exclusivamente destinado aos Príncipes e pessoas de sua casa. Introduzida, porém, pelo Cônsul francês Maler, pôde obter cômodo lugar, fronteiro à tribuna ocupada pela família real. À direita do altar-mor tronava D. José Caetano, bispo da cidade, suntuosamente vestido de alvo damasco, todo paramentado e dourado, resplandecente figura em meio de eclesiásticos de menor tomo, que hieraticamente assistiam à missa<sup>(106)</sup>. Antes da descrição francesa, no período de 1815 a 1816, à vista dos preparativos de casamentos principescos, chegaram mais cantores e músicos italianos, que elevaram o número dos primeiros na capela real a cinqüenta e dos segundos a cem. Podia gabar-se o Rio de Janeiro de possuir naquela altura conjunto musical digno de Queluz e de Lisboa nos seus melhores dias. Mandara também D. João em 1817, que o pintor carioca José Leandro de Carvalho e o dourador português Antônio da Conceição Portugal, dourassem as paredes profusamente ornadas da capela, ajudados por duzentos artífices, que, segundo escritor coevo "*receberam grandes salarios, excelente tratamento, tendo até bons refrescos durante o dia!*", trazidos da vizinha régia ucharia.

O resto da assistência era composta de personagens em trajes de gala, em que se destacavam vistosos uniformes da côrte e das fôrças armadas, realçados pelo chamalote negro das togas dos desembargadores. No adro formavam guardas para apresentar armas na passagem dos Príncipes de modo a magnificar a solenidade do ato. Um inglês interpretou diferentemente aquêlê aparato, que atribuiu a receio inspirado a D. João pelo povo. A versão é incrível por parte de quem morava ali perto, na rua da Quitanda, e a tôda hora podia certificar-se do quanto o Regente era adorado pelos súditos americanos. Ademais, a insignificante escolta que o acompa-

---

(106) O mercenário Schlichthorst traça boa descrição das missas nessa capela, pág. 136 e seguintes.

nhava nos passeios — quatro homens segundo uma aguarela de Ender — bastaria para demonstrar a improcedência da hipótese. Contudo, reconhecia o inglês que a cerimônia decorria com munificência, ao som do órgão *“accompanied by a crowd of vocal performers, amongst whom are five or six eunuchs, gratify, with some of the finest music of the Brazil”*, e acrescenta: *“Here the King will sometimes spend the whole day, and upon the celebration of some favourite saint’s day, will remain till midnight. These holidays and festivities are usually attended by an immense consumption of gunpowder, in rockets, fireworks, etc.”*.

O fato de o Príncipe passar horas a ouvir música sacra, ou intermináveis *“elogios”* nos intervalos de óperas, parece confirmação de dizeres da época, a afiançar que D. João nessas ocasiões dormia grande parte do tempo. Uma persistente tradição oral, atribuía-lhe o inocente vêzo de perguntar, quando acordava no fim de algum drama ou comédia: *“Já se casaram aquêles bêbados?”* Um outro súdito britânico admite igualmente ser a música da capela admirável, porém reparava com escândalo de protestante, em singular apetrecho anexo ao órgão. Consistia em cabeça de sarraceno, muito bem esculpida, que arregalava os olhos e torcia a bôca numa careta de ódio quando no altar se procedia à elevação, *“which infidels must feel on such an occasion”*<sup>(107)</sup>. Havia também no fundo do altar-mor um painel do pintor José Leandro a representar a família real orante, rodeada pelos símbolos da realeza, carregados por querubins, que o inglês dá como afrontosa a brasileiros. Achava a pintura, pôsto muito bem executada, *“disgusting”* pela sua intenção demasiadamente servil. Escrevia isto em 1818 e, por estranho pareça, tinha algum fundamento a notícia, pois, dizia-se a respeito, que um dos primeiros atos praticados mais tarde por nacionalistas exaltados durante os acontecimentos políticos da Independência, consistiu em mandar Debret cobrir com pintura as figuras reais. Tendo-se recusado o artista francês profanar a obra do colega carioca ainda vivo no Rio de Janeiro, recorreram a um caiador que pintou monte onde havia personagens. Ajunta a tradição, que tanto se ressentiu José Leandro do ultraje, que não tardou a morrer de melancolia.

---

(107) Mandara D. João vir o órgão de Lisboa, com o organista Antônio José, o qual se tornou grande amigo do padre José Maurício. Ensinou-lhe a tocar nos três teclados e vários registros do instrumento. A tal carranca funcionava em certas notas graves, *ad libitum* do músico.

Alguns anos depois, por ocasião da restauração da capela imperial em 1850, João Caetano Ribeiro conseguiu a poder de reativos limpar o quadro e restituí-lo à primitiva condição, trabalho inútil, porém, porquanto no advento da república o painel foi estupidamente destruído. Estava mesmo fadado a ser alvo de arroubos “libertários”.

A viajante francesa ao invés de reparar, como os ingleses, no que se não assemelhava aos templos protestantes, teve o acêrto de observar atentamente a família real no correr da missa. A descrição é longa, mas pelo seu interêsse de flagrante fidedigno, vamos reproduzi-la: *“J’ai le plaisir d’être placée en face de la famille royale, que je vois tout à mon aise. Ma figure étrangère attire leur regard, mais ils savent qui je suis, le consul ayant averti Sa Majesté que j’assisterai à l’office. Le roi est bien, mais très peu majestueux. Le prince royal est grand avec une assez jolie figure, mes ses manières sont mauvaises et il a l’air commun. Il était en frac marron et pantalon de nan-kin, un peu ridicule, às 8 heures du soir, à une grande fête et pour paraître en public. Quoique le roi fut mis simplement, il était beaucoup mieux. D’ailleurs c’est un homme âgé, auquel on passe beaucoup. Je ne saurais trouver dans les manières de la princesse royale l’apparence si noble et si cérémonieuse de la cour d’Autriche, ici elle néglige fort sa toilette et sa tournure. Pour cette fête (que je ne puis comparer qu’à un concert spirituel donné à l’Opéra) tout le monde et les princesses elles-mêmes viennent en soie ou en tulle. Notre pauvre autrichienne était vêtue d’un habit de cheval gris, d’un drap assez comum, avec une chemisette plissée; ses cheveux étaient en désordre et relevés avec un peigne d’écaille. Sa figure n’est pourtant pas laide et je suis persuadée qu’en toilette elle est très bien. Toutes les autres princesses étaient en velours ou en satin, avec des fleurs ou des plumes sur la tête. La princesse Isabelle Marie est maintenant l’aînée des princesses non mariées; elle a 18 ans et est plus jolie que les deux suivantes encore très jeunes. La dernière a l’air spirituel et très éveillé. Isabelle est très bonne, mais elle ne parait pas avoir grands moyens. La princesse ainée est veuve d’un infant d’Espagne, c’est à mon gré la plus belle de toutes: elle a l’air noble et grand<sup>(108)</sup>.”*

---

(108) O autor de *Sketches of Portuguese Life* refere-se às Infantas quase nos mesmos termos: “... the Princesses are very handsome, and a beautiful complexion, notwithstanding their long residence in the Brazils”.

*Quoique l'office fut un peu long, je ne m'ennuyai pas grâce à la bonne musique. Je fus enchantée des castros (sic) qui se surpassèrent ce soir-là.*

*Après l'office nous allâmes nous placer sur le passage du roi et de sa famille. Je leur fis des révérences jusqu'à terre et je reçus des saluts gracieux de chacun d'eux. La cérémonie finit à minuit".*

Pena não estar presente D. Carlota Joaquina a fim de que a observadora a esmiasse com a argúcia das mulheres em geral e das parisienses em particular. Ficamos privados pela omissão, do retrato da Rainha a personificar muito mais que o Rei o espírito reacionário monárquico do século 19 transplantado na América. Absorvida por cálculos políticos, irritada pela sabotagem do espôso aos seus planos, traída por Ministros, Embaixadores e subalternos, D. Carlota não sentiria tanto deleite como o resto da família em permanecer horas a fio na igreja para ouvir música mais ou menos sacra. Era mais um ponto em que ela divergia dos parentes, porquanto não conhecemos documento que a dê como grande apreciadora de música e de músicos. Inversamente, mostrava-se D. João VI apaixonado pelos concertos da capela, o seu maior e mais absorvente entretenimento no Rio de Janeiro. Demonstrava, até, zelo extremo pelas missas, rezas cantadas e mais peças musicais que encomendava para aquêle fim e proibia que as divulgassem fora do pequeno recinto reservado à família real e servidores do Paço vizinho.

No Rio ainda recresceu a principesca melomania pelo fato de haver no verão longas chuvas, durante as quais o folgado favorito do Regente era deliciar-se com harmonias de seu agrado. O comportamento não deixa de ser curioso pelo muito que se assemelha ao do bisavô Filipe V. Era também o fundador da dinastia bourbônica nas duas Penínsulas, incansável ouvinte de Farinelli e só encontrava lenitivo para os desastres da Sucessão da Espanha nos trinados e gorjeios do mais célebre cantor da época, talvez o maior de todos os tempos. Reaparece a mesma característica no descendente, com intensidade que se tornava pesadelo dos cônegos presbíteros da capela do Rio<sup>(109)</sup>. Um dêles se queixava em 1819, a um parente nosso de Lisboa,

---

(109) A fidelidade à tradição é verdadeiramente curiosa nos Braganças. Certa vez disse-nos D. Manuel II, que o seu maior desejo, não fôsse Rei, seria ser regente de orquestra.

da obrigação de comparecer sob chuva torrencial a festas que para êle eram castigo. “*Aqui desde Setembro, pode se dizer que vivemos debaixo d’agua. Toda esta festa tem sido um dilúvio... He sempre incomodo a chuva, porém aqui he dobrado para quem he empregado na Capella, pois com o tempo não dá lugar a S. M. de passear; as tardes são passadas na igreja, mudão-se as horas, procura-se as musicas mais compridas para o entreter athe a noite; em nenhuma das oitavas sahimos sem ser de noite*”. Uma dobadura, cruel purgatório, trabalho infernal, constante, desmedido, êsse que se supunha sinicura destinada a recompensar os mais destacados elementos do clero.

Agravava os males dos eleitos de Gedeão o ciúme do Rei a respeito das missas originaes, ou especialmente musicadas para êle. O cônego, muito amigo de Marcos Portugal, compositor, maestro, diretor efetivo da capela, transmitira-lhe os pedidos de um seu correspondente europeu, desejoso da cópia de músicas. Viu-se, porém, obrigado a informar que S. M. não permitia fôsse executadas as obras destinadas à igreja, cujas harmonias só deviam repercutir naquela nave. Sequer para a festa da Irmandade de Santa Cecília, êle, presente, consentira no empréstimo de um trecho. Nessas condições, hesitava o maestro em infringir as reais ordens, porquanto o Rei, no geral bondoso, não admitia no caso infidelidades, em que vemos aparecer outro lado do seu caráter, o mesmo que o levava a se desafeioar de José Egídio por que no correr da travessia do oceano o deixara para ir ter em outro barco com a espôsa doente.

No ano do falecimento de D. Maria I, compusera Marcos Portugal missa de defuntos para a exéquias de praxe. Constara ao depois que a mesma fôra cantada em Lisboa: “*El-Rey soube-o e foi pelloes ares, e dizem que mandou o Visconde de Santarem indagar se era verdade, protestando que mandaria para Angola quem a tivesse mandado daqui*”. Sucedia outro incidente naquele momento com a missa intitulada *da Conceição*, das melhores do maestro Portugal e onde há trechos outrora muito apreciados, que se propalava cantada no Pôrto. Não fazia muito estivera no Rio um cônego de Guimarães, hóspede de Antônio Pedro Guimarães, autor da carta, que muito apreciara uma ladainha do dito Marcos, composta para a novena do Carmo, que devia ser recitada alternada com o povo. Certo de obter permissão “*em se tratando de huma cousa tão pequena*”, dispunha-se o cônego a copiá-la quando foi informado pelo

maestro que el-Rei lhe dissera destinarem-se as músicas encomendadas exclusivamente para as funções da capela, e só ali poderiam ser executadas. “*O mesmo Marcos*”, continuava Guimarães, “*me disse que quanto a huma missa nova, elle não podia prometer pois estava occupado com as lições dos senhores (Infantes) e composições novas, agora com os resposços de S. Sebastião, e outros com a lettra commum, que já não servem pois S. M. requereu ao Pontífice resa propria para o bispado do Rio de Janeiro*”. Até preces em estilo diferentes queria o soberano para a real capela, num apaixonado critério que não admitia partilhas.

O grande triunfador, como vemos, daquele gênero tão ao gosto do Rei e da côrte, era Marcos Portugal. Discípulo de Sousa Carvalho e de Borselli, músico e cantor estabelecido em Lisboa, talentoso e ambicioso, aperfeiçoara-se na Itália de onde regressou em 1800 coroado de louros. Pelo menos elle assim dizia, impando de immensa vaidade, que o levava a escrever numa partitura vista por Sampayo Ribeiro, “*Musica del celebre (sic) maestro Signor Marco Portogallo*”. Sempre dominado pelo sestro foi dos que por puro interêsse pessoal escandalosamente aderiram aos franceses invasores. Era, porém, tão intenso o gosto da côrte pelos seus trabalhos, que D. João tudo perdoou, e Marcos um belo dia reaparece sob régia proteção no Rio de Janeiro. Valeu-lhe não poder o soberano passar sem o músico que lhe compunha missas e árias tão do seu agrado.

Marrocos, suscetível como era, pouco simpatizava com a desmedida empáfia do maestro. Doía-lhe vê-lo tão benquisto pelas figurões do momento e escrevia: “*elle (Portugal) tinha obtido (em 1811) hua sege effectiva, razão de Guarda Roupa, 600 \$ de ordenado, e do Real Bolsinho aquilo que S. A. julgasse lhe era proprio e conveniente*”, além do cargo de diretor geral de tôdas as funções públicas, de igreja e de teatro. No ano seguinte escrevia o mesmo Marrocos: “*Hontem se cantarão huas magnificas matinas novas compostas por Marcos... por alma do defunto Infante D. Pedro Carlos*”. O escriba, se bem antipatizasse com o músico, partilhava da admiração geral, até quando passou a queixar-se da sua impertinência, pois tendo o “*hapsodista Marcos*”, visitado a seção por êle Marrocos dirigida, dissera que o acervo estaria melhor na Torre do Tombo! Daí por diante, o maestro perdeu talento para o bibliotecário. Descobriu Marrocos que êle plagiava despudoradamente, porquanto um músico chegado de Pernambuco exhibia a tôda gente

trechos de autores célebres, que Marcos copiava e publicava como seus. . . E, como êle fôsse diretor geral dos espetáculos, o escândalo gerava indecentes desordens entre músicos e atôres. . . Mas o pior era o modo como o mimavam: "*Marcos Antonio Portugal*", escrevia Marrocos em 1812, "*está feito um Lord, com fumos mui subidos. Por certa aria, que elle compoz para cantarem tres fidalgas em dia de annos de outra, fez-lhe o Conselheiro Joaquim José de Azevedo (então Barão do Rio Seco) hum magnifico presente que consistiu 12 duzias de garrafas de Champagne (cada garrafa no valor de 2.800 reis) e 12 duzias de vinho do Porto. Elle já quer ser comendador, e argumenta com Franzini e José Monteiro da Rocha*".

Aquilo era uma afronta! Perdoara-lhe o Regente a traição com magnanimidade que não quisera estender sôbre o inocente filho do Conde de Ega, ao qual S. A. R. mal permitira lhe beijasse a mão, e, no entanto, sem mais detença relevava o músico que o traíra! Havia pior. Impingira Marcos o irmão Simão como organista da capela real com 300\$ de ordenado "*e appendices*", não sendo, contudo, certo se também recebia ração. Por sinal, não necessitava do auxílio, pois a solicitude fraterna lhe granjeara inúmeros alunos, que chegavam ao disparate de mandá-lo buscar de sege para dar as lições. Imaginem! De sege. . . "*eu tenho-o visto mil vezes nas ditas, entre ellas a da duquesa de Cadaval*". Tudo isto por causa de um indivíduo que plagiava música, cuja pretensão se tornava insuportável a todos que dantes o obsequiavam. . . Um verdadeiro charlatão. . . Quando acabariam semelhantes absurdos? "*He riso ve-lo à janela, e em publico, todo empoado e emproado, como quem está governando o mundo, mas tem hum grande padrinho! . . .*"

A despeito da fúria olímpica do escriba, da inveja dos frades e dos incômodos que sofria, continuava Marcos cada vez mais bem visto. Da obra realizada no Rio de Janeiro destacavam-se o *Requiem* enaltecido por Marrocos no tempo de boas avenças, o quarteto e a ária de contralto (ou soprano) *Tu, devicto mortis aculeo* do *Te Deum das Matinas da Conceição* e mais composições para igreja e teatro. Pensa Mário Sampaio Ribeiro que as suas obras religiosas são superiores ao rival Baldi, mas inferiores às do cunhado Leal Moreira. No dizer do Visconde de Taunay, profundo conhecedor da obra do padre José Maurício, não se podia comparar com êste. Onde não há dúvidas acêrca do seu mérito é na ópera, em que se sobrepôs a todos os concorrentes, inclusive Bontempo, que a certa altura conse-



guira bastante nomeada em trabalhos para piano. Chama-lhe a propósito o autor de *Sketches of Portuguese Life* de Mozart português. Nenhum conseguiu, porém, melhor efeito, que *Oro non compra amor*, nem maior inspiração dramática que o comovente final de *Méroe*. Suas obras foram apresentadas além do Reino Unido, em várias capitais européias, até na Rússia, alcançando em tôdas boa acolhida. Fetis gabou-lhe a ária “Io son Regina”, apreciada pelo público que aplaudia *Il Ritorno de Xerxe* ou *A morte de Mitridates*. Eram composições ao gôsto do dia, com marcado influxo de Gluck e Jomelli, compositores em moda quando êle estudava na Itália, que, a despeito da espectacular aceitação, assumiriam caráter de trabalhos pouco suscetíveis de resistir ao tempo. Contudo, a música é uma das artes em que mais influi a moda e talvez um dia ainda voltem árias portugalescas a serem apreciadas, senão em totalidade, pelo menos as que forem escolhidas na imensa série deixada pelo autor. Velho, desvalido, falto da côrte protetora, que era o regime absolutista por êle combatido em 1808, morreu Marcos algo esquecido, no Rio, junto de antigo rival brasileiro que dêle se aproximara, mestre ainda por 1830 dos Príncipes Imperiais, com 480\$ de ordenado.

Chamava-se o bom samaritano de última hora padre José Maurício Nunes Garcia, mulato de longínqua origem espanhola. Exemplo típico de autodidata, supria pela intuição o que lhe faltava em técnica, logrando impressionar não só a côrte desde a sua chegada, como a europeus de passagem, franceses e outros, que não lhe regateavam elogios: “*Pabbé José Maurício. . . a du mérite*”, assegurava um dêles. Apaixonado por música desde menino, dedicou todos os seus recursos à aquisição de partituras, de que possuía grande cópia quando o Brasil se tornou independente. Nessa altura, ocupava o lugar de organista da cathedral, além de ser bom cantor de coros. Não se conhece quem lhe teria inculcado o gôsto e guiado os primeiros passos de compositor, nem tampouco como se tornou apaixonado pelos clássicos alemães. Conjeturava seu biógrafo, visconde de Taunay, que poderia ter aproveitado lições do padre Manoel da Silva Rosa, natural, como êle, do Rio de Janeiro, provido de bons estudos de harmonia e contraponto, autor de missa sôbre a Paixão de Cristo que se tornou célebre, freqüentemente executada na Capela Real e depois Imperial, assim como lições do pardo Salvador José, antigo e talentoso discípulo dos jesuítas. Mas, de seguro, só sabemos que se impôs pelo mérito próprio, decor-

rente em grande parte de notável capacidade de trabalho. Dizia o visconde de Taunay que adquirira para o Instituto de Música do Rio de Janeiro manuscritos seus, os quais, empilhados, davam mais de um metro de altura! Logrou também, o mesmo escritor, a despeito da indiferença pública, que alguns desses trabalhos fôsem impressos e executados. O sucesso que obtiveram justificava a impressão pelo menos dos melhores, para se não perderem, como provavelmente aconteceu. Infelizmente, hoje é tarde para remediar a destruição entre outras da sua última produção, de 1828, a famosa missa de Santa Cecília, enaltecida por Pôrto Alegre.

Independentemente, entretanto, de bafejo oficial, José Maurício gozou desde muito jovem, bem antes da vinda da côrte portuguesa, de grande prestígio no Rio de Janeiro entre pessoas dedicadas à música, tais como o negociante Tomás Gonçalves, pai de um seu aluno de música. Do admirador recebeu uma casa de presente na rua das Marrecas, onde, nos tempos coloniais, havia curiosa colônia de cultores de Euterpe e Erato. Ao abrigo de vicissitudes, aprofundou estudos musicais nos lazeres deixados pelas lições de cravo ou espineta que dava a alunos mais remediados e de violão, aos mais modestos, cuja arte aprendera com Salvador José e a transmitira a Francisco Manuel, mais tarde autor do nosso Hino Nacional. Por felicidade, chegaram até nós, sem embargo de criminosa desídia, missas como *Requiem*, a missa de 8 de dezembro ou a abertura de *Zemira*, de alto quilate de inspiração.

Concedera D. João ração ao padre José Maurício de tão entusiasmado se sentiu ao lhe ouvir as composições sacras. Teve, porém, o contemplado de renunciar à mercê, pelo tratamento que lhe dispensaram na ucharia. Preferiu, daí, o maestro fôsse substituída a ração pelo equivalente em dinheiro, ou seja, 32 mil réis mensais, na qualidade de criado do Paço. De outra feita ordenou o Regente que lhe emprestassem um cavalo. Mandaram-lhe potro bravo ainda por amansar, em intermínua seqüência de chufas grosseiras, demonstrativas da mentalidade reinante nas repartições oficiais bem pouco simpáticas aos cariocas. Ademais, não admira tal sucedesse onde havia indivíduos antigos delinqüentes, segundo averiguou Elysio Araújo (a Polícia do Rio de Janeiro), os quais ao depois se empregavam em casas particulares.

De outros músicos existentes no Rio mais ou menos no tempo de Ender há referencia a Bernardo José de Sousa e

Queiroz, diretor do Real Teatro de São João. Era mestre de empresas teatrais e músico, autor do acompanhamento do drama lírico *Juramento dos Numes* da lavra de D. Gastão Fausto da Câmara Coutinho, com que o dito teatro foi inaugurado em 1813. Esta sala de espetáculos substituíra a velha Casa de Ópera de Manuel Luís, antigo tocador de fagote na banda de tropa colonial. Resolvida a construção de nôvo recinto por iniciativa do outrora cabeleireiro do Vice-rei, recorreu-se ao expediente de loterias, como fizera o Intendente Pina Manique em Lisboa para construir o S. Carlos. O mesmo processo adotou o seu confrade Paulo Fernandes Viana, ajudado pelo ex-barbeiro. Sem embargo de D. João mais pender, como diz Moreira Azevedo estribado em tradições orais, pela música de igreja, teve de aceitar o empreendimento à vista da necessidade de uma sala de acôrdo com a capital e o seu crescente número de habitantes, pois as festas que se aproximavam exigiam aquêlê indispensável complemento ao seu brilho. Representou-se, daí, o dito drama com todo estardalhaço possível, na presença da família real, côrte, Corpo Diplomático, etc. . . acompanhado do *Combate do Vi-mieiro* e “*danças engraçadas*” nos intervalos.

A outra sala abandonada por Téspis teve destino inglório, transformada em alojamento dos criados do “Quarto da Rainha”, que o Visconde do Rio Sêco adaptou para acomodar veadores, guarda-roupas e confessores, por se elevar não muito longe do antigo convento do Carmo. Conheceu, então, a nova casa, brilhantes serões de gala, em que a côrte teve por instantes impressão de noitadas lisboetas, quando antes da invasão se comemoravam aniversários ou bodas reais. Nesse momento, chegou a fama da música no Rio de Janeiro a distantes regiões do continente, em que pessoas desejosas de se aperfeiçoarem na arte musical como o portenho Blas Parera, solicitavam em Buenos Aires autorização para estudar no Brasil. Mas, além do teatro oficial e principais igrejas da cidade, havia igualmente boa música em S. Cristóvão e em Santa Cruz. Reza a tradição que o Príncipe Regente, ao chegar no Brasil, encontrou na fazenda dos jesuítas cantores e instrumentistas de côr, instruídos pelos inacinos com tal merecimento, que para não perder a boa sementeira instituiu no Paço aulas de música. O resultado teria sido animador, como se depreende do que nos dizem Golovnin e outros viajantes acêrca de concertos religiosos ouvidos na Quinta da Boa Vista. Um francês alude à escola, citando a impressão causada à família real pela primeira missa ouvida

em Santa Cruz, de que se seguiram revelações de talentos, “*dignes de figurer parmi les musiciens de la chapelle royale. On cite surtout deux négresses qui, par la beauté de leur voix, l’art et l’expression de leur chant, pourraient soutenir la lutte avec les premières virtuoses de l’Europe*”.

Escreve Oliveira Lima que na época muito se beneficiaram os compositores do Rio de Janeiro e os músicos em geral, com a chegada em 1816 de Neukomm, aluno de Haydn, professor do Príncipe D. Pedro, logo admirador do padre Nunes Garcia, para êle objeto de grande surprêsa. Aproveitaram-se também da presença da banda alemã chegada em 1817 com D. Leopoldina. A não ser que à última hora tenham sido substituídos como foram as damas portuguesas por austríacas, da nau que devia transportar ao Brasil a Arquiduquesa, a banda que vinha a bordo era composta de alguns estrangeiros moradores em Portugal auxiliados por portugueses. A lista constante na correspondência do mercador e patriota Enrique Teixeira de Sampaio, amigo particular de D. João, que em Lisboa representava o mesmo papel que Inácio Azevedo no Rio de Janeiro, subvencionador das despesas da viagem da Princesa Herdeira, enumera nomes pertencentes a várias nacionalidades, Catalão, Bulak, Manuel Inácio, Marçal José, Carretero, Croner, João Vieira, Smith, Florik, Monteanos, Ruffo, etc. Ocorre ainda “*O mesmo negociante Sampaio satisfará aqui (em Lisboa) às Famílias de cada hum dos musicos aquella parte de ordenados que elles lhes quizeram deixar para seu sustento*”. Logo, os parentes próximos dos elementos da banda, assistiam em Lisboa e não no exterior. Assim sendo, a sua presença na capital carioca não traria maior novidade que a dos músicos das bandas militares já existentes antes da sua chegada. Compusera o padre José Maurício “Doze divertimentos de sôpro para banda”, que desapareceram da casa do músico no dia da sua morte, em 1830, juntamente com o seu tratado de *Contraponto e Harmonia*. Pôrto Alegre ainda o viu “em cima de uma mesa e sôbre uma fôlha de papel um círculo movediço, em que se viam marcados todos os tons, e que, movido em qualquer sentido, apresentava em roda um sistema completo de harmonia”, Visc. de Taunay.

A respeito dos cantores fixados no Rio, temos em primeiro lugar os sopranistas que tão caro custavam ao erário. Sabemos o nome de alguns: Faschiotti, Tanis, Mangianarini e Caprânica, a que se poderia talvez ajuntar os de Luís e Geraldo Inácio, os quais, sob a direção do seu patrício, maestro Fortunato Maziotti,

davam entre outras execuções particular relêvo ao *Miserere* de Pergolesi. Alguns dêsses nomes figuram no elenco de "*Augurio di Felicitá*", levado à cena perante a côrte em novembro de 1817.

Do sopranista Caprânica há alusões na correspondência de Marrocos. Em uma carta informa que a "*banquinha*" do italiano Abbiati — provavelmente se referia a alguma banquetta de altar particular — fôra entregue no Rio a Caprânica pelo padre João Mazzoni, confessor de D. Carlota, pois não encontrara quem a comprasse visto o seu elevado preço, e essa informação pedia ao pai que a comunicasse a outro italiano em Lisboa, de nome Bartolini, amigo do dono do objeto à venda. Em carta posterior, de 1818, noticia Marrocos que "*O Musico Capranica morreo de repente quando estava em vespas de ir para "su terra"; despejou-nos o beco por diferente modo; e nem assim nos ficou o muito que elle deixou; porque morreo ab intestato*". Deixara bons haveres, porém um tal Chiconi se apresentou como herdeiro, alegando que o cantor assim lho prometera, e "*por graça especial*", diz Marrocos, livrou-se das garras do Juízo dos Defuntos e Ausentes. Para intervir no caso a régia proteção, infere-se que o feliz herdeiro seria algum castrado colega do de cujus, igualmente benquistado por S. M. Foi mal vista, porém, a mercê pelo escriba bibliotecário: "*e lá o está comendo à saude do defunto, e de nós todos, de quem elle chupou. Grande circumstancia acompanha aos castrados que nem na vida nem na morte deitão chorume!*"

O Visconde de Taunay alude na biografia de José Maurício a um antigo cantor da Capela Imperial, o português Bento das Mercês, também professor e regente de orquestra que teria sido dos castrados trazidos de Lisboa com a côrte. Constava segundo o filho de José Maurício que êle se apoderara de grande parte dos manuscritos de seu pai, a poder de manhosos empréstimos tirados dos arquivos da Capela Imperial depois da Independência.

Eram, ademais, tão-só apreciados no Rio de Janeiro pela côrte e em grande parte por causa do canto religioso. O povo não os via com bons olhos chamando-lhes "*capôezinhos*" e reprovava os gastos que acarretavam ao Tesouro, contudo, além de cantores também exerciam a profissão de mestres de bel-canto em casas particulares. Cita Marrocos a festa oferecida à D. Carlota Joaquina em que tomaram parte na inauguração do nôvo palácio do Visconde de Vila Nova da Rainha, evento

causador de terríveis ciúmeiras entre cortesãos igualmente desejosos de homenagear a família real. Noticiava Neukomm nas suas reminiscências do Rio de Janeiro uma *soirée* em casa do Marquês (*sic*) de S. Amaro, onde exibiram-se os músicos recém-chegados da Europa. Nessa ocasião cantara Faschiotti barcarola “freneticamente aplaudida”, acompanhado ao piano pelo padre José Maurício por sinal, exímio improvisador. Êsses castrados não representavam matéria para o zêlo mourisco professado pelos nobres portugueses, que podiam considerar-se tranqüilos e lhes confiar sem preocupações as espôsas e filhas. Por êsse motivo, não havia reunião em casa digna de respeito, sem os incluir no programa das tertúlias, e estrangeiros moradores no Rio mencionam o requinte da arte soprânica exibido no correr de recepções. Refere-se o enigmático autor dos *Sketches of Portuguese Life*, impresso em Londres em 1826 em Londres, assinado A. P. D. G. — iniciais atribuídas por alguns à irmã do Cônsul Chamberlain — a reuniões onde aparecem sopranistas descritos com segurança de pessoa presente, ou, pelo menos fidedignamente informada: “Nunca assisti a uma “soirée” no Rio sem lá ver um ou dois destes castrados. O seu aspecto é verdadeiramente repelente; a pele branca e esqualida, o cabelo corredio, olhos encovados e queixo sem barba. Conversam em tom gritante” — como a de um intrujão italiano que apareceu no Rio e tinha por alcunha “Capela Sixtina”, — “andar efeminado” — seria melhor dizer, amolengado — “produzido por corpos impressionantes pela largura de ancas e extraordinário desenvolvimento do femur e da tíbia, de sorte que, ao sentar, lhes chegam os joelhos quase ao queixo. É fato curioso, o desproporcionado desenvolvimento fora do natural das extremidades inferiores, que também se nota no galo capão”.

A informação mais demorada a respeito de músicos no Rio em 1817, versa porém, um guitarrista. Exibiu-se perante franceses na casa de ricos mercadores espanhóis, representantes no Rio de firmas uruguaiaias, que mantinham casa aberta e numerosas relações com outros estrangeiros. Dizia o viajante ao comentar a festa: “Je fus passer la soirée chez M. Augustin de Lizaur (...) Nous entendîmes (...) un mulâtre nommé Manoel<sup>(110)</sup>, très habile guitariste, et dont le talent sur cet

---

(110) O guitarrista Joaquim Manoel, figura obrigatória das reuniões realizadas em casas ricas do Rio de Janeiro, ao qual se atribui a invenção do cavaquinho, instrumento de música semelhante à viola, com apenas quatro cordas.

*instrument est à peine croyable. On assure qu'il s'est formé lui même, et c'est pour cela sans doute que son jeu est si original. Excellent pour la pratique, on dit qu'il est hors d'état de lire et d'écrire une ligne de musique; mais il exécute les morceaux les plus difficiles et les varie de mille façons, pourvu qu'on les ait joués une seule fois devant lui. Son sens musical est si exquis, que je l'ai vu une fois prêt à prendre la fuite, parce qu'un enfant faisait un peu de bruit dans une salle voisine de celle où il jouait. Sous ses doigts la guitarrre n'est plus un instrument vulgaire, c'est une harmonie inaccoutumée et délicieuse qu'on dirait venir du ciel, et qu'il est impossible de concevoir sans l'avoir entendue. Je me rappelle l'habileté de quelques uns des plus fameux guitarristes qui ont visité Paris, et plus particulièrement celle du célèbre Sor; eh bien! le jeu de Manoel est de beaucoup supérieur, et l'on peut dire à fait inimitable. Au reste ce mulâtre compose de fort jolies pièces, mais il faut qu'on les lui note. On en a publié il y a quelques années, un recueil intéressant à Paris".* Aludia o viajante ao álbum de "modinhas", pouco antes divulgado na França por Sigismund Neukomm, geralmente executadas no Rio com acompanhamento de violão, entre outras razões, pela raridade de pianos.

Temos ainda informação do compositor Paulo Rosquellas, antigo morador do Rio, onde alcançou o médico, literato e cultor de Belas-artes, Vicente de Simoni, natural de Novi, no ducado de Gênova, com o qual colaborou em várias composições ligeiras, ou melhor, sem pretensões.

A êsses profissionais bafejava na capital o favor público de pessoas ricas ou afeiçoadas a qualquer gênero de música, porém, faltava o do soberano. De tudo que nos dizem viajantes e mais informadores da época, D. João VI inclinava-se pela música sacra, principalmente do modo como os portugueses a entendiam, pois, abrangia desde o estilo gregoriano ao de Ópera Buffa através hinos, salmos e motetes de músicos como Antônio Pereira de Figueiredo, com marca de escola alentejana ou outra resistente à moda vinda de Nápoles pela ação do laureado Alexandre Scarlatti, predominante nas côres da Península, onde, ademais, o filho Domingos em Portugal lecionava, "*Il y en avait pour tous les goûts*". Já antes de deixar Mafra para o voluntário exílio, recomendara D. João ao guardião do mosteiro, que lhe mandasse quando fôsse possível notícia das funções musicais executadas pelos frades seus amigos. Cumprindo as ordens do Regente, descrevia pormenorizadamente Fr. Gaspar de Maria

Santíssima as vésperas, “*tresenas*”, matinas, tércias, missas pequenas ou Eleutério, resposnos, etc. . . do comum e das festividades. Serviu tanto apêgo ao gênero eclesiástico de pretexto para pouco depois, nas côrtes constituintes de 1822, em Lisboa, troar o deputado Borges Carneiro contra “*o cancro que vivia à custa dos tributos do povo todo e que só servia para gáudio e regalo de meia duzia*”<sup>(111)</sup>. Hoje muito se escandalizam autores modernos acêrca da incompreensão dos constituintes, infensos ao que devia ser motivo de ufania para o país, e, assim sendo, prestigiado pelo govêrno. Em região, assunto e escala diversa, sucedeu coisa algo parecida na Baviera, onde os contribuintes movidos pelo zêlo do bem público estadeado por demagogos, insurgiam-se contra as despesas suntuárias de Luís II, que se tornaram pouco depois as maiores fontes de renda turística local, animadoras da indústria e do comércio de tôda a Alemanha.

No Rio, o exclusivismo do Príncipe apresentou, contudo, o grave defeito de excluir a maior diversão da nata culta dos cariocas, ou seja o teatro, das boas graças do tesouro. Como vimos, fôra a casa do Campo de Sant’Ana construída por iniciativa do barbeiro Fernando José de Almeida, mulato, provávelmente baiano, a poder de loterias e mais expedientes semelhantes aos de Pina Manique em Lisboa, por contar com minguado apoio no Paço. O favor do público recompensou o figaro, segundo um alemão e o êxito dos espetáculos teatrais dera para pagar despesas atrasadas e garantir a independência do empresário. O teatro S. João impressionava favoravelmente aos habitantes da cidade, e até a estrangeiros, inclinados, como bons turistas a tudo criticar no sítio onde viajam. Acêrca das representações refere-se um dêles a Madama Gabini: “*eine kleine, niedlich, sehr lebhaft Frau, mit feuringen Augen, denjenigen der Madame Catalani aehnlich*”, a qual em companhia da Senhorita Faschiotti, irmã e aluna do castrado de igual nome, cantava na ópera *Tancredi*. O mesmo mercênario gaba a boa aparência e os dotes vocais da rapariga, com apenas dezoito anos de idade, motivo de ainda lhe faltar desenvoltura de cena, mas o defeito havia de se corrigir com as lições do irmão. Mesmo assim, portava-se a contento na ópera “*Caccia de Enrico IV*”, em que figurava mais tarde em companhia do soprano quando

---

(111) Mario de Sampaio Ribeiro, “*A música em Portugal*”, Lisboa, 1938.



êste substituiu Madama Gabini no *Tancredi*. O confronto era trabalhoso para o sucessor, porquanto a prima-dona desempenhava a sua parte com muito sentimento no recitativo “*O patria dolce!*”; todavia, outro alemão reconhece a superior qualidade de Faschiotti, que já ouvira antes na capela real: “*Die Discant Partien werden von Castraten ausgeführt worunter sich vorzüglich Fasciotti durch die Reinheit und Staerke seiner Stime auszeichnet*”. Havia também tenor magríssimo<sup>(112)</sup> muito afetado, “*ueberhaupt franzoesische Gewandheit*”, porém “*recht brav*”, isto é, apreciável, que o tornava a coqueluche das damas cariocas.

A respeito de Faschiotti, sem dúvida a figura mais importante do conjunto musical importado por D. João VI, há mais notícias de diversas fontes, das quais o depoimento de oficial de marinha francês, que o ouvira cantar música religiosa e profana: “*La musique (da capela real) était excellente, et parmi les chantres s'en trouvait un de six pieds de haut pour le moins (que nous vîmes plus tard au théâtre dans le rôle de Tancredè) dont la figure d'enfant de chœur et la voix de castrat contrastaient d'étrange manière avec les formes colossales*”. Era o caso dos versinhos de Parini:

*“Aborro sulla scena  
Un canoro elefante  
Che si strascina appena  
Sulle adipose piante,  
E manda per gran voce  
Di bocca un fil di voce”.*

Desamparada pelo poder público, a orquestra do teatro não se comparava com a da capela real. Acresce a campanha movida segundo Marrocos pelo maestro Marcos contra o S. João pelo fato de o não quererem nomear diretor da casa, com 2.000\$000 de ordenado e o melhor “*camarote da bocca*”. Para se vingar “*tem-se empenhado em desviar os Actores, e para tal fim obriga-os a exigir grandes meçadas*”. Assim sendo, sofria o teatro altos e baixos. Alguns professôres da orquestra demonstravam proficiência, como — por exemplo — o francês flautista. Os violinos, infelizmente, estavam aquém de tôda crítica. Em

---

(112) Talvez Fernandes, especialmente importado para a ópera no começo da estada da côrte no Brasil. Interpretou em 1811, no Teatro S. João, o *Demofoonte* de Marcos Portugal, juntamente com castrados perante os Príncipes por ocasião do aniversário de D. Maria I.

compensação o mercenário alemão gaba o violoncelista que executava o adágio solo de *Tancredi* com tão impressionante sentimento: “*das ich erstaunte und ohne Uebertreibung den Kapellmeister Romberg zu hoeren glaubte*”. Que maior elogio possível? Interessado pelo portento, veio, porém, a saber o dito mercenário, depois de indagações, que o músico era algo tonto: “*er etwas wahnsinning sei*” mas o pior na sua opinião, era desandarem os maestros na prática de reprováveis liberdades com o texto das óperas, modificando-as quando as não mutilavam, ou as duas coisas ao mesmo tempo. Neste ponto discordamos do paciente espírito germânico e damos razão aos mutiladores, pois, êsses trabalhos, realizados ao gôsto da Escola Napolitana, inçados de intermináveis recitativos, arrastando-se indefinidamente até surgir a esperada ária especialmente escrita para a voz de um Caffarelli ou Gizziello, a qual perfazia com o bailado, os únicos trechos interessantes de todo o espetáculo, podiam perfeitamente ser reduzidos sem prejuízo de suas qualidades, talvez com grande benefício. . .

O outro motivo de atração eram as danças. Pareciam de muito superiores à orquestra graças ao casal Lacombe, chegado ao Rio em 1811, ano em que anunciava oferecer aulas particulares a “*pessoas civilizadas*”, desejosas de aprender danças “*próprias de sociedade*”. Os Lacombe empresaram o setor do baile de parceria com outro casal francês, Mr. et Mme. Toussaint, egresso do teatro da Porte Saint Martin, o qual trouxe consigo em 1815 as dançarinas Jeanne, Marie, Josephine e Marie Noemie Perret. Não se arreceavam depois de organizar o conjunto de dançarinas, em levar à cena “*grosse Sachen*”, diz o mercenário, como a *Morte de Pirro, Paulo e Virgínia*, etc. . . . e também as tais danças qualificadas de “*engraçadas*”, que seriam de tipo regional ou chamadas “*exóticas*”. Acrescentava o alemão que os proventos do teatro, mais os das aulas particulares e festas da côrte como a de São Cristóvão por ocasião do aniversário da Arquiduquesa, permitiam ao casal Lacombe auferir “*ein huebsches Stueck Geld*” com que em breve voltaria à França.

O mesmo informante descreve um ensaio a que assistiu, onde Mr. Lacombe e Mr. Toussaint ficaram alagados de tanto transpirar no calor carioca, agasalhando-se ao depois em cobertores e deitando-se a fim de evitar resfriados, ao invés de tomar um banho como hoje fariam mais asseadamente. Por sinal, elogiava a estética Madame Toussaint a despeito do seu exube-

rante “*embonpoint*”. Era uma “*schoene Frau, etwas stark*”, que nos seus primeiros tempos de Rio de Janeiro padecera muitas tentações — inevitáveis armadilhas dispostas ante graciosa parisiense no meio da negrada, cuja presença alvoroçava a fidalguia lisboeta privada das saloias com quem antigamente se desfatiava — mas depois de algum tempo volvera ao bom caminho e vivia perfeitamente com o espôso, de modo a merecer a devida consideração “*der ganzen Stadt*”. Havia igualmente no corpo de baile, além de franceses, um jovem espanhol que dançava muito bem, “*recht brav*”, de parceria com sua irmã e uma trêfega mulatinha, a qual quando se exhibia num solo, parecia picada por tarântula de tanto saracotear.

Por volta de 1819 chegou ao Rio mais um elemento do Teatro S. João, na pessoa do milanês João Muraglia, nascido em 1787, o qual ingressou na orquestra na qualidade de “tocador de rabeca”. Lecionou mais tarde as Princesas Imperiais, apresentado pelo seu patrício Fortunato Mazziotti, substituto, neste emprêgo, em 1830, a Marcos Portugal. Continuava, como vemos, no Brasil, a melomania dos Braganças.

Desta atividade, o que mais seguramente remanesceu por dilatado espaço no Brasil foi a música da capela, primeiro Real e em seguida Imperial. Herdara D. Pedro Primeiro a melomania da família, que nêle se manifestava em veleidades de compositor. Escrevera o maestro Neukomm, especializado em arranjos de trechos “*a quatro mãos*” destinados ao Príncipe Herdeiro e D. Leopoldina, a *Marche Triomphale* oferecida à Princesa no dia de seu aniversário, e reduções da *Ouverture de Titus*, *Flauta Mágica*, *Targines ou Califa de Bagdá*. São conhecidas as músicas que D. Pedro compôs com auxílio do maestro-pianista. Enlevada pelo talento do espôso, sequiosa de o valorizar aos olhos da família, algo alarmada pela presença na côrte fluminense da então viscondessa de Santos — pouco atraente, dizia um viajante que a vira no teatro, “*sa physionomie brésilienne n'avait rien de gracieux*” — mandara alguns exemplares dêsses trabalhos ao pai, sem grande êxito, porém, provávelmente porque S. M. Apostólica estava habituada a música de estilo mais sério do que as composições do genero. Não obstante, perdurou no Rio a tradição artística formada no tempo de D. João, porquanto verberava o acerbo pequeno gascão Gobineau — meão, moreno, saltitante e empafioso como autêntico meridional francês — a música da capela sob seu protetor D. Pedro II. O nosso segundo soberano era, destarte,

protetor de ambos, da música e de Gobeineau, que, segundo a Princesa Isabel, vivia “mordendo” seu pai. Talvez considerasse o irrequieto diplomata alta homenagem prestada ao Imperante aquela fúria mordedora, assim distinguido por ser filho de Arquiduquesa da Áustria, pertencente à loira raça superior germânica que êle tanto reverenciava e por isso se dignara elevar D. Pedro II a mecenas. . .

Neste período decorreu no Rio a evolução da arte musical e teatral, ainda reduzida a bonifrates nos tempos dos primeiros Vice-reis, com a sua pequena orquestra em que tocava “um anglais qui jouait excellement de la flûte traversière”, visto por certo francês a caminho do Oriente. Foi mais feliz do que o poeta Parny e companheiros, aos quais o Vice-rei não permitiu ingresso na “Casa da Ópera”. Por quê? Receio de causar má impressão? Desconfiança no espetáculo, ou nos espectadores? Fato é que o viajante não pôde se maravilhar (em vários sentidos) com as representações de que o outro fala. Ou nas Minas Gerais, com o seu impressionante conjunto de compositores mestiços que antecediam José Maurício, assim como Luís Álvares Pinto, compositor em Pernambuco. Consistiu, pois, na música sacra, graças à predileção do Príncipe, o principal acontecimento artístico registado no Brasil em consequência da vinda da côrte portugêsa.

---

## MALAS ARTES

*“Composta de bonapartistas que odiavam os Bourbons e os seus parentes”.*

GIL VASQUES

### Malôgro da missão artística

**O**CORREU provavelmente no Brasil a maior surpresa de Ender no domínio artístico durante a viagem, pelo fato de aí encontrar a missão francesa. Organizada um ano antes da sua vinda, era composta de pintores, escultores, arquitetos e outras profissões, escolhidos entre os artistas mais em vista de Paris no fim do Império. Dada a admiração do vienense pela arte francesa — mais tarde realizou um estágio para fins de aperfeiçoamento na capital da França — é lícito conjecturar a afovação do jovem ao saber da existência desse conjunto na mesma cidade em que aportara. O que faziam ou não faziam os seus componentes, deve ter sido a preocupação do ambicioso rapaz, sendo lícito conjecturar que os tenha freqüentado, ou, pelo menos, conhecido em festas da côrte ou concertos, de igreja, pôsto aí se diferenciasse o católico bem pensante, protegido pelo reacionário Metternich, dos franceses bonapartistas, quiçá pedreiros-livres e ateus da caravana missionária.

Admitamos, porém, que os tenha visto na Aclamação de D. João, pois tanto Ender como Hipólito Taunay e Debret deixaram vistas da cerimônia, tomadas mais ou menos do mesmo ponto. Não é crível, num meio tão acanhado como o do Rio de Janeiro daquele tempo, pudessem ignorar-se oficiais do mesmo ofício e de igual porte. Tanto mais, porquanto os

enfeites estilo império do casarão oferecido pelo Intendente Paulo Fernandes ao Embaixador Especial Conde de Elz, visivelmente decorriam do pintor ou do arquiteto parisiense, ou de ambos, pouco antes de lá se aboletarem os austríacos. Nada encontramos a respeito na correspondência do vienense mas está longe de ser desarrazoada a suposição pelo fato de justamente nas festas da chegada da Arquiduquesa, logo seguida das cerimônias da Aclamação, mais se distinguirem os franceses, no levantar arcos de triunfo, armar galerias e arquibancadas de madeira para corridas de touros no Campo de Sant'Ana, e mais manifestações de atividade, em que se admirava a famosa alegoria no pano de boca pintado por Debret no Teatro São João, destinada às funções onde a Embaixada da Áustria tinha precedência sobre as demais.

Os missionários artísticos muito se agitaram naquele período, antes do cansaço, e principalmente, desânimo causado pela incompreensão do meio. A iniciativa de sua vinda pertencera mais ao Conde da Barca, ansioso "*comme tout le monde*" por incentivar o progresso do Brasil, que predileção da família real. Consentira D. João em posar para Debret, mas continuava fiel aos arquitetos portugueses nas obras da Quinta da Boa Vista, ou da Fazenda de Santa Cruz, e se acaso recorria a um profissional estrangeiro, visto a incapacidade dos seus protegidos, chamava um medíocre mestre-de-obras inglês em vez do consagrado discípulo de Percier et Fontaine — Grandjean de Montigny — o qual antes de vir ao Brasil, em Cassel, reformara para Jerônimo Bonaparte com gerais aplausos o castelo de Willemshohe.

No interior das régias habitações reinava igual mau gosto. Noticiam os viajantes que iam à Quinta cumprimentar D. João, a incrível ornamentação da sala do trono, onde el-Rei os recebia sentado entre dois enormes anjos prateados à guisa de suporte de cortinas brancas. Não admira esta orientação admitir a fachada neogótica na residência suburbana dos Príncipes, fruto do engenho de Mister Johnson, que para cá viera juntamente com o portão presenteado por um aristocrata inglês ao soberano do Reino Unido. Possivelmente a dádiva provocou a vinda daquele mestre de obras, estabelecido em Portugal como especialista em cantaria. Ora, no momento dominava a moda dos castelos roqueiros, incentivada na Europa pelos romances de Walter Scott, às voltas môças românticas com *Ivanhoe* e rapazes com *Maria Stuart*, o que explica a aceitação do estilo.

Mas o resultado no Rio foi tão medíocre que em pouco pareceu necessário reformar a fachada assim que se cogitou de ampliações do palácio.

Os personagens da côrte, pensionados como estavam pelo tesouro, escassa inclinação teriam por despesas e pouco encomendavam aos franceses. Os retratos que os Marqueses de Bellas pediram a Nicolau Antônio Taunay, representam exceção. Correu rumor durante algum tempo de que o govêrno tencionava levantar na ponta do Caju um palácio, no custo de 17 milhões, para D. Carlota Joaquina e os filhos que em sua companhia viviam, porém não passou de projeto. A Duquesa de Cadaval, possuidora de grande fortuna na Europa e altos vencimentos no Rio de Janeiro, francesa de nascença, interessou-se também pela construção de uma residência digna da sua hierarquia, mas não passou da intenção, que era boa. Todos aquêles figurões se consideravam exilados, sem idéia de criarem raízes no Brasil, e o menosprêzo ocorrido na Quinta, fôra muito sensível aos franceses por se tratar da ala nova do edifício destinada ao Príncipe Herdeiro e D. Leopoldina. Do mesmo modo feria-os não serem chamados para opinar a respeito da chamada "*Casa de D. Pedro*" levantada perto do principal corpo da construção.

Por certo atribuiriam os artistas preteridos aquela repetição de desaires a intrigas que já antes de sua chegada lavravam na côrte, pintando-os como adeptos do antigo Imperador dos franceses. De princípio, foram amigavelmente recebidos na residência do Conde da Barca e a seguir sustentados pela real casa até se formar a Academia<sup>(113)</sup>. Depois da morte do seu principal protetor, embora continuassem com apoio de Targini e de algumas outras autoridades, viram-se quase abandonados por quem os devia razoavelmente amparar. Acresce que Targini, espírito nacionalista, protegia principalmente a Enrique José da Silva, pintor português de escasso talento, pôsto esforçado, que foi o mais tenaz e eficiente inimigo da missão francesa no Rio de Janeiro.

Nessas condições não tardou a se entenebrecer o ânimo dos expedicionários, a se desavirem entre si de modo deplorável.

---

(113) Escreve um dos beneficiados: "*Un sergent fut nommé pour nous servir d'interprète et nous procurer ce dont nous pourrions avoir besoin, surtout nos repas qui étaient apportés par des esclaves aux heures convenables*". Nessa altura receberam residência já reservada e para elles preparada no Beco da Calçada (hoje rua do Senado) onde segundo o Visconde de Taunay, a sua família assim como os d'Escragnoille e os Beaufort se abrigaram.

Houve além disso alguns abusos de sua parte. As agruras da época e falta de prudência do cavalheiro Lebreton, chefe da missão, cuja maior notoriedade provinha da campanha que na França encabeçara contra o famoso David, inspiraram-lhe a má idéia de trazer consigo à custa dos cofres públicos, um colaborador — ou cúmplice, diziam os franceses — na pessoa de um tal Dillon, cujas funções parecem enigmáticas. Documentos sôbre a época aparecidos recentemente dão-no como negociante, a explicar a sua presença junto de compatriota ansioso por arranjar a vida. Nas fôlhas de pagamento auferia o mesmo que N. A. Taunay pintor de nomeada, membro do Instituto de França, ao passo que êle, Dillon, era intruso nos meios artísticos. Não devia, entretanto, ser de todo destituído de qualidades, pois procedeu com acêrto ao proteger o jovem pintor Hércules Florence, quanto êste, à cata de aventuras, apareceu completamente desvalido no Rio de Janeiro.

Ender estava inteirado dêsses falatórios, que maior campo encontravam nos meios diplomáticos, se porventura ali não se originassem. A correspondência dos agentes oficiais da França no Brasil é muito elucidativa sôbre a fonte de muitas malquerenças contra os missionários. Ocupava no momento o cargo de Cônsul Geral de Luís XVIII no Rio de Janeiro, o antigo “emigré” Maler, jactancioso gascão, particularmente infenso a Lebreton, o qual, além de egresso do clero, tivera participação nos recentes excessos revolucionários que tinham ensanguentado a França. *Ad instar* de muitos nas mesmas condições, o secretário do conjunto artístico tornara-se bonapartista ferrenho depois do ocaso da Revolução. A volta dos Bourbons de princípio o esquecera, mas os “*Cem Dias*” desencadearam finalmente a ira dos reacionários e o que dantes era chamada longanimidade foi chamado fraqueza, e as perseguições começaram e perdeu em França Lebreton o cargo de secretário reorganizador da seção de Belas-artes do Instituto de Paris. Segundo corria na época, advertira o Imperador da Áustria — melhor diríamos Metternich — a D. João, acêrca do perigo representado pelos franceses numa terra nova e indefesa como a América. Pois não pretendera um tal Huet-Perdoux ser nomeado diretor da Biblioteca Real, de onde poderia inundar o Brasil com panfletos subersivos! Enêrgicamente a isto se opôs Maler e apesar das recomendações com que se apresentara o candidato conseguiu impedir a sua nomeação. Outro aventureiro perigoso era um Coronel Cailhé, ex-revolucionário de que mais adiante falaremos e uma suposta



filha do general Pichegru, que logrou auxílios da família real sob falsas alegações, não faltando na lista Madame de Ranchoup, tida por amante de Napoleão durante a campanha do Egito, onde o seu espôso desempenhava funções de oficial do exército expedicionário.

D. João era fàcilmente impressionável, traço do seu caráter que o levava a professar aversão a novidades em geral e políticas em particular, ponto em que se irmanava com o famoso Chanceler da Áustria e por completo se distanciava do filho D. Pedro. Não era preciso mais para êle se afligir com a presença dos partidários não só de Napoleão de hórrida memória, como das idéias incendiárias que o curso deixara atrás de si. Se bem o Príncipe nada praticasse contra os refugiados que surgiam na capital do Reino Unido, recomendou, ao que parece, vigiasse o Cônsul da França os seus indesejáveis compatriotas. Comunicava em 1818 D. João ao Núncio, que se encontrava pronta nos Estados Unidos uma flotilha destinada a libertar Napoleão, tendo também recebido igual aviso, o Conde de Elz, do Ministro do Exterior.

A partir do restabelecimento da paz, começaram a aparecer no Rio europeus partidários de doutrinas políticas mal vistas pelos momentâneos senhores do Velho Mundo. Foi o caso de Pedro de Ângelis, fugido de Nápoles para se tornar arauto de Rosas em Buenos Aires, assim como muitos mais. Diàriamente desembarcava um francês no cais do Paço na qualidade de comerciante, mestre de baile, cozinheiro-restaurador, pintor ou jornalista. Sucediã-se o Coronel bonapartista Cailhé<sup>(114)</sup>, antigo revolucionário tornado batoteiro, que se propôs em companhia de sócios, indivíduos do mesmo naipe, estabelecer na capital do Reino Unido o jôgo lícito, a trôco do que, sustentaria organização de utilidade pública; o empreiteiro Bouch, que por ocasião das festas aclamatórias foi encarregado da iluminação e ornamentação da fachada da casa do Intendente da Polícia e levantou o arco do triunfo encomendado pelo comendador Sequeira frente à sua casa em Mata-Porcos; o miniaturista Grain, que Ferdinand Denis encontrou em 1817 em casa dos Taunay; o mercador Gendrin, e os seus companheiros mencionados no livro de viagem; os dançarinos do teatro da Ópera; os comerciantes de que

---

(114) Outros grafam Caillé, tido por Jacques Arago como figura influente até em setores da polícia especializados em estrangeiros em geral, e franceses em particular. O bonapartismo era pesado das monarquias que tinham escapado da Revolução Francesa.

fala Marrocos que inundaram o Rio com as últimas criações da moda parisiense; o especulador Conde d'Armerval que se fixou no Brasil com a família e deixou numerosa descendência, e um antigo "planteur" de São Domingos, o mais importante fazendeiro dos subúrbios cariocas, o qual, segundo Golovnin, teria comprado extensa gleba na Tijuca, muitos escravos, e ali plantara, por volta de 1817, cinqüenta mil pés de café. Não faltou sequer na lista um antigo general de Napoleão considerado dos mais destacados da recém-extinta *Grande Armée*.

A maior parte pertencia à imensa coorte dos marginais da sociedade européia, produto das guerras do fim do século 18 e princípios do 19, que não tinham mais funções nem razão de ser. Procuravam os governos desvencilhar-se daqueles profissionais de arte bélica, de sorte que, premiados pela Restauração, os veteranos de Napoleão iam para os "*Champs d'Asile*" dos E. U. A. onde também se fixou o pirata Lafite; os portugueses para o Prata; os ex-marujos da frota inglêsa se transformavam no Chile e na Argentina em corsários mais parecidos com meros flibusteiros, e os russos cogitavam de intervenções na América do Sul para entreter além fronteiras legiões tornadas inúteis, quando não perigosas. Os próprios componentes da Missão Artística incluíam-se no caso. Não eram apenas os militares a assustar e aborrecer governos, também artistas para isso concorriam, em outras esferas, a constituir núcleo ferozmente crítico, inconformado carpideiro da desdita do Corso, arauto de sua glória sanguinária, a estabelecer com e sem propósito paralelo entre a generosidade imperial para com artistas e o descaso dos seus sucessores, unicamente interessados em valer a "immigrés". Aos da Missão juntavam-se confrades como Pallière, inebriado do mesmo espírito de acidez e revolta. Andava afobado o pobre Maler sôbre o qual pesava dupla responsabilidade — de súdito francês obrigado a se desvelar pela segurança do seu soberano e de pensionista do govêrno português temeroso da reaparição do fantasma corso fugido de Santa Helena. Situado o destêrro do ex-Imperador entre o Brasil e possessões britânicas, na rota marítima da Europa para a Índia com escala no Rio de Janeiro, era mister observar atentamente as numerosas embarcações que iam e vinham entre os dois portos destinadas a abastecer com gêneros brasileiros a ilha-presídio do avantesma.

Costumavam pessoas do séquito do exilado encomendar aos capitães dos navios para lhes comprar no Rio o que porventura necessitassem na ilha. Vibravam de entusiasmo, os bonapartistas

estabelecidos na rua do Ouvidor, com essas comunicações, tendo chegado um dêles a beijar em público velho chinelo da Marechala Bertrand, meia irmã da famosa memorialista Marquesa de la Tour du Pin, que lhe viera ter às mãos como modelo. O logista autor dessas escandalosas expansões, segundo Mr. Maler, chamava à cliente "*La Grande Marechalle*" além de outros disparates de igual jaez. À vista disso, tomara o Cônsul cautelas de acôrdo com autoridades inglêsas para que houvesse rigorosa vigilância a bordo, medida complementar do seu ativo serviço de informações na cidade, que lhe permitia, dizia em officio datado de 1818, acompanhar de perto qualquer eventual tentativa de liberação do abominável inimigo de S. S. M. M. Cristianíssimas e Fidelíssimas. Infelizmente pouco lhe adiantaram tantos esforços, se acaso não o prejudicaram. Narra Jacquemont, que o foi encontrar na qualidade de cônsul em Port-au-Prince, depois da sua remoção do Brasil, o que parece demonstrar diminuição ou castigo, aplicado em quem fôra encarregado de negócios da França na côrte do Rio de Janeiro.

A falta de correspondência do meio, que não compreendia a missão artística, e por ela não era compreendido, foi das maiores causas do escasso resultado que deu durante o longo tempo da sua estada no Rio. Chegavam, entretanto, cheios de entusiasmo, os missionários na Canaã que se lhes deparava. A época incidia no auge do movimento romântico, quando finalmente se expandiam no domínio das Belas-artes, os exotismos de Bernardin de Saint Pierre e de Parny, influenciados por sua vez pelo culto à natureza de Rousseau. Esperançados e bem dispostos, pretenderam logo trabalhar, aos poucos, porém, arrefeceram, e, custa a crer como tanta gente contratada para fomentar o gôsto das artes através de sua atividade, colhesse em tão longo espaço no Brasil, insignificante resultado. Daí por diante, participavam da balda comum aos artistas atraídos na Guanabara, a se queixarem do calor pouco convidativo para o trabalho em meio de gente ignara ou hostil. Ender também se carpia amargamente do clima e, no entanto, deixou em menos de um ano enorme acervo de grandes e pequenas paisagens a lápis, sépia, nanquim ou aguarela, em que anotava aspectos da natureza tropical até ínfimos pormenores. Causa espanto a paciência com que desenhou a vegetação de campos, capoeiras e florestas ou vistas do centro da cidade ou de subúrbios, com incansável aplicação. A "*chaleur carioc*" e depressão conseqüente não explicam o insucesso dos franceses; o mais provável seria acon-

tecer com os seus componentes o mesmo que sucedeu aos imigrantes suíços de Nova Friburgo, de comêço entusiasmados, logo depois desiludidos, pela falta de escoadouro para a sua produção.

Teòricamente, no pensamento dos idealizadores da grande emprêsa cultural, Humboldt, Barca e outros bem intencionados, incumbia aos missionários transformar o Rio de Janeiro de acanhada cidade dos tempos coloniais, em grande capital moderna. Deveria ser a repetição de São Petersburgo e Odessa na Rússia, cidades que se desenvolveram norteadas por planos preconcebidos, obra a ser iniciada no Brasil pelos técnicos franceses e continuada pelos discípulos que deixariam atrás de si. Inoculado o vírus do culto ao belo na população — ou pelo menos, na sua elite — o resto continuaria por si, de modo a levantar-se pouco a pouco, naquele rincão sul-americano, cópia de cidades francesas, obedientes aos mesmos cânones estéticos, sem embargo do clima, costume, tradições, necessidades e índole dos habitantes serem diversos. Um fato parecia querer auxiliar a realização do grandioso plano — o surto de atividade que então se manifestava incentivado pela chegada da côrte, centralização política no Rio e desenvolvimento da produção cafeeira local. Marrocos em 1816, um ano antes da chegada de Ender, escrevia: *“este porto vae se fazendo muito vistoso pelas immensas embarcações que se vão amontoando, alegrando as nossas vistas, todas as que vem da costa do Norte, Russas, Holandezas, Suecas, Dinamarquezas, Prussianas, Austriacas e todos mais reinos e principados. . . tudo, felices consequencias da alliança geral daquellas potencias comnosco”*.

O têrmo empregado pelo escriba no arroubo *“alegrando”*, diz bem da euforia que após o pesadelo guerreiro se estendeu sôbre o mundo. Acrescentava o mesmo Marrocos notícias acêrca do restabelecimento de relações comerciais com a França, de onde chegavam navios com muitas modas, enfeites e *“bugiarias”*, prestigiados pela fama do gôsto parisiense. Podia-se, com alguma imaginação, reconstituir o passado quando os mairs se entendiam com as tribos do litoral e conservavam ilusão de ali monopolizar o tráfico do pau de tinturaria.

A respeito, escrevia Saint-Hilaire na já citada carta ao Conde de Lescarene, *“On s’imagine en France que les richesses abondent dans ce pays et il est reèllement pauvre. On croit les habitants livrés à la superstition, et ils vivent en matière de réligion dans la plus complète indifference, observent à paine*

*quelques légers restes de pratiques extérieures. J'ai vu des artistes Français envier le sort de ceux que le gouvernement Portugais a fait venir à Rio Janeiro, mais comment ces derniers pouvaient-ils être appréciés et occupés dans un pays où l'on n'a pas la plus légère notion des arts (. . .) Permettez moi seulement de vous faire part d'un voeu que j'ai formé plus d'une fois. Comme je vous le disais tout à l'heure il arrive ici tous les jours une foule de Français qui, trompés par des rapports mensongers, se persuadent qu'il suffit de mettre le pied au Brésil pour y faire fortune, et qui ne tardent pas à se repentir d'avoir entrepris ce voyage: tous apportent de fausse bijouterie, des montres, des papiers peints, et faute de débouchés ces articles que l'on plaçait il y a six mois 300% de bénéfice ne se vendent plus en gros qu'au prix courant", e aconselhava à vista da calamitosa situação para os especuladores seus patrícios, "ce cerait rendre, il me semble, un très grand service que de faire faire quelques articles de journaux pour desabuser nos compatriotes de l'illusion qu'ils font sur ce pays".*

Exigiam aquelas condições um grande esforço comercial por parte dos franceses, levando em conta a vantagem dos ingleses que, nos ajustes com Portugal, tinham impôsto mais 15% "ad valorem" sôbre as mercadorias de procedência não-britânica importadas pelo Brasil. Escrevia sôbre artigos da França, o bibliotecário Marrocos à família em Lisboa: "*são mais baratas que as inglesas . . . ainda esta semana tive em minha casa 3 vestidos de seda, bordados de palheta de prata, para ajustar, mas achei muito caro o preço de cada hum, que era cinco doblas . . . Já vão aparecendo aqui muitos Francezes que são reconhecidos pelo tópe branco*", mas o escriba lhes conservava tal aversão pelo que tinham cometido em sua terra, que a despeito da "*cocarde blanche*", aparente preito de fidelidade a Luís XVIII, "*não posso olhar direito para elles; e para mim aquilo ficou sendo nação detestavel*".

Traduzia no seu final o pensar de muita gente no povo e na côrte. Não admira, assim, depois de afastadas as possibilidades de o Príncipe e govêrno tornarem logo a Portugal, aparecesse para franceses trabalho nas habitações reais. Dava-se preferência ao medíocre José da Costa ou a Mister Johnson, que levava sôbre os concorrentes a vantagem de pertencer à nação aliada. Por sinal, parece estranho êle empregar estilo gótico na reforma da Quinta da Boa Vista, pelo fato de o portão, presente do Duque de Northumberland ao nosso Regente, provir de

desenhos dos Adams para Sion House. Em dado momento, os famosos arquitetos também foram contagiados pelo medieval que campeava epidêmico, mas a casa de campo solar dos Dudley onde tinham levantado o portão modelo do erigido em São Cristóvão, obedecia à linha de edificações realizadas em Kedleston, Osterley Park, Harewood ou em Londres no n. 20 de Regent Street e na residência de Lorde Derby, considerados equivalentes na Inglaterra ao estilo Luís XVI na França. A proposital omissão, era, destarte, motivo de recrescer o travo de Grandjean, Taunay e Debret, de mais a mais, convictos com razão de serem infinitamente superiores aos preferidos.

Tampouco, os particulares brasileiros ou portugueses radicados no Rio, os encarregavam de lhes planejar habitações. Noticiava Maler, em comunicação oficial, a construção de mais de 600 residências na cidade e 150 chácaras suburbanas no período de 1800 a 1818, sem alusão a obras particulares de elementos franceses, que estavam no Rio desde 1816. Começava pelo seu próprio protetor, o Conde da Barca, que preferia reformar casas velhas a levantar novas com auxílio de seus protegidos. Registrava-se também marcada preferência de pessoas ricas pelo barroco luso com forte influência extremo-oriental, ao Empire francês, e, se acaso recorriam a estilo estrangeiro, chamavam Mister Johnson, como sucedeu com o Visconde do Rio Sêco no casarão do campo dos Ciganos<sup>(115)</sup>, ou a Dom Francisco de Almeida o qual encomendara, para a casa do filho noivo, móveis e mais pertences decorativos da Inglaterra. Vemos assim, a nova burguesia e a velha aristocracia adotarem simultaneamente diretrizes artísticas emanadas de desafetos dos missionários.

Tampouco, foram chamados a opinar sobre qualquer reforma do pequeno teatro que se adaptara "*no sitio de Botafogo*" para divertimento das filhas de D. Carlota Joaquina, pois esta aos franceses detestava. A situação dos artistas se tornaria crítica entre a campanha que lhes moviam os concorrentes portugueses e a preferência de pessoas endinheiradas pelas modas inglesas, se não intervisse Antônio de Araújo a seu favor.

---

(115) Ao que parece, mais tarde sede, ou, pelo menos, residência do Ministro do Interior depois da partida do titular para Portugal em 1821. Dêste mesmo edifício, onde foi hospedada a embaixada britânica à Pérsia, de que já falamos, existe estampa a mostrá-lo tal qual as casas de campo ou da cidade da mais alta aristocracia do tempo de William Beckford, mais curiosos agrupados na porta, de perneio com carruagens tiradas por mulas, rodeadas por quantidades de porcos a fuçar pelo Campo da Lampadosa então conhecido por dos Ciganos.

Conseguiu o Conde da Barca que se lhes confiasse a construção da monumental Escola de Belas-artes sob planos e direção de Grandjean de Montigny. Fachada severa, revelavam as suas linhas clássicas o estágio do arquiteto na Itália, onde estudara os valores decorativos de palácios, igrejas, capelas e túmulos no afã de aprimorar os seus recursos. Infelizmente o edifício começado sob tão bons auspícios arrastou a sua terminação e como tivesse poucos alunos, cedeu lugar ao Tesouro, que dêle para sempre se apossou. Outra obra do mesmo tempo e nas mesmas condições, foi a Casa da Bôlsa, encomendada a Grandjean, juntamente com o mercado, erigido em 1820 em alfândega, construção que por largo espaço conservou traços do projeto primitivo.

Com os pintores sucedia cousa parecida. O decano Taunay, chefe de uma notável família de artistas, hoje considerado corifeu dos "*petits maîtres*" parisienses do fim do século 18 e princípios do 19, pouco teve que fazer e os trabalhos que lhe encomendaram, como os retratos das infantas casadas em Espanha, passaram por Goya. Alguns figurões, a pedido do Conde da Barca, pretenderam também retratos, mas acabaram indispondo-se com Nicolau Antônio por êste terminantemente se recusar a embelezá-los. Os encomendados pelos Marqueses de Bellas seriam, talvez, mais provenientes do fato de serem vizinhos seus no outeiro da Glória, que inspirados pelo valor do retratista, mas não se sabe de todo se os fidalgos aproveitaram no interior da residência o talento decorativo de quem lhes estava a mão. Outro vizinho era a viúva do Conde de Linhares, possuidora de uma das melhores chácaras do Rio de Janeiro, cuja sede era digna do pincel taunésico, segundo nos diz a descrição de uma francesa viajante. Provida de "*appartements superbes*", dispunha, para mais "*d'un jardin immense rempli de fleurs et de fruits. Placés sur une petite éminence, la maison avait une vue magnifique: on voyait toute la rade et on dominait une grande partie de la ville*". Ali perto estava a capela da Glória, fundada em 1720 e reconstruída em 1818, tal como ainda hoje se encontra, por ordem de D. Carlota Joaquina. A viajante autora da notícia alugou a propriedade para aí estabelecer o quartel-general das observações da missão científica de que fazia parte. Infelizmente o administrador da Condessa viúva, fôsse por despeito por não ter sido ouvido, ou por qualquer outro motivo, rompeu o contrato dando-o por prejudicial à cliente, o que forçou os cientistas a procurar outra casa. No momento não era fácil descobrir no

Rio alojamento, prejudicada a cidade pelas “aposentadorias” que tinham retardado até 1818 a construção das habitações requeridas pelo contínuo afluxo de novos habitantes. Era mais um caso de nefasta ingerência do poder público na vida privada dos súditos de S. M. Graças, porém, aos esforços do Conde de Gestas, empenhado em conseguir pouso para os seus patrícios, foram ter a uma casinha próxima de propriedade de Nicolau Taunay, onde permaneceram até completar os trabalhos.

Os hospedeiros, Taunay pai e filhos, irmão e sobrinho, ocupavam-se com lavôres artísticos inspirados pela natureza tropical, ao depois remetidos à Europa por falta de quem os comprasse no Brasil. Dividia o chefe da família seu tempo entre o bairro da Glória e a cascatinha da Tijuca, onde mandara levantar uma casa. Ender nos dá esbôço do primitivo galpão que aí existia quando em 1817 o pintor comprou o sítio delimitado pela propriedade da Condessa de Roquefeuil, nas proximidades de um tal Lopes, do Conde de Scée e do vendedor de uma gleba ao futuro Marquês de Maceió, genro de Fernando Carneiro Leão. Os viajantes enaltecem o recanto digno de esteta europeu interessado em paisagem tropical, onde se via a cascatinha cair do alto sôbre rochedos, sombreada por luxuriante vegetação num quadro paradisíaco. Menos feliz, ou menos sábio, o secretário Lebreton, desiludido e amargurado, vigiado por Maler, retirou-se depois de viajar pelo Brasil, numa modesta casinha da praia do Flamengo, onde vegetou obscuramente até morrer. Dêle se sabe pouca coisa a justificar a sua presença na missão, pois conhecemos apenas uma pequena aguarela sua hoje na coleção Marcelino de Carvalho, representando bananais em Santos com data de 1817. Os menos importantes do conjunto, que seriam entre os artistas Debret e entre os artífices Ovide<sup>(116)</sup>, foram os de maior préstimo. Grandjean pouco trabalhou para particulares no tempo de D. João VI. Só mais tarde recebeu algumas encomendas, atribuindo-se-lhe majestosa vivenda no Passeio Público, com a particularidade de ter duas fachadas, a da frente em linhas clássicas muito simples e a posterior formada por colunata semicircular de curioso efeito, em puro estilo Diretório, demo-

---

(116) D. João, simultâneamente com os membros da Missão Artística, mandou contratar artífices como J. B. Level, Bheaconnot, F. Ovide, N. Enout, Piliate, Fabre, L. J. Roy e seu filho Hipólito, Saligre, etc., serralheiros, carpinteiros, fundidores, industriais e mais mestres, os quais, reunidos aos curtidores da mesma origem, importados por Joaquim José de Sequeira, completavam importante conjunto.



lida não faz muito, substituída por monstruosos arranhacéus. Foi perda deveras sensível o inglório fim daquele casarão típico do que se realizou de melhor na época da Independência.

Debret pintou alguns retratos de personagens, principalmente D. João, de quem deixou horríveis, verdadeiras caricaturas, agravada a feiúra do soberano pela malícia ou inabilidade do artista. Conhecemos, todavia, um pequeno quadro seu del-Rei a cavalo, em mata carioca, algo menos chocante. Seja pelo vêzo de não lisonjear os modelos — haja vista nos retratos das Princesas —, ou desinterêsse do público, o autor do *Brésil Pittoresque* levaria vida difícil, semelhante ao que d'Annunzio cheio de dívidas chamava "*vivere periculosamente*", não fôsse a oportunidade que se lhe deparou de empregar-se como cenarista no teatro São João, onde já trabalhavam os Lacombe e os Toussaint. Passou então a sucessor do português engenheiro, maquinista, pintor decorador Manuel da Costa. As suas habilidades de *Lucca fá presto*, encontravam ali terreno indicado para se expandirem, capaz de em poucas horas pintar, com auxílio de servente prêto, vistosa alegoria ou fundo de ópera. Igual ventura encontrou o mecânico Ovide, quando, depois de dispensado do cargo oficial de mestre de sua especialidade, empregou-se com grande proficiência junto a fazendeiros e industriais para montar moinhos e mais máquinas inspirados pelos conselhos do *Patriota*.

O contemporâneo Ender talvez estivesse longe de supor a existência de tantos percalços e os invejava e procurava imitar-lhes a atividade. Anotou os arcos de triunfo e mais elementos decorativos levantados pelos missionários ou pelo empreiteiro Bouch nas festas em que estêve presente. Depois saía em excursões com os demais austríacos pelas vizinhanças, nos sítios que se tinham tornado visita obrigatória dos turistas daquela época. Desenhou sucessivamente a grande e pequena cascata da Tijuca, quase ao mesmo tempo que os seus confrades das expedições russas surtas no pôrto — Karniev da Divisão Vasilev, e Tikhonof do *Kamtchatka* — que também deixaram vistas da maior das cachoeiras, sendo muito possível que o pintor Paulo Mikhailov também a teria desenhado.

No centro continuou a cidade como estava. Chegavam ou partiam estrangeiros; saíam decretos de S. M. a especificar o que os súditos deviam ou não podiam fazer em benefício da estética urbana; construíam-se novas casas; derrubavam-se velhas; entretanto, continuava no Rio o aspecto luso-africano que tinha antes da chegada da família real. Pesada e desgraciosa a arquitetura,

legítimo produto do imigrante reinol, sequer adaptado às condições do clima, rebelde a qualquer melhoramento, mostrava-se hedionda antes de 1808 e assim se manteve até a guerra mundial de 1914. Foi só daí por diante, com o enfraquecimento da influência lusa e advento das lições do progresso de São Paulo, o pequeno burgo, em 1808 indicado para sede do Reino Unido, que se desenvolvera e se tornara cidade rival, que o Rio pôde alcançar em meado do século 20 aspeto algo mais civilizado.

Nessa fase, em poucas linhas resumidas, mas que merece longo estudo, a missão artística passou em branca nuvem. Esbarravam seus esforços na selvageria do comerciante luso enriquecido por um labor de animal de tiro, e do igualmente analfabeto empreiteiro pouco menos abrutalhado que o negro servente que misturava a argamassa das obras. Em tudo gorava o esforço dos missionários. Esquecidos pela maioria de indivíduos de posse — os tais labregos dinheirosos e mestres de obras hostis a franceses — sem oportunidade de pôr em prática os conhecimentos, tinham os Taunays e companheiros, mal pagos, quando não caloteados pelo govêrno, de assistir não só à perpetuação de lamentável estado de cousas, como ainda ao seu criminoso alastramento. O bonito para o imigrante era pouco mais ou menos a reprodução da abominável arquitetura, ou falta dela, do seu lugarejo de origem, gostosamente executado e ampliado no Rio pelo conterrâneo mestre de obras. Dêsse quadro não sabemos como pôde Oliveira Lima concluir que a missão logrou formar o bom gôsto da população e o aprimoramento das artes!

Bem entendido, nem tôdas as inovações missionárias seriam aceitáveis, pois arriscariam através de cópia servil dos cânones estéticos de outras latitudes, privar a cidade de originalidade e caráter próprio. Atenuava, contudo, o perigo do escolho, inspirar-se a moda francesa do momento no melhor classicismo, de certo modo, até, mais indicado para o Rio — alto pé direito, grandes portas e janelas, amplas escadarias e vestibulos — do que cidade como Paris submetida a rigoroso inverno. Acresciam as vantagens oferecidas pelos artistas franceses, de se terem adaptado ao meio que amavam e compreendiam. Infelizmente, deixou de ser praticado o sistema em uso na França em casas nobres, a construção "*entre cour et jardin*", muito preferível à portuguesa semelhante à inglesa, no dispor os salões e aposentos de casas residenciais diretamente sôbre a mal odorante sarjeta. E, não havia meio de corrigir o grave defeito. Um dos principais

motivos vinha do antigo ciúme ibérico a confinar o elemento feminino em gineceus, de modo a separá-lo de contato com estranhos. Do costume defluía a necessidade das sacadas sôbre a rua, tornadas principal diversão do mulhierio, que através de rótulas podia espreitar o movimento da vida urbana. Entretanto, depois da supressão dos muxarabis — de que Ender reproduz dois modelos, além dos que figuram nos seus desenhos abrangendo conjunto de construções — viam-se induzidas as cariocas a participarem de outro sistema de vida mais civilizado, composto de visitas, passeios, freqüentação de espetáculos e mais modificações introduzidas pela presença da côrte.

Mantinhm-se, no entanto, os mestres-de-obras lusos, impermeáveis a qualquer alteração nos métodos de construção. Por sinal, o contato de artistas franceses com presumíveis clientes se reduzia a quase nada, porquanto a fidalguia palaciana, que seria pela cultura a principal interessada no aproveitamento da sua arte, mostrava-se mais propensa a voltar para suas velhas residências lisboetas que construir no Rio de Janeiro. Continuavam nessas condições as cousas como estavam, os franceses persuadidos que “*cet mauvais système*” era impôsto pela necessidade de construir o mais rápidamente possível residências para o afluxo de pessoas atraídas à Guanabara pela mudança do govêrno de Lisboa para o Rio de Janeiro. Tudo era improvisação naquele ambiente, cuja desordem apenas começara a serenar quando Ender desembarcou no cais do Paço. Inútil, pois, regulamentos com pretensões a obrigar construtores a esforço acima de suas forças. Além do descontentamento que provocariam tais medidas, haviam de emperrar obras ou encarcê-las num sítio, como dizia Saint Hilaire, “ou l’on n’a pas la plus légère notion des arts”.

As residências de comerciantes enriquecidos, construídas logo antes e depois da chegada de Ender, obedeciam a estilo tardio na evolução estética luso-colonial, cópia do que se fazia no reino e domínios no fim do século 18. Não era de todo destituído de gracioso pitoresco a reunião do barroco português com o imemorial decorativo das artes aplicadas nos presídios do Extremo Oriente. Nos desenhos de Ender ocorrem construções como a da chácara do Bispo, no Rio Comprido, depois Colégio Episcopal, até pouco tempo a mais antiga construção do gênero existente no Rio. Foi também desenhada por Debret no seu álbum, como espécime de arquitetura das habitações suburbanas no tempo de D. João VI. Ambos os trabalhos, do

vienense e do francês, se assemelham na demonstração de que os dois artistas eram cuidadosos ao reproduzir paisagem, sem juntar fantasias aos desenhos, o que vem a ser no caso mais um título de benemerência para ambos. Outra construção de vulto a impressionar o austríaco, foi a supracitada casa do Comendador Joaquim José de Sequeira, “*ricaço*” como aponta Ender, dono de várias emprêsas inclusive grande curtume. Situava-se em Mata-Porcos, na estrada para S. Cristóvão, que o russo Golovnin comparava pelas suas edificações “*à estrada de Peterhof, porque após sair da cidade e até as montanhas há dos dois lados casas de campo dos cortesãos e pessoas ricas*”. Os desenhos de Ender reproduzem além do palacete de Sequeira, com suas quinas de granito, telhado recurvo à moda chinesa, ornatos barrocos, frente a um terreiro, onde se vêem seges desatreladas e arreios atirados no chão, a rua tornada pátio de serviço; outras construções igualmente interessantes, pelo aspeto e proporções. Em todo caso, ainda quando se nos afiguram um pouco menos ruins êsses exemplares da arquitetura do tempo, é visível nos desenhos do vienense como eram mal acabados no seu feitio mais de armazéns pela espessura dos muros (evidente nos desenhos do interior da Embaixada Especial austríaca) e proporções do telhado, que residências de nobres e milionários.

Morto o Conde da Barca sentiram-se os franceses completamente isolados nos trabalhos planificadores. Sucedeu então fato mais grave. As relações entre os artistas da missão, que já não eram muito cordiais no pôrto de embarque, antes de iniciar a viagem, azedaram-se de vez nos meses seguintes. Existe fundada observação, de que componentes de missões exploradoras, passam em pouco a se detestarem entre si quando se embrenham no sertão. Cousa parecida sucedeu aos franceses, mergulhados em desalento depois de esquecidos no Rio, num incipiente meio artístico, que a contínua chegada de patrícios não podia melhorar. Exerciam os outros franceses profissões diferentes, de educação, cultura e índole muito diversas e só podiam com êles manter relações superficiais. Os atuais ádvenas, chegados da Europa tangidos pelos últimos acontecimentos políticos, dão bem idéia do estado de espírito dos seus antecessores contemporâneos aos acontecimentos da Grande Revolução e guerras napoleônicas. O traumatismo moral padecido naquele tormentoso período, o desajustamento da transferência para nôvo *habitat* e mais incidentes ervavam-lhes o ânimo com deplorável resultados para todos.

Antipatias desenvolvidas na viagem chegavam por momentos a autêntica peçonha. Uma carta de Debret, datada do Rio em 1816, dirigida ao “*camarada*” Lafontaine, amigo do pintor, demonstra o travo do missionário, expresso em conflitos deprimentes. Apesar de longa, pedimos vênha para reproduzi-la por extenso, de tão característica: “*Je commence par te dire que la nomination de M. Le Breton est confirmée par le Roy, et ne serait qu’une chose connue à Rio Janeiro, à Paris, à Lisbonne, etc. (...) Mais te dire comment cela c’est fait, voilà l’interessant, et qui n’est su ici que de quelques personnes. J’espère que je vais traiter en ami? Comme te voilà assuré de connaître la catastrophe, je te ramène au Havre pour te faire durer le plaisir longtemps, et t’éclairer sur des particularités qui se rattachent au “Héros Porte Palette” qui figure en opposition avec notre Directeur. M. T... le père, qui n’était constamment que le Globe de Verre de la feuille invisible, à travers laquelle nous reconnaissons l’âge et le sexe du personnage qui partait, irrité, désespéré tour à tour du retard et du silence de M. Le Breton, nous présentait chaque jour après l’arrivé du Velocifer<sup>(117)</sup>, un nouveau projet de lettre ou de conduite accompagné d’une longue série de conjectures alarmantes sur les prétendues opérations de M. Le Breton. Un jour que le vent devint bon, échauffé par le départ de vingt navires il fut arrêté que l’on partirait le lendemain (...) on fit donc des préparatifs, un négociant Brésilien qui partait avec nous offrit son cautionnement pour la somme dont M. Le Breton devait être porteur: on avait déjà porté les portemanteaux à bord lors que M. T. réfléchit que malgré la lettre explicative que l’on devait adresser a M. le Chevalier de Britot<sup>(118)</sup>, il serait prudent d’attendre encore, ou rapporter les portemanteaux a l’auberge (...) on avait déjà mis en avant que nous n’avions besoin d’être conduits par personne puisque les ordres étaient donnés par M. de Britot, que M. Taunay comme Doyen d’âge parlerait au nom de tous, lorsque ce négociant nous obtiendrait une audience chez les ministres en arrivant à Rio-Janeiro. Ici commencent les dessins aussi “obscur” que “sombres” et aussi “sombres” que “noirs” du nouveau Don Quichotte, monté sur un appui-main! Enfin M. Le Breton arrive, tout change de face; on part.*

---

(117) Referência ao “Calpe”, ainda no Havre, nas vésperas de partir para o Brasil.

(118) Francisco José Maria de Brito. Encarregado de Negócios de D. João na Holanda e interino em Paris.

*Vers la fin de la traversée notre héros se rapproche de notre Directeur et l'ensemble se rétablit. M. Le Breton est reçu a son arrivée avec considération chez toutes les autorités. M. T. qui veut toujours écrire nous fait signer une lettre de remerciements à M. le Chevalier de Britot (dans laquelle il fait l'éloge de M. Le Breton). Premier clou qui s'enfonce dans le pied, notre champion évincé! Ici la scène se rembrunit. Le soleil éclaire le jour funeste ou j'eus l'honneur de faire les croquis d'après nature de la famille Royale pendant une revue qui se fit à Praya Grande. Deux heures après on apprit à Rio de Janeiro qu'un artiste français qui était à la revue avec M. Le Breton avait fait en quelques minutes le portrait en pied de leurs Majestés. Oh douleur! Oh desespoir! Oh rage! La famille T. assemblé juge que cette protection exclusive que l'on m'accordé est une insulte faite à la personne de son chef comme membre de l'Institut de France et a son talent de peintre de genre. La lune seule a çu les complots de progets de vengeance que l'on a medité pendant la nuit qui a suivi cette fatale journée. Le lendemain on c'est mis en batterie, nous quittent la maison et se repandent dans la ville en éclaireurs pour y semer des petites confidences capables de lui faire beaucoup d'ennemis, enfin chacun travaille de son mieux. Pendant ce temps M. Le Breton finissait son projet d'organisation, il le presenta, il fut lu et approuvé de tous les gens éclairés qui furent admis en entendre la lecture. Les ministres commencèrent à entendre quelques rapports desavantageux sur M. L. B. mais accoutumés aux effets de la médisence, et de la calomnie même, cela ne fit aucun effet. L'arrivé du duc de Luxemburg<sup>(119)</sup> enhardit la troupe prête a saisir tous les propôs. C'est alors que l'on fit circuler l'épithète de prête marié avec la certitude d'être soutennus, ce qui arriva, et fit infiniment de peine à M. Daraojeau (ministre qui aime beaucoup les arts et protège l'expédition) il sentait la force du coup que cela portait dans l'opinion du Roy, on suspendit notre affaire. M. T. augura si bien de ce silence quil souvrit a la première visite que daigna lui faire M. Le Duc et lui demanda tout bonnement sa protection pour lui faire obtenir la place de Directeur et celle de secrétaire pour un de ses fils, ce qui fit très mauvais effet dans l'esprit de M. l'Embassadeur. Cela se repandit bientôt et amena des éclaircissements. Le "Père Dom*

---

(119) Primeiro embaixador de França no Rio de Janeiro.

*Bazile T...” trouvant que son antagoniste avait la vie dure, résolut pour le perdre tout à fait de faire répandre qu'il était un des régicides français. Cette dernière calomnie était si forte que le Gouvernement fit prendre des informations même auprès de l'ambassade. Il fut donc bien avéré que c'était une atroce calomnie. Cela même rendit notre Directeur actuel plus intéressant aux yeux des ministres qui le protègent. Mais comme ces bruits avaient passé par des bouches respectables l'affaire devenait délicate. On ne précipita rien et deux mois après le ministre du Trésor Royal, homme plein d'esprit et de zèle pour notre affaire<sup>(120)</sup>, calma les esprits et rassura toutes les consciences en prouvant que l'individu sur lequel on avait ces renseignements n'avait de rapport avec notre Directeur que par le nom qu'il avait reconnu que notre homme ne faisait point partie de la Convention Nationale. Ainsi personne n'eut tort, la similitude de nom emmena un dénouement aussi prompt qu'inspiré qui termina le mélodrame et renvoya tout le monde content excepté le D. Bazile qui alla se coucher avec un véritable accès de fièvre”.*

Tais conflitos poderiam provocar o aniquilamento da missão<sup>(121)</sup>. Felizmente os preparativos das solenidades da Aclamação e mais festejos vieram desanuviar um tanto a atmosfera graças a algumas encomendas aos artistas. Ocupados como estavam, deixaram de se espiolhar para mui oportunamente se consagrarem a outros afazeres. Junta Debret um apêndice à longa carta dirigida ao camarada Lafontaine, intitulada “*Suite de Nouvelles*”, em que descreve a animação de momento, com notícias mais interessantes: “*S. M. doit être Couronnée le 27 Nbre. Les esperances des habitants du Brésil vont enfin se réaliser, car les opinions se partagent entre le retour du Roy*

---

(120) Francisco Maria Targini, Diretor do Erário Régio.

(121) Os termos da carta muito se assemelham às denúncias do cônsul Maler ao governo de Luís XVIII. Também feria a tecla de que havia regicidas entre os componentes da Missão, por êle vista sob côres negras. A sua insistência no desagradável assunto provocou reparos do embaixador Duque de Luxemburgo, que lhe participou a resolução do ministério francês em não admitir hostilidades contra os artistas comissionados no Rio de Janeiro, enquanto falassem provas das alegações acêrca da conspiração por êles urdida contra o regime. Mais tarde, manifestou-se novamente consequência do desagrado oficial no destino de Maler em Port-au-Prince. Dada a parecença dos termos da carta com as denúncias do cônsul teria havido equívoco por parte de Debret, tendenciosamente informado pelas artimanhas do cônsul.

A conjectura é tanto mais admissível pela subseqüente atitude de Debret para com os seus companheiros, mormente os Taunays, de certo modo amistosa e, até, elogiosa, provável resultado do final esclarecimento de incidentes causadores de desconfianças entre oficiais do mesmo officio.

*au Portugal, ou son séjour au Brésil. Personne ne se détermine à prendre aucun parti pour former des grands établissements, les personnes qui ont suivi le Roy espèrent toujours au retour en Portugal ou elles ont laissé leur fortune et leurs propriétés. Les Brésiliens au contraire sentent que la residence du Roy serait un coup de fortune pour le pays qui a déjà l'avantage d'être élevé à l'Honneur du titre de Royaume Uni du Brésil ce qui lui donne des prerogatives pour le commerce et les manufactures dont il était privé comme colonie. Du reste aucun goût dominant comme Luxe que celui qu'ont apporté les portugais qui sont aux même dirigés par celui des anglais. En général très peu d'activité et point d'innovation. Comme on est habitué à savoir le prix de ce qu'on connaît aucun ouvrier oserait faire autrement. Les Brésiliens redouterait d'entreprendre de faire faire ou d'acheter quelque chose de nouveau. Il n'y a ici que les portugais militaires que ayaient idée de l'Europe et de ses avantages. Les Brésiliens en général préfèrent attendre l'arrivée des marchandises européennes pour acheter ce qui pourrait leur convenir que de se mêler d'en faire l'importation".*

Terminava as *Nouvelles* encarregando o camarada de transmitir seus cumprimentos ao Barão Gerard e aos arquitetos Percier e Fontaine, por si e por M. Grandjean de Montigny. Este começara *"d'assez beaux travaux dont les fondations sont à peine ouvertes"*, e aduziu um P. S., *"Alavoine a écrit à Taunay le sculpteur que M. Dédéban, Gay et un autre artiste se proposaient de venir ici. Je peut leur faire savoir qu'il ne faudrait que 24 heures de l'ardeur de notre soleil pour en faire trois fous. Je parle ici avec l'impartialité d'un bon camarade. Au reste qu'ils viennent. Je leur promets d'employer le crédit du Directeur pour les faire entrer a l'hôpital de suite"*.

A *"gens"* literária e artística não varia através dos séculos. Quem lê a carta no seu acervo de intrigas e mexericos, até, pensa que Schmidt estava presente. Tamanha mixórdia poderia também criar noção menos exata acerca de elementos do conjunto francês. A respeito escreveu Hipólito Taunay comentários, que de certo modo respondem às increpações de Debret, porta-voz de Lebreton: *"Peu de temps avant la mort du ministre auquel nous avions dû la protection immediate du roi, qui par lui-même est porté de bienveillance pour les étrangers, une academie des beaux-arts a été établie, mais sur le rapport passionné d'un Français qui en a été nommé le directeur (...)*



*plusieurs personnes ont dû lui savoir un gré infini de leur nomination, et d'autres se consoler de n'y avoir pas été agrégées*". Elegantemente não acentua Hipólito as queixas de sua família contra quem se levantara a ambição de um medíocre simulador de talento. O resultado não se fez esperar; insuficiente para o cargo de que se apossara preterindo artistas de real valor, acabou lamentavelmente Lebreton sem ter alcançado os proventos que esperava da sua aleivosia.

Os doestos de Debret inspirados por Lebreton contra os companheiros de viagem, são evidentemente injustos, só atribuíveis à ambição e rivalidades. Nicolau Antônio Taunay sempre causou a todos que com êle trataram a melhor das impressões. Viera por conta própria, pois somente um membro da "*Tribo T...*" recebeu subsídios do govêrno português. O chefe da família teve de pagar a sua passagem, a da mulher, a dos filhos e a de uma criada. De todos os componentes da missão artística Nicolau Antônio era o mais conhecido em França, talvez mais do que Grandjean, vantagem que auferia da idade e do fato de pertencer à família de consagrado nome nas Artes. O seu pai foi apreciado pintor da manufatura de Sèvres; seu irmão, Augusto Maria, ganhara o grande prêmio de escultura de Roma em 1792; além disso, era primo por afinidade do arquiteto Moitte, muito reputado no tempo do Império, construtor do arco de triunfo do Caroussel, onde Augusto Taunay esculpira o couraceiro que lhe fica num dos ângulos. Antes disso o mesmo artista fizera os baixos-relevos da fachada da colunata do Louvre. Nicolau Antônio, membro do Instituto, de volta à França, velho e economicamente prejudicado pelo govêrno luso, que nunca lhe pagou os quadros espalhados pelas paredes de S. Cristóvão, tais como "*Les Bergers d'Acadie*", retratos das Infantas e outros, viveu alguns anos ainda, modestamente, perdida a "vila" de Montmorency, que vendera para ir ao Brasil. E, se mais tarde sofreu momentâneo eclipse, depois de morto e algo esquecido, acompanhou o destino dos pintores do século 18, submetidos ao fluxo e refluxo da moda. Hoje em dia figura Nicolau Antônio entre os *Petits Maitres* da Escola Francesa daquela época, no mesmo plano dos Boilly, Debucourt, Vernets, Pillement, Isabey, Gerard e Hubert Robert, atingindo atualmente certas cenas campestres que pintou elevadíssimo preço em leilões. Não menos atraentes são as que pintou no Rio de Janeiro, como, por exemplo,

a vista da baía, doada ao Museu de Arte de S. Paulo pelo anti-quário Wildenstein, a qual nada fica a dever às suas melhores paisagens europeias.

Os demais parentes também impressionavam favoravelmente aos viajantes, que no Brasil tiveram oportunidade de se encontrar com êles. A Félix Emílio Taunay se deve o panorama do Rio de Janeiro exposto com grande sucesso em Paris, no sítio que ficou conhecido por *Passage des Panoramas*, organizados por um tal Prevost. No prefácio desse trabalho escrevia o comentador Hipólito Taunay: "*Le Brésil, dans ce qu'il a de plus beau, se développe sous les yeux des spectateurs*". Mais tarde o mesmo Félix Emílio pintou vários quadros históricos, foi professor da Escola de Belas-artes, diretor desse estabelecimento e um dos retratistas e preceptores de D. Pedro II. Com o seu irmão Teodoro escreveu as "*Idylles Brésiliennes*" e colaborou em jornais em prol de obras públicas e estabelecimentos culturais. O outro irmão, Adriano, pintor habilíssimo, um dos mais dotados dessa família de artistas, foi autor de um panorama de São Paulo e das magníficas ilustrações da viagem de circunavegação em que tomou parte. Segundo o seu sobrinho Visconde de Taunay, pai do historiador nosso contemporâneo, a coleção remetida ao museu do Hermitage em São Petersburgo, continha inúmeros trabalhos de sua lavra, alguns dos quais reproduzidos no atlas histórico de Freycinet sob o seu nome e outros sob o de confrades "*avançadores*". Adriano morreu trágicamente no Guaporé, na desastrada expedição do Cônsul Langsdorff, cujo nome parece lançar infelicidade sôbre si e sôbre os outros, como sucedeu com êle mesmo ensandecido no Mato Grosso, ou seus auxiliares e parentes, um dos quais suicidou-se no Uruguai depois de afundar por ordem do sandeu Hitler o couraçado de bôlso que comandava. Carlos Augusto Taunay, oficial do exército bonapartista, foi perseguido em França depois da queda do corso. Imigrado para o Brasil, ingressou no exército onde tomou parte nas campanhas da Bahia, Piauí e Maranhão. Tornou-se Cincinato à vida civil, escreveu o oportuníssimo *Manual do Agricultor*, e depois o *Guia de Petrópolis*, *Manual do Plantador de Algodão*, etc... Na qualidade de um dos mais operosos membros da Imperial Sociedade de Agricultura, esforçou-se por incentivar a imigração europeia e a extinção do regime servil através inúmeros artigos de imprensa. O irmão de Adriano, de nome Hipólito, fôra aluno de pintura de Vauquelin em Paris e conquanto "*fraco em re-*

tratos” como diz Ferdinand Denis, com êle colaborou nos seis volumes do *Brésil*. Finalmente, Augusto Maria Taunay, o su-  
pracitado irmão de Nicolau Antônio, recebeu prêmio para apri-  
morar os conhecimentos artísticos dos melhores alunos das  
Belas-artes de Paris, representado por um estágio em Roma,  
na Vila Médici. Deixamos de mencionar mais méritos dessa  
ilustre família, que teve a particularidade de se mostrar a mais  
“brasileira” da missão, lacuna causada pela absoluta impossi-  
bilidade de decifrar os apontamentos que sôbre os parentes nos  
ofereceu o Prof. Afonso d’Escragnolle Taunay, garranchos tão  
difíceis de entender que êle mesmo por fim não os compreendia.

Por sinal, que o apelido apostado ao de Nicolau Antônio no  
patronímico do egrégio mestre, merece menção por evocar  
outro nome notável nos fastos civis e militares brasileiros. Exi-  
lado o Conde d’Escragnolle, da França pela tormenta revolu-  
cionária, fêz parte da Legião de “*emigrés*”, a serviço de Portu-  
gal, com os Mortemart, Beaurepaire, Roquefeuil, Gestas, Ro-  
chechouart, Maler e outros, que aparecem na história do reinado  
de D. João VI no Brasil e em Portugal. A êle se refere Fer-  
dinand Denis, quando na cidade de Salvador narra à família  
os acontecimentos da revolução de 1817 em Pernambuco.  
Naquele tempo nosso grande amigo procurava meios de vida no  
Recôncavo, confiando no auxílio de um compatriota Mr. Plas-  
son, que não parecia muito propenso a torná-lo milionário.  
Pelo menos, é o que diz Ferdinand: “*Je suis plus convaincu  
que jamais, ce ne sont pas les richesses qui donnent la santé.  
Quoique je n’ai pas un sou dans la poche je me porte à mer-  
veille*”. Durante os inúmeros lazeres, desenhava, caçava ou  
tocava piano em casa do Cônsul Britânico. Naquela tranqüili-  
dade estourou a notícia dos acontecimentos de Pernambuco.  
A propósito do desenlace escrevia o jovem: “*un arc de triom-  
phe c’est élevé dans Bahia pour recevoir les illustres Bahianais  
qui ont pris part à la bataille de Pernambuco. On ne laisse  
dependent pas que d’être inquiet sur le sort du bâtiment qui  
porte ces nouveaux argaunantes. Ce vaisseau est presque pourri  
et on a pas eu de ses nouvelles depuis sa sortie de Pernambuc.  
Il y a quinze jours qu’il devrait être arrivé. On présume qu’une  
tempête l’aurait jeté sur Paraiba. Ce n’est qu’une conjecture  
sans appui. Le Général de Mello était embarqué sur ce vilain  
navire avec 700 hommes. Ce Général c’est battu contre les  
français, et jouit d’une grande reputation. Dieu veuille quil ne  
soit pas allé livrer bataille aux requins. Ces habitants des mers*

*sont plus terribles que ceux de Pernambouc. Si tu vois Mr. de St. Mars je te prie de me rappeler à son souvenir et de lui dire que le Comte d'Escragnolle, est, ou doit être aide de camp du Gouverneur de Pernambouc le General Rego''.*

Ao que parece a morte de Lebreton e a partida de Nicolau Antônio para a França apaziguaram os ânimos, absorvidos Debret e Ovide nas ocupações que tinham conseguido. Recebera também Grandjean gratificações pelos serviços que empreendera (2 contos de réis pagos pelo tesouro em 1820, equivalentes, segundo Pallière, a dez mil francos) e a família Taunay, que pouco ou nada recebera, via-se dispersa de cada lado do oceano como tantas daquela época, à procura de melhoria de vida numa quadra que muitos hoje imaginam amavelmente sentimental, exaltada, romântica, mas em realidade, particularmente ingrata a artistas. O que mais deve ter pungido aos da missão, era o espetáculo da inutilidade de esforços no sentido de melhorar o aspecto do Rio de Janeiro. Continuava-se a construção de mostrengos cuja vista era uma ofensa a seus olhos. Deviam curtir em silêncio a afronta, desanimados e conformados com a bruteza do meio. Nada conseguia demover mestres de obras portugas e seus clientes da senda em que antolhados percorriam. Faltavam encomendas aos componentes da missão, que lhes permitissem constituir termo de comparação entre edifícios de elegantes proporções e as abominações que em tôda parte se levantavam. Durante décadas e décadas continuou-se a construir fieiras de casas sem proporções, estilo ou sequer equilíbrio nos ornatos. Erros e faltas de gôsto perpetuavam-se a granel. Impávidos prosseguiram os construtores pelo século 19 afora com os seus abortos, inda depois que de São Paulo até o Prata — Santos excetuada, também submetida ao mau gôsto do luso imigrante — recorria-se por influência de italianos, espanhóis, alemães e outros, a estilos melhores, recomendáveis ao clima da latitude.

O crescente predomínio do comerciante capitalista português — a maior fôrça econômica da capital do país, que sòmente agora começou a arrefecer — impedia qualquer esperança de melhoria. Caracterizava-se a época pela ausência de indústria, assim como variedade de origem nos detentores do comércio, a praça completamente dominada pelo importador, atacadista e varejista oriundo dos mais atrasados lugarejos de Portugal, no meio dos quais se contavam inúmeros analfabetos,

cuja maior façanha em matéria de cultura fôra aprender a desenhar o nome. Era tão desmedido o poder daqueles indivíduos, unidos por vaidades e interêsses comuns, que a imprensa carioca, astuta farejadora de valôres sonantes, estabelecia como norma inflexível jornalística “*jámais melindrar clero, fôrças militares e, principalmente, a comunidade mercante lusa*”.

Os desenhos de Ender nos dão perfeitamente idéia da rústica singeleza de casas de ruas centrais, a alternar de quando em quando com construções maiores de berrante mau gôsto. Na rua do Lavradio, feudo do Cônego Roque Pais Leme; na Candelária reduto dos Carneiro Leão; na Lapa pertencente a Carvalho Monteiro; nos arredores de São Bento forados pelos beneditinos, multiplicavam-se horrores arquitetônicos. Debalde o viajante procuraria qualquer influência da missão destinada a fazer do Rio uma nova São Petersburgo nas fachadas que a sua vista descortinava do comêço ao fim das ruas. O que lhe era permitido contemplar não se avantajava ao pior do Pôrto ou de Lisboa, cidades consideradas, pelos próprios habitantes, como próximas das marroquinas<sup>(122)</sup>.

Nos reinados seguintes ainda piorou. Com a inflação da guerra do Paraguai, alastrou-se irrefreável a fachada de azulejos, provenientes no geral da cidade de Pôrto, azuis, rosa, roxo, verde ou amarelo, com cimalha ornada de compoteiras, portas e janelas com pesados caixilhos de madeira, enquadrados por granito rústico. Era o fiel espelho da incultura dos seus habitantes e do atraso que em tórno de si difundiam. Onde encontrar a elegância proporcionada pela simplicidade do Diretório e do Consulado quando os Ferrez, Taunay, Pradier, Grandjean e Debret na França e na Itália amadureciam o seu gôsto artístico? Em vão pesquisaria o forasteiro pela cidade afora, curioso por ver os resultados da permanência da missão na Guanabara, qual o fruto do ensino de mestres tão reputados. Não fôssem alguns desenhos e o monumental *Brésil Pittoresque*, precioso repositório de informações para a época, pouco restaria do conjunto em que o Conde da Barca depositara ilimitadas esperanças.

---

(122) A. Oliveira Martins, *História de Portugal*, II, Lisboa, 1880, págs. 182-3. A autoridade dêste historiador atualmente contestada pelos seus patrícios, é, no entanto, confirmada, no caso, por viajantes da época, mormente o autor desconhecido dos *Sketches of Portuguese Life*, da maior informação acêrca de portugueses sob D. João VI.

---

## RUAS E TRANSEUNTES

“Mistura luso-marroquina”.

ENCONTRARAM os desenhos e relatos de viajantes e artistas do comêço do século 19 presentes no Rio inesperada continuação em nossos dias pelo recém-aparecido acervo de Viena. Mais do que qualquer historiador do mesmo período, dão-nos dados fiéis e pormenorizados sôbre o que alcançaram ver e anotar nas ruas e nas casas, na capital e nas chácaras fluminenses. Senhores e escravos, embaixadas e choças, cenas do pôrto e do centro da cidade, sucedem-se com tal abundância, evocados pelo lápis de Ender, que fomos obrigados a reduzir nossos comentários tão-só aos principais assuntos indicados pelo pintor.

A profusão de desenhos demonstra que cedo se levantava o artista no casarão do Embaixador especial Conde de Elz, para sair à rua à caça de cenas da vida urbana. De volta de S. Paulo, enquanto os antigos companheiros prosseguiram na incursão por Minas, Bahia e norte do Brasil, dedicou-se Ender em tomar notas, que depois pensava aproveitar na confecção de um álbum. Precedido de dedicatória ao protetor Metternich, exhibiria aspetos brasileiros gravados pelos melhores profissionais de Viena, em formato in-fólio, sôbre bom papel, para gáudio da família Imperial e alta aristocracia, interessados em conhecer o Reino de que a Arquiduquesa Leopoldina se tornara herdeira. Infelizmente, dificuldades econômicas turbaram o projeto, postergada a realização para tempos melhores, que nunca vieram e atiraram com os desenhos no *Brasilien Kabinet* e depois no arquivo da *Akademie*, onde permaneceram em profundo sono que durou por mais de um século!

Antes da ida à Paulicéia não conseguira Ender dedicar-se como desejava, aos aspectos interessantes para os futuros adquirentes do álbum. Martius sôfrego por herborizar nos arredores do Rio, não lhe dava folga, ansioso por tudo catalogar, em constantes excursões, que, por vêzes, alcançavam bastante longe, além da fazenda *Mandioca* do Cônsul Langsdorff. Nas ruas do Rio de Janeiro encontraria agora assuntos mais interessantes do que na monótona seqüência de arraiais do vale do Paraíba, percorridos na ida e volta de São Paulo. Muito superior era a majestosa Guanabara, que êle não se cansava de observar em todos os ângulos, de terra; do mar, do alto de montanhas.

Até então estivera sob as ordens do chefe, desejo de que o pintor adjunto à expedição fixasse o *habitat* das plantas que recolhia. Ia Ender se dedicar daí por diante ao seu projeto, palmilhando ruas da cidade e terrenos baldios suburbanos com a desenvoltura de antigo *Schlamperei* da Imperial Viena, como no tempo em que, aluno de pintura de Moessmer e Steinfeld, ia quase diâriamente desenhar aspetos do Prater e das barrancas do Danúbio. Começou pelas paisagens de Botafogo, onde reproduz o casarão de D. Carlota Joaquina com o seu mirante na cumeira de alto telhado, seguido da residência do Barão Teille von Serskerken, ministro plenipotenciário da Rússia, substituído de Balk Poleff, que não pôde suportar a vizinhança da criadagem da rainha e teve de se mudar. Depois chegava a vez da Glória, dominada pela igreja do outeiro em meio das casas de artistas, fidalgos, e ricos mercadores inglêses. Ali moravam na encosta Mr. May, durante algum tempo Mr. Alexandre Crouthers e à beira-mar Mr. Fry e o Capitão Bridgeman, além de muitos outros por volta de 1817. No Flamengo, onde residiu o Hon. Mrs. Thornton, Encarregado de Negócios da Grã-Bretanha, sucessor de Strangford, também predominavam súditos britânicos, que tinham organizado um prado de corridas de cavalos na parte plana da enseada. Na volta para a cidade chegava Ender ao Passeio Público, de que nos dá vista confrangedora. Passara a moda da sua freqüência pelos habitantes remediados dos arredores, que ali faziam ponto de reunião em noites calmosas, amenizadas por modinhas e merendas ao ar livre. O repentino aumento de população e necessidades da mesma, que aproveitava o anoitecer para despejar no mar o vasilhame "*de la vidange*", como dizia uma francesa, empestava os ares nas proximidades do logradouro. A conseqüência fôra quedar-se aos poucos abandonado, os ornatos com que o enfeitara o mestre Valentim

vítimas de vandalismos e intempéries, os parapeitos em ruínas, o parque sem trato, apenas visto por algum estrangeiro atraído pelo panorama ali abrangido, ou prêtos aguadeiros à roda do menino-fonte com o seu dístico “*Sou útil inda brincando*”.

Continuando pela orla marítima, chegava Ender à Misericórdia; Santa Luzia; Ponta do Calabouço, praia de Dom Manuel, naquele tempo pôrto de gêneros que atravessavam a baía em canoas, saveiros e alvarengas; atividade descrita em um curioso desenho dêsse; passava depois defronte à ilha das Cobras e continuava a descer para o fundo do recôncavo, pela Prainha dos Mineiros, onde se armazenavam as mercadorias dos naturais daquela capitania. Prosseguindo, enveredava entre a alfândega e o Valonguinho, de onde ia ter ao sinistro entreposto de negros do Valongo, a seguir ao Trapiche de Antônio Leite, à Saúde, à Gamboa, até chegar ao Saco do Alferes, último bairro portuário da cidade. Na série paisagística, não enxertava o escrupuloso Ender frutos de sua imaginação. Cingia-se rigorosamente ao que via sem nada lhe acrescentar, segundo sua própria índole e talvez por recomendações dos dirigentes da missão científica. Através de pequenos indícios, podemos aquilatar-lhe essa fidelidade aos modelos. Não há, por exemplo, diferença entre o seu esboço da escuna *Monte de Ouro*, ancorada ao pé do arsenal e o desenho de Pellion do mesmo barco, ou iate recreativo para as excursões que D. João realizava pela baía. Em ambos lá está em forma de galera, todo enfeitado com molduras douradas que lhe valeram o nome, pouco antes restauradas nas oficinas da ilha das Cobras, onde Golovnin ainda viu restos de peças substituídas. A comparação entre um e outro documento, de autores completamente diversos, serve para certificar o cuidado de ambos em anotar sem alterações o que mais tarde, na Europa, lhes serviria para maiores desenhos. Nos esboços não falta sequer o estandarte de S. M., imenso retângulo branco com as armas reais douradas, a se arrastar na água no mesmo ponto do ancoradouro.

Vivendo no meio de compatriotas, escassas oportunidades encontraria Ender para praticar portugueses. Por sinal, vivia o elemento estrangeiro no Rio segregado dos lusos da cidade, fôsse pelo ciúme mourisco luso-brasillico, ou pelo misto de arrogância e provincianismo lisboeta da aristocracia, a um tempo néscia e presumida. Continuava o luso como no tempo de Clenardo e de Sassetti, empafioso, merecedor do que o florentino lhe



atribuída: “. . . gente que pouco sabe, e soberba em demasia: tão cabeçudos que ninguém os demove da opinião que tenham formado. Tudo sabem, tudo fazem, dêles tudo depende; não há terra no mundo como a sua”. Compunham, assim, os nobres agregados aos soberanos, de quem viviam e para quem viviam a casta alta funcionária, viveiro de cabos-de-guerra, governadores e vice-reis, numa reunião de clãs inteiramente dedicados ao serviço da monarquia. Porfiavam outrora, Sousa, Menezes, Barretos, Almeidas, Albuquerque, decantados pelos poetas que celebraram a epopéia do Oriente, na defesa do trono e do Império Português, mas no correr do tempo, de princípio esteios do governo, tornaram-se parasitas da coroa, empregados progressivamente em meras funções palacianas. O advento da realeza absoluta a partir do século 17 na França de Richelieu, sistematizada na Áustria sob Maria Teresa por um médico holandês, por sua vez copiada pelo Embaixador de D. João V e valido de D. José I, Sebastião de Carvalho e Melo, e por êle instilada em Portugal, despojou os grandes no reino das suas principais prerrogativas para transformá-los em funcionários próximos à condição de criados de libré.

No Rio de Janeiro êsses representantes da fidalguia decadente levantavam-se às nove horas, almoçavam às dez, iam ao meio-dia ao paço, fardavam-se às oito — hora do beija-mão — para entrar novamente de serviço no Paço. De volta à casa ceavam e eventualmente se preparavam para ir a alguma festa ou reunião. Segundo testemunho de estrangeiros, os representantes da elite carioca eram *“envieux a l'excès des talents des étrangers, la plupart de habitants de Rio de Janeiro saisissent volontiers les occasions que se presentent de leur témoigner, par toutes sortes de tracasseries, les sentiments de malveillance dont ils sont animés contre eux”*. Em se tratando de depoimento sobre o reinado de D. João VI, referia-se muito provavelmente a portugueses natos, pois, no momento, o séquito real e o comércio do Rio era composto quase todo de indivíduos dessa origem. Acresce o fato de êle aludir a *“tracasseries”* que só podiam ser exercidas por elementos do funcionalismo público gênero Marrocos. Encontramos a confirmação da nossa conjectura nos dizeres de um comerciante inglês da época: *“The fidalgos, and those who may be denominated the higher orders of society here, are in the knowledge and practice of civilized life. The pleasures and refinements of oficial intercourse are alike unknown to them: jealous of foreigners, their conduct*

*towards them is not marked by that attention or hospitality so conspicuous in other countries, where the cultivation of a liberal system of society prevails”.*

Não era apenas contra franceses, antigos inimigos, que se voltava o jacobinismo luso, também abrangia outras nacionalidades, inclusive a inglêses aliados. Convém, todavia, notar que quanto mais elevada a categoria do fidalgo menos prejuízo padeceria a sua mentalidade. Uma Duquesa de Cadaval, nascida em França, irmã do Duque de Luxemburgo, primeiro Embaixador francês no Rio de Janeiro, por certo não se divertiria em aborrecer conterrâneos na falta de melhor passatempo. O Grão-vizir de D. José I, cujo filho desempenhava funções de Camarista da Casa Real, era aparentado por afinidade com a melhor nobreza austríaca, assim como os mais ilustres Ministros de D. João VI, Conde de Linhares e de Palmela, tinham parentesco fora do reino. A grande nobreza se assemelhava aos representantes de grupos superiores hebraicos — com quem freqüentemente se mistura — igualmente internacional, poliglota e hábil em se aproveitar de esnobismos burgueses para melhorar de vida, se bem intransigente quando se trata de seus privilégios. Pôsto não sofresse dos mesmos prejuízos da nobreza secundária — patrioteira, nativista, avêssa a tudo que parecesse estrangeiro — impunha marcas de superioridade sôbre as demais classes da sociedade. Pertenciam-lhe, pela tradição monárquica, os maiores cargos da côrte, exército, clero, diplomacia e alta administração das colônias. Os mais cobiçados eram os que aproximavam da família real e davam direito a agaloar de ouro em Lisboa e no Rio de Janeiro as mangas dos lacaios. Os fidalgos de menos tomo, assim como burgueses recém-enobrecidos, só dispunham da escolha de librés mais simples, por onde na rua se lhes podia medir a importância.

Outros preconceitos eram por todos partilhados, por exemplo, não tolerar serviçais prêtos nos salões elegantes, em que só era permitida criadagem branca, insolente, exigente, aproveitadora, afligida dos defeitos dos amos, que copiavam, sem possuir as qualidades. O caso do mordomo de Marefoschi não era isolado num ambiente onde o europeu se considerava casta privilegiada, em meio de elementos de côr a constituir massa proletária. Nem a casa real escapava à insubordinação de indivíduos humildes no reino, insuportáveis no Rio, men-

cionados no epistolário de Marrocos no trecho relativo aos distúrbios provocados por José Lopes Saraiva entre a famulagem de D. Carlota Joaquina. Outro escândalo sucedeu promovido por “Três criados da Casa Real de que resultaram sérias desordens e ferimentos”, mencionava relatório de Paulo Fernandes. Todo branco se tornava nobre e se julgava senhor da terra ao transpor a linha equinocial, segundo já diziam autores quincentistas, vêzo que se perpetuava através dos séculos. Fácil aquilatar a atitude dos mais graduados, pelo que praticavam os mais ínfimos, a compor o que já não era a antiga sociedade e ainda não constituía a nova destinada a presidir os destinos do Brasil.

Soberanos e cortesãos procuravam debalde iludir-se, por não verem a realidade a prenunciar a separação dia a dia mais patente aos olhos do mais desprevenido. Nos acontecimentos que a partir de 1817 iam precipitar-se certos indícios anunciavam claramente o inevitável: idéias avançadas nos corifeus de novas levas sociais que despontavam como as difundidas pela maçonaria, partilhadas pela juventude na qual formava até o Príncipe Herdeiro, e, a crescente animosidade da burguesia nativa, composta de filhos de ricos mercadores na cidade e de senhores de engenho no Interior, contra os reinóis, “pela primeira vez considerados estrangeiros no Brasil”.

Ender não podia nas condições em que vivia entender a fatalidade e descrevê-la para os seus correspondentes em Viena. No momento ainda reinava na Guanabara, para observadores superficiais, o enlêvo pelos soberanos milagrosamente aportados na antiga colônia. Depois viria a reação, avêssa a maior parte desse organismo em voltar atrás, ao primitivo estado de cousas, na hora em que todo o continente de norte a sul sacudia antigos grilhões<sup>(123)</sup>. Assim sendo, ao artista só era dado perceber aspectos ao alcance de todos da sociedade carioca, de que um dos principais era a separação entre lusos e demais estrangeiros. A nobreza mantinha as práticas usuais no reino,

---

(123) Verificara Pallière a completa mudança dos espíritos durante sua viagem a S. Paulo e Minas: “*Je me suis aperçu dans le voyage que je fit dans l'intérieur du Brésil, tous les peuples sont sous les armes et on entend partout le chant national, comme on entendait en France “Allons enfants de la Patrie” en 1793. On nomme des députés, les Gouvernemens ne sont plus rien, on crie vive la patrie, à bas les abus, et on ne parle pas du Roi*”. Isto sucedia em 1821, verdadeiro triunfo da campanha envidada, entre outros, pela ativa maçonaria contra o regime absoluto, que encontrava no Brasil terreno propício para sua propaganda na repulsa à “recolonização”.

continuando o entrosamento de uniões matrimoniais entre aristocratas da mesma situação financeira, a fim de conservar o lustre dos brasões. “*Dinheiro e santidade, metade, metade*”, rezava velho prolóquio peninsular, pois só nobreza ou só dinheiro não apresentariam situação tão invejável quanto uma sábia mistura de ambos. Daí a procedência do brocardo seguido à risca pelos camaristas de S. M. os quais, de quando em quando, iam mais longe, ao condescender contrair matrimônio com mercadores excepcionalmente opulentos, no geral, tanto mais ricos como mais infamada lhes fôsse a origem. Não se alçara recentemente o Marquês de Pombal à mais alta nobreza lusa a poder de consórcios, dinheiro e valimento? Mas de modo geral, delimitadas pelo caso fortuito das necessidades, paravam as relações com as chamadas classes inferiores, ainda mais rigoroso com estrangeiros, agravado muitas vêzes pela sensação de inferioridade experimentada por fidalgotes perante ádvenas mais instruídos e apresentáveis em sociedade. O preconceito ia até a novos ricos como Joaquim de Azevedo, o qual relutava receber por genro o Barão de Neveu, Plenipotenciário da Áustria, e foi preciso que D. João lhe mostrasse as qualidades do pretendente, nada menos que primo do poderoso Metternich para o antigo môço do Paço aceitá-lo.

No acanhado e atrasadíssimo ambiente lisboeta, mais provinciano em Portugal que a cidade do Pôrto em contato com inglêses mercadores de vinhos, o estúpido Sicrano, filho do titular Fulano, que só entendia de corridas de touros, afigurava-se a um mercador partido matrimonial muito mais elevado que um diplomata. Acaso fôsse o taurômano parente de figurões locais... “*isto é que convém a minha filha*” exclamaria qualquer cavaleiro de Cristo de fresca data. “*Com o casamento poderá freqüentar até a côrte!*” Lembrava essa mentalidade os mercadores de Cuiabá encontrados por Luccock em Minas que só conheciam a existência de duas nações: Portugal e Espanha. Do mesmo modo pensavam os filhos de indivíduos de posses da sucursal de Lisboa chamada Rio de Janeiro depois da transferência da côrte, para os quais, segundo o rifão, “*O belo para o sapo é a sapa*”. Entretanto, como eram julgados por viajantes de passagem os portentos cegamente admirados pelos luso-cariocas? Uma francesa narra que durante sua estada no Rio, a despeito da posição social de seu marido, não teve oportunidade de freqüentar família alguma da aristocracia. Mas pelo que a seu respeito ouvira de diplomatas, a começar pelos

encantadores Sumter, imaginava tivessem costumes singulares, quando não desagradáveis: *“La saleté est générale et porté a son comble chez les Hidalgos (nobles). On m’a cité vingt traits à cet égard: je n’en rapporterai que deux; une dame noble portugaise, qui venait de prendre une femme de chambre française, faillit la mettre à la porte parce qu’elle lui offrait un vase pour se laver les mains. Elle lui dit fort en colère, qu’une personne de sa qualité, n’avait jamais besoin de se laver les mains, parce qu’elle ne touchait rien de malpropre et que c’était bon pour le peuple et les domestiques de se laver! A l’une des personnes des plus puissantes du royaume il vint un mal assez grave à la jambe. Plusieurs médecins portugais, après avoir épuisé leur savoir sans produire aucun effet, furent remplacés par un ecclésiastique français qui se mêlait un peu de médecine et surtout de guérir les plaies. Il engagea l’illustre personnage à laver sa jambe. On eut beaucoup de peine à l’y décider, ce remède paraissant extraordinaire. Il réussit, et, moyennant quelque bagatelles pour fermer la plaie, de mal disparut en quelques jours. Mas une fois guérie, on cessa de laver la jambe et le mal reparut. Le moine fut alors rappelé. Il recommanda le même remède, qui parut si désagréable qu’on envoya promener ce docteur avec ses singuliers remèdes. Et, au moment où nous étions à Rio, le grand personnage ne pouvait encore sortir immobilisé par ce même mal à la jambe. Dans les maisons que je fréquentais au Brésil, je n’eus aucune occasion de voir des Portugaises. Elles ne peuvent sortir de chez elles que pour aller à l’église; aussi y vont elles souvent. Il semble du reste que l’église se prête à leur donner de fréquentes occasions, car il y a des fêtes presque tous les jours, surtout le soir. Les femmes se parent alors suivant l’importance de la fête”.*

Os seus dizeres correspondem, excetuada a parte referente a D. João VI, aos de Laura Permon, espôsa de Junot, a respeito de dama da mais alta hierarquia lisboeta refugiada em Paris depois da derrota dos franceses na península. Provavelmente aludia à Condessa da Ega, da fração afrancesada de Portugal, obrigada a abandonar o seu palácio acima da Junqueira e acompanhar os exércitos invasores em retirada. Era “*charmante*”, diz Madame d’Abrantes, provida de linda cabeleira loira, a qual teve, no entanto, de sacrificar, pois, estava de tal modo infectada de sevandijas que o cabeleireiro receava transmiti-los às demais clientes. Nas mesmas condições chegaram ao Rio de Janeiro as damas do séquito real, obrigadas

a permanecer durante algum tempo de cabeça rapada, parecida com as revolucionárias francesas quando se apresentavam em Paris penteadas “à la Titus”.

Os *Sketches of Portuguese Life* trazem no início da sua descrição da vida lisboeta da mesma época estampa em que se vê numa sacada mulher da burguesia atarefadíssima em espiolhar uma parenta. A alusão da francesa à sujidade das damas da côrte seria, assim, talvez procedente, se bem recebessem as camaristas da Real Casa, ao chegar no Rio de Janeiro, lições de asseio por parte da população carioca, as quais poderiam beneficiar até a franceses. O hábito de banhos frequentes era comum na antiga colônia, de modo a haver sempre nas melhores casas uma espécie de estabelecimento balneário no quintal, para uso dos donos. O desenho de Ender anexo nos reproduz um dêles no jardim do casarão do Estácio onde se aboletara o Conde de Elz. Os que não podiam desfrutar tanto requinte, contentavam-se com as bacias de cobre, deslumbrantemente areadas, em que tôda tarde tomavam o seu banho quente. Começava ao anoitecer, na cidade ou nas fazendas, o azafamado desfile das mucamas e moleques a carrear água da cozinha para os quartos, a fim de que os senhores realizassem as suas habituais abluções. O hábito remontava longe, impôsto pelo clima litorâneo e talvez demonstrasse influência hebraica nos hábitos da sociedade por causa das prescrições dos sábados<sup>(124)</sup>.

Tanto asseio escandalizava o francês M. Gaynard, que a respeito das mães brasileiras escrevia com grande dose de asneirice: “*Si l’aptitude à devenir mères est plus hative chez les femmes du Brésil, elles sont au contraire en général moins fécondes que dans les climats, tempérés d’Europe. L’usage quotidien des bains tièdes et une extreme propension à l’amour physique (sic), les énervent: d’ailleurs l’état habituel de transpiration où les tient la haute température de l’athmosphère est bien peu favorable à la conception. Les mêmes causes déterminent la mollesse des organes, rendent les accouchements plus faciles; et par une consequence naturelle; l’hémorragie utérine est plus dangereuse et a souvent des suites funestes*”. Impossível reunir tanta bobagem em tão pouco espaço como as do membro da mesma expedição a que pertencia a francesa nossa benévola informante.

---

(124) V. do autor, *A Bahia e as Capitânicas do Centro do Brasil*, III, 202.

Ainda menos procedente seria a outra informação que ela nos oferece a respeito da perna de D. João VI. A moléstia que affligiu no Rio o Príncipe Regente, prestou-se a tôda sorte de lendas gostosamente aceitas e propaladas por autores como Tobias Monteiro, que chegou a atribuí-la, baseado em suspei-tíssimo depoimento de Henderson, à ferroada de irreverente carrapato. A realidade é muito diversa. Estava o temperamento sanguíneo de D. João sujeito a crises de erisipela de caráter crônico, e ao chegar de Lisboa ao Rio de Janeiro, já trazia o Príncipe o incômodo. Invalida a versão de Tobias Monteiro, de que o Regente mandara fazer à beira-mar um engradado ou cocho para tomar banhos, por temer caranguejos, muito capazes de repetir a façanha dos outros bicharocos... Mais certo seria admitir o cocho como expediente usual no reino para banhos durante o verão como era comum no Tejo, defronte a Lisboa e mais tarde em Botafogo no Rio, segundo o Prof. João Marinho chegou a conhecer. Infelizmente êsses pormenores são assunto em extremo sedutor para jornalistas de sensacionalismo — a pior espécie de jornalismo — que teimosamente perpetuaram histórias como a do carrapato; a lenda da gula de D. João e depravação de D. Carlota Joaquina.

Entretanto, pouco se molestavam os estrangeiros grados de passagem pelo Rio da inospitalidade portugueza, mantendo entre si exemplar cordialidade. Velhas quizílias, antigos choques nacionalísticos, rivalidades e competições europeias, desappareciam no ambiente carioca numa sucessão de reuniões, festas e tertúlias. Num dia havia excursão à Tijuca, na quinta da Condessa de Roquefeuil, em outro grande almôço na chácara do seu sobrinho Conde Aymar de Gestas ou em casa dos Sumter; a seguir, baile promovido por alguma embaixada para homenagear divisão naval em visita, ou banquete e danças a bordo de vasos de guerra em retribuição à precedente homenagem, terminada a semana numa visita à fazenda Mandioca do Cônsul Langsdorff, competidor da Condessa fazendeira em obsequiar estrangeiros. Destacava-se entre os britânicos a chácara de Sir James Gambier, *“distant from the city about three miles, and most admirably situate, close to the sea, amidst groves of cocoa and mango trees”*, apud o cronista da embaixada anglo-persa de passagem em 1810 pelo Rio de Janeiro. Nessa atividade festiva o elemento luso brilhava pela ausência, por sinal, raramente notada. O depoimento de Golovnin é um dos muitos a respeito, quando noticia a amabilidade dos co-

mandantes de duas fragatas austríacas, em que pouco antes tinham chegado Ender e companheiros, surtas no pôrto, os quais se prontificaram em auxiliá-lo no que necessitasse.

Continuaram as gentilezas nos passeios de praxe na cidade, consistentes naquele momento pela visita a alguns pontos pitorescos; mais a obrigatória audiência de D. João em São Cristóvão e incursão no Valongo, sinistro mercado de prêtos, os quais pelo aspecto de tórva aglomeração constituía monstruoso espetáculo. Foram também excursionar até a cascata grande da Tijuca, no Sítio do Conde de Gestas, parente e administrador da Condessa de Roquefeuil, onde almoçaram. Não menos gentis se mostraram os norte-americanos. Veio o comandante da corveta dessa nacionalidade, presente no estuário, cumprimentar Golovnin e convidá-lo para almoçar em companhia dos Sumter. No ágape havia convivas pertencentes a nove nacionalidades — russos, norte-americanos, ingleses, austríacos, holandeses, *“italianos do papa”*, venezianos, ilírios e franceses, *“mas não havia portugueses nem brasileiros, donos daquele país”*, escreve o comandante moscovita e acrescenta: *“Encontrei também no Rio de Janeiro uma senhora de origem tcheca, esposa de um cientista austriaco, que tinha chegado há pouco tempo. Essa pessoa morava muito tempo em Moscou quando fôra governante de uma família da alta nobreza e falava russo fluentemente. Era agradável encontrar tão longe da pátria gente que conhecia e falava russo, língua tão pouco conhecida nos países estrangeiros”*.

Coisa semelhante também dizia a senhora francesa companheira de seu marido na expedição científica já algumas vezes citada. Como de costume receberam a bordo visitas de ingleses e outros comandantes de navios e foram excursionar no sítio da Condessa de Roquefeuil. No passeio iam senhoras de várias nacionalidades, inclusive a Sra. Sumter e a do Ministro Plenipotenciário da Holanda, e como de costume lá almoçaram. No Rio visitou a dama francesa uma espanhola. Madame Gi. . . , para a qual tinha uma carta de recomendação, visita efetuada graças à carruagem que os Sumter amavelmente lhe emprestaram. Jantou depois em casa do Abade Boiret, professor dos infantes e capelão de Madame de Roquefeuil a quem ajudava a manter ordem e disciplina entre os escravos, através de bons exemplos e de educação religiosa. No dia seguinte o espôso da nossa informante almoçou em casa do



Ministro da Prússia, o Conde Flemming, muito amigo dos austríacos, em que figurava Ender, refeição onde se contavam agentes diplomáticos então no Rio de Janeiro, a saber: Marquês de Grimaldi, representante da Sardenha; dal Borgo di Primo, da Dinamarca; Barão de Mollerus, da Holanda; Marquês de Casa Irujo, da Espanha, etc. . . . Nos outros dias da permanência no Rio, jantavam com o Conde d'Escragnoille ou com o Abade Boiret, que oferecia a compatriotas excelente cozinha. Entre as excursões figurava visita ao General Hogendorp, fiel sequaz de Napoleão, o qual, como bom holandês, fabricava vinho de laranja e manteiga, coisa rara de se encontrar na Capital do Reino Unido, além de possuir alguns milhares de pés de café. Este ilustre guerreiro servira com fidelidade ao Corso, que o mencionou no testamento de Santa Helena, depois de ter servido Frederico o Grande na Prússia, onde desposara uma nobre alemã. Antigo governador de Vilna o veterano recebia também visitas no seu eremitério do Corcovado, das quais as mais lisonjeiras tinham sido a do sábio von Martius e a do Príncipe Herdeiro D. Pedro, e a mais dramática a do Almirante francês Jurien de La Gravière.

No tempo em que governara Java, socorrera Hogendorp ao jovem "*enseigne de vaisseau*", que lá aparecera partidário de Luís XVI, num navio cuja tripulação se revoltara. Ao chegar vinte e cinco anos depois ao Rio de Janeiro, no vaso de guerra *Le Colosse*, festejado pela colônia francesa, solícita em homenagear um Almirante de Luís XVIII, veio a saber La Gravière no decurso de banquete, a existência num desvão carioca, de antigo general de Bonaparte, a respeito de quem circulavam os mais diversos rumôres na França e no Brasil. Propalava-se que saqueara um banco na desordem dos últimos dias do Império e fugira com o dinheiro para o Rio, onde possuía vasta fazenda cultivada por trezentos negros. Outras informações mais graves emanavam de agentes oficiais de S. M. Cristianíssima e do Regente da Grã-Bretanha, suspeitosos das razões que levavam o oficial do exército napoleônico a escolher tal sítio para descansar.

O Almirante, alheio aos dizeres, foi ter com o eremita do Corcovado, efetivamente adepto do Imperador mas em condições de quase pobreza, a desmentir pela mediania as lendas que sôbre êle pairavam na Europa. Cortêsmente recebeu La Gravière, que mais tarde se recusou endossar as desconfianças do Cônsul Maler e colegas ingleses, e apoiar os relatórios que

provocariam por parte do govêrno francês pedido de expulsão do indesejável. Os receios dos governos europeus autorizavam a medida, pois, boatos e mais boatos se sucediam com anúncios de tentativas bonapartistas para libertar o ídolo caído. Um autor francês, Mellon, reproduz o que então se afirmava: *"Tout autour de l'Atlantique, les fidèles du grand Empereur sont éparpillés, véritable chaines d'hommes devoués, prêts a subtiliser le "petit caporal" à la moindre faute d'attention des gardes chiourmes d'Hudson Lowe et à le faire disparaître, en retraites sûres en asiles impénétrables, l'emmener en tout lieu où Sa Majesté jugera bom d'aller. Le rêve de l'île d'Aix, s'en aller vivre libre en Amérique sous le nom de l'aide de camp tué en le couvrant de son corps, le brave colonel Muiron, fut à diverses reprises présenté a nouveau à l'exilé de Longwood comme une réalité possible. Toujours il a refusé, craignant un piège ou se sentant trop gravement touché dans sa santé pour reprendre le cours de son fabuleux destin. De tous les irréconciliables, à part la suite que le "général Bonaparte" a été autorisé à emmener à Saint Hélène, c'est Hogendorp qui c'est rapproché le plus de l'île maudite, à l'entrée de ce port de Rio où les coureurs de mer aux allures furtives viennent prendre leurs derniers ordres et faire ultime escale avant de risquer l'aventure.*

*"Le surlendemain de la mort de Napoleón, la première lettre qu'écrira Hudson Lowe sera pour aviser ses agents de Rio que les tentatives des "misérables" sont désormais sans objet".*

A conjectura não é desarrazoada. Por que teria Hogendorp escolhido a longínqua capital do Reino Unido para aí se estabelecer? Desejo de se distanciar de inimigos odiosos? Reminiscências da natureza de Java onde passara a mocidade? Esperança na conhecida magnanimidade de D. João, o qual, se bem fortemente incomodado pela sua presença, nunca o molestou, conhecida a solícita maneira com que tôda a família real bragantina socorria a infelizes estrangeiros? Não deixa, todavia, de ser estranha a preferência do general por um sítio onde não tinha raízes, nem motivo plausível para justificar a sua presença em meio de antigos inimigos, no pôrto mais próximo de Santa Helena. Aí fica mais um mistério dos muitos daquela turbada época<sup>(125)</sup>.

(125) Sôbre Hogendorp no Rio de Janeiro a mais extensa e melhor notícia é a de Theodor von Leithold *"Meine Ausflucht nach Brasilien"*, págs. 164-170, que nos parece de muito preferível à demasiado fantasiosa de Arago. Consultar, também, de T. von Leithold e L. von Rango, *O Rio de Janeiro visto por dois prussianos em 1819*, pp. 79 e segs., col. Brasileira, vol. 328, Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1966.

Mas os rumôres de conluio e a presença de cúmplices de Bonaparte não conseguiam empanar o brilho dos divertimentos de seus adversários no Rio de Janeiro. Entre as muitas festas oferecidas à oficialidade de navios de guerra em visita, além da particularmente suntuosa do Embaixador britânico, de que fala Marrocos, muito se comentou a do Cônsul Langsdorff na chácara do Rio por ocasião da chegada de Golovnin. Pelas suas relações oficiais e particulares com elementos de várias nacionalidades, êle mesmo, alemão a serviço do Tzar, reuniu num baile russos, prussianos, austríacos, inglêses, franceses, espanhóis, portuguezes e... brasileiros. Ao lado de oficiais do *Áustria* ou *Augusta* podia-se ver a filha do Cônsul Chamberlain com seu noivo oficial da marinha britânica, perto de titulares lusos e a raridade em festas oficiais, de algum argentário carioca. Entretanto, o que os boatos não alcançaram foi conseguido pelo indiscreto pernillongo, que em grande número, correu atraído pelas luzes. Insetos voracíssimos, picavam cruelmente os presentes, as damas nos decotes e os homens através das meias de sêda nas pernas, pois tinham comparecido vestidos de calções curtos e calçados com peais de fivela, que eram baixos e abertos.

Perdurava, porém de modo geral, desconfiança entre portuguezes e estrangeiros, consideradas excepcionais a presença de titulares da côrte a recepções como as que Sydney Smith ofereceu à família real na então Braganza, ou Armação de São Domingos, na atual Niterói, ou de Embaixadores onde se admiravam gregos e troianos. Só em excepcionais ocasiões isto acontecia, continuando a separação, causa de haver tão poucos depoimentos a respeito do modo de vida das altas classes sob D. João VI no Rio. Para um artista como Ender, algo afastado de festas aristocráticas pelas suas ocupações, o acesso junto de portuguezes se tornou ainda mais custoso que o de estrangeiros de passagem revestidos de cargos oficiais. No entanto, poderia ter sabido de alguns pormenores da sua intimidade pelo Ministro Neveu, o qual, quando noivo de uma filha de Joaquim de Azevedo, então Visconde do Rio Sêco, diàriamente a visitava na casa dos futuros sogros. Mesmo sem ser em caráter de confidências havia de ouvir algum reparo provocado pela diferença de usos e costumes entre lusos e outros europeus, pôsto, na sua autobiografia, nada diga a respeito senão queixas contra o clima. Felizmente a simplicidade

de mestiços e negros forros deu ensejo ao pintor, não sabemos se a poder de sinais ou da comunicativa correspondência de que a mocidade possui segrêdo, para conhecer a vida das classes menos favorecidas.

Ademais, obtive melhora na saúde depois dos dois banhos que tomou numa excursão na Serra dos Órgãos, milagre parecido com o alcançado pela Condessa Golovnin quando proporcionou um à filha no trajeto entre a França e Rússia, com efeito tão benéfico que a salvou da morte. Na viagem a São Paulo visitara Ender em N. Sra. da Aparecida a choça de caboclos, de que nos deixou cuidadoso relato em desenho. É dos raros do gênero conhecidos na iconografia geral brasileira, pois antes só se sabia da estampa de viagem de circunavegação do mundo de Langsdorff, realizada em 1803, onde consta o interior de cabana provavelmente nos arredores do Rio de Janeiro, ou de litografias, de Debret sôbre o mesmo assunto. Igualmente interessantes e da maior utilidade para o estudioso da história das comunicações no Brasil, são os de ranchos de tropeiros de que Ender tratou exaustivamente, porém êstes também foram reproduzidos por outros desenhistas europeus, ao passo que desenhos de lares proletários devem ser raríssimos, pelo fato de não interessarem a ilustradores de expedições que nos visitaram. Do Rio o vienense reproduz vários de pretas e mestiças, doceiras ou costureiras, em que as vemos sentadas no chão em meio de sumária mobília, composta de mochos, bancos de pau, arca também de madeira para guardar trastes na falta de armários, mui pouco usados, rêdes para dormir ou catres cobertos de couro para o mesmo fim, os quais eram mais comuns nas cidades. De mistura, vemos nos interiores proletários de Ender relativos ao Rio, cadeiras de assento e encôsto de sola e pregaria, evidentemente do fim do século 17 ou comêço do 18, que por constituírem refugio — bons tempos aquêles! — tinham encalhado no tugúrio de pretas. Junto ocorre o contraste de uma mesa leve de linhas modernas — entenda-se Sheraton — que então deviam ser encontradas em tôda parte, pois todo móvel nôvo era copiado pelos marceneiros locais, feitos com madeira superior à do modêlo, dependente o preço unicamente de maior ou menor número de enfeites<sup>(126)</sup>.

---

(126) Leithold se refere a um tal Roche, banqueiro, possuidor de casas bem montadas e bem "guarnecidas". Resta saber se o nome está certo: "*Die Zimmer in seinen Hausern sind sehr schoen dekorirt und moebliert und zul seinem Vergnuegen haelt er sich vier Maitressen*"...

Das mobílias que para isso poderia servir, seria justamente a do Gross Botschafter Conde de Elz, de que Ender, ao passar do proletário ao altíssimamente graduado personagem da côrte, anotou os salões e o gabinete de trabalho. Iniciara-se a importação em larga escala de objetos europeus, naturalmente de preferência inglêses por pagarem menos direitos alfandegários. Acrescia, ainda, para o seu predomínio na moda o prestígio da Inglaterra vitoriosa e estreitamente ligada por negócios e tradições a Portugal. Procuravam, entretanto, os franceses imiscuir-se no mercado, depois das pazes por êles celebradas com o resto do mundo. Escrevia sôbre o assunto um viajante: *“L’ameublement et le décor des maisons se rapprochent beaucoup des modes européennes: ils consistent en meubles, rideaux, corniches, etc. etc., en peintures de mauvais goût, en dorures mais en petite quantité; on n’y voit point de chambranles de cheminé; rarement des teintures, à moins qu’elles ne soient en papier, dont on a commencé à faire usage depuis que la France en envoyer à bas prix. Quoiqu’on ai ici beaucoup de nos meubles, la plupart y sont encore inconnus. Presque tous les gens du commun se servent d’une espèce de canapé appelé Marquesa. Le pauvres recouvrent de bois ou en cuir; les gens aisés, en rotin ou en marroquin: c’est un siège le jour et un lit le soir. On a peu de fauteuils et de tapis, mais beaucoup de lits de camp, des nattes, sur lesquelles les femmes des classes inférieures s’asseyent, et des tabourets assez élevés appelés mochos”*. Pallière no afã de tudo deprimir, como bom francês do período napoleônico, acompanha os reparos do viajante e não fala nas cadeiras, arcos, mesas, armários, biombos, caixas etc., do Extremo Oriente, móveis ornados com marfim e madrepêrola, e os de charão prêto e ouro, ou policrômicos, bastante comuns nas casas portuguêsas, que tantos funcionários notáveis pela rapacidade tinham enviado das feitorias de Goa, Macau ou Timor. Conclui o viajante seu conterrâneo dizendo que os marceneiros locais faziam móveis geralmente guarnecidos com embutidos de mau gôsto<sup>(127)</sup>.

---

(127) No seu *Diário Intimo* escreve Pallière a respeito dos aposentos de um personagem carioca: *“La manière indifferente avec laquelle j’ai remarqué que l’on construit les maisons et en même temps tout le reste. Je n’ai vu ni la recherche du gracieux ni de l’utile, et je dirait même, du nécessaire à peine si les mêmes maisons sont fermées. Les trois quarts des maisons même à Rio de J. sont sans vitres, mais elles ne sont pas sans rottes, espèce de grille en bois, voyez mon dessin n. il vous donnera une idée de ce goût de voir sans être vu. Il est vrai que c’est en général si sale dans un interieur, qu’il font bien d’avoir honte et de se cacher. J’ai connu un M... assez longtemps, toujours mis avec une recherche et une*

Esse elemento plástico era acentuadamente inglês — Shepton ou Hepplewhite — estilos incomparavelmente superiores em leveza e elegância aos horríveis móveis Império e Restauração que no momento assolavam Paris, por sinal, admirados pela côrte joanina, estilos que hoje os próprios franceses, a despeito do seu incurável nacionalismo, abominam. As madeiras mais empregadas no Brasil eram jacarandá; caviúna para leitos, cômodas e cadeiras; óleo para poltronas e marquesas, e vinhático para mesas “*de sala de jantar*”. Também esta essência era empregada para fôrro de gavetas, antes que o seu progressivo desaparecimento obrigasse os modernos marceneiros a recorrer ao cedro e pinho muito inferiores em qualidade. Dá-nos impressão o exposto de que eram as casas no período anterior à chegada de D. João, mobiliadas muito mais de acôrdo com o clima e necessidades da população, que depois da chegada da côrte com o seu cortejo de *snoobs*. Imaginem “*des chambranles de cheminé*” no Rio de Janeiro! Basta a lembrança de semelhante cousa nas margens da Guanabara nos meses de janeiro a maio e de outubro a janeiro, para nos fazer transpirar!

Uma cousa que o viajante não sabia é que as marquesas também serviam para a *toilette* dos defuntos, por não terem travessas dos lados, e, assim, facilitavam os movimentos dos encarregados da fúnebre operação. Não alude, tampouco, à quantidade de singelas porcelanas azuis em mor parte proveni-

---

*élegance extrême. Je fus un jour obligé d'aller chez lui, il avait une de ces chambres à Rotte (rótula), et dans l'intérieur de la pièce était une marquise (canapé) sans matelas, une natte, dessus la natte deux draps de toile de coton, et traversin de toile rose avec de grandes garnitures transparentes, et le restant de l'ameublement était deux chaises et une petite table avec un encrier fait d'une petite bouteille et des plumes et beaucoup pétitions tant pour lui que pour les autres. Ici chacun est censé de savoir faire de pétition et stôt que le G...t vient de vous accorder quelque grâce, on achète du papier, pour demander autre chose. Je vis ainsi un chapeau à corne à un clou et deux chemises sur une petite planche. Dans l'alcove ou il n'y avait pas de lit parceque la marquise servait de chaise quand il venait du monde et de lit en y mettant cette natte. L'alcove était aussi garnie de quelques saints gravés et collé avec des pains à cacheter. Voilà l'intérieurs général des habitations des villes. Je laisse à penser comment doivent étre les campagnes. Elles ne sont pas pire, vous n'y trouvez plus de marquises ni de chaises, mais toujours la natte par terre, et un ou 2 tabourets. J'avais oublié de dire que tel pauvres qu'il puissent étre ils ont toujours une mandoline ou guitare et une grande capote et ils prennent tout de soin à cacher leur chez eux, à bien dire je n'ai point encore vu ni ici ni en Portugal ceux que l'on dit riches. Voilà le luxe que j'ai vu chez ceux qu'on appelle riches; une grande quantité de chaises toutes pareilles et en jonc (com assento de palhinha) et le canapé. Pas de tableaux ni de gravures, ni de tapis si se n'est de paille, point de glaces, et s'il y a une elle est ronde... Les Palais du Roi sont tout aussi ridicules que les maisons des particuliers. La galerie de S. M. le roi du Portugal où les pretendantes vont lui laisser les pétitions est remplie de tableaux les uns plus ridicules que les autres". Estes flagrantes de Pallière são tão saborosos e indubitavelmente verídicos que não nos furtamos à tentação de aquil os reproduzir.*

entes de Macau, outrora consideradas secundárias por terem passado de moda e sofrerem a vitoriosa competição de manufaturas inglêsas adotadas pela casa real. Assinadas Jacob Petit e outras firmas da região parisiense, figuravam nas casas burguesas e nos altares das capelas onde os fiéis costumavam ofertar flôres aos santos de sua devoção. São encantadoras com pinturas e graciosos dourados em jarras, vasos, jardineiras, estatuetas e aparelhos de mesa, que bem desejaríamos atualmente possuir como se fôsem jóias preciosas, tornadas, porém, inacháveis. A pesada mão de escravos descuidados e a displicência de senhores indiferentes ao belo se encarregaram de transformá-las em supinas raridades.

A informação do viajante é de 1817, quando os benefícios da paz geral favoreciam o comércio a despeito de tratados e de preferências oficiais. Desenvolvia-se o gôsto do luxo entre brasileiros, de quem Martius, chefe e cronista da missão em que viajava Ender, escrevia: *“A concessão de títulos e cargos pelo rei atraía alguns à capital, onde assimilavam o modo de vida do europeu e influíram sôbre as classes populares. Os habitantes das capitanias afastadas também se acostumavam a considerar o Rio como capital, que visitavam para tratar de negócios ou por curiosidade, passando a adotar os costumes e modos de ver dos europeus”*. Em uma palavra, resumido o que êle queria exprimir, cada vez mais nitidamente se manifestavam os efeitos da centralização política, obrigando os habitantes das capitanias antigamente dispersos — alguns, como os do extremo Norte, na Região Amazônica inclusive Maranhão, mais em contato com Lisboa do que Rio de Janeiro — rumarem para o centro carioca da administração pública.

As principais inovações manifestadas na capital a partir do grande impulso dado ao luxo pelo casamento de D. Pedro, consistiam em carruagens, espelhos, lustres e pianos. Constava nas incumbências da Embaixada Especial negociar tratados de comércio favoráveis ao intercâmbio econômico entre o Reino Unido e a Áustria. Não tardou a verificar o infeliz von Elz que só lograria o escopo se pudesse apresentar condições mais vantajosas que as oferecidas pela Grã-Bretanha e garantir ao Brasil a continuação do caudal de negros indispensáveis à lavoura a despeito do cruzeiro inglês. Fora disso era inútil qualquer tentativa. O significativo diálogo entre Gladstone e o negreiro norte-americano José Cliffe, naturalizado brasileiro,

que reproduzimos em outro trabalho<sup>(128)</sup>, esclarece por completo a atitude da “*foreign policy*” dos insulares, em que não intervínham apenas razões humanitárias.

Do surto do café e outros gêneros a desenvolver a prosperidade brasileira graças à franquia do comércio, manavam proventos que permitiam sustentar a côrte e custear as guerras do Sul. O destino nesse ponto mostrou-se amigo de D. João VI, quando generosamente lhe proporcionou imediato resultado da abertura dos portos. Nunca simples penada em baixo de um decreto trouxe mais prodigiosa transfiguração que a sucedida no Brasil depois de 1808. O afluxo contínuo de navios, comerciantes, fazendeiros, capitalistas, artífices, cientistas, artistas e mais elementos depois dessa data, em pouco compunham uma nação onde pouco antes dormitava organismo sufocado por proteccionismo metropolitano. Até então, vegetara a mirrada comunidade de brancos do Rio no maior primitivismo; os interiores mais “*fashionables*” como diziam os inglêses, mobilados principalmente por pesados sofás de forma antiga, e cadeiras pintadas de branco e vermelho, com flôres como as mobílias campesinas do Minho e do Além Tejo. As mulheres sentavam no chão em esteiras, mais por hábito tradicional, que motivo peculiar ao sítio. O costume, considerado de origem semita, era simultâneamente praticado nas Espanhas e nos seus domínios ultramarinos, das mais altas classes às mais ínfimas, da côrte a acampamento de ciganos. Os enfeites para fins decorativos consistiam quase exclusivamente em imagens sacras, dependuradas nas paredes ou espalhadas por mesinhas de encosto, consolos, mísolas, etc. . . . Os leitos, apesar de antiquados, chegavam às vêzes, em residências de personagens, a suntuosos, com altas colunas para sustento de véus contra mosquitos e duro colchão — o mais condizente com o clima — e lençóis de linho, agradáveis no calor, de boa qualidade, “*excellent sheets*”, comentavam inglêses. Mas onde a rudeza do meio surgia em todo seu horror era na cozinha. Comia-se mal com a agravante de passadio impróprio ao clima. A ausência de manteiga fresca impossibilitava boa pastelaria e inúmeros pratos usuais europeus. Carne-sêca, porém cheia de sebo,

---

(128) “*As Relações entre a Bahia e o Daomé*”, in vol. V da ed. especial comemorativa do IV Centenário da Bahia, na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro ou *O Brasil e o Colonialismo Europeu*, Editora Nacional, S. Paulo.



lombo de porco demasiado gorduroso, frangos musculosos<sup>(129)</sup>, conservas européas geralmente deterioradas<sup>(130)</sup>, feijões nadando em gordura que a farinha-de-pau não conseguia absorver e doces nadando em açúcar, perfaziam com maior ou menor profusão, segundo as posses do indivíduo, o cardápio habitual do rico e do pobre na colônia.

No dizer do francês Fabr , *“Les Brésiliens ne font ordinairement que deux repas, où l’abondance des mets a coutume de régner plutôt que l’élégance du service. J’allai une fois dîner chez l’ v que (D. José Caetano de Sousa Coutinho), et fus d’abord un peu surpris de voir que nous étions placés autour d’une table fort grande, quoique le nombre des convives fut peu considérable; mon étonnement redoubla lorsque, sans m’offrir d’aucun mets bientôt ainsi entouré de huit a dix assiettes remplies, dont on me laissa le choix d’user selon mon goût et ma volonté. Cet usage, qui serait déplacé et peu agréable dans uns climat froid, navait réellement ici aucun autre inconvénient que d’exiger plus de place autour de chaque convive: il paraît être général dans les familles portugaises”*. Efetivamente, o hábito de tudo servir   mesa ao mesmo tempo, sem a divisão norte e centro-européia, que dizem remontar ao poeta Siriab no califado de Córdova, no esplendor da civiliza o mo arabe, no tempo de Harum al Rachid, só podia aplicar-se onde o clima fôsse c lido bastante para que se não esfriassem r pidamente os alimentos depois de colocados à frente dos convivas. O costume tinha a vantagem de permitir às pessoas de diverso gôsto, servirem-se como melhor entendessem, do que mais lhes apetecesse, precau o contra o feiti  indigesto de alguns quitutes. Marrocos reproduz conflitos culinários entre cariocas e reinóis, na carta a respeito de alimentos *“exdruxulos, isto he, q. não podem acostumar o seu paladar e estomago à diversidade economica de comeres, q. nau-sea e enfastia, como he o trivial quitute de carne secca de Minas com feijão negro e farinha de pão, tudo cosido e amassado com os dedos que depois são lambidos. Entre esta gente chama-se quitute ao que entre nós se d  o nome de acepipe ou piteo”*.

Infelizmente não era apenas quanto às comidas que o regime carioca se mostrava excessivo e impróprio ao clima. Debret alude ao costume dos habitantes ricos da capital de passarem o

---

(129) V. *A Bahia e as Capit nias do Centro do Brasil*, do autor.

(130) Id. id.

Natal em fazendas não muito distantes da cidade. Essas reuniões, realizadas em pleno verão, eram pretexto a banquetes em que, além da abundância de “*quitutes*”, havia demasiado consumo de bebidas. “*Lá, toutes les journées commencent pour les hommes, par une partie de chasse, de pêche, ou de promenade à cheval; les femmes s’occupent de leur toilette pour paraître à dix heures au déjeuner. À une heure tout le monde se réunit, et l’on se remet à table; après avoir savouré, pendant quatre ou cinq heures, à l’aide des vins de Porto, de Madeira et de Ténériffe, les différentes chairs de volailles, gibier, poissons et reptiles qu’offre la contrée on passe aux vins les plus fins d’Europe. C’est alors que le champagne échauffe la verve du poète, anime le musicien<sup>(131)</sup>, et que les plaisirs de la table se confondent avec ceux de l’esprit, à travers les parfums du café et des liqueurs. De là on passe aux tables de jeu; à minuit, on sert le thé, à la suite duquel chacun se retire dans sa chambre, où il n’est pas rare de trouver parfaitement conservés des meubles que appartiennent à la fin du siècle de Louis XIV*”.

Convém notar que tais abusos somente se registravam poucas vezes no correr do ano, pois de modo geral, quanto mais se elevava nas classes sociais mais sóbrio se mostrava o indivíduo. Havia muitos, até, que rarissimamente e em pequena quantidade provavam bebidas, daí mal vistos os que das mesmas abusavam. O apreciador de álcool era tido por modelo do que se não deve fazer, inda não chegasse a bêbado, e, se acaso lá chegasse, tornava-se a vergonha de uma família, uma desgraça pública, um indivíduo cujo nome não devia ser mencionado ante pessoas de bem. Descia sobre ele silêncio cheio de subentendidos caridosos, hoje disparatados para uma geração amadora de uísque, “*cette boisson*”, como dizia Ambroise Vollard, “*au goût pharmaceutique*”. No povo, apesar de haver igualmente forte preconceito contra o alcoolismo, notava-se maior número de alcoólatras, logo reparados pelos viajantes catadores de nugas alheias, principalmente quando esquecidos dos defeitos próprios. M. Fabré, por exemplo, pertencente a uma nacionalidade produtora de vinho, e por isso mesmo pródiga de beberões, comentava com severidade: “*L’abus des liqueurs fortes, dans un pays où il n’est pas rare de voir régner tous les genres*

---

(131) Debret noticiava o modo como compunha o fazendeiro o número de seus convidados, incluindo mocidade, pessoas graves, poetas repentistas e tocadores de violão.

*d'excès, est fort répandu; les personnes les moins aisées usent surtout d'une eau de vie de canne appelée ici cachaça (tafia), qui abrutit et change le moral de l'homme plus encore que les austres liqueurs spiriteuses”.*

Para o serviço da casa aparecia na mesa louça azul de Macau, barata naquele tempo em que servia de lastro para navios de volta do Extremo Oriente. Havia também outras mais enfeitadas como a da Companhia da Índias Portuguesas, profusamente vista no Paço da cidade e na Quinta da Boa Vista, que nem de longe lembrava a perfeição e requinte decorativo das similares com o mesmo nome “Companhia das Índias” de outras feitorias européias. Os pitéus, acepipes, quitutes, ou que nome tivessem, eram apresentados em pratos grandes de latão ou de prata. A farinha de mandioca — o pão nacional — vinha em cestinhos trançados com técnica a remontar aos tupis da primeira catequese. Nos grandes balaies ou congas, copiados pelos portugueses dos africanos, traziam as frutas aos montes, laranjas, mamões, tangerinas, abacaxis, mangas, cajus. Foram reproduzidos por Debret na estampa que serve de indício para demonstrar que êle jamais pensou em colorir o seu álbum de litografias. Pensava o Dr. Rodolfo Garcia, diretor da Biblioteca Nacional, que os exemplares pertencentes aos soberanos guardados naquele estabelecimento, fôsem coloridos pelo próprio autor. Serviu-nos aquela exibição de frutas tropicais para lhe demonstrar nunca ter Debret pintado livro algum da Biblioteca, porquanto não é admissível que, depois de morar tanto tempo no Brasil, ignorasse a côr da manga ou da banana. No povo em geral, e muitas vêzes na burguesia — funcionários públicos, pequenos comerciantes, professôres, etc. . . — os homens comiam à mesa sem as mulheres, que preferiam sentar no chão sôbre esteiras à moda oriental, por causa dos filhos pequenos que traziam ao colo nessas ocasiões. Garfos figuravam pouco porque as facas serviam para cortar e também para enfurnar alimentos na bôca. Os demais convivas, mulheres e crianças, comiam com os dedos, cena singela pelo fato de as refeições se efetuarem na mais estrita intimidade, quando o funcionário público, liberto da farda que envergava na repartição, se punha à frescata, de ceroulas, chinelos e camisa, estendido na marquesa de palhinha, entre mulheres apenas vestidas de camisolões, crias de côr nuas e o indefectível violão, que dedilhava enquanto a mucama lhe extraía bichos-de-pé.

Um viajante menciona o carioca que fazia a barba acompanhado pela música tocada por escravos para lhe amenizar o enfado do diário sacrifício. Descreve também os casais respeitáveis, quando saíam à rua à testa de longa fieira de filhos e crias para o passeio vespertino, invariavelmente dirigido para o Largo do Paço, à procura de novidades e de noivos para as filhas. Outros mais jovens, mas de modestas posses e possibilidades menores de divertimento, não querendo ou não podendo ir a espetáculos caros, em vez de assistir à ópera, deixavam-se ficar em casa em noites calmosas, êle com a cabeça no colo da mulher, ela de pernas cruzadas no chão como Châhrazád, a lhe coçar com as unhas a raiz dos cabelos. O costume representava o famoso “*cafuné*”, dizem de origem tupi, tão-só para proporcionar sensação agradável, nada tendo que ver com o espiolhar praticado pelos reinóis, pois o asseio colonial prescindia dêsse cuidado.

A mesma singeleza continuava no convívio dos grandes, pôsto, menos aparentes. Acaso houvesse reunião de burgueses abastados, fazendeiros habitantes do Rio, filhos de comerciantes enriquecidos ou os próprios comerciantes, as visitas batiam palmas para se anunciarem, ou algum solteiro mais desenvolto emitia silvo agudo entre os dentes, hábitos — dizia um francês — herdados dos árabes. Sentavam-se as damas à mesa junto de seus esposos, à sombra da proteção conjugal, sem o apartamento em uso nos países do Ocidente europeu, e se o dono de casa se lembrava de alguma saúde, era invariavelmente em louvor da própria espôsa, porque a citação de outro nome poderia ser considerada insolência passível de facadas. Evitado êste equívoco, depois do café traziam escravos bacias de prata e toalha para os presentes lavarem as mãos, às vêzes a bôca, o rosto e até os braços, comentando, inglêses, serem tais cuidados pouco decorativos, porém louváveis pelo asseio que denunciavam “*these ablutions . . . exhibit one of the cleanliest and best customs of the country*”, de muito preferíveis à sujeira dos reinóis. Jantares com senhoras eram, porém, raros. Os mais comuns consistiam em refeições exclusivas de homens, os quais, aquecidos pelos vinhos, a tantas desandavam em discussões acaloradas, todos a falar e gesticular ao mesmo tempo, estimulados pela praxe copiada dos inglêses de beberem hospedeiro e hóspede juntos o vinho do Pôrto, esvaziado o copo de um trago, de sorte que, “*before the conclusion of the repast, the company become boisterous, their common gesticulation in talking is*

*increased, and they throw their arms about, with knives and forks, in such a way that a stranger feels no little surprise, how eyes, noses and cheeks escape from injury”.*

A chegada da côrte alterou os hábitos da burguesia carioca, a sociabilidade e a necessidade de maior número de objetos úteis e inúteis na composição de suas casas. De qualquer maneira, viria mais a transformação do impulso dado a tôdas as cousas pela abertura dos portos e conseqüente atividade geral, que pròpriamente de exemplo de mundanidades hauridas no séquito real. Apresentava de comêço a fidalguia lisboeta no Rio de Janeiro grande simplicidade, para não dizer indigência, longe do seu *habitat*, do seu quadro e das suas molduras familiares. Ademais, pouco freqüentaria a classe burguesa da ex-colônia. Foi sòmente depois de algum tempo no Brasil, patente a intenção do Príncipe em se demorar na terra, que a *gens* cortesã resolveu melhorar de vida, organizar-se, e, até, ostentar algum luxo. Mais influentes do que êles neste terreno seriam os mercadores inglêses, no fastígio da sua aura financeiro-econômica, onde se viam os Youg, Gambier, Finie, Freese, o faceiro judeu Samuel Phillips, representante de Rothschild & Co., credores do erário régio, donos dos maiores negócios da praça, a dar lições de vida mundana através das suas habitações, festas, mobílias, baixelas, criadagem, cavalos, etc. . . , inclusive, até, na localização das residências, antigamente concentrados os comerciantes e ricos locais na rua Direita e imediações da Candelária, inconfortavelmente alojados sôbre os seus rudimentares armazéns.

No momento da chegada de Ender os fidalgos a exemplo das festas da Quinta, exibiam algum luxo, aparentando graças ao erário público certa ostentação em batizados e casamentos<sup>(132)</sup>. Nôvo alento então cobraram as tendas de profissionais que se enfileiravam pela rua dos Ourives, de que se destacava o notável artífice português, trazido do reino pela côrte, Antônio

---

(132) Narra Leithold, de suas lembranças *“Bei meiner Anwesenheit in Rio de Janeiro verheirathete sich der junge siebzehnjährigen Graf Belmonte, mit der sechstehnjâhrigen Graefin Beilas. Man gewahrte am Hochzeitstage eine grosse Menge Equipagen, worunter sich einige sehr shoene englische Wagen befanden; der groeste Theil war aber antik mit vier kleinen Pferden oder Mauleseln bespannt, welche zur Hochzeitsfeier lange blaue und weisse Federbuesche auf dem Kopf tragen, wie bei uns die Schlittenpferde; die Maehnen der Pferde waren mit bunt seidenen Baendern eingefast. Auf jedem Wagen der Hochzeitsgaeste standen zwei gut gekleidete Neger, mit grossen dreckigen innerhaib mit seinen weissen franzoesischen Federn belegten Hueten auf dem Kopf, welche zu den shwarzen Gesichtern einen sondenbaren Kontrast bildeten”.*

Gomes da Silva, incumbido do trato e conservação das jóias e baixelas da família real. Outro divertimento da gente grada da cidade, além de festas familiares, era a jogatina. O antigo gamão, dantes indefectível nas lojas de comerciantes que a êle recorriam enquanto esperavam fregueses, fôra substituído por outros em que se arriscavam fortes somas. Comentava um francês: *“L’amour du jeu est très en vogue au Brésil, mais c’est le jour surtout qu’on s’y livre”*. Era, pois, o contrário do que sucedia em Paris onde a jogatina estuava à noite nas galerias do Palais Royal, parte importante da vida noturna da capital francesa. No Rio os costumes invertiam as horas de lazer assim como a localização das bancas de jôgo. *“C’est chez les barbiers, véritables Figaros du Brésil, que se tiennent les tripots; les étrangers n’y sont pas admis. Tous les peuples devraient avoir ce genre de philanthropie; ce serait exercer négativement les devoirs de l’hospitalité”*. Os franceses refinavam no caso. Ofereciam-se até para arrendar o monopólio do jôgo, como propôs o Coronel de que já tratamos, antigo soldado da revolução, espia de Bonaparte junto a Carlos IV, jogador, aventureiro. No Rio, montou roleta, que precisou fechar ante as reclamações dos pais de família, se bem êle e seus sócios, propusessem mandar vir um corpo de bombeiros de França e o manterem à sua custa. Indefendido na pretensão enveredou o tal Coronel influente até na polícia, pela política, publicando folhetos em que chegou a interpretar o pensamento do govêrno na delicada questão da partida da família real para o velho reino. Todo o setor de usos e costumes cariocas da obra de Ender parece, entretanto, copiosamente sorvido na do desenhista português Guillobel, igualmente saqueado por outros ilustradores estrangeiros. Do vienense são, contudo, os numerosos apontamentos sôbre transeúntes de vária côr, que ocorrem nos desenhos de ruas e trabalho portuário, e, pôsto o artista mais se interessasse por paisagens, tarefa que lhe cabia na missão austro-alemã, os flagrantes de sua lavra, vivos como *snap-shoots* de nossos dias, são utilíssimos entre outras cousas para o importante capítulo do negro no Rio de Janeiro.

---

## A CONGÉRIE AFRICANA

*"Na qual repousava o império Joanino".*

GIL VASQUES

DESDE QUE desembarcara e conseguira algum tempo para anotar aspectos de vária atividade na capital do Reino de Portugal, Brasil e Algarves, apaixonara-se o artista pelo pitoresco urbano emoldurado pela selva dos morros. Que espetáculo para jovem europeu à procura de sensações mais tarde reproduzidas em álbum de viagem! Nunca imaginaria tamanho contraste entre amostras da requintada civilização européia ao lado de prêtos oriundos dos selvagens sertões da Guiné e de Angola! Rodavam seges do Paço precedidas por batedores, que sem dó batiam nos que tardavam a se arredar da sua passagem. Desfilavam enfeitadas traquitanas de aluguel com estrangeiros a caminho de S. Cristóvão. Arrastavam-se carroças distribuidoras de água. Sucediã-lhes cadeirinhas apetecadas, a lembrar veículos do século 18, suspensas em travessões dourados carregados por escravos em vistosa libré e descalços. Surgiam negociantes inglêses a cavalo, que antes de sair de casa calculavam o tempo do trajeto até o trapiche para não cruzarem os *"toma larguras"* reais, porquanto desejavam sem dúvida ganhar dinheiro no Império Luso, mas não a poder de humilhações como exigia D. Carlota Joaquina de estrangeiros. Na conjuntura, intervinha o prático espírito de insulares, e enquanto o americano Sumpter não punha têrmo à prepotência da Rainha, conciliavam através de precauções, a sua dignidade com o ditame *"customers are always right"*.

Outros se conformavam com os “vezos da terra”, seges e cavaleiros a ultrapassar no calçamento sonoro antiqüíssimos carros de boi, cujo chiado produzia o som da gaita de foles no rumoroso concêrto carioca. No tempo de Ender, freqüentemente as vias que davam para o pôrto, eram alvoroçadas para mais, pelo aparato militar de cerimônias guerreiras no embarque de tropas para o Sul, os soldados em uniforme de gala, acompanhados de bandas de música e mais fatôres de estardalhaço. Maior contraste, porém, era oferecido pela oposição da fachada do Império Luso e a negra turbamulta que lhe ficava ao redor, como fundo sombrio destinado a realçar plano de côres vivas. Verificavam abismados estrangeiros, reinar durante certas horas tamanha desproporção nas ruas, de escravos para gente livre, que o Rio mais parecia cidade da costa d’África.

Logo após a alvorada começavam a aparecer negros de ganho, aguadeiros, leiteiros, carregadores, estivadores, remeiros, canoeiros, quituteiras vendedoras de angu, vendedores de capim, sapé e mais gêneros<sup>(133)</sup>. Aglomeravam-se de preferência às esquinas os que dependiam de fregueses ocasionais. Os restantes permaneciam nas portas de igrejas, junto de quitandeiras que armavam espécie de balcão de venda sob rudimentar tôlido protetor da mercadoria. Dêsses indivíduos, deixaram coevos americanos do Norte de passagem pelo Rio, pormenorizada descrição: cada africano encontrado na cidade trazia marcada por escarificações no rosto e no corpo indicações da tribo a que pertencia. Provinham muitos da costa de Mina (fig. 1), região belicosa por excelência, de onde os prisioneiros de guerra iam

---

(133) Antigo morador da cidade muito relacionado com portugêses e estrangeiros, escrevia um francês a respeito de prêtos obreiros: “*Les jours ouvrables, interrompus par nombre de fêtes religieuses, on se livre à la fabrication et au commerce. Il y a des rues affectées en totalité à tel ou tel autre état; la rue des ferblantiers, la rue des cordonniers, etc... La plupart des arts mécaniques s’y exercent avec plus ou moins de perfection. Le maître n’est le plus souvent qu’inspecteur ou correcteur; les ouvriers sont des noirs ou des mulâtres esclaves, soit du patron lui-même, soit d’un autre maître qui les loue à raison de tant par semaine; ou enjnm des afranchis: tel ouvrier rapporte dix francs et plus par jour; aussi une profession très lucrative est-elle d’acheter des noirs et de les mettre en apprentissage. Comme on leur inculque à coup de nerfs de boeuf l’état qu’ils doivent apprendre, ils en connaissent bientôt toute la manipulation; et comme ils sont en général adroits, le maître définitivement les envoie en journée, et vit du gain qu’ils lui procurent; s’ils sont ineptes et forts, il les fait travailler à la douane ou à conduire des pirogues.*”

“*Un de leur attributs, à la chute du jour, est de vider dans la mer les immondices de chaque maison. Malheureusement ces commissionaires ne sont pas inodores, et les parfums du soir n’invitent pas à la promenade; aussi n’est-ce que la nuit (quando não mais se viam prêtos nas ruas), que les dames brésiliennes se livrent à cet exercice salutaire: alors elles plaisantent avec leurs maris et leurs parents jusqu’à la disparition de cet astre.*”



abastecer os navios negreiros<sup>(134)</sup>. Também eram encontrados em profusão por tôdas as redondezas até nativos de Bornu ou Tumbuctu no coração da África. No Congo se dava o mesmo, porquanto pombeiros subiam na caça de “peças” até a região dos grandes lagos. Mr. Agate, misto de escritor, comissário de bordo e pintor, teve a pachorra de anotar em princípio do século passado as marcas ostentadas pelos escravos no Rio de Janeiro. Juntamente com o americano Hale, de quem reproduzimos algumas notas, chegou à conclusão de que os africanos mais inteligentes, de cultura mais desenvolvida, eram os embarcados em Ajudá, pouco acima do equador<sup>(135)</sup>. Tintos de civilização muçulmana, transportados para a América, aqui não tardavam a adquirir a liberdade e a progredir nas aglomerações urbanas, graças ao espírito de iniciativa e persistência de que dispunham.

Os do grupo Aussá, da região de Guebere, traziam três pequenos riscos curvos de cada lado da bôca, a convergir do



Fig. 1 — Mina



Fig. 2

alto para a comissura dos lábios (fig. 2). Os de Caxua, Labe e Quenu, populações em que havia muitos mercadores, exibiam quatro pequenos traços riscados horizontalmente para os lábios



Fig. 3



Fig. 4

(134) V., do Autor, “As relações entre a Bahia e o Daomé”, in loc. cit.

(135) Id. id.

de modo a formar como que um bigode (fig. 3). Os Dauara traçavam duas curvas descendo, como a sensitiva, ou outra espécie miudinha (fig. 4). Os Nagôs, da margem oeste do



Fig. 5



Fig. 6

Níger ou Quorra, abaixo dos Aussás, enquadravam a boca por três pequenos grupos de riscos perpendiculares de cada lado



Fig. 7

sôbre três outros horizontais (fig. 5). Os das mulheres compli-



Fig. 8 — *Achanti*

cavam-se com raminhos curvos com pequenos grupos de riscos perpendiculares ao ramo (fig. 6). Os Taques, também chamados Naufis, ou Naifis, da margem oposta aos precedentes arvoravam ornatos parecidos com os dos Canôs, sòmente, reduzidos os riscos para dois ou três apenas (fig. 7). Os Fantis e Achantis ornavam a testa e as maçãs do rosto com vários traços perpendiculares e paralelos formando grupos (fig. 8). Os Calabares, próximos da foz do Quorra, marcavam o peito e o estômago com ornato composto de dois losangos cheios de tracinhos e pontinhos (fig. 9). Os das povoações do Ebo desenhavam duas flechinhas sôbre as têmporas acompanhando as sobrancelhas, com a ponta dirigida para cima (fig. 10).

As nações do sul do Equador, culturalmente inferiores e de traços fisionômicos mais grosseiros, eram maioria no Brasil meridional:

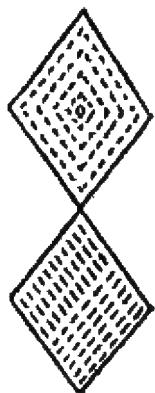


Fig. 9

*“the slaves at Rio de Janeiro, are, in general, short, badly formed, or clumsy with narrow foreheads, flat nose, protruding jaws and teeth, and prominent cheek-bones, with the chin sloping backwards. They are indolent, thoughtless, and licentious”*. A descrição não parte de autoridade na matéria que pretende tratar, participa daí, do comum equívoco dos viajantes da época,



Fig. 10

a confundir defeitos congênitos com males da miséria. Assim sendo não admira continuar — *“they are to be found stretched out on the sidewalk, under the porticoes, or on the steps of churches, enjoying themselves as mere animals, basking in the sun or sleeping in the shade”*, se bem reconheça que não eram de todo *“deficient in intelligence”*.

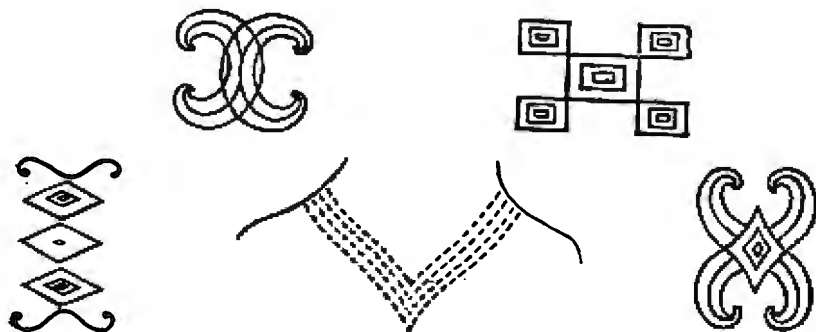


Fig. 11

Os originários do sul do equador apresentavam menos marcas de origem, principalmente no rosto. Os Cabindas ou Cambindas, provenientes de localidade com êste nome logo

abaixo dos Minas, no rio Zaire ou Congo, traziam, contudo, no corpo numerosos desenhos mais com propósito ornamental que marcas de origem (fig. 11). Alguns eram bem engendrados.

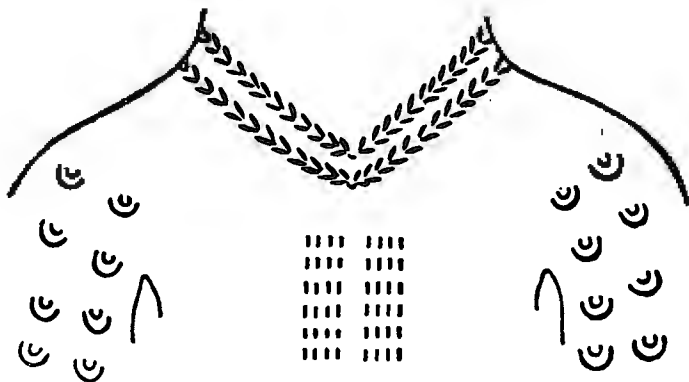


Fig. 12

Formavam colares, ou espécie de cruces gamadas, compostas de retângulos e curvas, isolados ou em combinação decorativa, a denotar curiosa imaginação. Principalmente os Sundis ou Maiombas, do norte de Loango, assim como os Bualis, se destacavam nos ornatos espalhados pelo corpo (fig. 12). Algumas mulheres Angoiôs também assim se apresentavam, modo de enfeite preferível aos dentes em serra ou imitantes a tubarão dos indígenas da mesma zona (fig. 13). Os recortes variavam,

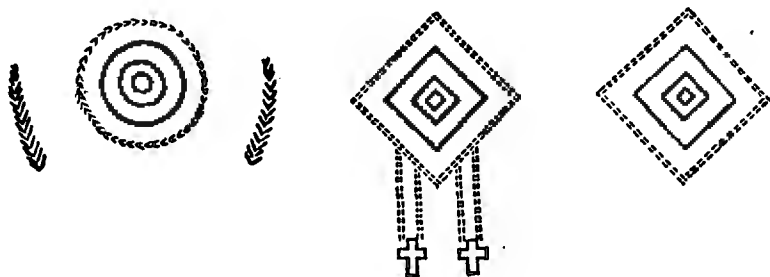


Fig. 13

como sucedia aos de Embona, da margem norte do rio Congo, cujos dentes, "being filed so that each tooth form as a point" (fig. 14).

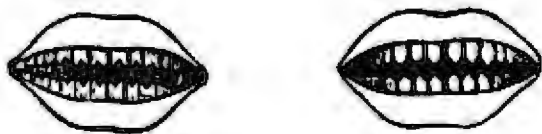


Fig. 14

Os Monjolos (fig. 15) representavam ao sul do equador o que os Daomeanos eram para o norte. População guerreira, tinha-se especializado em arrebanhar cativos ao depois remetidos para o Brasil. Envoltos em tôda sorte de versões por causa do procedimento, eram na África acusados de às vêzes se alimentarem com prisioneiros. Distinguiam-se dos vizinhos pelos grupos de pequenos traços paralelos riscados longitudinalmente de cada lado da testa e nas maçãs do rosto. Inversamente os de Benguela (fig. 16) eram tidos como possuidores de melhores qualidades que os outros nativos do sul do Equador. Mais inteligentes e industriosos que os de regiões limítrofes, tinham traços menos grosseiros e maior estatura. Talvez por êsse motivo fôsem menores suas preocupações decorativas por



Fig. 15 — Monjolo



Fig. 16 — Benguela

meio de riscos na pele e no aguçar dentes. Os Congos (fig. 17), por outra, repetiam o mesmo costume de alterar a dentadura como os Angoiôs, e acrescentavam grupo de pontos de cada lado do rosto (fig. 18), nas têmporas, semelhantes às cinco chagas de Cristo que os soberanos da Casa Bragança desenhavam no fim da assinatura. Os Angolas e Cassanges (fig. 19)



Fig. 17 — Congo

eram considerados no Rio povos diferentes entre si, pôsto a língua fôsse semelhante, caracterizada pela arrastada moleza da pronúncia. Quando falavam português diziam *balada* por *barba* e *cibali* por *cidade*. As suas estropiações eram de tal ordem que a mor partê das falas de negros de folhetos satíricos portugueses do século 18, no gênero de *Prêto* e o *Bugio*, etc., foram por êles inspirados e o têrmo Cassange passou a significar no Brasil o mesmo que em Portugal o têrmo *bunda*, ou seja do território Quibunda em África.

Dividimos *grosso modo* a classificação dos prêtos escravos em três proveniências, os da Costa de Mina, os de Angola e Congo e os de Moçambique, bastante numerosos nas capitánias

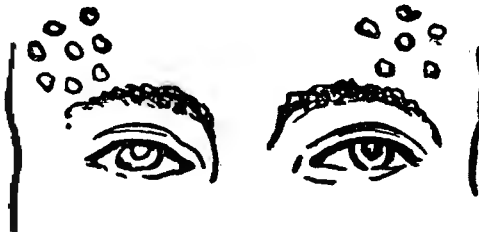


Fig. 18

meridionais no período em que os holandeses no século 17 ocuparam os outros viveiros da escravatura. Dessa terceira região os que mais braços nos remeteram foram os Macuas (fig. 20), que traziam horizontalmente na testa numerosos ornatos feitos de curvas e riscos, exibindo às vêzes uma espécie de ferradura. Os Tacuanis do rio Zambese preferiam ornatos feitos

com pontos na testa e no peito, a alternar com cruzes gamadas cujas pontas terminavam em grupos formados por tracinhos (fig. 21). Os de Sena, Mesena e reino de Motapa pouco variavam do precedente, cabendo, no entanto, a palma, em matéria



Fig. 19 — *Cassange*



Fig. 20 — *Macua*

de ornatos escarificados (fig. 24), aos Niambanas (fig. 22), que usavam fieira de bolinhas salientes da raiz dos cabelos até a ponta do nariz. Mais ainda pertenceria aos Mudjanas (fig. 23), que estrelavam o rosto e ornavam o alto do peito, na altura do esterno, com uma série de grupos de tracinhos horizontais

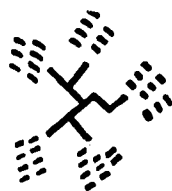
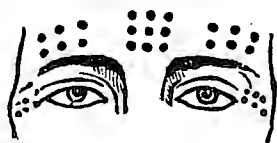


Fig. 21

sobrepostos de comprido, terminando o conjunto com estrélas colocadas no meio das extremidades da composição. Com êstes e os Mocondes chegamos à região dos Cafres (fig. 25), medíocres trabalhadores mas que fôra preciso aceitar na falta de melhores em certos momentos de crise no tráfico de negros.

Um fator de espanto para forasteiros era a ausência de mendigos na multidão negra. A explicação era simples, vinha do decreto rigidamente observado no Rio, ordenando fôsem recolhidos em asilos os prêtos que por qualquer motivo estivessem inválidos, sem amparo de senhores, como, por exemplo,



Fig. 22 — *Niambana*

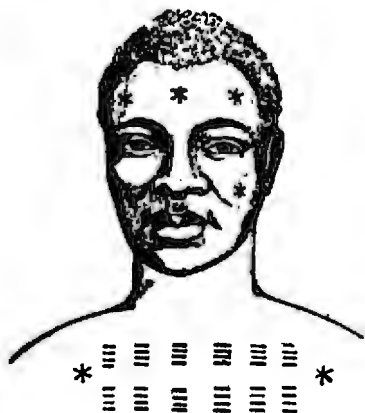


Fig. 23 — *Mudjana*

os forros por desventura inutilizados pelo alcoolismo. O cuidado era exercido por várias instituições de caridade, particularmente pela Santa Casa de Misericórdia. Mas nem todo prêto que recuperava a liberdade caía na perdição: "*those who receive*



Fig. 24 — *Tacuani*



Fig. 25 — *Cafre*



*their freedom in reward for faithful services, or purchase it*", diziam os americanos, "conduct themselves well; theirs descendants are much superior in point of intelligence". Muitos seguiam a profissão adquirida no Brasil, comprando por sua vez servos, que tratavam com muito mais severidade que os seus antigos senhores brancos os tinham tratado. Era comum escravos conseguirem de brasileiros a liberdade, nunca, porém, alcançava um africano libertar-se de outro africano.

A chegada dos cativos da África era espetáculo lamentável, geralmente oculto ao público. Apressadamente desembarcados, passavam no Valongo por um estágio recuperador antes de expostos à venda. Era preciso dissimular defeitos ou moléstias aos olhos dos compradores, pois daí dependia o preço. Nesse mister ninguém superava os ciganos, antigamente vendedores de cavalos e no tempo de D. João VI, quase monopolizadores do negócio de escravos. Na África passava a carga por severo exame seletivo antes de embarcar, de sorte que, os maiores defeitos dos cativos<sup>(136)</sup>, aportados no Rio provinham de males contraídos na pavorosa travessia. Houve períodos, logo após a celebração das pazes na Europa, em que o surto do café exigiu braços em quantidade. Negociantes gananciosos chegaram a embarcar mais de mil "peças" num barco com risco de enorme mortandade. Passaram, depois, os interessados a metodizar a técnica do transporte no sentido de melhorá-la e evitar demasiadas perdas. Reduziram o número de prêtos, melhoraram o passadio, exigiram da tripulação maior cuidado no trato da carga. Não obstante, a viagem representava o maior número de horrores concentrados no menor espaço, como dizia um dos Channing. Na extraordinária entrevista entre o negreiro norte-americano Cliffe e o ministro britânico Gladstone, citou o mercador de escravos o fato, de muitos navios terem sido abandonados nos portos, por não haver quem se atrevesse a limpá-los. "Eu poderia fazer menção", disse Cliffe, "de um navio de origem austríaca, por sinal "a very fine vessel", abandonado ao sabor das ondas pela tripulação francesa, que as autoridades brasileiras tinham recuperado depois de mandar limpá-lo por galés". Dera, porém, tal lucro a viagem aos empresários franceses que êstes podiam oferecer-se o luxo de perder o barco, se bem valesse 9.000 libras esterlinas!

---

(136) Dizemos cativos para os prisioneiros de guerra remetidos da África para a América, onde se tornavam escravos depois de comprados aos negreiros e adaptados ao trabalho.

Os males maiores contraídos na promiscuidade de bordo eram tracoma, varíola, sarna e disenteria. Depois de chegar ao Valongo ainda morriam cativos no correr das semanas seguintes nos depósitos, intensamente contaminados como se encontravam depois da travessia e, até, nas casas de seus compradores. Uma das piores calamidades acarretadas pelo tráfico negreiro, que ceifou vidas sem conta em portos sul-europeus e americanos como vingança galardoadá pelo destino aos míseros sacrificados, foi a terrível febre amarela. Por essa razão envidavam, os vendedores, todos os ardis possíveis imagináveis para disfarçar o mau estado dos prêtos oferecidos, um dos quais, em certos casos bastante difícil de descobrir, consistia em untá-los com ingredientes momentâneamente abrandadores da sarna. A epiderme assim engraxada muitas vêzes não mostrava os estragos causados pelo parasita e suspendia por momentos o prurido.

Nos desvelos aplicados aos cativos antes de oferecê-los aos compradores, haviam-se os ciganos com diligência e perícia superiores às do mais hábil profissional dos atuais salões de beleza, às voltas com freguesia exigente. Outros muitos eram ainda postos em prática para intrujar clientes, facilitados por decisões judiciais, que estatuíam não reconhecer a justiça validade nas reclamações depois de pago e retirado o escravo do barracão negreiro. A sentença protegia às vêzes fraudes, mas era mal necessário a fim de salvar braços indispensáveis ao país, em risco de se perderem se continuassem por mais tempo nos barracões de venda.

Segundo êstes informantes norte-americanos, ao chegar à casa dos senhores brasileiros, recebiam os novos escravos o batismo, devendo daí por diante assistir a missas, confessar e comungar, *"but they are never thought to become entirely civilised"*. No patriarcal regime a que eram submetidos, ape-gavam-se aos senhores aos quais demonstravam fidelidade, acrescentando o americano, mais por *"clannish"*, ou seja, espécie de espírito de clã ou de grupo social, que pròpriamente por gratidão: *"In general they are kindly treated, and become firmly attached to their masters more however, from a clannish feeling than from gratitude, of which virtue they seem to possess little"*. Óbvio dizer, quanto mais familiar o ambiente em que o escravo vivia, melhor se tornava o seu comportamento.

Infelizmente, muitos compradores de escravos do Rio de Janeiro, visavam apenas transformá-los em fonte de renda.

Grande parte dos prêtos a vender gêneros nas ruas, deviam à noite prestar aos donos contas das vendas efetuadas durante o dia. Nas fazendas a contaminação moral dos escravos era menor, quando sobre êles influía benéfico exemplo dos fazendeiros. Êstes, no geral, católicos praticantes, exemplares pais de família além de dedicados servidores da coletividade acaso escolhidos para exercerem cargos públicos. Gabavam viajantes franceses a fazenda de café e engenho de açúcar do Coronel Ferreira nas margens do rio Macacu, onde havia, além da habitual capela de tôda propriedade rural, um capelão efetivo, que celebrava à noite rezas conjuntamente assistidas pelos senhores e escravos. Não menos bem organizada se apresentava a fazenda de café de "*Monsieur Lorenzo*", em Águas Compridas, hospitaleira para os viajantes que se destinavam à colônia de Nova Friburgo — "*Cette habitation, remarquable par des cultures très soignées, possède surtout en café, des plantations d'une magnifique tenue*". A admiração do francês pelas condições da propriedade é tanto mais significativa pelo fato de o mesmo informante, ou algum seu companheiro, dizer em diverso passo, que só estrangeiros — naturalmente em primeiro lugar franceses do tomo de Mr. Scée, antigo fazendeiro em S. Domingos — entendiam de café, dada a ignorância dos naturais do país no mister. Entretanto, havia fazendas em pleno rendimento na capitania do Rio de Janeiro, não muito distante da capital, antes da chegada de "*planteurs*" de S. Domingos e dos Roquefeuil, Gestas, Chamberlain, de Scenne, Mowke, etc., que, destarte, prescindiam das luzes de Mr. Scée. Mas o interessante no caso em aprêço é a maneira como os brasileiros tratavam a escravatura, causa maior da eficácia do trabalho no Brasil, situação muito diferente das outras colônias européias. O próprio crítico reconhece a nocividade dos levantes ocorridos nas possessões francesas, assim como notou mais tarde em Ile-de-France, no prosseguimento de sua viagem, o criminoso abandono em que se encontravam os escravos em matéria religiosa.

O mesmo viajante observara no Rio de Janeiro, quando hóspede do coronel Ferreira e do fazendeiro Lourenço: "*En général il nous a semblé que les nègres étaient traités dans les campagnes avec plus de bonté qu'à la ville*", ou seja, por senhores brasileiros em vez de reinóis e outros, onde pareciam "*prendre beaucoup de soin de leurs esclaves. Les négrillons sont très bien vêtus, et vivent familièrement dans la maison du*

*maitre*”, atitude a demonstrar soberana ação do exemplo vindo de cima. Na cidade, entre donos da mais variada origem e condição social, desde ciganos revendedores, até artífices gananciosos, não era possível registrar iguais benefícios. Longe de elevarem a moralidade dos escravos, a maioria dos habitantes pequeno-burgueses, principalmente os quase-proletários, não só viam nos negros meios de ganho lícito como também ilícito. As suas vítimas, sôltas pelas ruas à procura de dinheiro para os donos, contagiavam-se com más freqüentações e praticavam tôda sorte de malfeitos. Muitos se tornavam não raro perigosos facínoras, temíveis até para os culpados de sua desdita, *“souvent abandonnés a eux-mêmes, il faut qu'ils trouvent à tout prix la somme qu'ils doivent rapporter chaque soir à leur maitre, sous peine des plus rudes châtiments: aussi y en trouve-t-on souvent d'insolens, de voleurs, quelquer fois même d'assassins, il faut constamment se tenir sur ses gardes”*, apreciação que em 1817 nada tinha de exagerado.

Destacavam-se como principais focos corruptores as bicas de água em roda das quais se estabelecia inevitável aglomeração de escravos. Obrigados a se colocarem em fila, por longo tempo à espera de vez<sup>(137)</sup>, misturavam-se bons e ruins, normais e anormais, na pior promiscuidade. Hipólito Taunay descreve a cena no seu pitoresco aspecto precursor de males atuais: *“Un soldat de la police veille avec une courroie, dont il distribue largement à droite et à gauche, à ce qu'il ne se fasse pas de passe-droits pour le rang. . . il s'y fait ordinairement un tapage extraordinaire: dans le temps de sècheresse l'eau est très chère”*! Ainda bem quando os aguadeiros procuravam distrair o ócio com danças e instrumentos de música africanos. Formavam improvisados concertos a poder do bombo urucungo dos angolanos, do urucuju dos congoleses, mais canzás, reco-reco e marimbas atribuída aos cafres, cujo som incitava à dança. Infelizmente também às vêzes surgiam jogos menos apreciáveis

---

(137) Outras descrições ocorrem a respeito de desordens em tôrno de fontes públicas, agravadas pelo costume de aproveitar presos de direito comum no transporte de água. Competia aos delinquentes recolhidos à cadeia abastecer duas vêzes por dia as repartições civis e militares do Rio de Janeiro. Entretanto, apesar de devidamente acorrentados e escoltados, ao chegarem a uma bica, atropelavam brutalmente os aguadeiros, muitos dos quais estavam havia muito tempo na fila. Um francês comenta o indecoroso espetáculo dessas ocasiões com vivacidade própria de quem como o desenhista Steimann, teve, muitas oportunidades de as presenciar: *“Aussi, le moment de triomphe de cette canaille enchainée s'annonce-t-il aussitôt par les clameurs des mécontents qui les entourent. Le soldat de police qui les conduit est toujours muni d'un rotin, dont il se sert pour activer leur marche, ou écarter, chemin faisant, les amis un peu trop loquaces”*.

em que passavam a meneios acrobáticos conhecidos por “capoeira”. Não é bem conhecida a origem desse sistema de defesa e de ataque, introduzido por cativos negros no Brasil. Supõe-se decorra de ritos em que práticas religiosas se relacionam com manifestações de ânimo guerreiro, ou coisa parecida. Certo é, que se alastrou por todo o litoral onde havia grande número de prêtos, aglomerados por necessidade de serviço de transporte, carga e descarga pelos desvãos de portos e adjacências.

Baseava-se a capoeira em fintas e golpes repentinos, que permitiam a homem franzino enfrentar um gigante, e a sumo-deiro contumaz resistir a meia dúzia de policiais. Era, em suma, o mais perfeito sistema de defesa pessoal que existiu até o aparecimento do judô. Por êsse e outros motivos alastrou-se no Rio de Janeiro, feito epidemia no decurso do século 19. Mais ainda se desenvolveu quando nêle se aninhou politicagem, que chegou a constituir vergonhosa mazela para a capital do Império. Principiou o costume de se recorrer a capangas capoeiras — em mor parte mulatos delinqüentes — nas campanhas políticas assim que o regime absoluto foi substituído pelo liberal. Os Andradas empregaram o “*Orelha*”, rival do “*Miquelino*” e outros conhecidos arruaceiros, verdadeira praga para os cariocas. Durante desfiles marciais, gingando à frente de bandas de música divertiam-se em desferir navalhadas em respeitáveis comerciantes portugueses, que mal aconselhados pela curiosidade, à porta do negócio exibiam volumosa pança. Um dos grandes empresários da desordem organizada, o político Duque Estrada, com ambições de chefe eleitor, arrebanhou logo depois da guerra do Paraguai maltas de desordeiros a serviço de suas ambições. Durante algum tempo conseguiu notáveis resultados pelo terror que infundiam, porém, a tantas resolveram os adversários empregar contra êle o mesmo feitiço, e a poder de rasteiras, cocadas, rabos-de-arraia e navalhadas, derrotaram-no fragorosamente. Indignado, Duque Estrada, useiro da frase “Flor da minha gente!” aplicada aos componentes da sua quadrilha, foi queixar-se ao imperador D. Pedro II, que lhe lembrou o preceito da Bíblia: “*Não façam a outrem o que não queres que te façam*” e voltou-lhe as costas.

Os abusos dos capoeiras, entretanto, desde cedo começaram a incomodar a população carioca. A vinda da côrte e a maré de gente de vária espécie que aportou à cidade, imprimiu

impulso à desordem, com grave prejuízo do sossêgo dos pacatos súditos de S. M. De uma feita, perdeu D. Pedro I paciência, e escreveu a 6 de fevereiro de 1822 ao brigadeiro Carlos Frederico Bernardo de Caua:

“Meu Caua.

Mande passar uma Portaria ao Comandante da Guarda da Polícia em que se lhe estranhe muito da minha parte, o pouco cuidado que tem tomado, em prevenir as capoeiragens pelas ruas que tem chegado a ponto de quebrarem vidros das janellas e na mesma Portaria authorizallo para que logo se agarre qualquer capoeira que seja escravo na acção de capoeirar seja logo conduzido immediatamente ao moirão mais próximo, e ahí surrado com 100 açoithes, e depois entregue ao Senhor se não tiver feito mais nada que capoeirar, e na mesma ordenar ao comandante que todo o Soldado que apanhar hum capoeira terá quatro dias de licença, e assim na proporção de quantos agarrarem capoeirando.

Deste seu amo e amigo

PEDRO”.

Reproduzimos na íntegra o documento por se nos afigurar trazer pela primeira vez oficialmente os termos *capoeiras* e *capoeirar* com acepção de *desordeiro* e de *desordem*. Mais tarde ficaram circunscritos sòmente ao tal “*jôgo*”, como era designado, composto de rápidos movimentos em que o capoeira desferia golpes com a cabeça ou as pernas, utilizando apenas as mãos para se apoiar no chão quando atirava os pés na direcção do adversário<sup>(138)</sup>. O “*rabo-de-arraia*” assim aplicado era precedido de movimento de rotação do tronco, de maneira a acertar com os dois pés ao mesmo tempo no rosto ou corpo do antagonista, o qual, se não dispusesse da técnica defensiva e agilidade do adversário, era violentamente atirado ao solo. Os saltos, fintas e mais maneios do “*jôgo*”, permitiam também ao desordeiro resistir com vantagem a vários contrários e só podia ser agarrado pela polícia depois de muita correria, quando cercado e exausto.

---

(138) Houve tempo em que muito se discutiu sôbre o termo que fôsse mais apropriado a definir o tipo do malfeitor caracteristicamente brasileiro, a que chamamos “capoeira”. A palavra repugnava, não se sabe porquê. Machado de Assis não se conteve e interveio no debate: “... De passagem lembrarei aos nossos legisladores, que andam buscando circumlóquios para definir o capoeira, que um ato, expedido no principio do século, não sei se ainda por vice-rei, ou se já por ministro de D. João VI, tendo de ordenar vigilância e repressão contra o capoeira, escreveu simplesmente “capoeira” e todos entenderam o que era”. Alfredo Pujol, *Machado de Assis*, S. Paulo, 1917. Seria o tal ato referente à ordem de D. Pedro I ou a alguma anterior?

Não tardou muito, destarte, a tornar-se a capoeira um título de ufania. O perito no jôgo era temido, respeitado e invejado. Muitos brancos passaram a praticá-lo, à testa de bandos de patifes lendários nos anais da cidade. Pena intervir no caso absurdo puritanismo, que vedou historiar o período capoeirístico do Rio de Janeiro, causa da perda de sem-número de elementos do maior interêsse para a história política, social e esportiva da capital. Considerada reprovável, peculiar da ralé, característica de crime, seu registro parecia mais próprio de mero arquivo policial, que de menção em respeitáveis tratados de historiografia. No entanto, constituiu assunto dominante na crônica urbana em todo o Brasil, principalmente no reinado de Pedro II.

Incrementada pela inflação decorrente do conflito no Paraguai, verificou-se na década posterior intensa imigração portuguesa para o Brasil. Levas e mais levas de campônios afluíam do reino em busca da "*árvore das patacas*". Alguns logravam efetivamente encontrá-la, ingressando na luzida coorte de barões e comendadores de fresca data, monopolizadores do alto, médio e baixo comércio da capital do Império. A arrogância e atrevimento de que davam mostras sob o paternal governo do morgado braganção ultrapassa tudo que se possa imaginar. Nem a imprensa dependente da sua publicidade, nem os políticos de ôlho no seu auxílio pecuniário, nem o governo movido por estas duas forças, ousavam contrariá-los inda nas mais estultas pretensões. Desforravam-se, todavia, os cortejadores dêsses ricos, quando na intimidade propalavam anedotas sôbre a estupidez do ex-cavouqueiro arvorado em fidalgo-aprendiz, mas em público desfaziavam-se em zumbaias para lhe conquistar os favores.

Os rebentos cariocas dos poderosos argentários desconheciam, à sombra paterna, limites aos mais desatinados abusos. No fim do Império mandava e desmandava sôbre a "*Uprôsa Culônia*", um respeitável comerciante de nome Reis, mais tarde feito por D. Luís de Portugal, Conde de São Salvador de Matosinhos, cujo filho mais velho fundara o *O Paiz*, jornal que apoiava o propagandista republicano Quintino Bocaiúva. Outro filho, mais môço, chamado José, embora não fôsse capoeira, era protetor do gênero, sempre escoltado pela fina flor do rufianismo capoeirístico quando aparecia nos centros da boêmia galante. Untado de pomada, perfumado, envernizado, exibindo colarinhos ortopédicos, roupas do Raunier,

botas terminadas em ponta de lança — “*flor no peito, burro perfeito*”, como afiançava popular jôgo de palavras da época — era o avantesma das pensões “*para artistas*” da zona alegre. Não há melhor referência para sua mentalidade, que a dos antigos estudantes de Coimbra, cujo maior divertimento nas tascas dos arredores da velha universidade era provocar estúpida-mente os infelizes inermes que encontravam<sup>(139)</sup>.

Certa vez, por mútua infelicidade, encontrou-se com o filho de fazendeiro de Campinas, que muito elegante chegara da Europa e exibia a bizzarria em lugares “*chics*”. Foi o quanto bastou para o Juca Reis mandar provocá-lo pelos capangas, divertindo-se extraordinariamente com os tombos que lhe deram. Por essas e outras a presença de tais desordeiros se tornara tão intolerável ao público como outrora parecera a D. Pedro I. Um dos principais atos da República foi acabar, graças à energia de Sampaio Ferraz, com as maltas de capoeiras, fôsse-rem quais fôsse-rem os componentes, remetendo-os o Chefe de Polícia para a ilha Fernando de Noronha, onde sob sol de chumbo tinham de trabalhar de picareta e enxada. O bairro da Saúde, considerado reduto da malandragem capoeirística, ficou sob policiamento do engenheiro João Batista de Castro, amigo de Sampaio, que deu cabal desempenho à missão de expurgo. Porém, ressentiu não pequeno espanto ao ver afluir no pôsto procissão de negras espetaculosamente vestidas, candidatas em eclipsar a lendária Susana Castera, a denotar graças ao português carioca invejável condição econômica, que lhe vinham oferecer jóias e mais haveres numa tentativa improficua de salvar rufiões da deportação.

Cena correspondente ocorreu no Palácio Itamarati, onde a Condêssa de São Salvador de Matosinhos, acompanhada do filho mais velho, procurava alcançar de Deodoro o livramento do outro filho. Ameaçou nessa altura Sampaio Ferraz com a sua demissão se lhe ordenassem a soltura do estúrdio e continuou implacável a campanha, apoiado o Chefe de Polícia pela opinião pública. Tempos depois apareceu em Campinas Juca Reis, decadente, sem dinheiro, na direção de companhia de variedades mais erótica que prôpriamente artística. Deplorável inspiração teve êle. Reconhecido por I. P., sua antiga vítima

---

(139) F. Gorani, “*Portugal. A côrte e o país de 1765 a 1767*”. D. João quando regente encarregou o Conde de Novion, reorganizador do exército e da polícia, para pôr têrmo às arruaças que muitas vêzes encobriam contrabando!



nas “*pensões chics*” do Rio de Janeiro, êste não teve dúvidas em retribuir as rasteiras sofridas, mandando o cocheiro mulato Honório aplicar-lhe vigorosas relhadas. Fugido para São Paulo, lamentava o malogrado empresário da “*tournée*” teatral, a falta da escolta, que outrora o garantia contra o revide de pessoas ofendidas.

Outros imigrantes menos destros em conseguir rápida fortuna, ou submetidos ao estágio preparatório da opulência, absorvidos em misteres humildes, entravam em inevitável contato com a escuma carioca. Vinham não raro a sofrer dissabores como o do jovem Inácio em outro setor da cidade. Dispunham, porém, de número às vezes superior ao dos adversários, e, acima de tudo, de efficacíssima arma contra a capoeira representada pelo “*jôgo do varapau*”. Desde séculos era conhecida em Portugal a esgrima com vara comprida e resistente, com que os habitantes do campo procuravam proteção contra “*navalha de ponta*”. Armado de varapau, ou ocasionalmente de um fueiro de carro de bois, ninguém se aproximava do minhoto ou alentejano, cujos robustos punhos faziam girar em tórno de si a arma improvisada e se tornavam inacessíveis quando dois peritos juntavam as costas e assolavam o que houvesse diante dêles. Infelizmente servia para desordeiros — lá também os havia — armarem “*campinos e valentões*” reboiços nas feiras, varrendo-as, como diziam, de ponta a ponta. Camilo Castelo Branco, escritor intraduzível de tão luso no espírito, no estilo e nos assuntos, deixou no *Amor de perdição* um dêsses quadros tumultuários. Não tardaram, nessas condições, a se digladiarem no Rio os acróbatas da capoeira com os malabaristas do varapau. Outro escritor, Aluísio de Azevedo, traçou com notável veracidade um dêsses encontros na obra intitulada *O cortiço*. Sempre ouvimos dizer, por contemporâneos aos fatos descritos, conhecedores do ambiente e entendidos em capoeira, que a movimentada descrição é fidelíssima até nos mais ínfimos pormenores, precioso documento sôbre a vida proletária do antigo Rio de Janeiro.

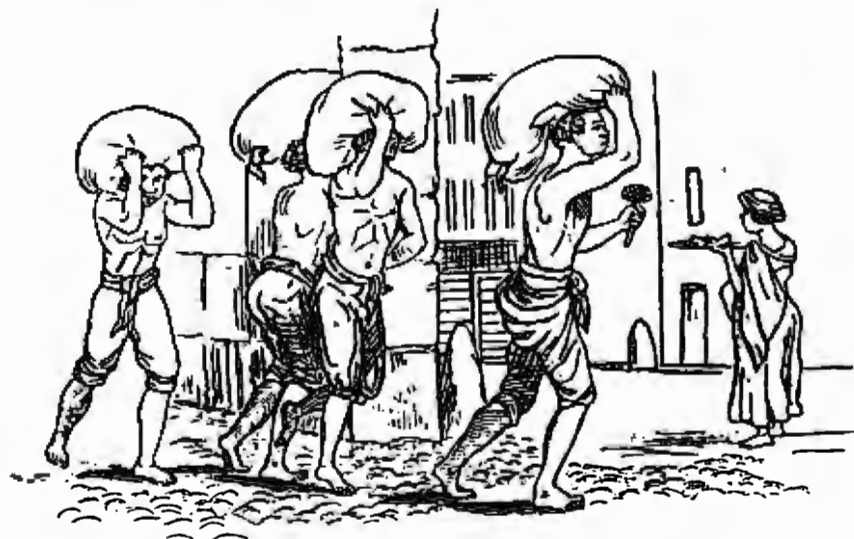
Remontando agora a D. João VI, ocorriam para mais, por volta de 1817, desagradáveis incidentes provocados pelas tripulações estrangeiras de navios de guerra surtos no porto. Em geral ancoravam entre as ilhas das Cobras, Villegaignon e o cais do Paço. O resultado da localização era ocorrer desordens às vezes sob as janelas dos aposentos reais como a re-

latada por Luccock, em que um jovem *midshipman* de faca em punho ameaçara o corpo de guarda do Palácio. Indignado com a cena, um velho português interpelava os soldados, por que não espaldeiravam o provocador, como era seu costume, a que respondiam dizendo que se tratava de inglês e como tal não permitia D. João lhe tocassem. Outros exemplos acrescenta o mesmo autor do interêsse do Príncipe Regente pelos seus aliados, aos quais conservava imorredoura gratidão pelo auxílio que lhe tinham oferecido em trágica emergência. A respeito das exações que os insolentes insulares praticavam à guisa de reconhecimento por êste regime de exceção, ocorre conhecida caricatura do famoso Cruikshank, que representa um grupo de marujos, reforçado por britânicos residentes na cidade, em aparência contra os cadetes da escolta real culpados de quererem obrigar um oficial inglês a se apeiar do cavalo ante D. Carlota Joaquina. Os comentários à ilustração, ajuntam que houve tanta exaltação de parte a parte, que tiveram altas patentes lusas e britânicas e autoridades civis, de intervir, subindo o caso até os ouvidos do Regente e do almirante Sydney Smith.

Muitos prêtos vistos pelas ruas centrais, eram empregados no transporte de mercadorias, escravos que à noite deviam prestar conta da atividade aos senhores, os quais eram em maioria compostos de funcionários da alfândega. Bem alimentados e tratados, arcavam sem prejuízo da saúde com o mister, que era para êles saudável exercício. Vestidos com pouca roupa mostravam notável desenvolvimento muscular, modelos de estatutuária antiga para um mercador inglês dado a esporte e às artes; "*the lineaments and swelling muscles of their naked bodies, reminded me of some fine antique models*". De permcio, havia forros que trabalhavam para si, todos, porém, se apresentavam pouco mais ou menos do mesmo modo, segundo vemos nos desenhos de Ender dêsses trabalhadores em atividade, ou em repouso pelas esquinas, as cestas e longos paus de que se serviam para a remoção da carga, encostados nas paredes das casas comerciais, alimentados pelos "quitutes", geralmente à base de milho, oferecidos pelas negras quituteiras, ou sonolentos em descanso, à espera de clientes.

Outro inglês alude à impressão que ao forasteiro causavam pelo número e singularidade de seus processos de trabalho. A sua técnica pela diferença que apresentava da habitual euro-

Repetido.



Repetido



Variante



CARREGADORES DE CAFÉ

péia, denotava velhos usos ancestrais africanos. Preferiam carregar fardos pousados sôbre a cabeça a trazê-los às costas como fariam carregadores de outra origem. Quando se tratava de volumes de demasiado porte para um só carregador, prendiam-nos ao varal e com auxílio de companheiros levantavam-nos do solo e os transportavam para qualquer sítio da cidade, um carregador à frente e outro atrás, pelo mesmo processo das cadeirinhas ou serpentinas. Sendo de grandes dimensões o fardo — piano, peças de maquinismos, ou pipas de vinho — mais longo e forte era o poste-suporte e maior o número de carregadores. Multiplicavam-se em cada ponta sob a direção de um chefe ou “capitão” até poderem com a carga, os esforços da operação regulados com cantos africanos de mistura com palavras portuguêsas — “*Ve na ca-a man man-ia a. Para cantar Senhora*” repetido muitas vêzes, tornando as ruas em extremo rumorosas, pois “*as a stimulus under their burdens, resound through the streets and suburbs all day*”<sup>(140)</sup>.

Tinham tentado comerciantes inglêses introduzir carrinhos mais práticos para transporte de carga, mas fracassaram pela eficiente sabotagem dos tais funcionários da alfândega, donos dos prêtos empregados no serviço de distribuição de mercadorias importadas. A exceção ao processo do “poste”, consistia em uma rudimentar carrêta, baixa, quadrada, sôbre pequenas rodas, de construção tão rudimentar quanto um carro de bois, e que também produzia desagradável chiado além do inevitável barulho quando arrastada e empurrada sôbre o lajedo das ruas. Ender reproduz, *apud* Guillobel, pitoresco magote de negros carregadores, vestidos com trapos de alta fantasia, restos de uniformes ou trajes de gala de algum dignitário catados no lixo,

---

(140) Um francês noticiava mais uma conseqüência dessa concentração de prêtos nas principais ruas comerciais, “*une odeur tenant du musc de l'ambre et de la fourmi; elle s'exhale de la nombreuse population noire qui circule dans les rues*”, dominante na cidade e que imediatamente feria o forasteiro. Acêrca do canto dos negros nas ruas, traz William Ouseley complemento de informação aos dizeres dos norte-americanos. De passagem pelo Rio em setembro de 1810, viu êste cronista da embaixada britânica enviada à Pérsia, “*To drag an immense cask of water from the public fountain to theirs masters house, seemed a common employment of the slaves; five or six pulling the vessel or a sludge, or low fourwheeled frame. During their exertion, they cheered each other by singing short sentences, either in the language of their own country, or in Portuguese. There was a pleasing kind of melody in this simple diant; and a gentleman who had resided many years at Rio de Janeiro, informed me that the usual burden of this Portuguese song, was little more than to address to the water-cask, come load, come soon home!*” A informação partia de antigo habitante da cidade, possivelmente desde o período colonial, por onde vemos perpetuar-se a tradição por décadas e mais décadas. Pelo aspecto dêsses escravos, concluíra o inglêz informante, que estavam satisfeitos no mister pelo fato de serem bem tratados.

e chapéus de semelhança origem, alguns até com plumas<sup>(141)</sup>. Certas guaches do português, datadas e assinadas muito antes da chegada do pintor austríaco, não deixam dúvidas de que despertaram a atenção do confrade, o qual cuidadosamente os copiou a fim de nada desperdiçar do curioso que reproduzem. O mesmo praticaram ingleses e provavelmente muitos outros de que não temos notícia.

O rumor da atividade das principais ruas cariocas — Direita, da Alfândega, do Sabão, do Cano, dos Ourives, dos Pescadores ou do Ouvidor — era, entretanto, considerado por britânicos quase providencial. Sem êle arriscaria a “*Brazilian metropolis*” parecer funérea aos visitantes. Contrariamente ao que se poderia supor numa cidade sob o trópico, habitada por gente tida por barulhenta e amiga de estardalhaço, o Rio de Janeiro era triste e seus habitantes reservados a ponto de causar má impressão. Vários fatores concorriam para o estranho paradoxo, entre os quais ressumar do antigo regime colonial, vigência do regime servil e malquerença entre os habitantes a excluir cordialidade e despreocupação. O canto de trabalho dos carregadores cortava, destarte, a modorra de ruas onde ninguém passeava, completamente desertas na hora do almôço, os homens atarefados no período do expediente em repartições públicas ou a sestar durante o dia, as mulheres prêsas em casa,

---

(141) Debret traz a melhor descrição dos personagens de Ender-Guillobel no texto do seu álbum, “*La profession distincte des Cangueiros, ou porteurs de cangalhas, doit son nom aux cordes à crochets dont on sert au Brésil pour suspendre les charges des bêtes de somme aux crochets de leur bât, appelés cangalhas.*”

“*Ces porteurs employent effectivement ces mêmes cordes pour suspendre les fardaux à un enorme bâton appuyé sur leur épaule; et cette méthode, regardée à juste titre comme la meilleure pour transporter les meubles pesants et fragiles tels que commodos, pianos, glacés, etc... s'emploie aussi pour le transporte des pipes d'eau de vie et des caisses de sucre. La pesanteur du fardeau détermine le nombre des porteurs, qui varie depuis deux jusqu'à huit. Ils marchent à très petits pas et toujours obliquement, afin de modifier l'effet du balancement de la charge qui, sans cette précaution, entrainerait tous les hommes, et les empêcherait de dégager le pied qui doit se porter en avant. Du reste la cadence du refrain qui règle leur pas avertit de loin, les cochers ou les cavaliers distraits de respecter leur marche pénible et entravée. Le plus court et le plus simple transporte, fait à deux hommes, se paye de 16 à 20 vinténs (deux francs et 10 sous de France). Un esclave cangueiro doit chaque soir rapporter à son maître de 6 à 8 francs; taxe exigée sous peine de correction. On est assuré de trouver de ces porteurs à certaines places de la ville où lon voit de loin, adossé à la muraille, l'enorme bâton cerclé de fer aux deux extrémités, et au sommet duquel est attachée une grosse corde pelotonée avec soin. Cette classe de porteurs, si utile au négociant ne l'est pas moins à l'artiste qui y rencontre les formes athlétiques les plus pures, pour lui si précieuses à étudier... Porteur des plus pesants fardaux, et par cela même obligé, pendant l'excessive chaleur du jour, de découvrir au moins la partie supérieure du corps, le Cangueiro met une certaine coquetterie à grouper autour de ses reins le reste de son vêtement. On le voit fier de sa force, orner sa tête de quelque vieux débris de coiffure militaire, pour relever l'originalité de son costume: mais c'est surtout dans la pièce indispensable, dans le bourrelet collier qu'il porte en sautoir, que brille de luxe de sa parure”.*

invisíveis atrás de rótulas. O ciúme ibérico não permitia o variegado movimento cidadão encontrado na Europa setentrional, em que no século 19 toda gente saía à rua para espiaçar ou tratar da vida<sup>(142)</sup>. Até as crianças, buliçosas e rumorosamente manhosas no lar — no gineceu materno onde seu maior divertimento, segundo um francês, em vez de brincar como as crianças européias, “*avec des jouets*”, era romper o que lhe caísse ao alcance da mão na mais insuportável algazarra — ao sair à rua quedavam-se silenciosas como os turbulentos infantes D. Pedro e D. Miguel quando apareciam em público em companhia dos pais.

A respeito da diversão produzida pelo canto do prêto, escrevia um insular: “*It is certain that their songs gave a cheeriness to the streets which they would otherwise have wanted, for the whole population seemed tongue-tied; there was no playfulness of boyhood, no springtiness of youth, no obstreperous shouting of the more advanced in years. In this respect Rio differed from every other place which I have visited. The first general shout, uttered by the people by my hearing, was in the birth-day of the Queen, in 1810. It followed the feu-de-joie fired on that occasion, and was a suppressed huzza, not cold,*

---

(142) “*Je n'ai vu*”, escreve a propósito Pallière, “*le Portugais du Brésil n'être sensible qu'au plaisir que peut donner une femme, et a une jalousie outrée. Voilà sa vie, et ce goût n'est modifié que lorsqu'ils ont le goût du jeu, défaut que j'ai remarqué à un point extrême dans les petites villes où j'ai passé dans ce voyage. J'ai encore moins vu des femmes ici qu'en aucune autre part*”. De volta de S. Paulo ao Rio continuava o pintor, “*Généralment les femmes même des maisons comme il faut, ne savent ni lire ni écrire, et, au fait, la chose est presque inutile. Elles vivent jusqu'à l'âge d'être mariées, qui est ordinairement de très bonne heure car elles le sont de 13 à 14 ans. Jusqu'à cet âge elles passent le temps avec les nègresses de la maison et pire, avec les mulâtresses qui presque toujours sont debauchées à un point incroyable. Ensuite on les marie assez ordinairement à un vieux*”. Este pormenor demonstra participar Pallière da maioria turista afeiçoada a juízos temerários e generalizações apressadas. Contudo, ainda não fosse habitual o casamento de mãças com velhos, vamos sómente a título de curiosidade ao resto da descrição: “*elles passent alors de l'état d'enfance, très mal élevées à celui de mère. Sans se douter du devoir qui leur reste à remplir, elles sont très retenues par leurs maris, et très détachées d'elles mêmes, et ce qu'il y a de très drôle, c'est de voir l'espèce de hauteur musulmane avec laquelle les maris traitent leurs femmes. Jamais ils ne leur donnerait le bras. Lorsqu'ils sortent ils vont en espèce de procession, le mari toujours le premier, ensuite les enfants, après la femme, puis la queue en file de nègres et de mulâtresses. Ces braves gens trouvent très ridicule la place que tiennent les femmes dans les autres nations. Ils disent comment une femme peut être fidèle, si elle n'est pas surveillée. Par son mari et sous la clef. Et je le dis franchement, je n'ai pas trouvé de pays où les femmes agissent plus sans façon avec le matrimoine, qu'en Portugal. La même femme qui ne vous a pas regardé devant que son mari, vous envoie un billet doux et un rendez vous avant que vous vous soyez douté que vous avez fait la conquête, et une fois que la place est rendue de bonne volenté et sans effort, le lendemain la dame vous dira “jais moi, oh! mon bien aimé, le plaisir de remettre au porteur de la presente de deux ou trois doubloins, plus elles sont chères”*”. Explica, porém, logo adiante, a razão de tanta sem-cerimônia ao escrever: “*J'ai vu un couple dont le mari et la femme (horriblement sang mêlés, pour ne pas dire mulâtres) être père de trois enfants*”,

*but timid; it seemed to ask whether it might be repeated*". Era de certo modo inevitável que assim acontecesse, numa população dividida por fossos sociais intransponíveis. Os camaristas del-Rei não freqüentavam os portugueses comerciantes; os naturais da terra, fazendeiros nas capitanias ou proprietários no Rio, afastavam-se de reinóis com quem não se entendiam; tampouco, súditos de S. M. F. se compraziam com estrangeiros, e, para rematar, imigrantes franceses eram espezinhadados por mercadores ingleses<sup>(143)</sup> e assim por diante, num ambiente onde tudo concorria para evitar desinteressada convivência entre os diversos elementos da população.

Não era igualmente possível haver semblante alegre entre prêtos de ganho preocupados com a fêria do dia, aborrecidos, para mais, pelos outros prêtos. A antipatia existente entre êles estava ao alcance do menos observador. Um coevo escreveu: *"All these blaks are from different parts of the coast, and having been hostile tribes, retain much of their antipathy to each other"*. O apartamento representava mais uma garantia de ordem no campo e nas cidades para os indivíduos livres de qualquer côr, pois, dificultavam levantes irresistíveis como houve nas colônias francesas e as que se esboçaram na Bahia. A progressiva orga-

---

cada qual de matiz diferente, ocioso acrescentar, que os elementos observados deviam pertencer às mais baixas classes de habitantes livres. No Rio Pallière passa depois a tratar dos efeitos do ciúme português decorrente da predileção das mulheres por estrangeiros, as quais, através das rótulas, examinavam o movimento das ruas sem ser vistas. Gente de fora e em trânsito lhes parecia menos perigosa por não ser tão comprometedora ante o ciúme do marido. De uma feita, um negrinho procurou Pallière no rés-do-chão onde êle habitava, na rua dos Barbonos, para lhe transmitir amável convite de sua senhora, desejosa de o conhecer em sua casa. Lembrado o pintor do assassinio em condições semelhantes de um amigo antigo morador na mesma casa em que êle habitava, recusou a oferta. Voltou o prêto a insistir por ordem da dona, tornando à carga até o convencer. A tal bealdade *"aux grands yeux noirs"* na primeira e furtiva entrevista que tiveram, *"me fit promettre d'y aller le lendemain car son mari étant employé à la douanne il ne pouvait sortir qu'à 4 heures. Nous aurions alors le temps de nous voir à notre aise, et le lendemain j'arrivai à une heure ou elle était sur une marquise (canapé). La conversation ne fut pas languie et les grands yeux noirs prirent une expression qui finissait la conversation, et nous passâmes à la fornication — "Mas qual foi meu espanto", continua Pallière em português, "de achar os p...s todos cortados. Parece que os índios não tinham p...s e os portugueses gostam que as suas mulheres sejam o mesmo. Fiquei muito espantado. Era como uma menina de dez anos... je continuais cette connaissance mais autant pour moi que pour elle je la laissais. Elle en fut assez peinée. Son mari étant un espèce de sauvage mal leché. J'avais 30 (ans?), elle voyait souvant les equipages du Roi venir me chercher. Elle avait le cœur haut placé, quelque éducation et les passions jalouses quoique Portugaise d'Europe. Occupé à la cour à faire le portrait des Princesses, absorbaient tout mon temps"*. Há outros trechos que não podem ser reproduzidos, por sinal, sem o mesmo interesse, para etnólogos e antropólogos que os acima reproduzidos.

(143) A cordialidade entre estrangeiros no Brasil se limitava a relações entre personagens oficiais. Os particulares conservavam muitas vezes malquerenças de fundo nacionalístico de que o *Diário* de Pallière é divertido exemplo. Não há doesto que deixe o pintor de prodigalizar a um companheiro de viagem inglês no trajeto do Rio a São Paulo.

nização das forças militares em todo o país — milícias e exército profissional — e acima de tudo, o ambiente familiar católico, conseguiram conter antigos guerreiros em meio da coletividade composta de elementos sociais e culturais europeus, americanos e africanos. A propósito Marrocos se refere a notícias vindas da Bahia: “*soubemos de hum grande tumulto de Negros... matarão muitos brancos, e alguns são Negociantes, alguns soldados também forão mortos, assim como outros Negros querião se associar ao tumulto. Lançarão fogo a muitos Engenhos, aos Armazens da pesca da Balêa, e a mil outras partes, de maneira que se affirma que só a Fazenda Real perdera mais de trezentos mil cruzados*”. Atribuía o bibliotecário, eco da voz geral na côrte, a ocorrência<sup>(144)</sup> à incúria do governador local, desatento em dividir os prêtos segundo sábia separação em nações diferentes, “*porque tem os Negros a boa circunstância de não se unirem nas suas senzalas e ranchos, se não os filhos da sua mesma terra, e não acompanhão, nem contrahem amisade com outros; e como hé immensa a variedade de Nações delles, vem a ser os ranchos (grupos) de cada huma pouco numerosos*”. No Rio de Janeiro entravam cativos de tôda proveniência para serem vendidos como escravos, da Costa de Mina, Angola, Congo e Moçambique, “*e porisso inimigos huns dos outros*”.

Acontecia que na Bahia, “*por hua inclinação natural dos habitantes*”, predominavam os Minas, de cultura fortemente marcada pelos muçulmanos através de trato mercante imemorial<sup>(145)</sup>, que lhes conferia caráter acentuadamente belicoso. Eram mais cultos e aproveitáveis no trabalho que os negros do sul do equador, mas traziam consigo germes de descontentamento e rebeldia: “*e em qualquer desordem*”, rematava o escriba, “*todos são unanimes como neste se acharão, e só matarão os pretos que não são seus Patrícios. A muita liberdade que o Governador lhes tem dado, e o pouco caso que fez de suas desordens, julgando-os incapazes de emprezas grandes, produzirão talvez esta explosão que ha de ficar em lembrança*”, e continuava muito apreensivo Marrocos pelo fato de constar, que mor parte dos amotinados fugira para os matos, o que parecia ameaça de novos quilombos.

---

(144) Cf. na obr. cit. do Autor *Relações entre a Bahia e o Daomé* a atitude dos revoltosos de volta à África.

(145) Cf. id. na obr. cit. do Autor *Relações entre a Bahia e o Daomé* in *O Brasil e o Colonialismo Europeu*, Cia. Editora Nacional — S. Paulo.



Os tempos, porém, eram outros. Os “*Capitães-do-mato*”, compostos de caboclos e mulatos, implacáveis inimigos dos prêtos e auxiliados pelas forças regulares, recapturavam muitos e continham os demais, de modo a vedar a continuação das desordens. Mas a inimizade latente entre elementos de côr também concorria para incentivar a delinqüência no Rio. Os escravos de gente opulenta ou possuidora de destacada situação administrativa, como Rio Sêco, José Egídio, Manuel Jacinto, Fernando Carneiro Leão e outros, situavam-se além do contágio de maus elementos, no recesso caseiro adornado por virtudes cristãs. Mas os que viviam na rua a fim de angariar meios para os senhores, inevitavelmente se contagiavam com os piores elementos de congêrie afro-carioca.

Havia de permeio com os escravos pertencentes a funcionários de alfândega e outros empregados em transportar mercadorias, indivíduos saídos não se sabia bem de onde, como cães sem dono, servos de gente mofina, a vaguear pelas fontes e cais do pôrto, que simulavam profissões, assistiam procissões e diversões, apareciam em tudo que fôsse festa de negros — e havia muitas — no correr das quais gafavam os semelhantes. Ender deixou quadros curiosos de prêtos na faina de carregar e descarregar mercadorias na Praia dos Mineiros com água até o peito, e vadios à volta de barbeiros sangradores, quituteiras e mais atividades de forros e negros de ganho. De quando em quando estourava uma desordem em que nem sempre figuravam as tais estátuas de bronze a lembrar atletas da Hélade mencionadas pelo viajante, porém esguios molecotes, providos de simiesca agilidade, que a poder de rasteiras e cabeçadas espalhavam em polvorosa a negrada das bicas. Felizes os soldados de guarda quando conseguiam debelar o tumulto com algumas correadas; às vêzes, era preciso reforço de tropa para dominar a matula ou dispersá-la não raro sem a captura dos principais provocadores do conflito.

Premido pelas circunstâncias, às voltas com reclamações indignadas, tinha o braço direito do Intendente Paulo Fernandes Viana, o famoso Major Vidgal, de rondar à noite os pontos mal afamados do Rio. Ali se reuniam os contraventores das posturas policiais e municipais, em reuniões escandalosas com mulheres do baixo meretrício, em que danças se misturavam com capoeiragens, rematadas por pancadas e navalhadas. A figura dêsse personagem tornou-se lendária graças ao romance *Memórias de um sargento de milícias*; contudo, a despeito da

enorme chibata que êle trazia consigo e das coronhadas aplicadas pela sua escolta no dorso dos recalcitrantes, a matulagem continuou a crescer e a desenvolver-se. Ainda bem quando se reduzia a pancadaria entre os seus componentes. Do paul escorrido do cárcere (de que há desenho de Ender) e das senzalas para as ruas saíam os capangas, que se alugavam a quem mais desse para agressões, vinganças ou proteção de aventuras confessáveis e inconfessáveis.

Um dos piores característicos da vida portuguêsa, em que pouco se diferenciava da suburra romana e *bas-fonds* dos antigos pequenos Estados italianos, era a praga dos assassinos de aluguel. No Rio de Janeiro como no Transtêvere do século 16, era fácil encontrar quem, mediante espórtula, se encarregasse de desforços, indo da sova de pau ou relho à punhalada sem salvação. Eram reflexos da índole dos grandes da época, da tradição lusa e da sociedade ainda com resquícios de feudalismo. Todo personagem de alguma importância devia obrigatòriamente dispor de quem o fizesse respeitar, ou castigasse a quem não o reverenciasse como êle supunha fôsse devido. Os romances sentimentais de Camilo Castelo Branco estão cheios dêsses "*bravi*" ainda encontrados em Lisboa e províncias no século 19, a figurar sob a designação geral de "*criados*" no séquito de fidalgos de alta prosápia. Também "*brasileiros*" de torna-viagem da América, onde tinham encontrado a "*árvore das patacas*", com a riqueza pretendiam imitar os figurões ainda presentes nas suas lembranças de infância, do sítio onde residiam antes de transpor o oceano à procura de melhoria de vida.

Do velho reino a calamidade passara, muito antes do aparecimento da côrte na Guanabara, nas vielas do centro, nos subúrbios, no Catete, Glória, Campo dos Ciganos e adjacências, a figura principalmente em casos passionais. Um Henry Beyle, amador dêsse gênero de tragédias, poderia fartar-se de assuntos semelhantes na crônica das cidades litorâneas brasileiras. Em tôda parte sobejavam assassinos de aluguel, de preferência mulatos, mais espertos e destros que negros, pouco exigentes quanto ao salário desde se lhes protegesse a fuga<sup>(146)</sup>. Acontecia, porém, muitas vêzes, que o mandante depois de empregar capangas nos seus criminosos intentos, empregava outros para

---

(146) Escreveu Pallière com referência a um marido de senhora acessível, "*quoique Mr... ne me parut peu effrayant, on a des esclaves qui au plaisir donnent une facada et comme la police est très mal faite le crime reste impuni*".

se livrar dos primeiros, pois a justiça se mostrava muito mais ativa em descobrir os autores de agressões contra brancos do que a respeito de gente de côr. Ademais, havia atitude generalizada e muito peculiar acêrca dos delitos passionais nos domínios ibéricos. Matar a espôsa infiel e o seu amante, era um direito do espôso ultrajado e não havia maior insulto que a injúria “*cornô*”, marcada de tal ressonância infamante, que até solteiros se ofendiam quando alvos do impropério. O assassínio de Duclerc, pouco respeitador de lares alheios, pretexto para Duguay-Trouin assaltar o Rio de Janeiro, provàvelmente não teve outra origem.

Contara Henderson “*An English gentleman, who as resided in the Brazil nearly forty years*”, familiarizado com os costumes da terra, episódios derivantes do ciúme contra estrangeiros demasiadamente desenvolto em matéria amorosa. Certa vez em pleno Largo do Paço, junto à habitação real, recebera um oficial britânico facadas desferidas por um embuçado: “*It was said that this wretch had unjustly encouraged a feeling of jealousy against the British officer in regard to his wife, or some part of his family*”, numa reedição do que sucedera ao corsário francês. Horrorizava-se, daí, Henderson com as amostras que presenciara de facas especialmente manufaturadas na Inglaterra para o fim, “*manufactured expressly for this purpose*”. Acrescentava pormenor, que demonstra outra influência ibérica no uso à noite de punhal e capote, sucedâneo das antigas capa e espada, pois nas brigas “*amongst themselves*”, os habitantes brancos e mulatos do Rio enrolavam o manto num braço como escudo “*for a sort of shield*”, e com o outro manejavam faca ou navalha de ponta.

Aos crimes passionais outros se enxertavam depois da chegada da côrte, em extensão nunca vista no período anterior. Escrevia um viajante que a vida de indivíduo mesquinho não valia mais que dois dólares, e por menor quantia um covarde podia alugar contra adversários um “*Bravo to take it away*”. Multiplicavam-se também roubos e assaltos a mão armada, de dia e de noite, a ponto de obrigar estrangeiros a andarem de pistola à cinta e disporem de armas ao alcance da mão quando dormiam<sup>(147)</sup>. Perseguir um delinqüente era perigosíssimo,

---

(147) Um cronista de expedição francesa à volta do mundo, assevera que no Rio de Janeiro era arriscadíssimo para estrangeiro atravessar a baía em barcos de prêtos, “*aussi recommande-t-on de se défier de ces conducteurs de bateaux... Plusieurs passagers trop conjoints ont payé de leur vie une telle imprudence*”.

porquanto acoissados não hesitavam em golpear o primeiro afoito que tentasse segurá-los. Havia postos policiais em vários sítios da cidade, mas demoravam tanto os milicianos no ajustar cinturões, pistolas e rifles, que, antes de prontos, o criminoso estava longe.

Descontado o que há de exagêro ou êrro de informação nos viajantes, tudo leva a crer, que o súbito aumento de população e dificuldades em estabelecer órgão tão complexo e delicado como o da segurança pública, superou as possibilidades do govêrno de D. João VI. A começar pelo Intendente da Polícia, Desembargador Fernandes Viana, homem já velho e cansado quando assumira essas funções, o organismo policial deixava bastante a desejar. Fugiam, por outra, os habitantes da cidade, de testemunhar ocorrências delituosas sucedidas sob suas vistas, tantos os aborrecimentos que os processos em uso lhes acarretavam. Um negociante inglês encontrou na praia de Botafogo marujo morto, que pelos cabelos "*auburn*" lhe pareceu pertencer a vaso britânico surto no ancoradouro. Foi, entretanto, desaconselhado a depor, pois poderiam até o acusar do crime. Em outra ocasião acompanhou um compatriota vítima de roubo, desejoso de dar queixa à magistratura. Na Intendência de Polícia, situada no Campo de Santana, longe do centro comercial, vieram a saber que S. Excia. o Intendente repousava e não consentia em ser incomodado antes das cinco da tarde. Às dilacões causadas por tais incidentes, procurava a polícia remediar com tratos dignos da Idade Média, aplicados a suspeitos, pelo que, muitos estrangeiros renunciavam à queixa.

Do exposto é lícito concluir que casos de desídia, como aconteceu com os aparelhos de precisão roubados à missão científica francesa, sucediam atividades como a do Major Vidigal, à noite de chibata em punho, de sorte a oscilar a eficiência da polícia naquele tempo como hoje, incapaz de resolver certos casos simples, e, contrariamente ao esperado, efficacíssima em outros em que se revelava superior em argúcia a qualquer polícia do mundo. Nada de nôvo, por consequente, neste setor. Em outras ocorrências entrava em cena o arbítrio régio. Narrava um inglês o episódio, em que apparecera num sítio deserto o corpo despido e decapitado de um individuo de côr branca. Tôdas as investigações deram resultado negativo. Por certos indícios houve suspeita de que a vítima fôsse um frade de convento não muito distante do local onde o corpo fôra encontrado. Receoso de escândalo, o superior tergiversava à procura de

subterfúgios para não dizer o que sabia. Finalmente esclareceu-se o mistério, pela confissão de fidalgo luso, o qual esperançoso da clemência real, justificada pela conhecida bondade de D. João VI, revelou ter mandado três negros degolarem o eclesiástico e despi-lo para confundir pesquisas, por simples suspeita de que lhe cortejara a espôsa.

Infelizmente o mau procedimento de alguns sacerdotes, que vinham a ser minoria, mas cujos atos desfrutavam de grande evidência pelo caráter religioso, davam azo a tôda sorte de fúteis generalizações. Estrangeiros, em que se destacavam os protestantes, não perdiam oportunidade para criticar acerbamente o clero português. Embora mencionassem o exemplar comportamento das freiras de Santa Teresa, o maior convento feminino do Rio de Janeiro, e viajantes franceses apreagoassem a virtude do Arcebispo da cidade ou a erudição e eloquência de Frei Francisco Sampaio, "*Le Massillon brésilien*", gabado em S. Paulo pelos cientistas austro-alemães o erudito Padre Ildefonso Xavier Ferreira, no geral, expediam estrangeiros acerbos reparos contra a cleresia, juntando inocentes a pecadores. No entanto, êsses mesmos ádvenas fruïam, como os demais habitantes do Reino Unido sob o cetro de D. João VI, as vantagens — imensas vantagens — proporcionadas pelo desvelado ensino religioso nas cidades e no campo, a elevar o nível moral de senhores e de escravos, com que padres anônimos durante três séculos impediam exações de uns e revoltas de outros. Sem êles não teria figurado o motim dos negros minas na Bahia como acontecimento singular, nem tampouco se caracterizaria o empolgante movimento da abolição como rôjo irresistível, movido em parte pela maçonaria e idéias do século, mas indubitavelmente gerado no próprio seio das classes dirigentes.

A fatalidade da escravidão negra é lamentável como todos os imperativos que presidiram às grandes civilizações desde a noite dos tempos, desde os alvares da Hêlade, quando se levantava na Grécia antiga o mais prodigioso monumento cultural da história. Que seria da América colonial sem o negro? Como reunir braços em número suficiente no sertão bruto, mais agreste pelo êrmo que o litoral africano? Como organizar nessas condições o trabalho sem caráter compulsório? A atenuante do regime escravagista no Brasil reside na orientação compreensiva e caridosa criada entre nós pela Igreja. Nas relações entre senhores e escravos, jamais se perdeu a semente de entendimento sob a égide cristã impressa principalmente pelos jesuítas

na incipiente sociedade colonial. A índole lusa também correu para minorar os males da escravidão, constituindo terreno em que frutificou a semente espiritual plantada pelos padres da Companhia de Jesus e numerosos religiosos de outras ordens que souberam imitá-los.

O elemento pròpriamente brasileiro dos súditos de D. João VI mostrava-se ainda mais brando no trato dos negros que o luso, já admirável nesse ponto entre europeus. Viajantes, comerciantes, negreiros estrangeiros como José Cliffe, oficiais da marinha britânica incumbidos da repressão ao tráfico<sup>(148)</sup>, pastôres protestantes inclinados a tudo condenar em sociedade católica, eram no entanto, obrigados a reconhecer o procedimento humano do brasileiro para com os seus escravos. O imigrante português ou de qualquer outra nacionalidade, aportado para melhorar de condição no Brasil, acabava, a despeito das intenções, da ganância congênita e da sofreguidão de enriquecer no mais curto espaço possível, por se contagiar, e, se bem, fôsse mais rude no trato do negro que o branco crioulo, nem de longe praticava as brutalidades que cometeria se estivesse num meio composto sòmente de compatriotas. Era tôda a favor de fluminenses a comparação feita por viajantes com o regime servil nas antigas colônias européias, onde continuava disfarçada a pior das escravidões<sup>(149)</sup>, ou a revoltante situação dos prêtos nas fazendas sulistas da América do Norte.

Sôbre o abrandamento do conceito de escravidão em portuguêses do Rio de Janeiro, proporciona-nos Marrocos curiosas informações no seu epistolário íntimo com a família. Escrevia em 1811 ao pai: *“Tem havido grandes recrutamentos não só afim de aumentar os regimentos daqui, e socorrer os que forão para as fronteiras; mas para desbasta os muitos ladrões e matadores, que атаção sem medo algum: de Minas Gerais e outras terras tem vindo aos 200 e mais facinorosos. Destes foi ha tempo enforcado em patibulo hum Preto, que matara seu Senhor, Senhora, hum filho, e violentara hua Sobrinha a quem matou depois: desses casos acontece frequentemente, assim como Pretas*

---

(148) V. na tese *As Relações entre a Bahla e o Daomé* do autor, in loc. cit. o depoimento do oficial da marinha da guerra britânica William O'Bryen Hoare. Este pouco varia do comerciante J. B. Moore e outros quanto ao trato dos negros.

(149) Id. id. o depoimento do fazendeiro nas Antilhas MacGregor, confirmado pelo fazendeiro em Demerara D. J. Higgins. Na relação da embaixada anglo-persa, encontramos notícia de que a anunciada crueldade no Brasil contra escravos não ia além do tratamento dos mesmos nas colônias britânicas, como, ademais o demonstrava *“the highest tribunal of England”*.

*matarem seus Senhores com veneno*". Havia, por desventura, muitos casos de revides de escravos, justificados ou injustificados pelo procedimento dos donos, devendo figurar entre tantos prêtos, alguns hipersensíveis, hiperemocionais, francamente anormais, que não era necessário muito atenuar para levá-los a tragédias. Sem referências à subversão ocorrida na ilha de S. Domingos, os requintes de sadismo ocorridos durante a Revolução Francesa, praticados pelo povo, ou melhor, pela burguesia culta de uma das mais adiantadas nações modernas, dão bem idéia do resultado de compressões sociais. Se isto acontecia na Europa, quanto mais nas suas colônias por parte de prêtos semi-selvagens! Por sinal, que se vislumbra facilmente exagêro nas notícias do escriba, porquanto os rumôres de envenenamentos praticados por escravas são evidentemente sujeitos a caução, levando em conta a farmacopéia tóxica da época à disposição de pretas boçais.

Dado êste desconto, vamos prosseguir na narrativa de Marrocos: *"o terror he muito necessario para esta canalha, aliás está tudo perdido"*, o que reproduz o sentir de muito reinol imigrado. Mas como não se alvoroçariam prêtos insubmissos ao ouvirem diàriamente casos da mais incrível audácia cometidos por policrômicos meliantes? Em outra carta de 1813, refere-se o bibliotecário com indignados comentários a excessos de bandidos de todos os matizes: *"Nesta Cidade e seus suburbios tem havido muito insulto de ladrões, accommettendo estes e roubado sem vergonha (!!!) e logo ao principio da noute; de sorte que tem horrorisado as muitas e barbaras mortes, que tem feito; em 5 dias contarão-se em pequeno circuito 22 assassinos, e há noute mesmo defronte da minha porta fez hum ladrão duas mortes e ferio 3.º gravemente. Tem sido tal seu descaramento, que athe assaltão a pessoas mais distinctas e conhecidas, como foi o proprio Chefe de Divisão da Policia José Maria Dantas recebeu por grande favor duas tremendíssimas bofetadas, por cahir no erro de trazer pouco dinheiro, depois de lhe roubarem o relógio Etc. Alem disto tem degolado varias mulheres, depois de sofrerem outros insultos; o que tudo tem dado que fazer ao Corpo da Policia, e não sendo este suficiente para as rondas e patrulhas multiplicadas em todas as ruas, o Intendente mandou armar e aprontar todas as Justiças de paisanos para ajudarem os da Policia; mas os pobres Aguazis até já forão accommetidos e insultados pelas grandes quadrilhas de ladrões, que lhe tem dado coças. Com effeito grande numero delles forão já prezos, e*

*estão bastante sentenciado a pena ultima, dos quaes já vão amanhã 3 para o Oratório. Faz-se agora um novo recrutamento mui rigoroso em consequencia daquelles successos, e para se aumentar o Corpo da Policia e outros Regimentos; pois o caso está muito sério, por não poder-se andar na rua mais tarde. Eu recolho às 8 horas da noute, e nunca as minhas disgressões se extendem para longe, mas só se limitão a Casa de Feliciano palestrar com meu Velho Padre Mazzoni”.*

Marrocos era o tipo de burguês luso, bem pensante e praticante do Rio de Janeiro joanino. Era o mesmo digno funcionário descrito por estrangeiros na rua, e por Guillobel nas suas guaches, engalado, empoado, com trajes fora de moda, solene, mesureiro com os superiores, ácido com os semelhantes, impertinente com os inferiores, fãcilmente apreensivo com notícias sensacionais, adepto em receber peitas e gratificações extra-escrituradas. O caso dos imponentes amanuenses da alfândega, há pouco referido, empresários de transportes e mais atividades imprevistas no seu estatuto, é típico da administração portugueza que veio com a côrte para o Brasil e não tardou a criar raízes até hoje viçosas entre nós. Mas o mais interessante da sua narrativa para íntimos, muito mais que as idéias, opiniões e procedimento de funcionário público, “*deplorable engeance*” da immortal obra de Courteline, é o que nos diz a respeito de um escravo comprado para o seu serviço caseiro. Aí temos ao vivo os hábitos domésticos de lar burguês no tempo do Príncipe Regente, nas vésperas da chegada de Ender na missão científica austro-alemã.

Tendo Marrocos prosperado na situação material, com intenções de definitivamente se fixar no Rio de Janeiro, resolveu fazer como tôda gente e organizar a sua vida na melhor base possível. Possuir servos prêtos era corriqueiro entre portuguezes, particularmente lisboetas. Parecia, até, elegantíssimo na fidalguia dispor de “*maitre-d’hôtel*” francês e de pajenzitos negros, pois se popularizara o retrato de Madame Du Barry servida por molecote encarregado do café, que a favorita oferecia a Luís XV segundo a conhecida anedota. O exemplo vinha de cima e todos queriam possuir o seu Zamore, ou coisa mais prática, quituteira qualificada “*Cordon Noir*”. Marrocos ao que parece foi feliz na aquisição, como, ademais, o Marquês de Borba e seus parentes no Rio, o qual escrevia ao filho “*D. Antonia . . . me ama como Mãe, e agora me mandou de Presente hum Moleque por vinte Pessas. He pequeno mas dá-me as melhores*



*esperanças de ser excelente, e o estou criando para o Guarda Ropa. Para lh'o mandar (de presente ao filho), comprei huma Preta lindissima por 18 Pessas. Está em casa de Antonia aprendendo a cozer, bordar, engomar . . . me parece que acertei bem. . . Estão aprendendo a doutrina cristã para se baptisarem. A Pretinha da Margarida se vai criando. He tareco lindissimo. . ."*

E deviam ser deveras graciosas as pretinhas, em que no rosto retinto brilhavam dentes alvos, de corpo esbelto, bem tratadas, bem vestidas, cútis lisa, acetinada, os pés livres de deformações produzidas por sapatos, sempre no gineceu de onde saíam somente para acompanhar as donas. Marrocos elogiava a sua aquisição, tão bem sucedido quanto o fidalgo na loteria representada pela compra de um escravo: "*O meu Preto se recomenda a todos que delle se lenbrão; só tem levado hua duzia de palmatoadas por teimoso, mas quebrei-lhe o vicio. He muito meu amigo, e eu não sou menos delle. He muito habilidoso e tem muito tino. Serve à meza muito bem. Tem muito cuidado e asseio do meu vestido e calçado, escovando-o &c. He muito capricioso em andar asseiado; e já tem muita roupa. He muito fiel, sadio, e de grandes forças. Tem hum grande rancor a mulheres e a gatos. Quando eu o puder dispensar hei de mandar ensiná-lo a rezar e Doutrina; que disse pouco sabe; eu não tenho paxorra e aqui ha Clerigos inhabilitados (sic) que vivem de ensinar Doutrina aos escravos<sup>(150)</sup>. Como elle he de Cabinda, e tomou o nome de Manoel no Baptismo compuz-lhe todo o seu nome Manuel Luis Cabinda. Tem elle a singularidade de fazer-me sentinella ao pé de mim, quando eu estou dormindo a sesta, só com o fim de enxotar as moscas para me não acordarem. Em fim, se elle não mudar, ou não tenha molestia grave que o rape, espero que elle venha a ser hum bom escravo sem pancada, e levado só pelo brio e amizade", conclusão notável que encerra em poucas palavras sábio programa, adaptado à época, digno dos mestres em pedagogia que foram os jesuítas, cujo vinco talvez remanescesse mais do que se pensa no seio das famílias portuguesas ainda em princípio do século 19.*

Repousava, destarte, a atividade carioca sob D. João VI quase inteiramente no trabalho do negro. Em casa, na rua, no

---

(150) O preço dos escravos variou muito de ano para ano (v. nossa tese sobre o Daomé). No tempo de Ender devia regular mais ou menos o que noticia um francês: "*Moyennant la somme de mille ou douze cents francs, vous avez un nègre constitué, ou une nègresse et sa posterité*".

campo, nos transportes terrestres e marítimos, no abastecimento de mercadorias, gêneros e água — êstes dos principais para os habitantes de qualquer sítio urbano ou rural — em tôda parte era o escravo a máquina de que dependia a existência e a produção dos súditos americanos do Reino Unido. Pôsto o rendimento do seu trabalho fôsse inferior ao do fôrro e êste ao do salariado branco, provido em geral de melhor experiência técnica, e por sua vez êste inferior ao obreiro empreiteiro por conta própria, era indispensável o africano onde não havia máquina nem imigrantes europeus. Tardos, madraços, inábeis e descuidados, trabalhavam pouco e mal, porém, na falta de outros, tinham os portugueses do Rio não só de com êles se haver, como procurar mais braços no tráfico. A grande tragédia nacional do século 19 foi a fatalidade que obrigava a manter a escravidão contra os ditames da Inglaterra (desejosa de livrar as suas colônias de incômodo concorrente) assim como ferir idéias do tempo e contrariar anseios dos dirigentes e mais camadas superiores empenhadas em fazer da antiga colônia uma grande nação.

Havia, pois, várias maneiras de encarar a turbamulta negra das ruas. Uns a consideravam lamentável, maltrapilha como estava, imunda, asselvajada, conquanto o aspecto robusto de homens e mulheres e a ausência de mendigos e de aleijados atenuassem a má impressão. Outros viam no seu número motivo de conforto, pelo que significava em matéria econômica, e, mais houvesse!... O ideal para êsses observadores seria ainda maior desproporção entre brancos e pretos. Finalmente havia os que se entusiasmavam pelo variegado e extraordinário pitoresco das quitandeiras, negras e negros de ganho, barbeiros e cozinheiros ao ar livre, moleques atrevidos, vagabundos forros ou escravos encontrados pelas esquinas, mercados e chafarizes, a levantar algazarra confusa de gritos, cantos e impropérios do Rio de Janeiro de D. João VI. Nestes últimos formava Ender, interessadíssimo em tudo ver e anotar para maior interesse de seu futuro álbum.

Surgiram, daí, os personagens da coleção por tanto tempo sepulta nos arquivos da *Akademie*, preciosos documentos pelo que desvendam sôbre o modo de vida do fim do período colonial e princípio da Independência. Entretanto, por extraordinário pareça, os mais interessantes pelo gênero, aspecto e atitudes do acervo, são copiados das “figurinhas” do hábil

cartógrafo português Joaquim Cândido Guillobel<sup>(151)</sup>, chegado muito antes da missão austro-alemã. Depara-se-nos logo no confronto dos modelos de Ender, flagrante diferença entre os que êle reproduziu do vivo, e os que decalcou do confrade. Os austríacos são espontâneos, muito mais fiéis aos originais na fisionomia e atitude, algo descuidados no traço e na apresentação como sói a rápidos esboços apanhados na rua, na estrada de São Paulo, em ranchos de tropeiros, onde houvesse uma cena considerada curiosa para as notas do artista. O cartógrafo, pelo contrário, é amaneirado, artificial, estereotipado e estilizado, como, no geral, os ilustradores do século 18 e princípios do 19; brancos e pretos com o mesmo aspecto, cara, tamanho, gestos, assim como incomparavelmente mais graciosos que os do austríaco, porquanto Ender desenhou os seus ao ar livre, no acaso de caminhadas, ao passo que Guillobel aguarelava em casa, de memória, há tanto tempo entre os habitantes do Rio que lhes conhecia todos os aspectos e os evocava quando bem entendia com a maior facilidade.

Dessa razão decorria o seu interêsse para visitantes estrangeiros em busca de pitoresco. Familiarizado com negros de ganho, militares ou funcionários civis, conhecendo-os fora e intramuros, reproduzia Guillobel com saborosa observação transeuntes e vizinhos no trabalho ou no recesso caseiro. Tanto podia desenhar negra de ganho, quituteira — por exemplo — figura de que Ender, Henderson e Chamberlain se apoderaram e publicaram, provàvelmente sem pedir licença ao autor, ou portugueses a examinar escravos no Valongo, ou em cenas íntimas, no correr da ceia, o modêlo em camisa e ceroulas, dando de comer a pretinhos, ou ainda estendido em marquesas para facilitar à mucama a extração de bichos-de-pé.

Daí também o saque às "*figurinhas*" de Guillobel. Encontrava o desenhista estrangeiro aportado no Rio o prato feito no trabalho do português, que possivelmente pouca importância desse àqueles cobiçados "*passatempos*". As pequenas guaches que possuímos de sua lavra pertenceram ao Encarregado de Negócios da Inglaterra no Rio de Janeiro, Henry Chamberlain, ex-oficial de marinha, diplomata e hábil paisagista, autor de conhecido álbum, hoje encarniçadamente disputado em

---

(151) Veio de Lisboa em 1811 para trabalhar na Casa da Moeda com máquina de laminar. No Rio entrou para o Corpo de Engenheiros e mais tarde se diplomou em Arquitetura Civil e foi professor de desenho na Academia Militar.

leilões por amadores de livros sôbre o Brasil. Mas o enigma, no caso, consiste em terem sido igualmente utilizadas as figurinhas do Cônsul pelo pintor oficial da missão austro-alemã. Em não poucas vistas do Rio de sua lavra, que foram gravadas e publicadas no atlas de Pohl ocorrem prêtos delinquentes, punidos com a tarefa de transportar barris de limpeza, ou “tigres”, acorrentados e vigiados por um miliciano no primeiro plano do panorama da cidade. O mesmo grupo também figura numa aguarela do vienense representando o chafariz do largo da Carioca. Em outros personagens, entre os apontamentos que ora divulgamos, alternam cópias de Guillobel, com observações indubitavelmente de Ender, como sucede a respeito dos uniformes de forças armadas portuguesas.

Uma peculiaridade da antiga cartografia era o excesso de adornos em mapas mais artísticos que científicos. Vinha de longe o costume, a espalhar guerreiros, indígenas e bichos nas terras e barcos, rosas-dos-ventos ou monstros marinhos no mar<sup>(152)</sup>. Na Península Ibérica continuou o hábito, além do desuso em outras regiões, esmerando-se os cartógrafos no traço de figurinhas, quase sempre com fito informativo. Fizemos alusão na viagem de Ender a São Paulo, no parágrafo dos trajes populares, ao álbum de aguarelas intitulado “Figurinhas”, pintadas no século 18 no Rio de Janeiro e no Oriente que tivemos em mãos no opulento e sórdido depósito do velho Chadenat em Paris. Guillobel participava da escola graças à sua habilidade em compor figuras, com certa queda à caricatura, indício de dons superiores de observação. Serviu, nessas condições, para nos deixar quantidade de tipos do Rio de Janeiro joanino, homens e mulheres, brancos e prêtos, civis e militares, dignitários da côrte e seus fâmulos, além das cenas de rua, prêtos a carregar fardos, cadeirinhas de sinhazinhas, seges de aluguel ou carros rústicos, aproveitadas pelos desenhistas estrangeiros por comodismo ou por considerá-las suscetíveis de valorizar os seus álbuns sôbre regiões “exóticas”<sup>(153)</sup>.

A ausência na época de direitos autorais incitava outrora a cada um “*prendre son bien ou il le trouvait*”. Desde o século 16 os livros bem ou mal ilustrados a respeito do Brasil, fôssem de Lery, ou de Hans Staden, vinham sendo sistematicamente

---

(152) V., do Autor, *Primeiros Povoadores no Brasil*. Ed. Nacional, 1966 — S. Paulo.

(153) As mesmas figurinhas de Guillobel tornam a aparecer em reproduções de estampas de Henderson e outros.

aproveitados por De Brys, Van der Aa e muitos outros. Na época em que Ender esteve no Rio de Janeiro não é possível enumerar o uso e abuso da obra alheia. Ferdinand Denis, no seu *Paraguai*, reproduziu com a maior desfaçatez as estampas do álbum de E. E. Vidal intitulado *Montevideu e Buenos Aires*, pouco antes impresso em Londres por Ackermann. Novamente Denis, desta vez de parceria com Hipólito Taunay, aplicou nos seis volumes do *Le Brésil*, reduções de estampas dos atlas de Martius, Príncipe de Wied, Lery, etc., inculcando-se modestamente Hipólito como seu autor. A viagem de Darwin reproduz sem menção de origem o quadro de Earl representando o Terreiro do Paço. O mesmo parece suceder na estampa de St. Hilaire acêrca da residência do Duque de Luxemburgo, provavelmente de Debret. Inversamente Martius honesto indica o autor das paisagens de Post ou de Rugendas insertas nos três volumes da *Historia Naturalis Palmarum*. Não menos correto foi Rugendas incluindo, com indicação certa de autor, desenhos de Debret e a magnífica entrada da barra do Rio de Janeiro por Bonnington, no "*Le Brésil*", assim como as figuras feitas por Victor Adam para o primeiro plano de suas litografias. Eugênio Rodrigues serviu-se de Planitz no relato da viagem em que acompanhou D. Teresa Cristina de Nápoles ao Rio de Janeiro e de Ender no atlas do suntuoso *Guida Generale*, em que lhes menciona os nomes, mas esquece de citar os autores das demais estampas. Outro "avançador" típico de seara alheia em que figura Guillobel através seus "avançadores", foi um tal Lopes, que desenhou figuras populares do Rio de Janeiro, reproduzidas em álbum pela primeira oficina litográfica carioca do inglês Briggs. Não faltou também na série quem depredasse Hipólito Taunay, com a agravante de modificar-lhe um pouco o desenho a fim de que parecesse original, como praticou Jacques Arago ao evocar um fantástico "*gaoucho*" quando a cavalo lançava ferocíssima onça.

Segundo o Visconde de Taunay, o seu tio Adriano fôra copiosamente espoliado sem indicação de autoria nos desenhos do atlas histórico da viagem de circunavegação do mundo em que tomou parte. Antes de impresso o trabalho de um artista já era aproveitado por outros! Bastava tivesse valor decorativo ou aspecto curioso para despertar sem-cerimônia alheia. Outras vêzes, por motivos de ordem técnica, para maior nitidez das gravações, recorria-se a profissionais europeus que nunca estiveram no Brasil, a poder de desenhos em ponto grande ou

quadros a óleo, como os encomendados em Coblenz pelo príncipe de Wied ao pintor Bercher, no intuito de facilitar o trabalho do gravador. Nos arquivos de velhas firmas editôras encontravam-se antigamente documentos dêsse gênero que nem sempre foram publicados. Na versão original ocorriam frequentemente falhas ou acréscimos, de que temos divertido exemplo na estampa de Choris, onde surgem danças de caboclos em S. Catarina, onde nada havia no desenho original. O próprio Ender juntou na estampa de Goiás do atlas de Pohl um carro de bois que desenhara do Rio de Janeiro alguns anos antes da impressão em Viena. Fato semelhante ocorre com a famosa cena de Rugendas intitulada "*costumes paulistas*" — a única do seu álbum referente a habitantes da capitania de S. Paulo — amaneirada e desvirtuada pelos assalariados de Engelmann a ponto de a tornarem quase irreconhecível. Ao invés de reproduzir o desenho do autor, notável, por sinal, desandam em alterações que transformam o caboclo e o mulato da cena em personagens iguaizinhos ao "*Negrier*" de Deveria, a lembrar indumentária e atitudes de atôres do *Ambigu*, ou de outro qualquer teatrinho de Boulevard, vêzo característico dos franceses da época<sup>(154)</sup>.

Havia, contudo, exceções quando entrava em cena a proibição de holandeses, patente nas reduções das estampas da viagem do Príncipe de Wied por Jobard, Hoogkamer e principalmente Velys, cuja vista dos expedicionários, numa aldeia de índios, reúne a fidelidade do desenho à perfeição da gravura. O costume de querer melhorar o decorativo das anotações de viagens segundo o gosto do lugar e da época, quando as estampava, dava-lhes cunho acentuadamente parisiense se feitas na França, suíço se em Basiléia na oficina de Steinmann, londrino se na Inglaterra ou vienense em Viena. Imaginamos facilmente a transformação de aguarelas como as inéditas e desconhecidas de Adriano Taunay — do Proh das ilhas Carolinas ou da rêde de transporte de chefes indígenas aculturados, encartolados, protegidos por sombrinhas, a fumar charuto, novidade para a Europa daquele tempo — depois de Choubard ou Coutant as gravarem em *pointillé* em chapa de cobre.

---

(154) Houve casos também de alterações por economia. O panorama do Rio de Janeiro de Ender provocou reparos do gravador Axmann, o qual julgava o céu muito complicado. Mandou então Metternich que o pintor o simplificasse para a gravura sair mais barata.

Sobrevinham igualmente coincidências de todo inocentes em trabalhos de dois artistas inspirados pelo mesmo assunto ou paisagem. Publicou certo Fruehbeck, empregado como “*courrier*” da Embaixada especial, folheto intitulado “*Skizze meiner Reise nach Brasilien*”, comentário de vistas panorâmicas do Rio de Janeiro, que parecem de autoria de Ender, mais tarde expostas pelo “*courrier*” em Viena. Uma das mais belas vistas da Guanabara foi desenhada pelo inglês E. E. Vidal, oficial da marinha de guerra britânica, sucessivamente destacado na Bahia, Rio e margens do Prata, de onde deixou magníficas lembranças a óleo ou aguarela. Consiste a paisagem a que nos referimos na vista da chácara doada pelo Regente ao Almirante Sydney Smith, mais “*seis escravos e um barco*”, como diz um documento. Representa a casa de habitação, rodeada de pomar e culturas várias, mirando-se nas plácidas águas da Armação de São Domingos. Antigamente azafamadas pela pesca da baleia, tornaram-se as vizinhanças quase desertas, apenas distraídas por algum barco de vela do espanhol detentor do monopólio da pesca naquelas paragens. A dádiva real parece ter sido de grego, sita a chácara num dos pontos mais quentes da tórrida baía, descrita por um súdito britânico, “*The house on it is small, and the situation oppressively hot; the land rocky and of little value. At the point itself are some large warehouses, originally constructed for the extraction of oil from the whale, when that fish rolled his enormous bulk in the harbour of Rio*”. A razão, porém, do presente, era o esplêndido panorama descortinado do ponto, a cavaleiro sobre a baía da Praia Grande, naquele momento acesso à região leste da capitania do Rio de Janeiro e comunicações terrestres com Espírito Santo e Pôrto Seguro. Tanto era apreciada a paisagem, que o Cônsul Chamberlain, sucessor do Almirante com desvêlo desenhou vistas da chácara tomadas na praia fronteira, mais tarde publicadas no livro *Views & Costumes of Rio de Janeiro*. As aguarelas, do Cônsul e de Vidal, são idênticas, do mesmo ponto, com igual barco no primeiro plano, porém, na coincidência, provavelmente não haveria apropriação indébita, pois tanto um como outro, apesar de amadores, eram habilíssimos paisagistas e prescindiam de copiar-se.

Mas uma coisa é ser habilidoso em paisagens e outra em retratos, caso, por ex., do oficial de marinha francesa de La Touanne, que teve no seu atlas de viagem à roda do

mundo de recorrer a Bichebois, que nunca saíra de Paris. Nesta diferença reside talvez o motivo da presença das figurinhas de Guillobel no álbum dos ingleses Henderson e Chamberlain, ou nos desenhos de Ender destinados ao projeto que o vienense não logrou realizar a despeito da proteção dispensada pelo todo-poderoso Metternich. Em todo caso lá figuram em particular destaque nos desenhos da *Akademie* os prêtos do Valongo, ao depois distribuídos pelo Rio. Por ironia do destino, encarregou-se um russo, sob côres indignadas, da descrição do abjeto mercado negreiro. Em realidade, compunha-se de muitos depósitos, pertencentes a diversos traficantes, onde os pretendentes a escravos podiam procurá-los. Num desses antros, depararam-se a Bellinghausen negros magros, deprimidos, escrofulosos, revelando os sofrimentos da viagem a despeito dos esforços dos donos para refazê-los após desembarque. Nos renques de negros expostos, os menores ficavam à frente e os maiores atrás. Os compradores eram quase sempre recebidos por um português — ou melhor, cigano — armado de bengala ou chibata, e na sua ausência, pelo negro fôrro ou “*ladino*”, afeito ao mister, que apresentava a mercadoria.

Com auxílio do instrumento que empunhava, como domador em circo, obrigava o cigano as “peças” a entoarem uma espécie de toada de dança africana, a fim de acompanhar trejeitos no saltar ora num pé ora no outro. Aquêles que não demonstrasse bastante atividade arriscava os cumprimentos do bastão estimulante do lojista, recebendo logo o cativo aportado dos viveiros da África, substancial noção da disciplina exigida em sua nova condição de escravo. Quem desejava examinar alguma peça indicava-a ao encarregado que a trazia à sua presença. Submetido a cuidadosa inspeção, desde a dentadura até às partes mais íntimas do corpo, acaso satisfizesse ao comprador efetuava-se o negócio, tendo o russo presenciado em 1817 uma dessas aquisições pela elevada quantia de duzentos dólares espanhóis!

No separado das mulheres procedia-se de modo semelhante, com a diferença que as negras dispunham de pequeno saio e muitas vêzes traziam o peito recoberto com um pano. As côres das tangas e mais pedaços de tecido, variavam segundo o traficante. Nesse ponto os prêtos que os *Sketches of Portuguese Life* nos mostram num barracão de cigano mineiro, também ensaiariam o antegosto de uniforme, que lhes seria impôsto —



mais tarde por exemplo — nas minas inglesas de Morro Velho ou Córrego Sêco pertencentes a súditos anti-escavagistas de S. M. Britânica. Encontramos na coleção Marcelino de Carvalho interessantíssimo documento desenhado por um dos funcionários dessas empresas, que representa a lavagem de minério procedida por pretas em uniforme, composto de saia e corpete prêto e vermelho e touca branca, elegante remate que lhes dava aspecto algo de “*farmer maid*” em alguma leiteria da Inglaterra. Impressionado, porém, pelo deplorável espetáculo da antecâmara da escravidão, insurgia-se Bellinghausen — cujo país, a Rússia, em 1817 estava em pleno regime servil — contra a pretensão dos portugueses de manter inalterada a escravidão negra. Diziam-lhe alguns luso-cariocas a esperança de que o governo conseguiria mais uma vez adiar a abolição tão desejada pelos ingleses. Familiarizados desde a infância com a mazela, não viam mal algum no indefinido prolongamento do tórvo regime, tanto mais, que no momento, intervinha fator favorável a respeito representado pela lavoura cafeeira. O surto de produção, incentivado pela chegada da côrte, provocava a vinda de numerosos agricultores, muitos lastreados de capitais, mas que se viam às voltas com o problema de adquirir braços por preço razoável.

Contavam-se, no Rio de Janeiro e subúrbios no tempo de Ender, agricultores de café de tôdas as nacionalidades possíveis, imagináveis. Ingêleses como Chamberlain ou Mowke, franceses como a Condessa de Roquefeuil, Gestas, Scée, etc., russo-alemão como Langsdorff, holandeses como Hogendorp, chineses importados para plantar chá, mas que se dedicavam a café “*comme tout le monde*”, além de portugueses e brasileiros. A respeito do produto fluminense, noticiava o tratado contemporâneo de d’Aulnay: “*Ce café encore nouveau dans le commerce, ressemble assez au Café Bourbon; comme lui il présente les nuances vertes ou jaunes. Sa fève, assez grosse, est régulière peu alongée, peu pelliculée, et possède une odeur assez forte. Il vient en futailles et en sacs de toile*”. O fato de não ser incluído entre os melhores cafés da América, encabeçados pelo da Martinica, é compreensível, porquanto, cultivado em zona imprópria, como a capitania do Rio de Janeiro, estava longe de possuir as qualidades que depois demonstraram os cafés dos limites de Minas e São Paulo, em Franca do Imperador, São João da Boa Vista, além de certas manchas de Araraquara, Ribeirão Prêto e São Simão. Mas se era inferior aos da Amé-

rica Central, nem por isso deixava de alcançar bom preço. Contara o Cônsul Langsdorff aos russos, que pouco antes se registrara no Rio afluxo de numerosos lavradores europeus<sup>(155)</sup>, e durante a permanência dos oficiais moscovitas no Rio, apareceram dois franceses com intuito de abrir fazendas, atraídos pela perspectiva de compensadora aplicação de capitais. Outro russo, de outra expedição, porém, da mesma época, noticiava a chegada de antigo e rico fazendeiro de São Domingos, que logo comprara grande extensão de terras e muitos escravos. O próprio Cônsul, como foi dito, era também cafeicultor, pois o fim das guerras revolucionárias e napoleônicas favorecia atividades econômicas pelo mundo afora de que o Brasil largamente se aproveitava.

No reinado de D. João VI o surto agrícola fluminense constituía riqueza tão apreciável quanto jazidas de Minas Gerais no tempo de D. João V. Infelizmente entre as manifestações do progresso surdiam nojentos intermediários do tráfico constituídos pelos famosos ciganos. Expulsos de Portugal apareceram em várias datas nas suas colônias em tôda sorte de improvisadas profissões. No reino tinham-se especializado caldeireiros quando não exibiam animais adestrados e roubavam as populações entre as quais transitavam. De uma feita mandou Martinho de Melo Castro, quatrocentos ciganos, homens e mulheres para o norte do Brasil, arrebanhados em Extremoz. A providência foi julgada infeliz por Pina Manique em Ofício de 1793, em que apontava o quanto os ciganos eram prejudiciais onde estivessem. Nos domínios ultramarinos continuavam a roubar e na impossibilidade de exhibir bichos amestrados em feiras, adotavam outros misteres, revendedores e vendedores de animais que furtavam, caldeireiros, funileiros e paradoxalmente carcereiros<sup>(156)</sup>, etc. . . e com o crescimento da população e conseqüente aumento de atividade econômica, passaram quase exclusivamente a intermediários em negócios de cavalos e muares. Continuando o progresso da terra, intensificada a lavoura do café simultâneamente com a do açúcar, incrementado de modo espantoso o tráfico de escravos, substi-

---

(155) Escrevia Langsdorff em 1819 que "*Le Brésil a l'air d'un paradis; le sol y est fertile, riche et l'on y vit bien mieux que plusieurs personnes ne le croient peut-être. Je suis un grand admirateur de ce pays... Le caféier y réussit mieux que dans son sol natal. Cet arbre ne fournit aux Antilles qu'une livre par pied, tandis qu'ici l'on en récolte quatre pour le moins*".

(156) V., do Autor, o III vol. da *Bahia e as Capitánias do Centro do Brasil*.

tuíram o mercadejar de animais pelo mais rendoso de prêtos, em que aplicavam os mesmos métodos de comércio, baseado em ludibriar o próximo.

É misteriosa a origem dos ciganos, tidos por tribos nômade da Índia, que mantinham intactos, através dos tempos, como os judeus, costumes, tradições e hábitos ancestrais. Apesar do unânime desprezo que os cercava, a sua última atividade trouxe-lhes bastante importância para atrair a atenção de estrangeiros de passagem pelo Rio. Segundo um francês *“ils se se plaisent communément au milieu de la débauche crapuleuse et de la fainéantise. Fourbes et menteurs, ils vont tant qu'ils peuvent dans le commerce; ils sont aussi des subtils contrebandiers. Ici comme partout (principalmente na Alsácia e mais ainda na Lorena acrescenta o comentarista), où l'on rencontre cette abominable race d'hommes, leurs alliances n'ont jamais lieu qu'entre eux. Ils ont un accent et même un jargon particuliers. Par une bizarrerie tout-à-fait inconcevable, le gouvernement tolère cette peste publique: deux rues particulières leur sont même affectées dans le voisinage du Campo de Santa Anna; elles portent le nom de rua et de travessa dos Ciganos”*.

Não sabia o informante que o próprio Campo próximo também antigamente se chamava dos Ciganos, a designar quase todo um bairro por eles habitado. Nesse recinto, espécie de judiaria, a fortuna lhes aumentara a dissolução de costumes, prejudicial à reputação dos demais habitantes da cidade perante forasteiros. O mesmo francês há pouco citado, assegurava que muitos possuíam *“des grandes richesses, étalant un luxe considérable en habillements et en chevaux, particulièrement à l'époque de leurs noces qui sont très-somptueuses”*, prosperidade, no entanto, ineficiente para os limpar de *“l'habitude de tous les vices, une propension a tous les crimes”*. Debret traz a propósito vista do interior de residência cigana nas vizinhanças da Lampadosa, cujo pátio cheio de escravos é teatro de castigos aplicados a prêtos, ante os olhos indiferentes da esposa e filha do dono, sentadas no chão, à moda oriental.

Traficantes, ciganos, régulos do litoral negro, desfrutadores desde séculos da escravidão, marujos sedentos de riquezas e de aventuras, astutos crioulos brancos e mestiços com o célebre Xaxa de Ajudá, o maior empresário do tráfico africano de todos os tempos<sup>(157)</sup>, formavam as pedras angulares do

---

(157) V., do Autor, tese citada *As Relações entre a Bahia e o Daomé*.

sinistro comércio, que tanta tinta fêz correr da pena de viajantes e quadros extraordinários proporcionou a artistas, de que Ender foi dos mais aplicados em registrar os pormenores. No caso, quase nos felicitamos da inexistência do seu projetado álbum, pois a falta de meios para a publicação, os resguardou de alterações como sucedeu a confrades de outras nacionalidades, de modo a mantê-los intactos na sua inteira espontaneidade e capacidade informadora.

A recusa de Metternich em custear a publicação de Ender, teve assim a virtude de evitar que os gravadores e mais artífices chamados a reproduzir os seus apontamentos, propositalmente os deturpassem ou os confundissem com as figurinhas de Guillobel. Onde não havia o mesmo risco era nos aspectos da cidade, que Ender desenhou atento em evocar casas, casarões, casebres, capelas e igrejas, sem recorrer a temperos alheios para realce de sua obra, que vem a ser a parte melhor, de mais interesse informativo e valor artístico, do acervo da *Akademie* de Viena, escapo por milagre da destruição em 1848 do *Brasilien Kabinet*, fundado e inicialmente dirigido pelo companheiro de viagem de Ender, o sábio J. E. Pohl.

---

## A ARQUITETURA NO RIO DE JANEIRO

*"Arquitetura... Espelho do homem e da sua cultura."*

GIL VASQUES

DEPOIS de um passeio pela orla marítima para mostrar a atividade reinante em praias e trapiches, Ender nos leva aos antigos bastidores do pôrto chamados Cidade Nova, Campo de Santa Ana e adjacências<sup>(158)</sup>, onde, apesar das prejudiciais aposentadorias construía-se grande número de casas. No primeiro bairro, separado de Mata-Porcos pela ponte de madeira de São Diogo, muitas obras, segundo Debret, tinham ficado paralisadas por longo tempo por causa do temor de requisições. Começara-se mas não se terminara, segundo o princípio, "*dos males o menor*". Sòmente no tempo de Ender encontrou fim a anômala situação, quando D. João foi aclamado rei, figurando o têrmo das aposentadorias nos decretos expedidos para comemorar a data, a guisa de régio presente ao carioca.

---

(158) Descreve Hipólito Taunay aquêlo sítio: "*Le nommé champ de Saint'Anne sous l'invocation de laquelle est une église dans la partie septentrionale, divise la ville en deux quartiers; celui qui se trouve à l'occident est la ville neuve; des rues en sont en général plus larges, et les maisons de plus d'apparence.*

*Des rues parallèles qui débouchent dans la place que nous venons de parler celles de Savon et de Saint Pierre, dont le commencement est au pied de la montagne de Saint Benoit, se prolongent jusqu'au fond de la ville neuve et se terminent au pont de S. Diogo, qui sert de communication avec le quartier de "mata-porcos" (tue porcs); se côte de Rio aboutit à un lac presque à sec, où l'eau n'arrive que dans les hautes marées. On y construit des chaussées, et des faubourgs s'augmentent à leurs dépens. Là est une plaine d'une lieue et demie que la ville finira par envahir; à present elle sert de retraite à des myriades de crabes et à des herons blancs appelés "garças", dont on tire un duvet recherché, connu sous le nom "d'esprit".*

Veio a alforria sob designação de “*Privilégio de aposentadoria Passiva*” concedido a 6 de fevereiro de 1818 aos habitantes do Rio de Janeiro. No espaço que durou dez anos, tiveram os moradores antigos de recorrer a tôda sorte de ardis caso tencionassem habitar a cidade em cômodos decentes. Informa Moreira Azevedo: “*Quando algum fidalgo ou criado do paço desejava uma casa ia ter com o juiz aposentador que mandava um meirinho intimar o dono ou inquilino a sair do prédio escolhido, intimação completada por inscrição a giz no ingresso de duas letras, P. R. ou seja Príncipe Regente, que o povo traduzia “Ponha-se na rua”. E ai de quem no fim de três dias não desocupasse a casa!*”. A essas requisições ajuntavam-se as do Intendente de Polícia, a fim de atender desde repartições públicas, como a Relação, que passou para a residência de João Marcos Vieira, até pouso para técnicos importados como sucedeu com os componentes da Missão Francesa.

Continuando a descrever a situação, relata Moreira Azevedo: “*Debaixo do nome do Principe Regente cometeram-se então grandes abusos e despotismos. Os proprietários assim violentados raras vêzes recebiam os alugúéis estipulados pela cessão da casa, e alguns eram até obrigados a deixar a mobília da sala!*”

A necessidade da coroa recorrer à casta nobre — primeiro na guerra, e, mais tarde, nos séculos 17 e 18, nas principais funções administrativas — outorgava à dita, entre outros privilégios, o da aposentadoria dividida em duas categorias, ativa e passiva. A primeira consistia na faculdade de requisitar, em certas determinadas circunstâncias e espaço de tempo, a residência de qualquer indivíduo destituído de privilégio que o isentasse desse encargo. A segunda era a tal garantia contra a primeira. No reino, antes da vinda da côrte para o Brasil, limitava-se a ativa à requisição de alojamentos nas vizinhanças de quartéis ou ajuntamento de tropa, equivalente, em suma, ao “*Billet de Logement*” até pouco usado nas nações européias durante as manobras militares. Contudo, em Portugal, o aspecto andejo da côrte, quando ia de Lisboa a Almeirim ou Salvaterra, agravava a medida por causa do enorme séquito dos soberanos, a transportar móveis, baterias de cozinha, víveres, roupas, etc., da real casa e dos inúmeros funcionários de variada categoria que a compunham.

Outros tinham de ceder os serviçais, sege, arreios e animais, em suma, a habitação montada. Não conhecia limites o arbítrio

dos encarregados das requisições e a respeito nos conta Luccok ter presenciado uma dessas cenas ao almoçar em modesta estalagem nas vizinhanças de São Cristóvão. Estava em meio da refeição quando bateu à porta um capitão uniformizado, que ordenou remessa de forragens para as cavaliças da Quinta, "*without even speaking of payment*". O coitado do hospedeiro lamentava-se, porque já fornecera, "*so many articles as nearly to ruin himself*", sem esperanças — não falava em pagamento — mas de recompensa pelo sacrifício. Tôda a circunvizinhança estava na mesma, submetida a saque em regra, não autorizado pelo Príncipe Regente, mas custava tanto a um mesquinho desvalido, entender-se nos meandros administrativos do poder absoluto com os responsáveis pelas espoliações, a não ser protegido por influentes ou a poder de peitas, que, por via de regra, era irremediável o prejuízo.

Contava-se, a propósito, a história de uma senhora de nome Isabela Maria, a qual já tinha cedido duas casas para pensionistas del-Rei, e se via tão perseguida pelos amadores de residências alheias, que se foi refugiar num desvão da rua dos Barbonos. Lá mandou fazer alguns cômodos para a família, mas receosa de requisições, só concluiu os fundos. Alguns beneficiados, de mais posses ou melhor caráter, espontaneamente renunciavam a tão odiosas vantagens, como o Visconde do Rio Sêco ou o Marquês do Lavradio, assim escrupulosos talvez por não querer marear, pelo mau procedimento de um neto, a recordação deixada pelo avô na cidade, que tanto lembrava o seu notável vice-reinado. Outros, porém, procuravam aproveitar-se ao máximo da situação, com desfaçatez sem precedentes. O Conde de Belmonte, por exemplo, depois de aboletado na recém-acabada e ainda não habitada residência do Patrão-mor do pôrto, deixou-se ali ficar pelo espaço de dez anos, apoderando-se também dos escravos, que o imprudente funcionário num momento de entusiasmo lhe cedera por ocasião da chegada da côrte e por mais reclamasse, não conseguia reaver.

Não menos escandaloso foi o procedimento da Duquesa de Cadaval, cabeça da fidalguia do reino, irmã do embaixador francês Duque de Luxemburgo, cujos filhos, naquele mesmo momento, padeciam pruridos de ambição a ponto de se candidatarem segundo se murmurava, à sucessão de D. João VI no trono. Alojada em casa de abastado proprietário, o qual também movido por momentâneo arroubo, lhe cedera de boa vontade, até prazerosamente, confortável chácara sita na Lapa, ali

permanecera a fidalga irremovível para maior desespêro do infeliz proprietário. De quando em quando os Cadavais manifestavam vaga intenção de se mudarem. De uma feita, constou para maior alegria do dito proprietário que iam construir palácio no Rio de Janeiro, delineado pelos artistas franceses. Tudo, porém, ficou como estava e ao cabo de dez ou doze anos, resolvida a volta da Duquesa para o reino, dignou-se a família Cadaval oferecer 600\$000 réis por ano de compensação ao dono, que sobranceiro recusou.

De permeio com pessoas realmente necessitadas de abrigo, pelo fato de terem acompanhado a côrte no exílio, abandonando repentinamente a pátria, lar e haveres, especulavam certos indivíduos com os problemas criados pela situação, passando a alugar residências requisitadas quando não mais delas necessitavam. Comentou Tobias Monteiro o disparate, escrevendo: *“houve até quem sublocasse aos proprietários lojas de casas que lhes tinham tomado. Tudo isso era possível por ter-se fixado por alugueis de accordo com o ultimo imposto predial pago, quando entretanto o valor locativo dos immoveis tinha triplicado pelo simples facto da abertura dos portos ao commercio estrangeiro, segundo informa Horace Say”*. A tamanha incongruência attribuía Soriano a malquerença que então começou a medrar entre cariocas contra reinóis, incomodados como se viam, muito além do necessário e do admissível, não só pelas autênticas desapropriações das casas, como ainda pelo aumento de impostos destinados a manter gastos da côrte.

A despeito de tais dificuldades, viam-se em tôda parte construções novas, residências, armazéns, lojas, edificios públicos, de que no centro comercial se destacavam os alicerces dos dois casarões encomendados nessa época a Grandjean de Montigny, a saber: Escola de Belas Artes e o mercado da rua Direita. Esse centro, que não devemos confundir com os depósitos e trapiches à beira-mar das sessenta firmas importadoras inglêsas, situadas mais abaixo, em direção à Saúde e Gamboa, era composto, no dizer unânime dos viajantes, principalmente dos armazéns sitos na dita rua Direita e vias transversais. Henderson descreve a primeira como espinha dorsal da cidade, correndo de norte a sul, do morro de São Bento ao largo do Palácio. Era também a mais larga, antiga e importante, com melhores edificações, onde antes da chegada da côrte habitavam os comerciantes sôbre os seus armazéns, de que Ender nos refere curiosa versão, mui diversa nos pormenores a tôdas as



outras vistas do mesmo sítio de pintores que então estiveram no Rio de Janeiro. Nenhum observou e reproduziu a via-mestra com tanto proveito para o estudioso da época como o vienense. Numa de suas aguarelas o paisagista da missão austro-alemã fixou grupo de casas do maior interesse para quem queira documentar-se sobre a arquitetura da capital do Brasil sob D. João VI. Nem de propósito acertaria com maior felicidade o alcance deste documentário, pois, guiado pela intuição de artista e desejo de informar o público do futuro álbum, atendeu exatamente aquilo que hoje mais poderíamos desejar, resumido em poucos traços, primordial depoimento sobre a arte de construir e o modo de viver de outrora.

No primeiro plano encontramos personagens invariáveis em toda vista do Rio: prêtos de ganho a trabalhar ou à espera do freguês, quituteiras rodeadas de comadres e da respectiva prole e mais profissionais de misteres inevitáveis onde havia aglomeração de trabalhadores necessitados de se alimentarem perto do sítio onde labutavam. As figuras são indubitavelmente do vienense, como em geral as que ocorrem nos seus rápidos apontamentos. Lá estão prêtos, pretas e pretinhos debaixo do rústico tóldo armado para resguardar os quitutes ou a mercadoria do sol de chumbo carioca, junto de abrigos semelhantes, cobrindo no meio da rua barricadas e caixotes retirados pelos atacadistas da rua da Alfândega ou de trapiches vizinhos. O principal interesse do desenho, porém, reside nos prédios do sítio. Compunha-se de sobrados de um, dois ou três andares, com ou sem remate de coruchéu no meio do telhado. No rés-do-chão apresentavam na frente da loja alpendre formado por colunas, onde os quitandeiros dispunham as mercadorias daquele mercado ao ar livre, conhecido por *da Alfândega*, antes que nas proximidades elevassem o edifício de Grandjean para esse fim.

Reproduz Ender bananas, alhos, cebolas, cestas, jacás de frangos, etc., dos mercadores, separado cada negócio por caixotes sobre os quais se amontoavam gêneros menores expostos aos transeuntes. Nos andares superiores também corriam alpendres com platibandas, colunas e arcos de madeira, onde havia rótulas. Já no tempo do Conde do Lavradio uma disposição governativa ordenava a remoção de urupemas, grupemas ou gurupemas, espécie de peneiras de palha que guarneciam as janelas e ingressos de casas térreas, colocadas à noite pelos habitantes e retiradas pela manhã. Com a chegada da corte, ordenou-se a substituição de rótulas por vidraças e, como muitos não pudessem

de súbito atender à exigência, o resultado era ficar a ordem obedecida pelo meio como nos mostra a aguarela do pintor, os alvéolos vazios aproveitados pelos moradores para nêles pendurar roupas lavadas.

Tornava-se estranho o aspecto daqueles renques de curiosos alpendres nas fachadas aos olhos de viajantes. Quem estivesse desprevenido quanto às disposições urbanísticas contrárias aos antigos gradeados destinados a arejar as habitações e antigamente utilizados pelas mulheres portuguesas para espreitar sem ser vistas o movimento das ruas, não compreendia a razão de tantos espaços vazios. Escreveu a propósito inglês contemporâneo de Ender: *"The effect was curious; for suddenly exposed; most felt ashamed of their appearance, some strove to improve it, and some, as usual, imitated what seemed fashionable, if not, in their view, an improvement"*. Uma das casas do desenho ainda conservava o *"laticed work"* no último andar, porém, mais à guisa de ventilador do que muxarabi árabe debruçado sobre a rua. Coroando o casario, sobrevinha o telhado com beiral saliente a fim de proteger os muros. Nas construções mais pretensiosas, a cobertura era recurva, levantada nas pontas em estilo chinês, terminada por telha espalmada, às vezes de ponta triangular, ou com buzinotes para escoamento das águas, que nos dias chuvosos deveriam jorrar para o meio da rua pôsto, não raro, esguichassem em outras direções. Daí, a necessidade no andar térreo das lojas dispor de toldos, não só para se proteger do sol, como de aguaceiros naturais e artificiais.

Continuando, agora, a caminhar direção ao Paço, chegamos em companhia do vienense aos domínios dos comerciantes fornecedores da família real, em mor parte portugueses, responsáveis pelas exações, descaminhos e gastos excessivos da Casa Real. Abusavam êsses futuros aristocratas, não só no serviço do soberano, porém, mais ainda, na incumbência de prover às necessidades de centenas de áulicos parasitas. As imediações do Paço lhes pertenciam, perto da Ucharia Real situada atrás do Carmo, antro de corrupção e foco de intrigas, segundo escreveu um historiador. Em direção da Praia de D. Manuel estavam as cocheiras, outra fonte de despesas e prejudicial desordem, a completar o malfadado recinto. Ali se elevavam muitas casas de recente construção, pelos mesmos processos coloniais peculiares ao lugar. Havia pouca taipa como a empregada em São Paulo, onde Ender pouco antes estivera, sistema ao que parece introduzido pelos jesuítas, cuja ação no Rio de

Janeiro, sede do Vice-rei, foi muito menor que na capitania de São Vicente, base do império espiritual e da penetração inacina no sul do continente. Luccok excepcionalmente menciona na propriedade de um seu compatriota nos subúrbios do Rio banhado pelo Iguaçu, perto da baía, onde vira muros de barro, “*of Taipé*” (sic) *the Paysan of Southern Europe, before unknow in this part of Brazil, though long used in St. Paul’s*”. Outro inglês noticiava que a maior parte das casas cariocas eram feitas de pedra, por sinal fácil de extrair das inúmeras pedreiras dos arredores, recurso nem sempre ao alcance de povoações do interior do Reino Unido.

Entretanto, no tempo de Ender predominava nas construções comuns o tijolo de argila “cota” graças ao progresso das olarias. Eram reunidos nos muros por argamassa chamada rebôco e revestido por outra mais cuidada, ou “stucco” à italiana, espalhado nas paredes com espátula de pedreiro, existindo outro ainda mais fino para formar tetos, processo nôvo no Rio, preconizado pelos artistas da missão francesa e mais estrangeiros, como Johnson ou Bouch. Chegados a êste ponto temos de distinguir três categorias principais de edificações, a saber: casas térreas e sobradinhos de habitação, às vêzes com loja à frente; sobrados maiores em ruas centrais — Direita, Ouvidor, Ourives, etc. — cujo rés-do-chão era sempre destinado ao comércio, a não ser alguma construção mais luxuosa ocupada por figuras como Targini, Núncio Apostólico ou Conde de Anadia; e finalmente monumentos civis, eclesiásticos, militares ou de uso da Casa Real. Naturalmente o estilo, proporções, materiais diferiam, uma coisa a provocar outra, se bem a invasão francesa e conseqüente encarecimento de tôdas as cousas, impedisse o processo por muitos anos vigentes no regime colonial, que era importar fachadas inteiras de pedra ou mármore de Liós de Portugal, preparadas de modo a favorecer a montagem onde fôssem projetadas.

A argamassa também obedecia a recursos regionais, tanto para edificios consideráveis como prédios de um ou mais pavimentos semi ou completamente destinados ao comércio, em que se empregavam ingredientes suscetíveis de lhe aumentar as propriedades incorporadoras. Nos processos de construção de regiões oriundas da civilização do Mediterrâneo — já vimos que Portugal a esta pertencia, se bem no Atlântico — misturavam-se processos herdados dos romanos com outros recebidos posteriormente de árabes. Quem viaja na Itália meri-

dional, no antigo reino das Duas Sicílias, encontra nas aldeias da costa tirrena o casario erguido por processos próximos dos empregados na outra margem, na "*sponda mussulmana*", do grande mar interno. Nessas construções, desde a noite dos tempos, procurou-se incrementar a resistência da alvenaria, expediente da maior importância econômica, pois, quanto mais forte fôr, maior duração assegurava à casa, num sítio assolado por tremores de terra. Os romanos empregavam no desígnio sangue de animais, menos práticos que os daomeanos, useiros quando morria um dos seus déspotas, em lhe elevar a tumba com taipa de barro amassada com o sangue das suas inúmeras concubinas. No Rio de Janeiro permaneceu a tradição de reforçar a cal e areia com extraordinário resultado segundo dizem, a poder de produtos das baleias, arpoadas nas vizinhanças do pôrto. Havia a lenda de que, graças ao óleo extraído do cetáceo, gozavam templos e fortalezas cariocas de longevidade ímpar, muito superior à de congêneres de outras nacionalidades. Muros antigos houve na cidade, que tiveram de ser modernamente demolidos com dinamite de tão compactos, tornados no correr do tempo impenetráveis ao camartelo do mais ativo demolidor. Pensamos, porém, provirem tais características, mais de subprodutos da baleia como por ex., o espermacete, caso não haja alguma confusão a respeito desta notícia.

Outro elemento primordial na construção, consistia na madeira, largamente usada quando ainda era fácil conseguiu-la ao sul da capitania e região vizinha. Transportada em chatas ou jangadas como nos mostra E. E. Vidal no magnífico panorama do Rio de Janeiro existente no Museu de Arte de São Paulo, desembarcava na praia de D. Manuel de onde a removiam para as serrarias da rua da Misericórdia não muito distante, ou baixos junto da igreja da Saúde, em tôda parte em que era hábito localizar materiais de construção. No Saco do Alfêres havia, para mais, depósitos de ripas de palmeiras muito empregadas em vários misteres, às vêzes de mistura com argamassa a fim de facilitar a confecção de camadas de estuque para tetos e paredes. Parece estranho fôsem tão longe, a dias de viagem, buscar madeiras carreadas por terra, via fluvial e marítima, quando ainda era fácil encontrar copadas árvores nos morros cariocas.

O motivo da diversidade vinha da aplicação de cada essência segundo o empírico ensinamento decorrente do uso.

Preferiam os construtores a canela-parda, preta ou cinzenta, para soalhos; óleo e caviúna em competição com o jacarandá em superfícies em que se requeria madeira forte e decorativa, magnificada pelos veios escuros sôbre fundo laranja amarelado; aipê, "*bois rouge incorruptible dans l'eau, comme l'ont prouvé des pilotis retrouvés à Venise*", escrevia um francês<sup>(159)</sup>; guarabu-violeta e amarelo para caixilhos e armações de rótulas e batedentes; garapiapunha, "*árvore de 50 palmos e mais de altura, com três de grossura... serve para vigas e frechais*". Ocorre ainda, nesta enumeração de Baltasar da Silva Lisboa, caixete para tabuado de fôrro das casas e portas interiores; vinhático para os mesmos fins; copaíba de várias espécies, id., id., também usadas para vigotas, etc... Em suma, segundo viajantes franceses, acumulava-se madeiramento nas casas com grande inutilidade e desperdício, a poder das mesmas essências, que na Europa ciosamente se aplicavam na marcenaria de alto luxo. Um dos espantos dos europeus era ver o emprêgo de madeiras das mais finas e raras qualidades em pisos e telhados com perdulária profusão.

Até pouco antes da chegada de Ender havia disposições oficiais proibindo o uso de pinho europeu na construção de casas por ser considerado demasiado combustível. Vira-se o govêrno obrigado a tais providências, a indicar ou vedar certos materiais por causa da ânsia de rápido enriquecimento manifestada pelos que apareciam na colônia à procura da "*árvore das patacas*". Caso não encontrassem peias à ambição, fariam do Rio uma nova Constantinopla, amontoado de favelas a mercê do primeiro incêndio que se deflagrasse. Entretanto, o pendor dos construtores reinóis quando julgados por regulamentos oficiais, em maioria oriundos de sítios onde havia abundância de pedra e de granito, era elevar casas pesadamente construídas. Pôsto as do primeiro quartel do século 19 se diferenciasssem das do último do século anterior, por número maior de portas e janelas na fachada, o aspecto geral ainda parecia maciço; muros espessos; madeiramento excessivo, prejudicial ao fim; duríssimo e pesadíssimo, sôbre alicerces profundos; mui procedentes no solo carioca, úmido nas proximidades de lençóis de água; de sorte que, as casas da pequena

---

(159) Interessante a respeito de madeira então conhecida por construtores e marceneiros é a descrição do francês Douville, pormenorizado acêrca de essências decorativas baianas, que além da capitania eram empregadas onde se faziam móveis e conjuntos decorativos.

e média burguesia do Rio de Janeiro eram quase invariavelmente feias com a agravante de longevas<sup>(160)</sup> quando encontravam terreno estável para os seus fundamentos.

A mão-de-obra que reformara o casarão onde se hospedou Ender, compunha-se de pretos forros e escravos cedidos pelo Arsenal de Marinha para o trabalho de particulares. Alguns pareciam razoavelmente hábeis, adestrados por artífices europeus do estabelecimento militar e convívio com carpinteiros e mais artífices dos navios mercantes ou de guerra, que freqüentemente compareciam nas oficinas do pôrto. O pior elemento da construção civil não seria, portanto, o obreiro da mais humilde condição, porém, o mestre-de-obras português. Apegado a sistemas pouco diversos dos que nas colônias datavam dos alvares da conquista, rotineiro na técnica e na atividade, sem veiedade alguma de melhorar velhos métodos extenuantes, quiçá, perigosos para os operários, mantinha-se invariável como pai de aleijões. A técnica ou a sua ausência — dos pedreiros, e principalmente carpinteiros, quando assentavam tabuados e forros, — suscitou críticas fundadas a observadores como Debret, abismados acêrca daquela maneira de trabalhar. Só em construção de maior vulto como o paço dos Vice-reis, ou templo de irmandade rica, alçava-se em qualidade a construção, pelo fato de virem do reino preparadas e numeradas as pedras e o madeiramento. “*Voilà où en était l'art de la Charpente à Rio de Janeiro en 1816*”, escrevia um francês ante o disparate que se lhe deparava. Felizmente não tardaram a aparecer alguns carpinteiros e outros profissionais estrangeiros que nas décadas seguintes iam melhorar um pouco a situação.

Tijolos e telhas também se ressentiam na mesma época de graves imperfeições. Nem sempre procediam de boa dosagem de seus ingredientes, havendo em muitos excesso de areia a lhes diminuir a resistência à manipulação e às intempéries, além de insuficientemente cozidos. Contudo, como a necessidade cria o órgão, a procura provocada pelo grande número de construções em curto espaço elevou a qualidade, suscitando o aparecimento de olarias geralmente sitas na embocadura dos riachos que desaguam na baía, para aproveitarem a argila ali

---

(160) Em tese deveriam ser. No entanto, a inflação decorrente da guerra do Paraguai e outras causas, em que entra também o fator moda, deram cabo em pouco espaço do casario anterior à vinda da côrte, assim como da maior parte das casas construídas sob D. João VI, as quais, em princípios do século 20, já eram raridade no Rio de Janeiro.

encontrada e o transporte por água. Em terra, a remoção era feita em pequenas carroças atreladas a mulas especialmente adquiridas para o fim na capitania de São Paulo, onde as adestravam ao mister. Acarretava, no entanto, êsse processo, alguma perda de material, pois as telhas, bastante frágeis, rachavam ou trincavam no ato da carga e descarga. Reservaram-no, daí, mais para tijolos passando o transporte da telha de forma côncava, estreita e comprida, a ser feito por escravos. Era espetáculo comum no Rio de D. João VI, ver-se filas intermináveis com mais de trinta ou quarenta pretos a atravancar as ruas da cidade, cada um com nove telhas encaixadas umas nas outras a formar volume colocado sôbre a cabeça. Dêsse modo a transportavam, assim como grandes vigas e pesadas tábuas, equilibradas sôbre tantas cabeças quanto era possível juntar. Inútil dizer o defeito dêsse processo, responsável pela demora e encaucimento das obras.

Consagrados pelo costume, resistiam tais métodos a modificações, contrários os empreiteiros a qualquer inovação por benéfica parecesse. Contra a sua teima embotaram-se depois da vinda da côrte, todos os esforços e argumentos dos componentes da missão francesa e outros profissionais europeus, a despeito do bafejo oficial com que se apresentavam. Provavelmente, também esbarraram outrora neste óbice, os antigos arquitetos portugueses encarregados das maiores construções da cidade no tempo colonial. Os principais saíam de escolas militares reinóis, única condição capaz de lhes dar noções requeridas pela arte, ao mesmo tempo que permitia trabalhar na colônia como funcionário destacado além-mar.

Alguns ficaram célebres pelo vulto da obra que dirigiam. O Brigadeiro Pinto Alpoim construiu armazéns no largo do Paço, onde se acha o Arco do Teles, assim como o primeiro chafariz do lugar, os conventos da Ajuda e dos capuchinhos, e, acima de tudo, o monumental aqueduto da Carioca, o maior empreendimento no Brasil-colônia, gigantesca mole de pedra, digna de romanos antigos, glória da cantaria portuguesa, que por longos anos caracterizava a paisagem do Rio, como a cúpula de São Pedro em Roma ou as tórres das catedrais da região do Reno. Outros militares colaboraram no delinear ou terminar essas e mais fábricas. José Custódio de Sá e Faria construiu a graciosa igreja de Santa Cruz dos Militares, tornando-se também conhecido pelos seus trabalhos em Montevidéu

e Buenos Aires. O brigadeiro Francisco João Róscio traçou a majestosa fachada da Candelária, infelizmente mais tarde muito modificada e danificada. Outro Brigadeiro, José Velasco Molina, reedificou a velha igreja de Sant'Ana, e o Marechal João Manuel da Silva traçou o risco do teatro São João, destruído passados apenas alguns anos por violento incêndio.

Iríamos longe se quiséssemos enumerar tôdas as construções levadas a cabo por militares, pertencentes ao sistema de importar profissionais e materiais do reino, com os quais competiram sábios eclesiásticos de ordens religiosas incumbidos da elevação de templos e conventos<sup>(161)</sup>. José da Costa e Silva parece ter sido o preferido do Príncipe Regente. Mestre de debuxo no Real Colégio dos Nobres, aluno em Bolonha e Veneza de Carlos Bianconi e outros reputados arquitetos, traçou em Lisboa o risco do teatro São Carlos, do hospital de Runa e decorou igrejas e palácios reais, chamado ao Rio em 1812, quatro anos antes dos franceses da missão Lebreton, depois de ter servido Junot em Queluz. Possuía numerosos desenhos de mestres italianos, que foram adquiridos pelo govêrno depois da sua morte em 1819 e hoje se encontram profusamente bichados na calamitosa Biblioteca Nacional. Veio igualmente de Lisboa na mesma época, seu companheiro Manuel da Costa, que também trabalhara como pintor na decoração de Queluz antes e durante os franceses, o que muito o comprometeu. Era considerado dos melhores artistas lusos no gênero, pôsto alvo dos remoques de W. Beckford, que tinha os arabescos por êle pintados em Queluz, como "*the most supreme and ridiculous ugliness*". Refratário aos modelos vindos do exterior da elegante arte decorativa do fim do século 18, ainda prêso a mandarinices fora de moda, impermeável aos trabalhos do ilustre Pillement, naquela mesma época empenhado em várias encomendas de adornos murais em que se destacavam os da Quinta dos Seteais, gozava, entretanto, Manuel da Costa de lisonjeiro conceito junto à côrte. Valeu-lhe a fama, que o inocentou da pecha de traidor e o reconduziu ao valimento do bondoso Regente, ser indicado para socorrer a cidade do Salvador assolada pelas chuvas de 1813. Escrevia Marrocos ao pai: "*S. A. R. Mandou daqui a toda pressa o Architecto José da Costa com hum grande numero de outros Architectos e Engenheiros, para*

---

(161) V. *O Mosteiro de S. Bento*, por D. Clemente da Silva Nigra.



*alinharem huma cidade nova fora da eminencia dos morros e montanhas, de que ainda agora continuão a despejar-se pedaços que arrazão tudo que encontrão”.*

Provavelmente foi limitada a sua atividade na Bahia, pela falta de recursos do Tesouro. Mais ponderável parece a que desenvolveu na Fazenda de Santa Cruz, no Teatro Real e na Quinta da Boa Vista, onde demoliu em 1821 a fachada estilo gótico da lavra do canteiro João Johnson. Menos feliz que o inglês, morreu Manuel da Costa no Rio de Janeiro, ao passo que o outro voltava com D. João VI para o reino, na qualidade de arquiteto dos palácios reais. Conjuntamente com as obras ordenadas diretamente pelo soberano, havia as do Senado da Câmara da cidade, a qual criou em 1809 o cargo de Mestre Geral das Obras Públicas, de que foi primeiro titular José Joaquim de Santa Ana, que ocupava o cargo quando Ender aqui chegou e nêle permaneceu até ser substituído por Grandjean de Montigny. Antes dêsses nomes temos notícia, em situação correspondente do capitão de Engenheiros José Rangel de Bulhões, que se ocupou da urbanização do centro do Rio de Janeiro nos governos dos Vice-reis Vasconcelos e Sousa e Conde de Rezende, fase de notáveis melhoramentos para a cidade, verificados utilíssimos quando pouco depois chegou a côrte. O cais do Paço, a rua Direita, a mais larga de tôdas, e as transversais cortando-se em ângulo reto por êle delineadas, retificadas ou alongadas, concorriam para facilitar a circulação e conferir melhor impressão da capital. Mesmo assim, os estrangeiros em trânsito fartaram-se em censurar a aparência da cidade; ocioso imaginar o que diriam se não existissem as tais tentativas de melhoras. . .

Mestres-de-obras improvisados arquitetos havia muitos de capacidade mais que variável. O francês Bouch protegido pelo ricaço Joaquim José de Siqueira e pelo Intendente Paulo Fernandes Viana, foi um dêles, e como os demais, desvaneceu-se lhe a obra no anonimato da produção puramente econômica, sem outra intenção que satisfazer monetariamente a gregos e troianos, aos profissionais e aos clientes, em que eram completamente banidas quaisquer outras preocupações. Os portugueses, dos quais um dêles João Antônio Turco chegara a ser famoso, protetor que foi dos artistas semi-artífices do fim do século 18, apegavam-se a invencível rotina decorrente do atraso, intransponível barreira aos mestres da missão francesa. Alegavam o encarecimento provocado pelas “*absurdas exigên-*

cias” de Grandjean de Montigny, responsáveis pelo excessivo custo dos seus orçamentos, desejoso de substituir os ronceiros processos luso-africanos, tais como “pregar” as tábuas do soalho, caso encontrassem dificuldades em ajustá-las. O mesmo sucedia nos forros quando intentavam substituir a madeira por estuque que daria maior perfeição às pinturas ali aplicadas. Para o velho mestre-de-obras, os estrangeiros eram incontentáveis, além de ofensivos a brios profissionais. Desagradava-lhes o pesado trabalho de cantaria português e inversamente julgavam frágeis, mal manufaturadas, as telhas e tijolos das olarias fluminenses. Dificilmente podia nessas condições Grandjean de Montigny realizar trabalhos para personagens da cidade, a despeito de revestido do cargo de Arquitecto Real e professor de arquitetura, prestigiado pelas sucessivas encomendas de obras governamentais. Os particulares nêle ouviam falar, mas quando necessitavam de casas procuravam o mestre-de-obra gamela analfabeto, desastrado e caro, sem espírito prático nem lastro técnico, sob cuja direção até os carpinteiros do Arsenal de Marinha trabalhavam mal, obrigados a métodos contra-productentes.

De característico para o que dizemos ocorre o difundido tratado sob título *Elementos de Desenho e Pintura* (e Regras Gerais de Perspectiva), dedicado a D. João, impresso no Rio em 1817, de autoria de Roberto Ferreira, natural de Lisboa. Segundo dizem biógrafos, fôra durante alguns anos pintor de carruagens a serviço da Duquesa de Cadaval, mudado com a protetora para o Rio de Janeiro. Graças à sua proteção, tornou-se oficial do Corpo de Engenheiros. Adotado o livro nas escolas, o seu bem impresso trabalho teve boa extração, a despeito das suas confusas e aberrantes deficiências. Melhor seria dizer, acúmulo de asneiras, a despeito de revisto por Francisco de Borja Garção Stockler. Entretanto, era pelo tratado que se estudava, inda depois da vinda da Missão Francesa. De pintor de carruagens passara a desenhista de cartas geográficas e a mestre de perspectiva, na geral improvisação que se dava no Brasil, com menores facilidades aos profissionais franceses, que pouco ou nada eram consultados. Sem dúvida a questão do idioma intervinha no absurdo, porém, muito maior responsabilidade cabia à incultura do meio, incapaz de distinguir o certo do errado, o competente do incompetente, o útil do inútil, o belo do horrível.

Não admira nessas condições o desalento dos missionários e o fato de continuar abaixo do medíocre o aspecto das edificações cariocas<sup>(162)</sup>. No preparo da argamassa também surgiam quizílias entre franceses e portugueses. No dizer de Debret, conheciam-se poucas caieiras na região fluminense, menos bem aquinhoado o carioca que o paulista, o qual dispunha de abundante jazida de cal numa extremidade do planalto em que se elevava a sede da capitania. No Rio, viam-se obrigados os construtores, pelo súbito aumento de encomendas a aproveitar os recursos locais, que consistiam em cascas de ostras e mariscos, queimadas e moídas, de sorte que, depois da chegada da côrte, via-se multiplicarem-se colunas de fumaça nas ilhas da baía, a constituir característico do panorama da Guanabara. Julgavam os arquitetos franceses o resultado desse processo superior à pedra calcária que os mestres-de-obras costumavam importar de Lisboa segundo antigo costume. Misturado com um pouco de argila ferruginosa, também empregada em olarias, davam apreciável produto nas obras ordenadas pelo govêrno. Entretanto, preferiam os portugueses — e pelo seu exemplo os brasileiros — aplicar nos arrabaldes ou no interior, em construções comuns, mistura com barro, pintado depois com duas mãos de cal branca, e, na sua falta, com tabatinga de preferência clara.

Cuidavam, assim, os rústicos mestres-de-obras e pseudo arquitetos, compensar o péssimo acabamento das çasas a poder de solidez aparentemente digna de catedrais. Muros enormes,

---

(162) Narra Pallière episódio ilustrativo de como funcionavam as belas-artistas no Rio de Janeiro sob D. João VI, particularmente nos palácios reais: "*Le seul soin qu'on a pris est dans la grandeur de cadres, il est vrai que le choix de l'homme chargé de l'emploi de décorateur des appartements du Roi est d'une ignorance crasse pour tout ce qui est art, et connaissance du monde de l'ancien. C'est un barbouilleur de maisons qui a comme les autres intrigants parvenu a surprendre la bonne foi du Roi. Il fait les choses les plus ridicules. Et personne n'est plus mal servi même dans les desirs que le pauvre Roi. Je fus un jour appelé par Sa Majesté pour un tableau de sa Chapelle et comme le Roi me chargeait de faire une oeuvre nouvelle, il voulut aussi jouir de voir l'ouvrage entièrement complet, et me chargea l'architecte de remettre la chapelle a neuf, mais comme il n'y avait qu'un mois pour ce travail, l'architecte qui n'avait pas besoin de travailler pour gagner son argent, montra, ou voulut persuader au Roi que cela ne se pouvait pas. Le Roi impatient de voir toujours des obstacles a ses moindres desirs, me dit, Pallière, croyez vous que cela puisse se faire? Oui Sire, lui repondis-je. Si Mons... trouve la chose impossible je m'en charge, mais a la condition que V. M. me permettra de mettre les ouvriers que je payerai. En effet je fis executer la chapelle... et je réussis complètement a être agréable au Roi et a toute sa cour. Je sais depuis tout le bien qu'il dit des Français". Recompensou-o D. João com a comenda de Cristo, o cargo de "Pintor da Princesa Herdeira" D. Leopoldina e professor das Infantas. Conclui, Pallière, que deixara de acompanhar ao Rei na volta a Portugal por motivo de saúde e principalmente por causa dos seus projetos de casamento com a filha de Grandjean de Montigny.*

altos telhados, prodigalidade de vigas e travessas, grosseiros caixilhos nas janelas, concorriam para êste aspecto. Dizemos “aparentemente”, porque, como vimos, julgavam os franceses defeituoso o material cerâmico, justamente o mais importante para a proteção da obra, cujas falhas provocavam perigosas infiltrações de água. No entender de técnicos europeus, a taipa paulista, quando bem resguardada de umidade na cobertura e nos alicerces, nada deixava a desejar a outros processos de construção, talvez, até, se avantajasse às maciças e pétreas moles cariocas de feitiço luso. A propósito escrevia Golovnin: *“As casas da cidade são geralmente feitas de tijolos e caiadas de branco”*. No dizer do russo, a maior parte delas, *“tem dois andares, mas há também muitas de um andar. Raras são as de três, pois, não se constroem casas grandes, porque o governo logo aproveita para nelas alojar os funcionários e quase as confisca aos proprietários. Em muitas, além de um ou dois andares há “acrecimos” ou superestruturas, umas em forma de áticos, outras de mirantes. Os moradores gostam em geral de adornar as suas habitações. Em redor das portas e janelas há madeiras ou molduras de várias cores; nas quinas colocam vasos e estatuetas. Isto tudo confere estranha confusão de côres e aspectos às ruas, quase sempre muito estreitas, pavimentadas com blocos de pedra e providas de passeios insuficientes”*.

Referia-se o moscovita ao centro mercante da cidade, cuja população total avaliava em 120.000 almas. O desenvolvimento que adquiriu a partir de 1808, ia provocar intensa valorização de terrenos, que lhe conferia a forma até hoje existente, de lotes estreitos e compridos. No período anterior, a insignificância de meios dos habitantes, compostos de “vendideiros” e outros tantos funcionários públicos — a não ser algum privilegiado fornecedor de gêneros ao govêrno — reduzia o tamanho das residências, limitadas às poucas necessidades dos moradores. A maior parte dos brancos estava de passagem na cidade, sem interêsse por intercâmbio social e despesas suntuárias. O repentino aumento de população registrado na chegada da côrte, as aposentadorias mais a decidida resolução dos cortesãos em voltar para a sua terra, não modificaram o aspecto desgracioso e rústico herdado do período colonial.

Estendia-se o Rio de Janeiro no tempo da missão austro-alemã, pela diminuta superfície que nos mostram os mapas insertos nas relações contemporâneas de Debram ou Luccock. Começava na igreja da Lapa, fielmente descrita com seus arre-

dores por Ender, continuava pela rua dos Barbonos, até a da Guarda Velha, passava diante do convento de Santo Antônio, pela rua com o mesmo nome, também reproduzida em vários desenhos do vienense, chegando, sempre ilustrado pelo artista, ao termo do perímetro comercial pouco além do convento de Santo Antônio a abranger o Campo de Santa-Ana, que o paisagista nos reproduz antes das transformações ocasionadas pelo recinto de touradas e subsequente circo de um inglês e de sua companhia de variedades eqüestres, acrobáticas e funambulescas<sup>(163)</sup>. De volta ao mar pelas ruas de São Joaquim e do Valongo e imediações do mosteiro de São Bento, concluía Luccock: *"All the ground of that narrow compass was not covered with buildings; there were some open patches of considerable size, the principal of which were the hill of St. Sebastian, the Largo dos Seganos (sic, aliás Campo da Lampadosa), a large plot near the Campo, the rocks on which the Bishop's palace is built, and the morro and gardens of St. Bento"*. Uma descrição completa a outra; Ender traçou cuidadoso panorama do palácio episcopal no morro da Conceição e vista de seus arredores, que dá perfeita idéia de como era sob D. João VI aquele importante setor carioca. Tinha ainda a particularidade de ostentar velhos nomes de ruas coloniais, tais como rua do Escorrega, Jôgo da Bola, Funda, do Mato Grosso, da Pedra do Sal, de João de Gatinhas. Porém uma das ruas que mais nomes antigos teve foi a da Quitanda, aberta em 1636 com apelido de Mateus de Freitas e mais tarde do Marisco e depois de Sucussará.

Além do perímetro descrito havia morros cobertos de matas que não raro ocultavam escravos fugidos extremamente perigosos. Ainda passados anos a viajante Ida Pfeiffer aludia a êsses quilombolas, terror das adjacências, resistentes a esforços de capitães-de-mato e da polícia comum. De permeio contavam-se poucas habitações e largos tratos de brejos de cada lado de riachos que o Intendente Viana projetava canalizar, e no momento, serviam para os escravos nêles atirarem a êsmo lixo e animais mortos. Da Glória e Botafogo serpenteava uma antiga picada para mulas, que o uso alargara e transformara em caminho para carruagens. Leithold se refere a outra que do Catete infletia mais para o interior. *"Die Stadt hat keine*

---

(163) Escrevia Leithold a respeito: *"Auf der inin Seite, nicht ganz in der Mitte, ist ein grosser von Holz abgeschlagener Circus"*.

*Thore*”, a cidade não tinha portas, “*aber ansehnliche Vorstaedte, wodurch sie einen grossen Umfang erhaelt. Cathede (sic), wo mein Schwager (Manuel Fernandes Tomás “ehemaliger Geschaefsttraeger des portugiesischen Hofes zu Berlin”) und mehrere fremde Gesandten und Consuls wohnen, ist weit gesuender als die Stadt. . . Auch die Koenigin hat daselbst einen Landsiz, Orangeiros (resic) gennant*”. Essa residência de D. Carlota Joaquina provàvelmente aparece num dos desenhos de Ender a representar o bairro das Laranjeiras; e o morro do Graça, perto de onde ainda existe a Bica da Rainha, sugestão para historiôgrafos cariocas, como Gilberto Ferrez e Marques dos Santos, identificarem-na.

Os subúrbios do Rio se afiguravam em extremo pitorescos a estrangeiros como Leithold, bom alemão sentimental apesar de oficial de cavalaria, que exclamava: *Die Umgebungen von Rio de Janeiro sind von mehreren Seiten Hoechst romantisch. Hinter Cathede nach Botafogo. . .*” sucediam morros e praias muito visitadas principalmente aos domingos por pedestres, cavaleiros e carruagens. Diàriamente ali também apareciam membros da família real, o rei no seu cabriolé tirado por duas parelhas de bonitas mulas baias, ou D. Carlota com os filhos “*hinaus zum Bassin (praia de Botafogo), und von da wieder zurueck*”, se bem o caminho, “*tiefer in Inneren, schmaeler und nicht bequem zu befahren sind*”. Nesses passeios é que ocorriam os incidentes entre os batedores da Rainha e europeus desprezidos ou rebeldes às praxes da côrte bragantina. Na cidade podia-se escapar por alguma rua transversal do inoportuno encontro, mas no descampado entre a praia e morros, não havia outra alternativa, ou o infeliz se apeava e se descobria, ou entrava em pranchadas!

O circuito que tentamos traçar, com abuso talvez de citações de estrangeiros, porém, úteis na circunstância, era extremamente reduzido para uma cidade americana de mais de cem mil habitantes, desprovida de muros e com espaço ilimitado diante de si. Acabavam de súbito as casas à roda do centro comercial, com largos tratos baldios entre os chamados subúrbios. No tempo de Ender, havia alto matagal debaixo dos morros de Santa Teresa e de Santo Antônio, tão denso que sòmente era possível distinguir os arcos centrais do aqueduto da Carioca. Na mesma época os caminhos através dos subúrbios de Catumbi e Mata-Cavalos, eram constantemente transitados por tropas de mulas, o que forçara o Intendente Viana a melhorá-las, assim

como para facilitar as visitas da família real à fazenda de Santa Cruz. Antes disso, além de Mata-Porcos — antiga mata de porcos bravios, à esquerda quando se ia para a Quinta da Boa Vista — era às vêzes impraticável até para cavaleiros, e, à direita, o terreno era brejo invadido pelo mar. Em direção a Gamboa e Saco do Alferes, existia apenas uma picada através denso e pitoresco arvoredado, onde, em pleno dia, segundo Luccock, o ruído “*made by frogs, grasshoppers, crickets and cigarras, was truly astonishing*”.

No Engenho Velho entre Mata-Porcos e Santo André, contavam-se apenas uma ou duas habitações à roda da chácara do Intendente Viana, de que Ender provavelmente nos dá reprodução nos seus desenhos do lugar; nôvo problema para os Srs. Ferrez e Marques dos Santos, talvez já resolvido pelo primeiro no seu esperado álbum sôbre Ender. Também reproduziu o artista vistas de Engenho Nôvo e Bom Engenho nas mesmas condições, adornados com chácaras de personagens a ser identificados. Em São Cristóvão, a despeito da presença da côrte, havia uma ponte para dar passagem ao gado remetido para o matadouro, cujos pilares ainda se viam abaixo da nova. No geral os transeuntes tinham, na falta de pinguelas, de esperar para transporem os riachos que as águas baixassem com a maré, operação às vêzes arriscada. O campo de São Cristóvão ainda estava tão coberto de matas quando o Príncipe Regente lá foi habitar, que inúmeros caçadores, como um inglês narrador do fato, podiam desgarrar dos companheiros e perderem-se no matagal. Na praia próxima encontravam-se em serviço apenas dois botes e uma dúzia de canoas, à disposição de quem necessitasse atravessar a baía para ir a São Domingos e Praia Grande, onde os cariocas queriam oferecer uma quinta projetada por Pallière à família real. “*All round the bay of Rio de Janeiro*”, escrevia o mesmo inglês, “*appeared one interminable forest, every hill was clothed with lofty trees, and every valley filled with fire-wood; little cultivated land was discernible in the wide extended landscape. It was found generally in small patches, near to the farm and frequently accessibly by water*”, trecho campesino admiravelmente reproduzido pelo vienense.

“Via-se então a estrada que do interior da cidade vai ter à Quinta da Boa Vista — e a cidade ia só até o Largo do Rocio Pequeno, sendo a linha do Aturado uma lingüeta de terra rodeada e todo o seu percurso de larguíssimos brejos marítimos — via-se aquela estrada cheia de gente com destino à Quinta

Real em dia de Beija-mão, alguns em segas, traquitanas e sociáveis, não poucos a cavalo ou montados em bêstas e muitos a pé, levando suspensas meias, sapatos e borzeguins até o ribeirão do Maracanã, então copioso em águas, onde lavavam os pés empoeirados e calçavam-se. No palácio não havia uma só cadeira para que ninguém se pudesse sentar”, etc. . . . *Reminiscências* do Barão de Taunay sôbre a côrte de D. João VI, recolhidos pelo seu filho, visconde do mesmo nome. A respeito dêsse ribeirão navegável até a baía, existe um quadro de Nicolau Antônio Taunay que mostra barcaças de transporte de mercadorias no ponto por onde passavam as cariocas quando iam a São Cristóvão.

Continuando em direção a São Cristóvão, reproduzem as vistas de Ender, provávelmente desenhadas em caminhadas além da antiga residência de D. Carlota no citado Mata-Porcos, a baixada tôda invadida pelo mangue, cortada pelo canal por onde navegavam barcas carregadas de gêneros alimentícios, ou materiais para construção destinados às obras da Quinta da Boa Vista, também magistralmente descritas por Nicolau Antônio Taunay, que dá bem idéia do intenso tráfico que por ali se processava. Não tardaria a se elevarem no mesmo setor centenas de casas, abismados no tempo de Ender os cariocas pelo seu desenvolvimento. O pôrto situava-se fronteiro à cidade entre inúmeras novas construções e crescente cardume de navios surtos entre a ilha das Cobras e cais do Paço. Mencionou o vienense o mais importante edifício do setor portuário, que no seu tempo ainda continuava a ser o palácio dos Vice-reis, tal como aparece nas suas vistas. No fundo do largo adjacente, elevava-se a Capela Real e a igreja do Carmo, ainda por acabar em 1818, sem o remate das tôrres, tal qual na aguarela de Ender e no panorama de inglês anônimo que representa o Rio meio século antes de lá aparecer o vienense. Seguiam-se em escala de importância as quarenta igrejas e capelas por ali espalhadas, em que se evidenciava a matriz da Candelária em construção. Gabavam-na insulares britânicos, “*a noble pile of building*”, que lhes parecia “*the best specimen of taste and magnificence which Rio can boast*”. Perto na rua Direita via-se igualmente em obras a igreja de Santa Cruz dos Militares, dotada de elegantes proporções e profusamente ornada no interior pelo engenhoso mestre Valentim. Não distante, elevava-se a da Lapa dos Mascates, coberta com telhas holandesas, mole branca e azul reproduzida no desenho de Ender, que no primeiro plano



coloca o mesmo grupo de quitandeiras de Guillobel, também reproduzido por Henderson, Chamberlain, Lopes e outros que não sabemos.

Na rua de São Pedro, distante dessas, estava a do Apóstolo orago da paróquia, atribuída ao Coronel José Cardoso Ramalho, presumido autor do risco. Tinha forma circular, bem ornamentada, azul e creme, coberta por zimbório ao gôsto das capelas do século 18 com algum influxo jesuítico. A graciosa capela foi destruída pela abertura da Avenida Getúlio Vargas, a despeito dos louváveis esforços do diretor do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico, Rodrigo M. F. de Andrade, desejoso de reconstruí-la em sítio onde estivesse segura, mas não houve meio de salvá-la. O sinistro nome da via teve como sempre sestro de a cobrir de infelicidade letal. Havia, mais, no alto da rua da Alfândega também a decorativa igreja da Mãe dos Homens, entregue ao culto, pôsto não estivesse terminada. A construção dependia da generosidade dos devotos paroquianos, motivo de se arrastarem as obras a lembrar o caso de Santa Engrácia. A igreja carioca trazia disposições consideradas “modernas” na entrada, diferente de velhos templos coloniais, inovação consistente em alguns degraus no ingresso da rua ao invés de permanecer no mesmo nível, como em S. Rita ou na do Rosário, o que provocava invasões de água em dias de chuvas. A luz era também mais abundante e bem distribuída, com particular realce no altar, o qual além de bem proporcionado lançava sôbre aquêle espaço diluída claridade, recurso decorativo nem sempre comum em construções religiosas vizinhas.

No largo de São Francisco de Paula havia a igreja do mesmo nome, também provida de escadaria na fachada. Terminava com felicidade a vista da rua do Fogo, no lado oposto do forte da Conceição, e pelo vulto que adquiriu com o tempo a caridade dos Irmãos Terceiros da ordem de São Francisco, veio a ser dos mais importantes edifícios da cidade. As obras seguiram o fadário de tôda grande construção religiosa dependente de donativos, a se arrastar anos afora antes de concluídas. Durante muito tempo ali estiveram em atividade de modo permanente, o pintor Manoel da Cunha e o hábil carpinteiro Florêncio Machado, ambos junto do mestre Valentim da Fonseca e Silva, encarregados da talha e decoração da capela-mor. Mais tarde, nas inúmeras remodelações sofridas pelo edifício, tanto na parte interna como na externa, foram os balaústres de mármore que cercavam o adro substituídos por grades de

ferro desenhadas pelo artista Francisco Pedro do Amaral, assentes em pesadas lages de granito. O pórtico da fachada também foi substituído por outro em mármore de Liós, proveniente de Lisboa; ampliadas as esculturas do mestre Valentim, que meio século depois, em 1855, tentou o entalhador António de Pádua e Castro infrutiferamente resguardar na medida do possível. Perdeu assim a nave de São Francisco, em modificações sucessivas, o seu primitivo caráter, como muitas mais obras de arte, através de deturpações hoje em dia amargamente carpidas.

No mesmo largo começaram-se as obras da Sé, que não foram por diante, ficando abandonados, segundo nos mostra Ender, no meio da praça os blocos de pedra e de granito mais tarde aproveitados em outras construções<sup>(164)</sup>. Deveria ser monumental, a maior de tôdas as igrejas do Rio, o que não significa seria a mais bela. As duas mais citadas por estrangeiros, às vêzes laudativamente, eram justamente as menores: a Capela Régia no largo do Paço, e a de Santa Luzia, perto da Misericórdia, menos adornada que a primeira no interior, mas muito mais feliz na fachada, simples, porém, provida de boas proporções, "*a small and plain one*" escrevia Luccock, defronte ao mar, que lhe chegava quase aos fundamentos, "*in a delightful spot*". Essas duas igrejas, foram visitadas pela francesa nossa informante, assim como por alemães e ingleses, que deixaram coloridas e curiosas descrições das cerimônias aí celebradas.

Mencionavam também os turistas daquele tempo a igreja da Glória do Outeiro, desenhada pelos pintores que nos visitaram, de Nicolau António e Adriano Taunay a Ender, seduzidos pela sua situação a dominar o Flamengo e a baía. Vista do mar, era como sentinela da cidade, destacada pela sua forma original do casario circunstante, em meio da vegetação de quintais, tal nos descrevem as aguarelas do vienense e as do malgrado participante da missão francesa. Outras menos acessíveis a estrangeiros, se bem muito freqüentadas pelo elemento lusobrasílico, eram a de Santa Ana no campo do mesmo nome, paróquia da família Rio Sêco e do comerciante Anacleto Dias, cuja chácara — mais tarde ocupada pelo palácio do Conde

---

(164) Uma delas foi o vizinho teatro São João, construído, como vimos, a poder de loterias, etc... O aproveitamento das pedras causou escândalo, pelo que, diziam mais tarde os fiéis ver o incêndio destruidor daquela sala de espetáculos profanos como manifestação de castigo divino.

dos Arcos — ficava próxima além dos conventos de São Bento e de Santo Antônio. As igrejas dessas duas ordens eram consideradas como das mais ricamente ornadas da cidade, em que por longo tempo tinham colaborado no seu esplendor os melhores artistas leigos e eclesiásticos do Rio de Janeiro colonial. Forradas de ouro, iluminadas por suntuosos lampadários de prata batida, enfeitada por pinturas sacras sôbre a rica banqueta dos altares, continham igualmente o maior repositório de tradições locais, erigidas sob D. João VI, a segunda, em Panteon de Príncipes, ao passo que a primeira continuava as suas vicissitudes militares, obrigando o mosteiro a albergar tropas, nos muros onde ainda se percebiam cicatrizes do bombardeio de Duguay-Trouin.

Constava haver mais de quarenta igrejas e capelas no Rio de Janeiro, e, não obstante, devotos como o Almirante Conde de Viana, morador no subúrbio no Catete, punham a capela particular à disposição dos vizinhos, "*mit saemmtlicher Dienerschaft Theil nehmen*", escrevia Leithold. Não é nosso intento descrevê-las tôdas, apenas mencionamos as mais conhecidas e providas de algum interêsse arquitetônico, ou porque ostentassem trabalhos de artistas nacionais. Deixamos também de mencionar grande número de edifícios desaparecidos como a igreja do morro do Castelo, considerada catedral de São Sebastião de ilustre e gloriosa memória nos fastos históricos da cidade, demolida quando o morro em que se elevava foi arrasado. Outro tanto sucedeu à de Mata-Porcos, paróquia da residência de D. Carlota Joaquina no bairro, mas provàvelmente pouco frequentada pela Princesa, pois a família real só excepcionalmente, em algum dia de festa do padroeiro, ou qualquer outro acontecimento, deixava de ir à capela do Paço. Outras, como São Francisco de Paula, continha catacumbas onde se enterravam fiéis, assim como as Ordens Terceiras sepultavam os irmãos de opa. Mas o que de momento nos interessa é conhecer pormenores da arquitetura carioca e os elementos em atividade de 1817 a 1818 na engenharia civil.

O teatro de São João, hospitais, conventos e o calabouço, todos mal colocados em ruas e pracinhas estreitas, perfaziam o resto arquitetônico da capital do Reino Unido. Menores em vulto mas nem por isso sem valor, eram os 10 chafarizes que havia no Rio no tempo de Ender. O maior era o da Carioca, com doze bicas; o mais antigo, o das Marrecas perto do Passeio Público e o mais conhecido dos viajantes o do Largo do Paço,

onde se abasteciam de água os navios do pôrto. As casas particulares "*espelho do homem e da sua cultura*", apresentavam o aspecto de que nos fala Golovnin, berrantes de côres ao mesmo tempo que rústicas em extremo, afligidas de ornatos de mau gôsto, defeitos de construção, linhas e pormenores infelizes, em uma palavra, quase sempre feias por fora e pobres por dentro. Diziam franceses serem os construtores tão ineptos que houve casos de edifícios quase terminados em que de repente se verificava falta de escada para subir ao piso superior.

Não era só o lar dos pequenos burgueses retratados por Guillobel, que apresentava aparência incômoda e desgraciosa tampouco os fidalgos cortesãos disporiam de melhores acomodações nos prédios de que tinham expulso os donos. Informa Debret serem tão exíguos os portais de entrada das suas residências e tão reduzido espaço para guardar cadeirinhas de passeio, que as dependuravam no teto abaulado da entrada. Coberta por um pano protetor, desprovida das cortinas de sêda e mais enfeites, aí ficava o veículo preferido das damas e senhorinhas cariocas nas suas peregrinações pela cidade, limitadas, no geral, à ida e volta da igreja ou visitas a parentes. O sistema se impunha por falta de acomodações, assim como pela obrigação de deixar livre a passagem dos escravos carregadores de água e dos resíduos que deviam ser atirados fora. Outro costume peculiar daquele recinto era o das palmas batidas pelos visitantes, "*à moda asiática*", comenta Debret, por causa da ausência de campainhas, "*usage encore inconnu*". Junto às paredes internas do ingresso havia na casa de Ministros bancos em que os visitantes — candidatos a cargos e mercês — esperavam pacientemente a vez de serem atendidos... ou desatendidos.

As moradias do Rio dividiam-se em aposentos discriminados por espécie de modelo para uso da população colonial, que se prolongou pelo reinado de D. João VI, e mesmo além. Tivessem um, dois ou três andares, a mesma disposição interna presidia os pisos, iluminados na parte da rua por três janelas, duas para a sala principal e uma para o cubículo junto. Havendo dimensões mais folgadas contava-se mais uma janela na fachada, continuando na mesma o resto do andar, composto de corredores e alcovas escuras. Atribuíam os estrangeiros tão viciosa disposição, herdadas de tempos coloniais muito anteriores à chegada da côrte, a duas causas, o hábito de mulheres passarem o dia à espreita do que ocorria nas ruas e à sesta diurna, carece-

dora de escuridão e sossêgo para assegurar repouso durante as longas horas soalheiras do dia carioca. A pouca atividade social, emperrada pelo ciúme inimigo de intercâmbio entre homens e mulheres ao contrário do que sucedia em países norte-europeus e o preço exagerado dos terrenos, concorriam para o incômodo costume de casas construídas sôbre terrenos estreitos e longos.

Óbvio dizer, que a distribuição prejudicava em extremo a ventilação e iluminação dos interiores, pela falta de brisa vespertina e luz do dia. Para levantar residência agradável, dizia um viajante, era necessário no Rio de Janeiro somar três casas comuns para se aproximar de uma vivenda européia, e, no entanto, o valor locativo aumentaria apenas o dôbro de tão acostumados estavam os portugueses à nociva divisão. Igual defeito abrangia as ruas, estreitas e abafadas, porque se supunha, quanto mais exíguas, menos banhadas de sol, portanto, menos quentes. Foi preciso mais de um século para o ronceiro urbanismo carioca compreender que vias largas bem arborizadas e varridas de vento, eram de muito preferíveis em todos os sentidos. Assim sendo, embora as construções do período seguinte, já no regime imperial, dispusessem de largas portas e janelas, alto pé direito e não raro balcões, continuou incompreensível ausência de venezianas depois da supressão das urupemas, sôbre ruas abafadas no verão e úmidas no inverno.

Não era, porém, a ventilação lacunosa o único defeito das casas coloniais. Reparavam estrangeiros que, se bem construídas com a abundante pedra, fácil de obter nos morros vizinhos, argamassa à base de areia do mar, argila pegajosa e cal de crustáceos, também abundantes na baía, causava espanto os contra-sensos da edificação, turbada por demasiada ingerência dos proprietários, a intervir junto dos mestres-de-obra a fim de que economizassem o máximo possível. O maior prejuízo se registrava no delicado cálculo presidindo a disposição das escadas, escuras e excessivamente íngremes, com que se prejudicavam as construções. Além disso, deviam ser os muros muito mais espessos que o necessário em casas de poucos pavimentos, por causa do pêso representado pelas enormes vigas de pesada madeira, quase uma ao lado da outra, numa absurda ostentação de solidez, não menos prejudicial que a espessura das tábuas do piso e dos tetos. Igualmente pesadíssimo a ponto de constituir sério perigo, figurava o telhado, de telhas e argamassa tão grossas quanto de má qualidade. O resultado se manifestava por goteiras de todos os lados assim que começava a chuva,

transformadas em torrentes durante os aguaceiros do interminável verão fluminense. Não menos catastrófico era o acabamento, ou melhor, a falta dêle. Portas, janelas, caixilhos, fechaduras, porfiavam em péssimo serviço, principalmente as últimas, que pelas desmedidas proporções pareciam pertencer a soturna prisão ou convento.

Motejava Hipólito Taunay a ciência dos construtores cariocas por desconhecer os lisboetas, "*Les architectes de Rio, d'ailleurs très-habiles, sont brouillés avec l'angle droit positif. Tous les montans des portes et des fenêtres en forment un insensiblement obtus, mais toujours le même. Il n'y a pas d'appartement qui soit un carré exact; c'est un losange dont les angles ont la même valeur que celui de la coupe des pierres; il n'existe assurément pas deux villes au monde sur ce modèle*".

Em tão graves inconvenientes ainda se enxertavam os males da desídia. Poderíamos dizer com mais propriedade, de voluntário desleixo, dadas as anormais condições em que se viam os proprietários depois da chegada da côrte. Significativa a respeito é a carta do Marquês de Borba a seu filho, em que o fidalgo Camarista se queixa — "*as cazas onde vivo, não obstante serem muito modernas estão caindo, e me faz isto o maior desarranjo possível, não obstante pagar coatrocentos mil reis em cada hum anno, isto hé não haver couza alguma que deixe de morteficar*". A quantia indubitavelmente elevada à chegada do Príncipe Regente, tornou-se em pouco razoável e ao seguir deficiente ante a contínua ascensão do curso da vida. Compreende-se, nestas condições, o escasso entusiasmo do legítimo dono da casa em consertar o que era por outros ocupado, tanto mais que a péssima construção tornava dispendiosa a conservação dos prédios. Neste ponto Marrocos nos esclarece o "*quantus satis*" na seguinte missiva a seu "*Pay e Senhor do Coração*"; "*A pouca estababilidade e firmeza com que forão feitas e hoje se achão as Casas antigas desta Cidade, tem sido a origem de muitas desgraças succedidas*", confirmação das críticas de estrangeiros, "*ora cahindo subitamente as paredes, ora as Casas inteiras sobre os seus habitantes*".

O terreno movediço do subsolo de grande parte do Rio de Janeiro, sujeito a infiltrações de água marinha e dos inúmeros regatos a serpentear entre escarpados morros, mais as copiosas chuvas do regime tropical, criavam problemas difficilmente resolvidos pelos mestres-de-obras do tempo, daí, continuava Marrocos, "*julção os entendedores que a irregularidade das*

*estações, que aqui se experimenta, passando de hum calor excessivo a hum frio igual com tormenta espantosa de chuvas grossas e pesadas, he o unico motivo destes tristes acontecimentos*". À vista da calamidade teve de intervir o govêrno, principalmente por ocasião do desabamento de paredes e teto das obras de adaptação no Paço da cidade, nos quartos de algumas criadas de D. Maria I. Embora ninguém sofresse danos na conjuntura, projetou-se vistoria geral das casas urbanas pelo Arquitecto Chefe de S. M., José da Costa, a fim de obrigar os proprietários ricos a demolir casas arruinadas e reconstruí-las "*de novo; e aos Proprietários sem maiores cabedades, a escorar as suas*". A providência feria em cheio capitalistas no gênero de Fernando Carneiro Leão e parentes, tidos como os maiores donos de casas do Rio. Para se livrarem do prejuízo, experientes do funcionalismo público e costumes vigentes, trataram os prejudicados de se defender. "*He incrível o cabedal que ocultamente se teem offerecido e dado aos individuos da dita Inspeção, para os Proprietários se livrarem dessas Obras, e para que o Intendente os não obrigue*". Releva notar, que Paulo Fernandes Viana era cunhado de grandes proprietários, situação favorável à "*defesa*". Pelo exposto vemos que certos arranjos entre funcionários e contribuintes hoje correntes, recrescidos depois do lamentável período ditatorial varguense, são bastante antigos, porquanto foram ensaiados em outro período semelhante e igualmente nocivo à moral e às instituições públicas.

Deveríamos, depois disto, concluir pela total incapacidade técnica e decorativa de arquitetos, proprietários, mestres-de-obras, artífices e operários do Rio de Janeiro no fim do século 18 e princípios do 19? Pensamos, como sempre, que nunca se deve generalizar. De permeio a muitas aberrações provenientes da época, lugar e condição social, encontramos de quando em quando clarões a marcar exceção em deplorável regra. A fachada do teatro São João, por exemplo, merecia gabos pela originalidade, diferente do que se fazia na Europa, verdadeira síntese de elementos culturais vindos dos quatro ângulos do Império Colonial Luso. Nas suas linhas sóbrias, cujo telhado reçumava influxo chinês constituía conjunto difícil de encontrar em outro sítio, inclusive Lisboa. Mas justamente por se diferenciar do modelo europeu, afigurava-se inferior a parisienses pequeno-burgueses como Grandjean de Montigny, hábil técnico, desprovido, porém, da elevação de espírito necessária para compreender o mérito de um estilo gerado como todos os estilos,

da confluência de recursos plástico-decorativos das mais variadas origens, reunidos num determinado lugar onde constituíam nôvo estilo, com diferentes características dos originais, pela mistura e por se adaptarem às condições locais. Uma casa de espetáculos no Rio não devia ser idêntica a uma londrina ou lisboeta; assim sendo, a sua aparência também deveria ser diversa, fato elementar que parece ter escapado dos componentes da missão francesa, pois os seus trabalhos na Guanabara, sempre obedeceram à reprodução servil do estilo dominante em França sob Napoleão I.

Passando agora do teatro às outras construções de importância da cidade, representadas pelas igrejas, nelas se notava, ditado pelo caráter religioso, tendência em reproduzir fielmente os estilos de edifícios semelhantes no reino. A cópia não obstava a procura, requinte e curiosidade no terreno decorativo, alcançando igrejas como São Francisco de Paula, a nova Candelária e principalmente Santa Luzia — elegante esta, graças à sobriedade ditada pela sua mediania de templo desprovido dos recursos das paróquias mais ricas — efeito digno de qualquer cidade peninsular. Na elaboração desses edifícios brilhavam artífices — quase artistas, se acaso não o eram — como se podia verificar nas esculturas das portas externas de certas igrejas, no mais puro barroco setecentista e nas obras de talha em madeira no interior, espalhadas por púlpitos, janelas, forros e altares. Acrescia ainda, a feliz contribuição de trabalhos de metal forjado vistos nas capelas, como os do avô do impressor Paula Brito, autor de lampadários desenhados pelo Mestre Valentim, em que se nota perfeição digna de oficina européia.

Nunca nos faltaram talentosos autodidatas, com irresistível vocação artística, capazes de se abeirarem de profissionais de velhos países da Europa. Assim como tivemos o músico Vila-Lobos, dispusemos outrora de Maurício Nunes Garcia, e numerosos toreutas, entalhadores, desenhistas, fundidores, êmulos felizes do Mestre Valentim, figura máxima do artífice-artista do Rio de Janeiro durante o reinado de D. João. O que sempre nos colocou em inferioridade ante europeus, foi a ausência de um dirigente superior, bastante culto para reunir sob sua direção habilidades esparsas, como regente de orquestra à testa de competentes professôres.

Nas moradias suburbanas havia pouca ou nenhuma preocupação decorativa. Invariavelmente providas da tradicional varanda na fachada, composta de grossas colunas de alvenaria



grosseiramente torneadas, o critério da construção a evidenciar ainda mais o objetivo de obter o máximo de proventos da exploração agrícola com o mínimo de despesa. De início ficavam excluídos gastos “*inúteis*”, como seriam os decorativos, para só levar em consideração o que a propriedade pudesse render. A procura de água próxima, localizava a sede da fazenda em grotões, ou fundo de talvegues, rodeados de morros, úmidos e sombrios. O mesmo objetivo amontoava senzalas, capelas, paióis, tulhas, cocheiras, pocilgas e mais anexos à Casa-grande, mole confusa, antiestética, de feição rigorosamente utilitária. Raras seriam as emprêsas agrícolas adornadas de jardimzinho, por minúsculo fôsse, para deleite dos donos. Elegância, conforto, comodidade ou flôres eram preocupações que sequer de longe ocorriam à mente do fazendeiro. Neste passo residia uma das maiores diferenças entre a existência colonial e a metropolitana. Para o brasileiro a roça era a necessidade, o purgatório que se afrontava tão-só para conseguir os meios de afrontar a procela da vida. De modo oposto, para o europeu, principalmente o inglês que tanta influência tinha sôbre certos setores da nossa vida e na dos portugueses da metrópole, o campo significava a suprema expressão da ventura, em tudo o contrário da atribulada existência nas cidades, muito mais cuidadas as residências campestres que as dos centros comerciais.

Opulentos Lordes britânicos construíam mansões do porte de Wilton House, Wentworth Woodhouse ou Castle Howard, “*in the country*”, para fugir do nevoeiro de Londres e espaiar-se junto de vizinhos com a mesma mentalidade, avessos à vida citadina e apreciadores da largueza campestre. Dispunham, daí, de castelos suntuosos, e apenas de modesto alojamento na capital, raros os imitadores de Lorde Derby, cuja residência londrina era, entretanto, qualificada insignificante por franceses contemporâneos. Inversamente no Rio, a vaidade ainda conseguia provocar despesas na residência citadina de gente de posses, porquanto paisagem alguma do interior, por pitoresca fôsse — e geralmente não era — alcançava levar o fazendeiro a despesas suntuárias. De modo geral, o critério para nacionais e estrangeiros era considerar o Brasil sítio para se ganhar dinheiro e a Europa para gastá-lo, erigida meta de prazeres, onde quem tivesse bom gôsto devia alegremente despende o produto do café ou da cana. Caso estivesse disposto a dissipar alguma soma em *condenáveis futilidades*, pensavam êles, seria invariavelmente onde amigos e clientes pudessem comentar aquêles gastos.

O Brasil era enorme. As mesmas despesas no interior seriam apenas conhecidas de uns poucos viandantes levados pelo acaso até as suas proximidades, ao passo que, na capital, eram suscetíveis de alargar o crédito e prestígio social do perdulário. Além disso, intervinha o costume. Se ninguém gastava na Casa-grande sertaneja, quem o fizesse perderia o latim e ainda arriscava fama de parvo.

Concentradas nas residências da cidade as veleidades ostentatórias dos donos, nelas às vêzes apareciam, em certos pormenores, amostras da arte inventiva dos artífices locais. Externava-se em balaústres, pinhas douradas<sup>(165)</sup>, grades, frisos, ornatos de pedra, mármore, ferro ou gesso nas edificações de casas do período imediatamente pós-colonial. No conjunto temos algumas amostras de talento inato, verificáveis em estampas antigas e velhas fotografias, pois a falta de aprêço dos nacionais junto à população unicamente deslumbrada pelo que vinha do exterior, incentivou a sua rápida destruição. No interior das casas, reuniu-se à falta de cuidado dos habitantes os estragos do pavoroso cupim, devorador de madeira. Térmita de aspecto mole, aparentemente fácil de destruir, multiplica-se aos milhões debaixo da terra para depois espalhar a desolação na superfície. Antigamente destruía livros, móveis, quadros, rodapés, pisos, forros e madeiramento do telhado das construções joaninas, por defendidas fôssem. No tempo de Ender, quando não se dispunha dos atuais materiais de construção, nem tampouco de infinitos inseticidas, tornara-se o cupim o avantesma dos habitantes do Rio de Janeiro. Para combater o estrago colocavam os cariocas os pés dos móveis em pires com água e fumo, e espalhavam arsênico nos desvãos preferidos pelos insetos. Preconizava-se também misturar sabão de Beccher no grude empregado no empapelamento de paredes, além de outros venenos contra lacraias, escorpiões, centopéias venenosas, lagartixas, formigas e principalmente as inumeráveis baratas de que se conheciam várias calamitosas espécies.

Conjugavam-se assim, para infelicitar o Rio, duas pragas logo visíveis aos olhos dos estrangeiros — a bicharada no interior das casas e o mau gosto do imigrante no exterior. A

---

(165) Um francês com pretensões a entender de arte, contemporâneo de Ender, escrevia: "*Les maisons de Rio ont de un à quatre étages. La plupart ont des balcons en fer, ornés de deux boules ou pommes en plomb doré*". Notava também que ainda restavam em princípios do século 19, "*treillis à la mode des Orientaux*".

segunda parte só encontraria melhoria no tempo quando o próprio filho do lugar, liberto da tutela colonial, que de certo modo continuou sob o guante econômico do mercador luso inda depois da Independência, obtivesse meios de resolver problemas que pareciam insanáveis, neutralizando a ação nefasta do capitalista comerciante do Rio de Janeiro. Quem detinha o dinheiro mau emprêgo fazia dêle, e ainda bem quando não se abalançava a rasgos ostentatórios, porquanto invariavelmente redundavam em desacatos à estética urbana. O obstáculo assim oposto ao desenvolvimento do gôsto e intêresse pelo belo, teve ainda sestros de impedir que o nativo, em última análise o único capaz de realmente beneficiar a sua própria terra, pudesse aprimorar-se convenientemente nas artes. A cultura não depende tão-só de ensino; respira-se onde lhe é favorável o ambiente, nas ruas, nas redações de revistas e jornais, nas casas, nas lojas, em suma, em tôda parte onde há convivência de pessoas cultas. É mais fácil receber, ao acaso de palestras ou encontro ocasional, incentivo para empreendimentos estéticos, do que no confinamento de bibliotecas. Mas onde poderia o carioca do século 19, encontrar estímulo, em sítio que parecia reunir tudo para desanimá-lo, inclusive a esmagadora natureza à sua roda, enfeada para mais pelos mostrenhos saídos da algibeira do imigrante enriquecido!

Na época em que Ender estêve no Rio de Janeiro, despon-tava o modêlo do nôvo-rico luso que ainda por largo espaço dominaria a capital. Economizava, trabalhava da manhã à noite, amealhava ceítill por ceítill, até chegar ao milhão, além de se valer de sutilezas nem sempre inocentes, ao enveredar principalmente pelo tráfico negreiro. Na hora da morte, à guisa de último negócio, ou seja, conseguir lugar no céu, legava gordas quantias a agremiações religiosas. Durante a vida promovia-se a poder de dinheiro a Cavaleiro de Cristo, cortejado por grandes, invejado pelos semelhantes, temido pelos pequenos que dêle dependiam. Por êsse motivo, desejava depois de morto prolongar repercussões de seu nome, com missas e inscrições bem à vista do público em templos e associações beneficentes. Havia, entretanto, por estranho pareça, os que procediam sômente por anseio religioso — mais por efeito de crença profundamente enraigada, haurida no seio da família, no lugarejo natal — que pròpriamente por rebates de consciência. Vimos, em outro trabalho nosso, como os feitores peninsulares destacados no século 16 nas Flandres, notáveis pela rapacidade e senso utilitário,

sentiam tal obsessão em salvar a alma, que não mais satisfeitos de clérigos comuns para lhes dirigir as consciências, ansiavam por mestre jesuítas que se lhes afiguravam, com razão, muito superiores<sup>(166)</sup>.

No Rio de D. João VI, três séculos depois da epopéia mercante dos Afaitadi, Vinet, Marchione, Giraldi e outros, repetia-se o caso com o capitão-mor João de Siqueira Costa, um dos muitos Siqueiras sem parentesco entre si, argentários de vulto do Rio. Êste prestante ornato da Ordem Terceira de São Francisco, tido por honrado mercador, era conhecido negreiro, proprietário de vários navios empenhados no sinistro tráfico. Durante muitos anos foi Síndico da Irmandade, sempre generoso, a multiplicar louváveis pretextos para socorrê-la nas aperturas causadas pelo vulto das obras da grande igreja em construção. De uma feita, exigia que em cada barco seu houvesse um marujo fictício de nome Francisco de Paula, cujo sôlido era religiosamente pago à confraria. Deixou-lhe ainda em testamento doze contos de réis, soma elevadíssima para a época e lugar, de sorte que, a irmandade reconhecida por tantas dádivas, colocou o seu retrato na antecâmara da nova sacristia, daí por diante batizada sala do Siqueira, e todos os anos ia incorporada assistir a *Memento* dito junto à urna onde descansavam os ossos daquele "*homem humanitário e virtuoso*", como lhe chama um bem intencionado cronista da época.

O maior mérito de Ender consiste em ilustrar essas particularidades da vida carioca de 1817. Nenhum melhor depoimento iconográfico poderíamos desejar que as vistas do largo de São Francisco de Paulo, do solar do ricaço Sequeira, o movimento do Campo de Santa Ana ou da rua de Santo Antônio com os seus pedestres e remate de telhados, provavelmente dos dignitários e diplomatas do aristocrático bairro compreendido entre os dois conventos, de Santo Antônio e dos Barbonos, onde as janelas das casas ostentavam toldos contra o sol, a denunciar moradores com hábitos europeus, além das vistas que nos levam pelo Rio de Janeiro afora, resumo ilustrativo dos comentários supra a sugerir o passado, não só com tôdas as falhas, mas também suas grandezas.

---

(166) V., do Autor, Prefácio do III vol. da *Bahia e Capitanias do Centro do Brasil*.

---

## CONCLUSÃO

“... Fôra uma longa e curiosa viagem”.

TOMAS ENDER

VINHAM de longe as deficiências verificadas por portugueses e estrangeiros nas manifestações artísticas brasileiras. Remontavam nada menos que à própria metrópole, às voltas os mais suntuosos monarcas lusos com a falta de bons artistas locais. Disse um perito alemão, Adolfo Feulner, no seu monumental tratado sôbre origens de estilos. “*Portugal ist in der Kunst ein unbedeutendes Land*”, o que não deixa de representar alguma verdade. As pinturas de santos e retratos de Príncipes das dinastias lusas que se sucederam no trono, foram de primeiro solicitados a artistas italianos, depois a flamengos, a seguir novamente a italianos. Vieram no século 18 franceses e profissionais de mais nacionalidades, e se por acaso lembravam os governantes dos súditos, não era por entusiasmo mas tão-só para intentar cultivo de artes em região sáfara<sup>(167)</sup>. O mesmo

---

(167) No fim do século 18 intentaram Francisco Vieira e André Gonçalves uma academia de pintura em Lisboa, onde fôsse possível — *ad instar* da França e da Itália — pintores encontrarem modelos vivos para seus trabalhos artísticos. Mas não puderam manter o intento porque a turba ajuntada nas ruas pela notícia e enfurecida pelo que a seu respeito se dizia, apedrejou a casa onde ia funcionar a dita Academia. Não podiam aceitar os lisboetas, representantes da população mais adiantada do Reino, que ali havia de ser exposta “no estado de nudez, uma criatura humana, para ser copiada” em desenhos. Mais tarde, Cirilo Wolkmar Machado, o grande divulgador da arte em Portugal, também quis estabelecer o que se tornara comum em Roma e Sevilha, apoiado por “estrangeirados” como o Duque de Lafões e Marquês de Alorna, porém o coitado que se prestara a servir de modelo foi “tão maltratado pela estúpida plebe que no cabo de três ou quatro noites desapareceu”. *História de Portugal* nos séculos XVIII e XIX.

se repetia com relativo resultado em tôda a escala de atividades do luso artesanato, desde desenho de jardins até baixelas de mesa, encadernação de livros e corte de alfaiataria<sup>(168)</sup>.

No interior de casa nobre portugûesa no período que medeia entre o esplendor da epopéia mercante — alcunhado o soberano de Portugal “*Rei das Drogas*” — à transferência da côrte para o Brasil, viam-se poucos móveis nacionais, e êsses, com forte influxo do vizinho espanhol. O resto era de importação de países com que o Império Luso mantinha relações, a alternar o inglês graças a Chipendale, Sheraton e Hepplewhite, com franceses valorizados pelo prestígio das vitórias de Versalhes e Napoleão I. De permeio, contavam-se objetos dos presídios do Oriente e Extremo-Oriente, relógios alfombras, porcelanas ou metais tauxiados, de mistura com arandelas de cristal e panos de rás trazidos da Itália, França ou Flandres, por funcionários de feitorias mercantes, ou na bagagem de diplomatas de volta de missões em côrtes estrangeiras.

Nas fachadas notabilizavam-se geralmente as casas portugûesas — pesadas, feias, açaçapadas — pelo absurdo de suas proporções, agravadas por péssimo acabamento. Portas e janelas apresentavam-se com horríveis caixilhos<sup>(169)</sup>, telhados pesados, muros enormes, pintados com côres berrantes, de que sòmente a arte de cantaria se salvava quando dirigida por alienígenas. A falta de gôsto e de técnica também produziu sacadas com rústica grade de ferro peculiar à Península Ibérica, sem de longe lembrar os monumentais balcões que na Itália, e, mais ainda na Alemanha barrôca, eram o principal adôrno de fachada de edifícios nobres. Pouco ensinamento haviam de encontrar nessas condições os artífices da colônia, admirável a existência no Rio de um Mestre Valentim, autor do portão e mais ornatos do Passeio Público, dos chafarizes e dos enfeites das igrejas do seu tempo.

Infelizmente muitos trabalhos seus desapareceram destruídos pela fúria iconoclasta com que o desprezo pelas artes assolava no século 19 e princípios do 20 o Brasil. Um administrador timbrava em obliterar o trabalho do antecessor, além da colaboração devastadora prestada por tôdas as classes da

---

(168) Ainda hoje se nota esta estranha deficiência entre outras manifestações, na arte de encadernação, que, a despeito da tentativa do Monteiro C. Milhões, jamais logrou grande estímulo no Reino, se bem represente a cumieira, encanto e esmalte, do artesanato como manifestação de cultura.

(169) Os dados são de autores portugûeses, Oliveira Martins e outros.

inculta sociedade. Abandonados às intempéries e selvageria do público, desapareceram entre outros, quase todos os ornatos do Passeio Público. Foi-se o coqueiro de bronze, foram-se as aves dos rochedos artificiais ao gosto das “fábricas” dos jardins setecentistas, mudaram os lampeões desenhados por Valentim do parque para os arredores do Paço, deram sumiço ao menino de mármore prestadio “*inda brincando*” até pouco restar dos atavios com tanto amor planejados pelo Vice-rei Vasconcelos Sousa protetor do artista. Onde antigamente o carioca se comprazia em espaiar à noite — o antigo paul da Ajuda substituído pelos saneamentos que sugeriam,

“... *jardins amenos,*  
*Que adornando os fresquíssimos lugares*  
*Dêm sombra à terra e dêm perfume aos ares!*”

segundo almejava Silva Alvarenga — tornou-se infreqüentável pela exalação dos “*tigres*” despejados nas vizinhanças depois do pôr do sol. Igual sorte teve o chafariz vizinho das Marrecas, assim conhecido por causa das aves que o enfeitavam, sucedendo o mesmo na chegada de Ender aos pavilhões do terraço, decorados por Francisco Xavier — o das conchas — e pelo pintor Leandro Joaquim.

Nas proximidades do Paço Real, no coração da cidade, igualmente sofreu brutais depredações o chafariz conhecido de tôdas as tripulações de navios que tocavam no Rio de Janeiro, arrancadas, não se sabe porque, em 1842, as armas reais em mármore, esculpidas por um hábil prêto de nome João, para dar lugar à infeliz esfera de metal com as armas do Império. Destarte, de destruição em destruição, perdeu-se a herança deixada pelo Mestre Valentim, o mais notável artista carioca do século 18, o que mais contribuiu ao embelezamento da capital do Vice-rei Vasconcelos Sousa, fidalgo notável pelo mérito de ter sabido compreendê-lo e protegê-lo.

O vandalismo não se limitou aí. Estendeu-se a tudo, casas, palácios, jardins. Quando um arquiteto começava obra de vulto para o governo e por qualquer motivo não a concluía, o continuador se apressava a mudar o plano primitivo, ou emendava novas e nem sempre felizes elucubrações no que já estava feito. Uma das principais encomendas da Câmara Municipal do Rio de Janeiro sofreu semelhantes vicissitudes. Iniciado o Mercado por Grandjean de Montigny, nos melhores cânones do estilo

neoclássico epidêmico em França sob Napoleão I, chegou a concluir-se a primeira parte, mas, com o falecimento do arquiteto, a construção foi continuada pelo engenheiro João Vicente Gomes, autor de segunda parte, muito diversa da primeira. A incompreensão de obreiros e mestres-de-obras perfazia a calamidade, de sorte que resolveram alguns beneméritos vereadores da cidade criar o Liceu de Artes e Ofícios, “*reco-nhecida*”, dizia um cronista da época, “*a ignorância dos nossos operários*”. Por desventura, não eram apenas subalternos a necessitarem ensino, muito outros indivíduos, em que se incluíam personagens da “Governança”, também dêle precisavam; daí o pano de bôca do teatro São Pedro, de autoria de Pôrto Alegre recém-chegado de Paris, em que se viam no cenário da Guanabara as figuras da ignorância e a da rotina afugentadas barra afora pelo gênio das Belas-artes.

A sádica satisfação, muito desenvolvida nos mediócrs, de arrasar o trabalho de antecessores, sem contar a de contemporâneos empenhados em mútuamente se molestarem, alastrava-se graças à incultura dos principais responsáveis pela administração. Caprichos e desconfianças também entravam em cena. Delinearam-se em 1815 melhoramentos no “*passeio do Campo de Santa Ana*”, por ordem do Príncipe Regente. Entretanto, com a volta da côrte para o reino, mandou D. Pedro suprimir o que lá havia, por suspeita de que o Intendente Paulo Fernandes Viana, cuja repartição ficava defronte, quisesse transformar o logradouro em recreio privado. Derrubada a cêrca que o protegia, tornou-se em pouco o antigo passeio, lavado público perto da ponte, e depósito de lixo das casas das adjacências no resto do sítio feito lodaçal e “*lugar de infecção*”. Havia quem suspeitasse provir a fúria destruidora, da antipatia que o futuro Imperador votava a tudo que de perto ou de longe cheirasse a Carneiro Leão.

Assim sendo, por mais se esforçassem alguns elementos particulares continuava atrasadíssimo o Brasil em matéria artístico-cultural, e nestas deploráveis condições por muito tempo se manteve. Hoje se evidencia grande atividade nos meios cultos nacionais, particularmente na arquitetura; falta-lhe, contudo, o amadurecimento que só a seqüência das gerações pode facultar. O resultado do atraso anterior, a empecer a formação de ambiente propício à expansão das artes, acarretou a catastrófica destruição da paisagem do Rio de Janeiro. Ainda alcançamos o morro de Santa Teresa revestido de jardins de onde



se descortinava a grandiosidade do recôncavo fluminense. Foi por assim dizer ontem, e, no entanto, hoje o mesmo morro exhibe monturo de edificações destinadas à renda, hediondos cortiços de cimento armado, que para todo sempre o infelicitaram. O resto da cidade se vê em idênticas condições, medeando, entre a visita de Ender e o fim de govêrno Vargas, a obra devastadora de indivíduos piamente convictos de que elevavam monumento ao progresso. Seria hilariante tanta candura não fôsem os efeitos que produz, sequiosos êstes “progressistas” em aterrar a baía de Guanabara para obter mais espaço para arranha-céus. Certa vez testemunhamos palestra entre o arquiteto Le Corbusier e o Prefeito do Distrito Federal Antônio Prado Júnior, em que o suíço se esforçava por persuadir ao Governador da cidade de licenciar a construção de arranha-céus o quanto possível junto a morros, a fim de não tolher a vista da baía aos demais habitantes dos bairros litorâneos.

Julgamos tão acertada a sugestão que, a nosso ver, a altura dos outros prédios deveria limitar-se a cinco pavimentos no máximo. Acontece, porém, ante as exigências do “PROGRESSO” com *P* grande, o único meio de se evitar a construção de altos edificios seria limitar o crescimento da população, estabelecido que o Rio de Janeiro é cidade de turismo e beleza e não parque industrial. De outro modo seriam baldados esforços para conciliar multidões destruidoras com a formosura da baía. A indústria é uma necessidade, e, como tal, é feita. Afastá-la do Rio é um imperativo que não ocorreu nem podia ocorrer quando ainda era tempo, a dirigentes do Império e da República. Manda a justiça reconhecer a repetição do mesmo fenômeno por contemporâneos dos nossos estadistas em outras plagas, e das mais cultas. Quanto não se prejudicou a Suíça com anúncios da farinha Nestlé ou chocolate Tobler? O mau gosto do burguês médio, de qualquer latitude, também coopera na obra inglória, a justificar a frase “*Le paysage deshonoré par la villa bourgeoise*”, sempre viva e atual. Deixado o vilino bempensante para vermos o moderno arranha-céu do capitalista carioca, mais extenso e irremediável se torna o mal, lícito vaticinar hórrida calamidade quando a população do Distrito Federal chegar à casa dos dez milhões e sòmente de aeroplano pudermos abranger o seu *habitat*, no que ainda lhe resta de belo e lhe sobeja de feio.

Em São Paulo, outra cidade visitada por Ender, sucede a mesma coisa em matéria estética. Dotada de algum pitoresco,

construída sôbre colinas como a mais antiga capital do mundo, vê-se, entretanto, completamente esmagada pelo fatídico arranha-céu, personificação do tal "*Progresso*", invenção americana concebida num período hoje considerado pelos próprios inventores lamentável na sua história. No Brasil, criou o mostrengo problema insolúvel em aglomerações padecentes de ruas estreitas e faltas de espaços ajardinados. Infelizmente não é possível colocar carro antes dos bois, nem ao homem antecipar o nível de uma geração. Haja vista no momento em que escrevemos, o impressionante episódio em que a revista de arquitetura da Sra. Lina Bô Bardi, demonstra num dos seus últimos números a absurda localização do futuro Paço Municipal de São Paulo, projeto que se estivesse certo, concederia ainda esperanças de modificá-lo, mas por estar errado e ser prejudicial à cidade, será executado.

Outra virtude da publicação dos desenhos de Ender, tal como atualmente se encontram, reside no fato de se apresentarem livres de quaisquer alterações, ventura que não tiveram seus confrades coevos. Os trabalhos de Rugendas, Choris, Conde de Clarac e muitos mais, foram profusamente modificados na impressão. Especialistas em estampas acrescentaram personagens inexistentes nos originais, além de muitas vêzes mudarem a composição do desenho. As paisagens de Botafogo e do Flamengo viram-se povoadas de gentes e bichos de que o pintor dificilmente conceberia, ainda feliz quanto não se tornavam anacrônicas como sucedeu aos "*Costumes Paulistas*" de Rugendas que na oficina de Engelmann passaram do planalto à beira-mar. As edificações também se desvirtuavam por obra desses especialistas, com perda do caráter carioca, fôsse bom ou mau, curioso ou desinteressante — pouco importa — para assumir linhas vagas, semelhantes à das litografias da Rua do Cherche Midi em Paris dos livros ilustrados de Madame de Ségur, ou das casas próximas à Porta de Brandenburgo, por ocasião da entrada de Napoleão I em Berlim de estampas populares. Nos documentos de Ender, pelo contrário, tudo é fiel, pormenores, conjuntos, rés-do-chão, andares superiores e telhados. Nenhum enxêrto foi aduzido ao depois em Viena, em oficinas impressoras, para aumentar desastrosamente o efeito de paisagens de regiões desconhecidas. Nessas condições, revelam as suas vistas da baía e arredores a insensatez dos que talaram a natureza da cidade outrora maravilhosa...

Estas linhas, se caírem sob os olhos de construtores, assim como dos especuladores seus clientes, assim como prefeitos, ou coisa que o valha, hão de causar espanto! Imagine, julgar excessiva a população do Rio de Janeiro! Lamentar seja capital da República, e mais ainda, parque industrial! Então o autor havia de querer contasse apenas quinhentos mil habitantes! Que fôsse proibido construir arranha-céus? E, logo arranha-céus, nosso título de glória e padrão de progresso! De onde saiu êste espírito retrógrado que pretende substituir favelas por parques e jardins?

No tempo de Ender ainda era possível passear em sua companhia, por Botafogo, Tijuca, Laranjeiras, Bom Engenho, Engenho Velho, Catumbi, Catete, Glória, Mata-Cavalos, Mata-Porcos, São Cristóvão, etc., até a fazenda do Chanceler Bezerra em Maracanã, através paisagem deslumbrante em certos dias claros de inverno. Correspondiam então aquêles sítios à variedade de luzes e côres de *féerie* imaginada por estrangeiros a respeito dos trópicos. Longe estavam ainda os bairros da cidade que abrigava a côrte lusa de D. João VI, da mole cinzenta de hoje em dia, insípida e monótona sob plúmbeas nuvens a recobrir o casario durante longos meses estivais chuvosos. Em 1817 havia florestas virgens a poucos minutos do Largo do Paço e aldeias de índios na baía de Guanabara, aspectos que o artista se esmerara em reproduzir a poder de labor contínuo da manhã à noite. A despeito da falta de saúde, passava Ender depois de fatigantes incursões no interior do país, à observação da vida urbana carioca. Reparou, entre particularidades fluminenses, saírem a passeio sòmente ao anoitecer, as famílias de burgueses respeitáveis gênero Marrocos, em que o chefe ia à frente, seguido da espôsa, filhos e muçamas com os moleques no fim. Andavam em fila, uns atrás dos outros, costume impôsto não só pela versão de Pallière, muito aceitável, que a atribuía à herança indígena, como ainda pela estreiteza das ruas. Aquêles desfile, sempre no mesmo itinerário, da casa à igreja<sup>(170)</sup> e daí ao Largo do Paço, detido às vêzes por alguma das seis principais procissões do ano, muito intrigava o estrangeiro. Além dêsses pacíficos transeuntes, men-

---

(170) Nas casas ricas nem êsse passatempo restava para as môças. Narra um francês contemporâneo de Ender, "*le bon ton est d'avoir une chapelle chez soi, où un prêtre vient les dimanches et les fêtes, dire la messe en bote et éperons. L'usage veut que le fils aîné, ou le plus proche parent du maître de la maison, jasse l'office d'enfant de choeur*". Na cidade, vizinhos e outras pessoas eram convidados aos ofícios diários como sucedia na casa do Conde de Viana.

ciona ainda o pintor as maripôsas noturnas copiadas de Guillobel, de mantilha negra e saia de babados ordenada pela moda da rua do Ouvidor<sup>(171)</sup>. Ender também havia de assistir de quando em quando as funções de gala no teatro São João, nas noites em que a família real comparecia, agregado como estava à Embaixada Especial pertencente ao séquito da Arquiduquesa.

Nessas ocasiões as cariocas, segundo nos dizem viajantes, ofuscavam as titulares reinícolas com refulgentes jóias e modas de Paris. Os homens nada ficavam a lhes dever graças a alfaiates, camiseiros e sapateiros franceses e ingleses. Um mercenário com fumaças aristocráticas impressionou-se com a elegância do "*Banquier Roche*", que se apresentava "*sehr elegant und neumodish kleidet*", de acôrdo na ópera com o resto dos auditores dos gorjeios e trinados dos sopranistas. Representavam tais noitadas, à altura de muitas européias, triunfo para D. João, feliz na cálida atmosfera criada pela afeição dos súditos americanos, ainda a ecoar no ambiente surpreendido pelos austríacos, as aclamações do povo quando o levante de Pernambuco se transformou de motivo de luto em delirantes manifestações de lealismo. Respondia então o Bragança do modo como nos conta Gendrin, estendendo familiarmente o braço e mexendo com os dedos, a mão imóvel, palma voltada para cima, maneira atualmente ainda usada em saudações familiares pelos cariocas, que ignoram a origem do gesto. O mesmo afeto pelo Príncipe, cuja generosidade era sobejo conhecida, reaparecia nas procissões em que a população em pêso figurava, motivo para alguns estrangeiros, mormente protestantes, censurarem o aspecto mais profano que recolhido de tais solenidades. Ender, porém, habituado a cenas parecidas em Viena, que principiavam no Stefan Dom e continuavam pelas ruas principais, recebia-as com outros olhos e reparos na semelhança entre a popularidade da família real do Brasil e a dos Habsburgos na Áustria.

Exausto pelo trabalho e clima carioca, solicitou o pintor licença para tornar à pátria na comitiva que acompanhara a Arquiduquesa. Por mais de um ano estivera afastado do que-

---

(171) Foi mais ou menos por volta de 1817 que apareceram numerosos costureiros e modistas franceses no Rio, em pouco monopolizadores da elegância feminina. A respeito de contas das Princesas escrevia Rio Sêco, "*He necessario porem advertir que a maior parte destes pedidos realizavão as compras no mesmo Paço, já as Pessoas Reaes, já as Retretas, convencionando-as humas vezes as mesmas Senhoras com as modistas Francezas, e outras as mesmas Retretas com os Mascates*".

rido Prater, que tantas vêzes desenhara e onde ia espairar aos domingos em alegre companhia. Ah! os passeios em Schoenbrunn com costureirinhas do Graben, amena companhia para escalas nas Bierhaus, em que por pouco se jantava, ou danças ao ar livre, onde mediante um "*Viertel Kreuzer*" dispunha-se do acompanhamento de barulhentas orquestras! Que diferença na despreocupada população danubiana depois da derrota de Napoleão, a confraternizar vienenses, tchecos, lombardos, croatas, vênetos, ilírios, húngaros e tirolezes em cantos, passeios e rumorosos espetáculos assistidos na "*apfelzinenloge*" dos teatrinhos do gueto de Leopoldstadt e a mixórdia luso-africana da capital bragantina! Mais tarde voltar-lhe-ia o Rio de Janeiro à memória envolto em matizes de saudade causada pelo esplendor de natureza fluminense. Não menor seria a nostalgia do passeio a S. Paulo na caravana de espíritos de escol como Spix e Martius. No momento, porém, ansiava por retomar o curso da carreira, de que a visita ao Brasil fôra simples acidente destinado a lhe amadurecer o estro. Não renunciava a se ombrear com o irmão gêmeo, o ilustre Nepomuk Ender, célebre pelos retratos que fizera da nobreza e dos membros da Casa Imperial Austríaca. Mas enquanto não se alçaria até à sua altura, com quem muitas vêzes mais tarde o confundiram, desejava adquirir conhecimentos que eram na época julgados indispensáveis a pintores.

De volta ao Império Austríaco acompanhou Metternich à Itália, depois continuou a desenhar paisagens em Viena, até o dia sonhado do estágio em Paris, para a última demão na técnica artística. A partida para a Europa era, destarte, sôfregamente esperada, porém não se queixava o vienense apesar da ânsia, nem das gentes nem das autoridades do Reino Unido. Apenas menciona o calor molesto a um desaclimado, motivo de abandono, em S. Paulo, na expedição. "*Seiner gesundheit sumstaende wegen*", causadora do apartamento, também impediu que Ender nos desse mais documentos brasileiros. Em compensação, os que realizou desafiam seus competidores da época. Pormenorizado, em extremo, probo e cuidadoso em tôdas as suas manifestações, Ender não deu, por assim dizer, um passo no Brasil, sem o comentar com lápis ou pincel, assim como depois, no *atelier* de Viena, desenvolvia e aprimorava lembranças da viagem, graças a suas notas e esboços, até a morte o colhêr, em 1875.

Quiseram os fados, conjugados às vicissitudes financeiras do Império Austro-Húngaro, que o vienense só pudesse contemplar depois de vinte anos, gravados e “embelezados” por Axmann e Passini, os desenhos de sua lavra vertidos em chapa de cobre, insertos *ex-sumptibus* do Chanceler Metternich no atlas de Pohl. O resto de suas paisagens brasílicas jouve por mais de um século — um século! — nos arquivos de Viena, de que sòmente por acaso saiu, depois de escapar da destruição do *Brasilien Kabinet* durante a revolução de 1848, para condignamente comemorar o quarto centenário de São Paulo no ano de 1954.

COMPOSTO E IMPRESSO NA  
DISTRIBUIDORA PAULISTA DE JORNAIS,  
REVISTAS, LIVROS E IMPRESSOS LTDA.  
RODOVIA PRESIDENTE DUTRA, KM 387  
GUARULHOS — ESTADO DE SÃO PAULO

D. JOÃO VI  
E O INÍCIO  
DA CLASSE DIRIGENTE  
DO BRASIL







680  
Ansicht der Haupt-Strasse von der Kirche